



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS



STELLA FERREIRA MENEZES

A ARTE DE (RES)SIGNIFICAR EXPERIÊNCIAS DE SI NA VELHICE

UBERLÂNDIA

2024

STELLA FERREIRA MENEZES

A ARTE DE (RES)SIGNIFICAR EXPERIÊNCIAS DE SI NA VELHICE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, curso de Doutorado em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Linha de pesquisa: Linguagem, sujeito e discurso

Orientadora: Prof.^a Dra. Carla Nunes Vieira Tavares

UBERLÂNDIA

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M543
2024

Menezes, Stella Ferreira, 1992-
A arte de (res)significar experiências de si na
velhice [recurso eletrônico] / Stella Ferreira Menezes.
- 2024.

Orientadora: Carla Nunes Vieira Tavares.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.671>
Inclui bibliografia.

1. Linguística. I. Tavares, Carla Nunes Vieira, 1965-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese - PPGEL				
Data:	Quatro de outubro de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	13:30	Hora de encerramento:	17:30
Matrícula do Discente:	12023ELI008				
Nome do Discente:	Stella Ferreira Menezes				
Título do Trabalho:	A arte de (res)significar experiências de si na velhice				
Área de concentração:	Estudos em linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, sujeito e discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Mo(vi)mentos identitários no envelhecimento				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Carla Nunes Vieira Tavares - UFU, orientadora da candidata; Ernesto Sérgio Bertoldo - UFU; Sybele Macedo - Associação Clínica Freudiana; Claudia Rosa Riolfi - USP, e Nádia Laguárdia de Lima - UFMG.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Carla Nunes Vieira Tavares, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação

interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Rosa Riolfi, Usuário Externo**, em 04/10/2024, às 17:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sybele Macedo, Usuário Externo**, em 04/10/2024, às 17:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carla Nunes Vieira Tavares, Professor(a) do Magistério Superior**, em 04/10/2024, às 17:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ernesto Sérgio Bertoldo, Professor(a) do Magistério Superior**, em 04/10/2024, às 17:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nádia Laguardia de Lima, Usuário Externo**, em 08/10/2024, às 10:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5761951** e o código CRC **3861F48A**.

Referência: Processo nº 23117.067053/2024-84

SEI nº 5761951

STELLA FERREIRA MENEZES

A ARTE DE (RES)SIGNIFICAR EXPERIÊNCIAS DE SI NA VELHICE

Tese aprovada para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, pela banca formada por:

Uberlândia, 04 de outubro de 2024.

Prof.^a Dra. Carla Nunes Vieira Tavares (UFU) - Orientadora

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo (UFU) – Membro interno

Prof.^a Dra. Sybele Macedo - Membro externo

Prof.^a Dra. Claudia Rosa Riolfi (USP) - Membro externo

Prof.^a Dra. Nádia Laguárdia de Lima (UFMG) - Membro externo

AGRADECIMENTOS

Em 2013, em minha primeira experiência no projeto de Ensino de Língua Inglesa para a Terceira Idade, uma das alunas, na faixa dos 70 anos, estava usando um colar com dois pingentes: pequenos jarros de prata. Ao mesmo tempo que eram delicados, eram tão robustos e presentes naquele colar. Chamaram minha atenção. Comentei com a aluna a minha impressão sobre os pingentes. Ao final da aula, ela me chamou e delicadamente acomodou os dois jarros na palma da minha mão dizendo “minhas filhas nunca se importaram com as joias que eu uso, nunca elogiaram. Por isso, os jarros são seus. Guarde-os com carinho e lembre-se da diferença que você faz na vida dessas pessoas idosas. Obrigada por dedicar seu tempo a nós”. Desde então, meu olhar para com o envelhe-ser vem sendo construído e desconstruído a cada experiência que eu me proponho a viver me dedicando a esse público. A velhice é como os jarros que aquela mulher me presenteou: não é um simples pingente delicado e frágil. Pode ser mais do que isso, desde que as pessoas idosas sejam vistas como sujeitos potentes, robustos e presentes na sociedade.

É com essa lembrança e reflexão, dentre tantas outras vivenciadas nos 11 anos de trabalho e estudos sobre envelhecimento, que agradeço às pessoas idosas que caminharam comigo nesta travessia. Meus sinceros agradecimentos aos alunos do projeto ELITI e aos participantes do projeto Desabroche pelos ensinamentos e por compartilharem comigo de suas experiências.

Sou imensamente grata à minha orientadora, amiga, conselheira e parceira de projetos, professora Carla Tavares, por tantos anos de parceria, pela sua atenção, apoio, confiança e pelas trocas desde os meus primeiros passos na iniciação científica, caminhando juntas no mestrado e na construção desta tese. Agradeço a dedicação, o carinho, a escuta atenta e acolhedora e a seriedade em me ensinar a ser professora, pesquisadora, escutadora e uma pessoa melhor!

Agradeço também...

Aos meus pais, Dulce e Itamar, por me amarem, me apoiarem e me incentivarem nas minhas decisões em todos esses anos de dedicação acadêmica. Vocês serão sempre meu porto seguro.

Ao meu irmão, Guilherme, que mesmo distante, está sempre aplaudindo e acompanhando minhas conquistas.

Ao meu marido, amigo e parceiro de vida, Douglas, por ser aconchego, paz e pelas massagens nos pés. Obrigada por acreditar em mim, mesmo quando eu mesma duvidava que seria capaz.

Às minhas avós, Elisa e Divina, pelo exemplo de persistência e coragem diante da vida e dos desafios que o envelhecimento lhes coloca. Vocês sabem envelhe-*ser* cada uma a seu modo, dentre de suas limitações, encarando a solidão de uma viuvez, mas com o mesmo amor incondicional aos filhos, netos e bisnetos. Vocês são os meus jarros de prata.

Aos meus amigos Sofia e Bruno, por serem “casas” em Uberlândia. Obrigada pelos longos anos de amizade, por celebrar cada conquista ao meu lado e por estarem sempre presentes.

Às minhas amigas Sybele e Becky, amigas que a vida acadêmica me presenteou e que levarei para além dos muros da universidade. Obrigada pelas interlocuções, pelas risadas, pelos momentos de fofocas e pela amizade indispensável!

Ao meu amigo Dione, por compartilhar comigo o mesmo interesse em pesquisar, conversar, refletir, investigar ou simplesmente “prosear” sobre questões relacionadas ao envelhe-*ser*. Obrigada pela parceria desde o projeto ELITE até hoje e por trazer mais leveza para os medos e angústias da vida.

Aos professores Ernesto Bertoldo, Nádia Laguárdia, Cláudia Riolfi, Maíra Almeida e Sybele Macedo, pela leitura atenta, contribuições e ensinamentos promovidos nos debates nas bancas de qualificação e nas discussões do SEPELLA.

À professora e psicanalista Shnaider Santos, pela transmissão da psicanálise feita com tanta paixão, amor e dedicação. Obrigada pelas trocas e pelas leituras dos meus textos, sempre trazendo contribuições importantes para a mobilização da teoria psicanalítica para além do divã.

Aos membros do GELP – Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Psicanálise – por estarem sempre dispostos a construir interlocuções muito enriquecedoras para esta pesquisa e para a vida!

Aos membros do Observatório do Idadismo que, mesmo por pouco tempo, me acolheram em seus encontros e me ensinaram tanto sobre os diversos modos de envelhe-*ser* no nosso país. Obrigada por me ajudar a expandir meu olhar acerca dessa temática.

Aos funcionários do PPGEL/ILEEL/UFU, pela prestatividade e pelo apoio para que este trabalho pudesse ser realizado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro concedido a esta pesquisa.

Finalmente, a Deus, por guiar minhas escolhas e por ter colocado pessoas tão especiais e importantes para a minha vida pessoal e profissional, às quais seria impossível citar e agradecer a todas neste espaço.

Desabroche

*Deixar florir o que está dentro
Por precisão ou contentamento
Porque o espaço nos permitiu
E o que estava guardado fluiu*

*Fluiu quando fomos pensamentos
E lembranças em vários momentos
Olhando pra dentro e para fora
Pra poder compreender o agora*

*Vídeos, textos, canções e poesias
Ver as artes, fazer algum fruto
Que às vezes nem sempre saía.*

*Muitas falas, risadas e escutas
Muitos olhares pra dentro de nós
Certeza plena de não estarmos sós.*

Fruto de Regina Rosa para as amigas do grupo Desabroche - dez/2021

RESUMO

Falar sobre a velhice na contemporaneidade ainda é um incômodo para muitas pessoas, pois de acordo com Sibilia (2011) ser velho na sociedade ocidental parece, na maior parte das vezes, um direito negado. A morte social das pessoas 60+ na sociedade intensificou-se ainda mais com a chegada da pandemia de COVID-19 no Brasil em 2020. Diante desse cenário, em 2020 foi criado o projeto de extensão “Desabroche: a arte de (res)significar a velhice” com o objetivo de proporcionar um espaço de palavra *online* para idosos acima de 60 anos. Nesse espaço eram levantadas discussões a partir de produções artístico-culturais sobre temas relacionados ao envelhecimento. As produções artísticas eram expostas, analisadas e comentadas pelos participantes 60+, como um convite a resgatar memórias e investi-las subjetivamente, de modo a ensejar uma (res)significação dos significantes que aprisionam o sujeito na representação de velhice. A partir de minha participação como mediadora, inquietações foram emergindo e as seguintes questões que norteiam esta pesquisa foram sendo construídas: em que medida a arte é capaz de contribuir para uma (res)significação da velhice para esses sujeitos? Como as narrativas de si podem promover um deslocamento na posição discursiva do idoso? Quais os efeitos dos possíveis deslocamentos das redes de identificação do idoso participante do Desabroche? Pensando nisso, esta pesquisa tem como objetivo investigar o processo de (res)significação da representação de velhice para esse público que se diz e/ou é dito velho, idoso, da terceira idade, entre outros nomes que lhes são atribuídos, por meio de oficinas de arte e práticas de narrativização de si, de modo a oportunizar alterações na constituição identitária desses sujeitos que, conseqüentemente, podem ocupar novas posições discursivas. O material de análise é constituído por um diário de bordo, bem como os frutos produzidos pelos participantes. A partir disso, o *corpus* desta pesquisa é construído a partir da elaboração dos Relatos de Experiência (RE) acerca dos acontecimentos experienciados no espaço Desabroche. Trata-se de uma pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica (Pereira, 2016), cuja constituição do *corpus* e metodologia de análise são baseadas em pressupostos psicanalíticos tais como: a associação livre, a constituição identitária e a transferência. Além disso, os pressupostos teórico-metodológicos da Análise Psicanalítica de Discurso (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016), são base para analisar os dizeres dos participantes e os efeitos de sentido das representações de velhice. A partir dos gestos interpretativos sobre o *corpus*, foi possível observar que a experiência com a arte e a possibilidade de narrativização de si, podem incidir na representação que o sujeito faz de si, podendo promover um giro em suas posições discursivas, desencadeando um deslocamento das posições às quais as participantes encontravam-se alienados. Conseqüentemente, é possível que esses participantes se enlacen com o saber pela via de uma nova lógica discursiva, o que possibilitaria a construção de um novo saber sobre si diante da velhice.

Palavras-chave: Velhice. Escuta. (Res)significação.

ABSTRACT

Discussing old age in contemporary society remains a discomfort for many, as, according to Sibilia (2011), being old in Western society often seems to be a denied right. The social death of people aged 60+ intensified with the onset of the COVID-19 pandemic in Brazil in 2020. In response to this situation, the extension project “Desabroche: The Art of (Re)signifying Old Age” was created in 2020, aiming to provide an online space for individuals over 60 years old to express themselves. In this space, discussions were initiated from artistic and cultural productions on themes related to aging. These artistic productions were presented, analyzed, and commented on by the participants aged 60+, inviting them to reclaim memories and subjectively invest in them, thus enabling a (re)signification of the signifiers that confine the subject within the representation of old age. As a mediator in this project, several concerns emerged, leading to the following guiding questions for this research: To what extent can art contribute to a (re)signification of old age for these individuals? How can self-narratives promote a shift in the elderly’s discursive position? What are the effects of potential shifts in the identification networks of elderly participants in the Desabroche project? Thus, this research aims to investigate the process of (re)signifying the representation of old age for this group that identifies or is identified as old, elderly, or part of the third age, among other labels attributed to them, through art workshops and self-narrative practices, in order to facilitate changes in their identity constitution, potentially allowing them to occupy new discursive positions. The analysis material consists of a field diary, as well as the works produced by the participants. Consequently, the corpus of this research is constructed from the Experience Reports (ER) related to the events experienced in the Desabroche space. This is an intervention research with a psychoanalytic orientation (Pereira, 2016), where the methodology for analysis and corpus construction is based on psychoanalytic principles such as free association, identity constitution, and transference. Additionally, the theoretical-methodological assumptions of Psychoanalytic Discourse Analysis (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016) serve as a foundation for analyzing the participants’ statements and the meaning effects of representations of old age. From the interpretative gestures regarding the corpus, it was possible to observe that the experience with art and the possibility of self-narrativization can influence the subject’s representation of themselves, potentially promoting a shift in their discursive positions, leading to a displacement from the positions to which the participants were previously alienated. Consequently, it is possible that these participants engage with knowledge through a new discursive logic, enabling the construction of new knowledge about themselves in the face of old age.

Keywords: *Old age. Listening. (Re)signification.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema lacaniano das posições do discurso	51
Figura 2 – Matema lacaniano do sujeito do inconsciente	52
Figura 3 – Matema lacaniano do Discurso do Mestre (DM).....	52
Figura 4 - Matema lacaniano do Discurso Universitário (DU)	54
Figura 5 - Matema lacaniano do Discurso do Analista (DA).....	55
Figura 6 - Matema lacaniano do Discurso da Histórica (DH).....	55
Figura 7 - Matema lacaniano do Discurso do Capitalista (DC)	56
Figura 8 - Fruto produzido pela participante Adélia.	149

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produções artístico-culturais da edição “Desabroche” 2020	34
Quadro 2 - Produções artístico-culturais da edição “Desabroche” 2021-1/ Grupo 1.....	36
Quadro 3 - Produções artístico-culturais da edição “Desabroche” 2021-1/ Grupo 2.....	36
Quadro 4 - Produções artístico-culturais da edição “Desabroche” 2021-2/ Grupo 1.....	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise de Discurso
CECLE	Coordenação de Extensão e Formação Continuada em Letras
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
DA	Discurso do Analista
DB	Diário de Bordo
DC	Discurso do Capitalista
DH	Discurso da Histérica
DM	Discurso do Mestre
DU	Discurso Universitário
ELITI	Ensino de Língua Inglesa para a Terceira Idade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILEEL	Instituto de Letras e Linguística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
RE	Relato de Experiência
SIEX	Sistema de Informação de Extensão
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – A SEMENTE – O PROJETO DE EXTENSÃO “DESABROCHE”	29
1.1 Da criação do projeto de extensão	30
1.2 Uma mudança de rota	32
1.3 A dinâmica do espaço Desabroche	32
CAPÍTULO 2 – A RAÍZ – CONCEITOS BASILARES	39
2.1 Linguagem e sujeito	40
2.1.1 Constituição subjetiva	44
2.2 O discurso	47
2.2.1 A teoria dos 4 discursos + 1	51
2.2.2 Considerações sobre a transferência	58
CAPÍTULO 3 – O SOLO – REPRESENTAÇÃO DA VELHICE: (IN)ÚTEIS, (DES)NECESSÁRIOS E (IN)VISÍVEIS	62
3.1 A noção de representação	64
3.2 A representação de velhice no Brasil	68
3.3 Os sujeitos do <i>envelhe-ser</i>	74
CAPÍTULO 4 – O ADUBO - (DES)ENCONTROS COM A ARTE	80
4.1 A arte e o espaço Desabroche	81
4.2 A arte e a psicanálise	85
4.3 A arte e o real	90
CAPÍTULO 5 – O CULTIVO – UM PERCURSO METODOLÓGICO	92
5.1 A Análise Psicanalítica de Discurso: um trajeto teórico-metodológico	94
5.2 A pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica	100
5.3 A dinâmica do espaço “Desabroche”: a conversação	101
5.4 A construção do <i>corpus</i> de análise	104
5.4.1 O Diário de Bordo	104
5.4.2 Os <i>Frutos</i>	107
5.4.3 A construção dos Relatos de Experiência	108
CAPÍTULO 6 – O DESABROCHAR DAS PRIMEIRAS FLORES - EFEITOS DE UMA ESCUTA DO <i>ENVELHE-SER</i>	111
6.1 A escuta sustentada pela psicanálise freudo-lacaniana	112
6.2 “Fui pega de calças curtas”	118
6.3 Mas, e Cora? – Quando a pesquisadora é pega de calças curtas... ..	126
CAPÍTULO 7 – ALGUNS FRUTOS – GESTOS DE ANÁLISE	132
7.1 Um olhar para o corpo que envelhece	133

7.1.1 Que corpo é esse?.....	133
7.2 (Des)encontros com o corpo que envelhece diante do espelho.....	136
7.2.1 - O caso Adélia	137
7.2.2 – O caso Cecília.....	150
ENFIM, O AMADURECER DE UM FRUTO... ..	162
REFERÊNCIAS	167
APÊNDICES.....	176
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	176
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO “DESABROCHE” .	178
ANEXOS	180
Cartaz de Amor e Sorte - Episódio 1 – “Capítulo de 08/09/2020” – disponível na <i>GloboPlay</i>	180
AZEVEDO, Ricardo. O caso do espelho: In: Nova Escola, maio1999. p. 28-29.....	181
Cartaz do filme “Nossas Noites” – disponível na <i>Netflix</i>	182
LISPECTOR, C.. Ele me bebeu. In: LISPECTOR, C. A via crucis do corpo. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.....	183

INTRODUÇÃO

Em 2012, durante minha trajetória pelo curso de Letras, me deparei com uma disciplina que tratava sobre metodologia de ensino de língua inglesa para alunos na terceira idade. De alguma forma, aquela temática me fisgou. No mesmo ano, soube que havia um projeto de extensão promovido pela universidade que se propunha a ensinar inglês para alunos idosos. Essa informação me moveu ao encontro desse público específico e me fez atuar como professora no referido projeto pelos dois anos seguintes.

Nesse percurso como professora de língua inglesa para alunos idosos, surgiram motivações para o desenvolvimento de pesquisas voltadas para o ensino e aprendizagem de língua inglesa nesse contexto, uma delas a nível de iniciação científica e, logo em seguida, uma dissertação de mestrado intitulada *(Im)possibilidades de tomada de palavra em língua inglesa por alunos da terceira idade* (Menezes, 2017), defendida em 2017.

Nesse longo período em que estive engajada em questões de ensino e aprendizagem para o público idoso, tanto em sala de aula quanto em contextos acadêmicos, me deparei com alguns questionamentos que me afetavam. Esses questionamentos partiam de pessoas que me ouviam relatar sobre a experiência em trabalhar com os idosos. Eu era indagada com questões do tipo: “Por que trabalhar com gente velha? Mas os idosos conseguem aprender alguma coisa? Por que eles querem aprender inglês depois de velhos? Como você tem paciência? Tão nova, por que se interessar pela velhice?”.

Na tentativa de buscar respostas para essas questões, eu me voltava aos alunos da terceira idade, dentro da sala de aula, e os questionava em relação ao real motivo de estarem ali, reunidos com pessoas da mesma faixa etária para aprender inglês. Lembro-me que uma vez os interroguei se havia a possibilidade de eles fazerem parte de outros cursos ou projetos voltados para a terceira idade, ou se eles estavam ali apenas pelo interesse na língua inglesa. A resposta, quase unânime, foi de que eles estariam em qualquer lugar que os acolhesse, que os ouvisse e que os fizesse se sentir úteis e presentes na sociedade.

Essas indagações e inquietações me moveram, e continuam me movendo, na busca por espaço, tanto na academia quanto em lugares comuns, para protagonizar o *envelhe-ser*¹. Por isso, esta pesquisa é fruto das minhas experiências envolvendo a temática da velhice.

¹ Optei por empregar o termo “*envelhe-ser*” nesta pesquisa, pois considero o envelhecimento um processo singular em que o sujeito busca por possibilidade de existir e ser velho no mundo. Este termo será mais explorado no Capítulo 2.

Além disso, é preciso considerar que o aumento da população idosa no Brasil é um fato perceptível na sociedade atual. Estudos e projeções desenvolvidos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) indicam que “A proporção de idosos, que em 2010 era de 7,3%, pode chegar a 40,3% em 2100; enquanto o percentual de jovens (com menos de 15 anos) pode cair de 24,7% para 9%”². Ademais, segundo os dados recentes pelo IBGE, em 2012, o número de pessoas com 60 anos ou mais no Brasil era de 11,3%, hoje, com o censo de 2022, esse número representa 15,1%.

Com a aceleração do envelhecimento dos brasileiros, é possível que cresça também a ideia de morte social que esse público enfrenta na nossa sociedade. Costa-Silva (2022) problematiza esse conceito em suas pesquisas dizendo que:

De fato, a morte pode estar associada à idade, entretanto, não precisa ser relacionada à pessoa velha como uma característica. Essa visão vincula-se à morte social que precede a morte biológica (MBEMBE, 2016; ALVES, 2019). O corpo é uma engrenagem que, para funcionar, na ótica do sistema capitalista, precisa consumir e produzir. Caso esses dois aspectos não estejam em sintonia, o corpo é visto como algo sem valor. A ideia de estar morrendo discursivamente representa “não sirvo mais aos interesses da sociedade e do capitalismo” (Costa-Silva, 2022, p. 93).

Essa ideia de morte social parece ter ganhado mais visibilidade e se tornado realidade diante da pandemia de COVID-19, que assolou o mundo todo de 2020 a 2022, pois pessoas consideradas idosas apresentavam um risco maior de complicações ao contrair a doença. O quadro de isolamento social durante a pandemia de COVID-19, voltado mais severamente para os idosos, pôde ser capaz de reforçar a ideia de fragilidade pré-concebida por algumas pessoas em relação a esse público. Esse fato deixou uma brecha ainda maior para que muitos idosos se identificassem com essa ideia de que, por serem pessoas velhas, são repletas de limitações físicas e cognitivas, cristalizando ainda mais a ideia de que são incômodos para a sociedade, entre outras expressões que reforçam a morte social por elas vivida.

Segundo a antropóloga especialista em estudos sobre envelhecimento, Miriam Goldenberg, em uma entrevista à *BBC News Brasil*, o discurso chamado por ela de “velhofóbico” sempre existiu, entretanto parece ter se evidenciado com a pandemia de COVID-19. Para Goldenberg (2021).

Esse tipo de discurso já existia antes da pandemia: os velhos são considerados inúteis, desnecessários e invisíveis. Mas agora está mais evidente. Políticos,

² Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=38577&catid=10&Itemid=9.

Acesso em: 10 mar. 2022.

empresários e até o presidente da República já vieram a público dar declarações “velhofóbicas” (Goldenberg, 2021).

Nessa mesma perspectiva, ainda em 1970, Simone de Beauvoir publicou uma obra intitulada *A velhice* (Beauvoir, 2018), denunciando o silenciamento da sociedade em relação a essa etapa da vida. A autora apresenta o tema como sendo, muitas vezes, um tabu na sociedade, pois uma grande parcela da população não se vê confortável em falar sobre o processo de envelhecimento. Isso reforça ainda mais o preconceito e o isolamento que muitos idosos sofrem. Em um texto clássico, mas ao mesmo tempo atual, percebo como essas ideias sobre a velhice ainda não foram desconstruídas:

Para a sociedade, a velhice aparece como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar. [...] Quando eu digo que trabalho num ensaio sobre a velhice, quase sempre as pessoas exclamam: “Que ideia!..., mas você não é velha!... Que tema triste...”. Aí está justamente por que escrevo este livro: para quebrar a conspiração do silêncio” (Beauvoir, 2018, p. 7).

“Quebrar a conspiração do silêncio” sobre assuntos relacionados ao envelhecimento é exatamente a minha proposta para esta pesquisa, pois, de acordo com Sibilia (2011, p.83), a velhice na sociedade ocidental nos parece, na maior parte das vezes, “um direito negado ou algo que deveria permanecer oculto, longe de ambicionar a tão cotada visibilidade”. Além disso, no que tange aos estudos sobre envelhecimento, grande parte deles pertence ao campo da medicina. Segundo Soares (2020), em seus estudos sobre envelhecimento como psicóloga e psicanalista:

A abordagem da velhice, na atualidade, está fundamentada pela hegemonia do discurso médico que, como saber técnico sobre a vida, tem abarcado todas as etapas do desenvolvimento do indivíduo, baseando-se em estágios normalizados por padrões biológicos universais (Soares, 2020, p. 17).

Desse modo, “Quebrar a conspiração do silêncio” é tentar mostrar como o envelhecimento emerge não somente por questões biológicas para o sujeito, mas também psíquicas, culturais e históricas. Nesse sentido, esta pesquisa se sustenta na teoria psicanalítica pois, a partir da teoria freudiana, esse campo teórico passou a considerar a dimensão psíquica do sujeito para além de suposições biológicas sobre as etapas da vida.

Nessa perspectiva, em relação ao aparelho psíquico que nos constitui como sujeitos, retomo a afirmação proposta por Freud (1987), a qual diz que o sujeito é atravessado pelo seu inconsciente, e este é atemporal, logo o sujeito não envelhece. Assim, de acordo com Mucida (2018), o sujeito vê o seu envelhecimento pelo olhar do Outro, ou seja, ele se vê velho pela imagem que o Outro lhe devolve. Cabe dizer que a categoria social que representa o sujeito

como velho carrega junto consigo uma cadeia de significantes³ como: aposentadoria, invalidez, rugas, cabelos brancos, menopausa, limitação biológica etc. Esses são significantes que ganham sentido pela forma como se inscrevem na cadeia discursiva de cada sujeito (Mucida, 2018).

A velhice, portanto, apresenta-se como um problema para a sociedade, pois a própria palavra “velho”, por si só, carrega ideias negativas. Beauvoir (2018) pondera que em uma certa cultura indígena é usada a mesma palavra para dizer “jovem e bonito” e “velho e feio”. Tal fato é refletido no medo que as pessoas demonstram em envelhecer, e, muitas vezes, tentam adiar esse processo, seja com cirurgias plásticas e até mesmo ao mentir a idade. Coadunado com o pensamento de Beauvoir (2018) que, em sua introdução do livro sobre a velhice, escancara: “é por isso que urge quebrar esse silêncio: peço aos meus leitores que me ajudem a fazê-lo” (Beauvoir, 2018, p. 12).

Nesse sentido, para quebrar o silêncio das pessoas 60+⁴, faixa etária considerada como a das pessoas idosas no nosso país perante o Estatuto da Pessoa Idosa, e como espaço para a realização desta pesquisa, foi criado um projeto de extensão chamado “Desabroche”, que está em andamento desde o segundo semestre de 2020, com o objetivo de proporcionar um espaço de escuta *online* para idosos acima de 60 anos.

Nos anos de 2020 e 2021, atuei como mediadora do espaço e ele é fruto das questões levantadas nesta pesquisa. Por isso, durante este estudo, ao mencionar o espaço Desabroche me refiro à minha experiência como mediadora durante as edições de 2020, 2021-1 e 2021-2. Nesse espaço eram levantadas discussões a partir de produções artístico-culturais sobre temas que permeiam o envelhecimento. Nos encontros semanais do Desabroche, os participantes eram apresentados, em um primeiro momento, a produções artístico-culturais como filmes, músicas, poemas, contos, obras de arte etc. Em um segundo momento, os participantes levantam tópicos de discussão em relação à produção artística em questão; e, em um terceiro momento, eles eram convidados a produzir um *fruto*, ou seja, uma possível materialização da experiência do processo de “desabrochar”, a partir dos temas abordados, em formas as mais variadas possíveis:

³ O conceito de significante adotado nesta pesquisa advém da teoria psicanalítica que o considera como uma entidade formal e abstrata, e que se reproduz e se repete com insistência ao longo da vida. De acordo com Nasio (1997, p. 127-128) o significante pode ser da ordem da “ocorrência de um equívoco revelador de meu desejo”, podendo ser um gesto, uma palavra, um sonho, e até mesmo o silêncio. Além disso, ele nunca está sozinho, ou seja, “um significante só é significante para outros significantes”, ele só tem valor pois faz parte de um conjunto de unidades idênticas a ele.

⁴ A expressão “60+” é usada para se referir aos idosos, aos velhos, às pessoas da terceira idade, como um modo de “ressaltar o lado positivo do envelhecimento por meio do símbolo (+), enfatizando a positividade da idade, seja ela qual for: 18+, 21+, 60+, 65+, 70+, 80+ ou 100+” (Costa-Silva, 2022, p. 24). Optei por adotar apenas a expressão 60+ por considerar que nesta pesquisa estão inseridos participantes de 60 a 94 anos, porém, em sua maioria, os participantes se encontravam na faixa dos 60 anos. Portanto, neste caso, o símbolo (+) representa não somente os participantes na casa dos 60, mas todos os outros mais velhos.

fotos com legendas, imagens escolhidas seguidas de um texto escrito, vídeos curtos de si, gravações de voz, produções escritas em gêneros variados, dentre outros. Em outras palavras, os participantes do projeto eram convidados a se expressar, se assim o desejassem e conforme escolhessem. No Capítulo 1 apresento com um maior detalhe a dinâmica do projeto de extensão Desabroche.

Logo, é importante considerar que a arte foi a principal aliada no Desabroche, pois, diante de um olhar psicanalítico, a arte “não se conforma[r] a nenhuma regra totalizadora, indicando sem cessar a falha no saber que em torno dela se constrói.” (Kosovski, 2016, p. 444). A experiência com a arte pode ser capaz de suscitar momentos de dúvidas diante de certezas já estabelecidas, ou seja, é a partir dessa falha no saber que o sujeito se vê diante da possibilidade de elaborar um novo saber sobre si. Portanto, o papel da arte foi o de suscitar momentos de reflexão acerca das próprias experiências vividas pelas pessoas 60+, no que tange ao processo de envelhecimento e de acontecimentos ligados a ele.

Ao considerar o fato de que a ideia do “eu” é constituída de representações que perfazem uma rede identificatória do sujeito, dando a ele uma certa noção de coerência e unidade (Lacan, 1998), acredito que essa rede pode ficar cada vez mais consolidada com a idade, pois normalmente as pessoas mais velhas apresentam mais dificuldade a mudanças. Por isso, recorro à noção de acontecimento, pois entendo que é a partir dele que é possível instaurar mo(vi)mentos de desestabilização dessa rede identificatória do sujeito.

Amparo-me na noção de acontecimento elaborada por Figueiredo (1994), que o considera como um momento de ruptura/quebra na trama de representações do sujeito. A partir disso, é possível que haja uma elaboração ou ressignificação de um saber sobre si, ou seja, diante do estranhamento causado pela experiência do acontecimento, pode ser mobilizado o não-saber do inconsciente. Parto da ideia proposta por Larrosa (2022) de que a experiência é da ordem de algo que nos acontece e possivelmente nos transforma. Larrosa (2022, p. 25) diz que o sujeito da experiência é tocado por algo, sendo:

algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. [...] o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos.

Além disso, a escolha da arte se deu pelo fato de que ela se apresenta como uma possível saída diante de questões em que a linguagem falha (Lima, Vianna; Lima, 2015), ou seja, quando a linguagem não é capaz de representar a parcela de real que atravessa o sujeito na sua

existência. Parto do princípio de que a arte pode ser uma porta de acesso ao inconsciente. Ligeiro e Jorge (2018) se referem a ela como “testemunho do inconsciente”.

[Há] duas formas de comparecimento do inconsciente na arte. A primeira refere-se à onipresença dos jogos de palavras nas produções artísticas, o que remete ao inconsciente estruturado pela linguagem, ao simbólico. A segunda maneira [...] da presentificação do inconsciente na arte é a atividade criativa dos artistas, que aponta para algo feito de maneira inconsciente, incontrolável (Ligeiro; Jorge, 2018, p. 20).

Tanto no contato com as produções artístico-culturais quanto na produção dos *frutos*, acredito que o inconsciente se faz presente. Isso porque, muitas vezes, a arte é capaz de causar um encontro com um não-sentido, da ordem do real, que pode emergir na produção dos *frutos*, no que diz respeito aos deslizes ligados a manifestações do inconsciente, e durante a narrativização de si nos encontros do Desabroche.

As produções artísticas foram expostas, analisadas e comentadas pelos participantes 60+, como um convite a resgatar memórias e investi-las subjetivamente, de modo a ensejar uma (re)significação da representação da velhice a qual os participantes da pesquisa parecem encontrar-se alienados⁵. Representações estas que, segundo Beauvoir (2018, p. 9), podem emergir como “o velho louco que caduca e delira e de quem as crianças zombam”. A arte abre possibilidades para que a velhice seja vista por outra perspectiva, contemplada a partir de novas percepções, tal como propõem Lima, Vianna e Lima (2015):

A velhice constitui um objeto aberto à admiração, mesmo ante a perturbação imposta pelas perdas. Tanto o próprio velho quanto o sujeito não velho, uma vez abertos a novas percepções, podem construir novas experimentações para a velhice, tomando-a como objeto de contemplação (Lima; Vianna; Lima, 2015, p. 59).

Como forma de registrar a materialidade linguística dessas possíveis (re)significações da velhice, além das anotações sobre os dizeres dos participantes em um Diário de Bordo, elaboradas durante e após os encontros, ao final das discussões sobre as produções artísticas em que foram expostos, os idosos eram convidados a produzir os *frutos* sobre si. Estes *frutos* representam meios que os participantes escolheram para deixar registrado um testemunho de si, em relação a alguma experiência vivida, despertada ou (re)significada durante os encontros no espaço. Acredito que é na e pela narrativização de si que o sujeito é capaz de produzir novos

⁵ A operação de alienação foi proposta por Lacan como “a primeira operação essencial em que se funda o sujeito” (Lacan, 2008a, p. 199). Essa operação além de constituir a origem do sujeito, também funda identificações, ou seja, “a alienação é o fato de que o sujeito, não tendo identidade, tenha de identificar-se a algo” (Laurent, 1997, p. 43).

sentidos e recriar experiências. Compreendo o ato de narrar segundo Reis (2015), que afirma que:

narrar é um modo de se aproximar dela [da experiência], de recriá-la ou de criar algo novo a partir do reconhecimento de sua perda. “O real é o limite de nossa experiência” [*sic*] (Lacan, 1957, p. 52); e, assim, toda fronteira, toda demarcação entre dois espaços, toda relação do sujeito com o outro, com os objetos, ao longo da vida, estará sempre afetada por essa dificuldade, por esse inefável da noção de experiência, postulando “a incoerência como condição da experiência” [*sic*] (Lacan, 1936/1998, p. 85) (Reis, 2015, p. 23).

Assim, acredito que, além da experiência com a arte e a escuta de si e do outro, a possibilidade de narrativização de si pode ser capaz de ensejar deslocamentos na posição discursiva em relação à velhice e das redes de identificação desses idosos. Nesse viés, coaduno com Coracini (2003) sobre a importância do ato de narrar para o processo identitário do sujeito, pois, segundo a autora “em qualquer uso da linguagem, o sujeito mais é dito do que diz” (Coracini, 2003, p. 253). Diante disso, é possível compreender que a narrativização é parte do processo identitário do sujeito, visto que a identidade é constituída de “representações imaginárias que se imprimem no e pelo olhar do outro, a identidade de cada um [...] se faz escrita, se faz texto, narrativa, ficção” (Coracini, 2007, p. 9).

Sabe-se que a arte pode ser um canal de discussões e de elaborações acerca de temas relacionados ao processo de envelhecimento (Lima; Vianna; Lima, 2015), ou seja, tanto as produções artísticas quanto os momentos de conversa podem possibilitar novas experiências subjetivas acerca de assuntos relacionados ao envelhecimento, uma vez que cada participante tem a oportunidade de vivenciar a arte e o espaço de fala de um modo singular e subjetivo. Essa experiência subjetiva pode ser capaz de fazer emergir novas identificações, podendo, assim, proporcionar deslocamentos na constituição identitária desses sujeitos, que, conseqüentemente, poderão ocupar novas posições discursivas.

Esse possível movimento de novas identificações pode ser propiciado pelo discurso em funcionamento. Amparo-me na concepção de discurso, pela vertente psicanalítica, como “o que faz laço social” (Lacan, 1992, p. 44). Conforme Dunker, Paulon e Millan-Ramos (2016, p. 148-149)

Essa concepção psicanalítica, de vertente estruturalista, também dispõe o discurso como localizado, como um dispositivo que realiza uma posição possível em relação às demais existentes: o discurso do universitário, da histórica, do mestre, do analista e do capitalista são modos de estruturação do laço social que apontam para formas discursivas específicas a partir do

posicionamento de letras que agem como operadores de significação e encerramento do sentido.

Logo, para que os participantes ocupem novas posições discursivas, é preciso que haja uma fragmentação da rede de significantes que constitui o sujeito, ensejando brechas pelas quais o sujeito possa ressignificar sua constituição identitária e, conseqüentemente, promover giros entre as lógicas discursivas propostas por Lacan (1992).

Desse modo, defendo que, durante os encontros do Desabroche, tanto a arte como a prática da narrativização de si, puderam possibilitar a instauração do discurso do analista. Sua principal característica é colocar o sujeito diante da falta, de um não-sentido, ou seja, instaurar um corte e colocar o sujeito a elaborar suas questões. Nesse mo(vi)mento de elaboração é possível que o sujeito passe a questionar suas certezas, buscando produzir um novo saber sobre si e, conseqüentemente, mobilizando a lógica do discurso da histórica.

Utilizo a grafia da palavra mo(vi)mento dessa forma pelos dois sentidos que a configuração proposta permite: o primeiro se refere ao “movimento” do sujeito na tentativa de elaborar e (res)significar suas experiências; o segundo diz respeito ao “momento” em que essa elaboração e possível (res)significação se dão, sendo, desse modo, mo(vi)mentos ímpares para o sujeito.

Para que esse mo(vi)mento de giro entre as lógicas discursivas aconteça, é preciso que o sujeito elabore sua experiência, através da narrativização de si, pois é por meio desse ato que ele constrói os sentidos de suas experiências, buscando na memória e construindo, assim, a narrativa de si. Esse ato de narrativizar acontece, de acordo com Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016), em dois tempos: a construção da narrativa e a ação.

Construir estaria associado a relacionar fragmentos de sentido, criando uma unidade. Essa forma de construção se distinguiria do relato, já que a função de uma psicanálise seria criar uma verdade que se estruture pelo modo de apropriação do sujeito à linguagem, o que passaria por criar associações entre memória e sentido (distinto do relato que se atentaria aos fatos e às informações sobre o caso). A memória não estaria já-lá, acessível, ela seria construída por vias narrativas. Já a ação possibilitaria pensarmos que toda a construção narrativa seria associada a um movimento do sujeito, a uma mudança que poderia apontar para posicionamentos estruturais e discursivos (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016, p. 150-151).

A partir dessas considerações, aposto na hipótese de que, no projeto Desabroche, a experiência com a arte e a possibilidade de narrativização de si podem incidir na representação que o sujeito faz de si, podendo promover um giro em suas posições discursivas, desencadeando um deslocamento das posições às quais os participantes encontravam-se alienados.

Conseqüentemente, seria possível que esses participantes se enlaçassem com o saber pela via de uma nova lógica discursiva, o que possibilitaria a construção de um novo saber sobre si diante da velhice.

A partir disso, as perguntas que guiaram este estudo foram: i) em que medida a arte é capaz de contribuir para uma (res)significação da velhice para esses sujeitos? ii) Como a narrativização de si pode promover um deslocamento na rede identificatória do idoso? iii) Quais os efeitos dos possíveis deslocamentos das redes de identificação do idoso participante do Desabroche?

Portanto, a partir dos encontros no Desabroche, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar o processo de (res)significação da representação de velhice para o público 60+, por meio de um espaço de escuta e da prática de narrativização de si, de modo a oportunizar deslocamentos das redes de identificação desses sujeitos que, conseqüentemente, podem ocupar outras posições discursivas.

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- 1) Analisar os possíveis efeitos das produções artístico-culturais no processo de (res)significação da posição discursiva dos participantes do projeto de extensão “Desabroche”;
- 2) Investigar em que medida o Desabroche propicia a instauração de lógicas discursivas que tenham como resultado um enlaçamento social;
- 3) Discutir os efeitos que o laço social resultante das lógicas discursivas tem sobre os participantes do Desabroche;
- 4) Problematizar as possíveis (res)significações das redes de identificação do idoso participante do Desabroche, resultantes de uma possível experiência estética⁶ com a arte.

Para trilhar esta pesquisa, os pressupostos teórico-metodológicos escolhidos se baseiam em uma Análise Psicanalítica de Discurso. Esse tipo de construção foi inaugurado e intitulado dessa forma pelos pesquisadores Dunker, Paulon e Millan-Ramos (2016), que apostam em uma imbricação entre Análise de Discurso e Psicanálise, pois, para os autores:

A pesquisa em psicanálise pode ser mais bem fundamentada e justificada em termos universitários se a considerarmos, ela mesma, como forma de análise do discurso; e se, ao mesmo tempo, praticarmos um tipo de reflexão

⁶ A noção de experiência estética é compreendida nesta pesquisa a partir das teorizações de Goldstein (2019). Para a autora, esse tipo de experiência está para além da contemplação da arte, pois aponta para um reencontro temido entre o belo e o sinistro, podendo “operar como uma abertura, a outra forma de pensar, uma nova perspectiva, de sí [*sic*] mesmo, e do estranho do mundo.” (p. 26)

metodológica necessária para empregar noções provenientes das ciências da linguagem. [...] não foi isso, afinal, que Lacan realizou ao trazer para a psicanálise noções e conceitos que lhe eram inicialmente estranhos, como significante, letra, enunciação, discurso e dizer? (Dunker; Paulon; Millan-Ramos, 2016, p. 32).

Além disso, é preciso salientar que a psicanálise foi suporte para orientar meu papel de mediadora no espaço “Desabroche”, pois, como interventora e pesquisadora, me amparo em uma escuta psicanalítica que leva em conta a associação livre, a transferência e o inconsciente. Para Pereira (2016, p. 76)

Cabe então à pessoa pesquisador-interventor ofertar-se como objeto da transferência para escutar os efeitos advindos desses *momentos* nos quais o inconsciente comunica alguma verdade parcial do sujeito falante através de seus gestos, falas e discursos.

Portanto, este estudo se configura como sendo uma pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica (Pereira, 2016), cujos pressupostos teórico-metodológicos são afetados pela teoria psicanalítica freudo-lacaniana. Para o autor, esse tipo de pesquisa consiste em

uma proposta de possível atuação transformadora da realidade subjetiva, para além de apenas compreendê-la, já que põe em cena uma intervenção de ordem singular e micropolítica na experiência social (Pereira, 2016, p. 73).

O enquadre teórico que embasa a presente proposta constitui-se na teoria psicanalítica, em especial, destacam-se a teoria dos discursos de Lacan (1992), as considerações de Freud (2012) e Lacan (2010) sobre transferência, a articulação sobre a noção de Infamiliar (*Unheimliche*) de Freud (2020a). Além disso, para tratar das questões sobre a arte e a experiência estética de Goldstein (2015, 2020), recorri às teorias sobre experiência de Larrosa (2022).

A estrutura desta pesquisa foi inspirada em um *fruto* produzido por uma das participantes do Desabroche, no qual foi elaborado um desenho ilustrando as etapas do ciclo de vida de uma planta. Por isso, o Capítulo 1 está intitulado como “A Semente”, e contém um detalhamento da dinâmica do projeto de extensão Desabroche; o Capítulo 2 representa “A Raíz” desta pesquisa e contém os conceitos basilares para seu desenvolvimento; no Capítulo 3, encontra-se “O Solo” da pesquisa, momento em que realizo uma breve articulação sobre a noção de representação e seus desdobramentos no cenário atual brasileiro; no Capítulo 4 eu apresento “O Adubo” para pensar o papel da arte neste estudo; posteriormente, no Capítulo 5, apresento o seguinte momento: “O Cultivar” desta pesquisa, com o percurso metodológico trilhado até aqui. No Capítulo 6 veremos “As Primeiras Flores”, momento em que analiso os

possíveis efeitos de uma escuta sustentada pela psicanálise; no Capítulo 7, finalmente, veremos “Alguns Frutos” a partir de alguns gestos de interpretação construídos por meio de Relatos de Experiências.

CAPÍTULO 1 – A SEMENTE – O PROJETO DE EXTENSÃO “DESABROCHE”

“Todos os frutos vêm de uma árvore ou plantas. O nosso vem da árvore Desabroche. (...) que a distribui seiva em forma de depoimentos, desabafos, trocas de ideias objetivando um lugar confortável do cidadão idoso na atual sociedade”.

(Trecho de um *Fruto* produzido por uma participante do Desabroche)

O tema envelhecimento, conforme mencionado na introdução desta pesquisa, vem bordejando meu percurso acadêmico desde 2012 quando fui fisgada pelo desejo em ensinar língua inglesa para alunos idosos. Em 2019, movida pelo incômodo de ter vivenciado experiências que me afetaram em relação às representações dos idosos no contexto social, decidi investigar essa problemática.

Foi então que procurei a orientadora desta tese, a Prof.^a Dra. Carla Tavares, que sempre esteve presente no meu percurso acadêmico, acompanhando minhas questões relacionadas ao ensino-aprendizagem de língua inglesa para idosos no projeto ELITI⁷, na orientação de uma iniciação científica e de uma dissertação de mestrado. Acompanhadas de um bom café, na mesa de uma cafeteria charmosa em Uberlândia, tentamos, em um primeiro momento, buscar um nome para o mal-estar que me acompanhava. Nesse encontro, relatei à professora meu incômodo com o projeto que eu já havia submetido e com o qual tinha obtido aprovação no processo seletivo para cursar doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, sob sua orientação. Nesse antigo projeto, a problemática estava voltada para a questão transferencial no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa para alunos idosos.

No entanto, havia um mal-estar que me movia para outro caminho. E foi na elaboração desse mal-estar que compreendi que minha questão de pesquisa ultrapassava a relação transferencial em uma sala de aula. O que mais me interessava estava na ordem de uma possibilidade de (res)significação da velhice para as pessoas 60+. Essa conclusão foi feita a partir do relato de várias situações que vivenciei no projeto ELITI e nas várias produções acadêmicas em que a representação do idoso era reforçada por muitas pessoas que me ouviam

⁷ Projeto ELITI - Ensino de Língua Inglesa para a Terceira Idade.

falar sobre o ensino de línguas para idosos, com estigmas negativos, atrelados à decadência da vida e à incapacidade desse público em aprender coisas novas.

Essa bagagem de experiências me afetou ao ponto de me mover a não só investigar essa problemática, mas também no sentido de propor um espaço em que as pessoas 60+ pudessem ser ouvidas e acolhidas. Um espaço em que a intenção não era a de promover o ensino de nenhum conhecimento, mas sim de mobilizar experiências. Compreendo a noção de experiência proposta por Larrosa (2022) como a possibilidade de que algo toque o sujeito e o mobilize em um certo tempo e espaço diferente do que muitos de nós estamos acostumados em cursos de inglês, em espaços voltados para o ensino. Nesse sentido, conforme Larrosa (2022)

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2022, p. 25).

Foi partindo dessa noção de experiência que o espaço de escuta foi ganhando forma pela Prof.^a Carla e por mim. Não sabíamos ao certo qual seria a dinâmica desse espaço, como a escuta seria colocada em prática, como iríamos abordar assuntos tão delicados e complexos, mas já havíamos delimitado seu público-alvo e uma possível escolha de nome que veremos a seguir.

1.1 Da criação do projeto de extensão

Já com a problemática em mente e a mudança radical no projeto de tese, entendi que, para buscar respostas para minhas perguntas de pesquisa, era preciso investigá-las. Além disso, já havia um desejo em ouvir as pessoas 60+ fora da sala de aula, o desejo de escuta e de implicar-me subjetivamente nessa atividade. Diante disso, Carla e eu iniciamos a delimitação do projeto. Algumas questões foram definidas de antemão: i) um espaço de escuta; ii) um espaço para pessoas 60+; iii) um espaço em que essas pessoas pudessem ser acolhidas diante de uma sociedade idadista, isso inclui o não julgamento, a não opinião, ou seja, já nos direcionava a uma escuta sustentada pela psicanálise.

Contudo, ainda faltava algo para mover essa engrenagem. Diante da noção de experiência proposta por Larrosa (2022), compreendo que a linguagem da experiência não é a linguagem da ciência e da filosofia:

Parece-me que a primeira coisa que é preciso fazer é dignificar e reivindicar a experiência, e isso supõe dignificar e reivindicar tudo aquilo que tanto a filosofia como a ciência tradicionalmente menosprezam e rechaçam: a subjetividade, a incerteza, a provisoriedade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida... (Larrosa, 2022, p. 40).

Todas as palavras escolhidas por Larrosa (2022) para exemplificar que o que a experiência dignifica e reivindica estão na ordem dos interesses desta pesquisa: a subjetividade, a incerteza, a provisoriedade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida, entre outros temas que nos levam a pensar possibilidades de (res)significar o envelhe-ser. Pensando nisso, não haveria outra linguagem da experiência capaz de reivindicar todas essas questões a não ser a arte. Por isso, delimitamos a arte como um motor para a circulação da palavra no espaço. Os encontros seriam guiados por uma produção artístico-cultural escolhida por mim, como mediadora, mas também com a abertura a sugestões que pudessem partir de algum participante.

Um espaço de escuta voltado às pessoas 60+, para possibilitar a (res)significação de experiências sobre o envelhe-ser, com a arte como principal canal mobilizador precisava de um nome poético. Um nome que pudesse fisgar as pessoas 60+ e que as fizesse se sentir pertencentes daquele espaço, abertas a viver aquela experiência. Por isso, pensamos na metáfora do ciclo das plantas, que muitos de nós usamos para nos referir ao ciclo da nossa vida: o semear, o plantar e o colher, o desabrochar, a “flor” da idade.

Nesse ciclo da vida, o que mais fez sentido diante da nossa experiência com o público idoso é o Desabrochar. A palavra “desabrochar” tem vários significados no dicionário:

- 1) Abrir ou desapertar o que estava preso com broche ou outro fecho parecido;
- 2) Fazer aparecer ou manifestar(-se);
- 3) Abrir(-se) (diz-se das flores); entreabrir(-se);
- 4) Fazer abrir ou brotar;
- 5) Crescer ou tornar-se maior; desenvolver-se;
- 6) Começar a manifestar-se;
- 7) Fazer aparecer o que está encoberto; desvendar;
- 8) Soltar-se com violência; irromper.⁸

Todos esses significados dizem um pouco sobre o espaço Desabroche, pois acredito que, com a possibilidade de (res)significação do *envelhe-ser*, o sujeito pode despertar, irromper, desvendar algo que estava preso e atribuir um outro sentido para isso.

⁸ Verbetes retirados do dicionário *online* Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=G38q>. Acesso em: 03 ago. 2024.

1.2 Uma mudança de rota

Essa idealização do projeto Desabroche foi feita no início do ano de 2020. Para sua efetivação, era preciso elaborar o projeto para a formalização como um projeto de extensão universitária, para aprovação da diretoria de extensão da universidade. No entanto, antes mesmo de finalizar sua formalização, nos deparamos com a pandemia de COVID-19. Nos primeiros meses, achávamos que essa condição que estávamos vivendo seria passageira e deixamos a ideia do projeto adormecida por um tempo. No entanto, em meados de maio de 2020, Carla e eu começamos a repensar o projeto devido à situação da COVID-19, a qual não parecia ser passageira.

Nesse período, grande parte das instituições e profissionais começaram a migrar suas atividades para o modo remoto. Essa seria uma possibilidade do projeto Desabroche acontecer, no formato *online*. Meu receio inicial com essa possibilidade estava carregado de representações sobre a velhice: os idosos conseguiriam estar presentes em um ambiente virtual? Essa seria uma possibilidade real diante da situação e do público-alvo?

No entanto, percebemos que o público idoso parecia compor a parcela da população que mais estava sendo afetada pela pandemia, devido às recomendações de um isolamento severo, sustentado pela ciência como um grupo de maior risco de ser contaminado e não conseguir sobreviver.

Esse discurso recorrente na mídia nos motivou ainda mais a sustentar a ideia de um espaço de escuta *online* para acolher esses idosos que, em grande parte, estavam sozinhos, longe dos filhos e afastados das atividades as quais estavam habituados. Diante disso, em agosto de 2020 projetamos a primeira edição do Desabroche, que teve início oficial no dia 22 de setembro de 2020.

1.3 A dinâmica do espaço Desabroche

Em agosto de 2020 iniciamos a divulgação do projeto com o seguinte nome: *Desabroche: a arte de (res)significar a velhice em tempos de pandemia*. A divulgação foi feita de modo *online* através das redes sociais, aplicativos de mensagens e e-mail. Os encontros aconteciam todas as terças-feiras, das 14h às 15h30 pela plataforma *Google Meet*. Foram abertas inicialmente 10 vagas, pensando em um bom funcionamento do grupo que poderia ser acessado por uma tela de celular ou pelo computador. O limite de 10 participantes foi delimitado

dessa forma, pois acreditamos que um espaço de escuta de forma remota deve ter tempo suficiente para todos falarem, além de ser visível as telas para que seja possível localizarmos os rostos de todos os participantes no mosaico.

No término do período de inscrição da edição de 2020 contávamos com 10 inscritos, todas mulheres. No entanto, só tivemos a participação efetiva de 4 delas. Algumas das inscritas nem chegaram a participar de nenhum encontro, duas delas participaram apenas de um encontro e não compareceram mais. Carla e eu percebemos que durante a divulgação algumas pessoas 60+ não se identificavam com a informação “velhice” contida no título. Analisamos que, para grande parte dos 60+, a palavra velho, idoso, velhice parecia não os representar, e por não os representar eles pareciam não se sentir pertencentes a esse grupo. Este foi um primeiro ponto alterado nas edições seguintes, de forma que, nas edições de 2021, decidimos adaptar o título para “*Desabroche: a arte de (res)significar experiências*”.

Na primeira edição, de setembro a dezembro de 2020, o Desabroche aconteceu em 10 encontros, ou como uma das participantes nomeou no término: “*(dez)encontros*”. O projeto foi aprovado pela Coordenação de Extensão e Educação Continuada em Letras (CECLE) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e registrado no Sistema de Informação de Extensão (SIEEX) sob o número de registro 22272. Durante essa primeira edição do projeto, atuei como mediadora juntamente com a Prof.^a Carla Tavares. Esse período, em que atuamos juntas, foi de extrema importância para a construção do meu modo de escuta, pois essa foi minha primeira experiência ocupando um lugar de não-saber⁹. O auxílio, as observações e as pontuações que eram feitos pela orientadora desta tese foram essenciais para minha compreensão de como deve ser uma escuta sustentada pela psicanálise. Esse tipo de escuta não se encarrega em dar opiniões, sugestões, caminhos, dicas e nem direcionamentos, mas sim em provocar o sujeito a falar livremente sobre si e apontar as insistências, os lapsos etc. A dinâmica de uma escuta sustentada pela psicanálise está mais bem elaborada no Capítulo 6 desta tese.

Além disso, não havia um planejamento de todas as produções artístico-culturais que seriam trabalhadas durante os encontros. Em acordo com a Prof.^a Carla, decidimos que iniciariamos o primeiro encontro com uma produção artístico-cultural e, a depender do

⁹ O lugar de não-saber se refere, na teoria lacaniana, ao sujeito suposto-saber ocupado pela figura de um analista. Em uma escuta sustentada pela psicanálise, o escutador se coloca no lugar de não-saber, pois não se encarrega em buscar repostas para o sofrimento do sujeito, ele não é a chave de respostas, não apresenta soluções e nem sugestões, porém, mesmo assim, o analisando deposita nessa figura a ilusão de que ele o ajudará em seus conflitos, responderá a seus questionamentos. Logo, uma escuta psicanalítica possibilita uma leitura e organização do inconsciente, porém é preciso que o sujeito fale, pois é na fala que o saber pode ser elaborado, construído, (res)significado.

investimento subjetivo dos participantes, essa mesma produção poderia ser trabalhada em mais encontros. Com isso, não havia definida uma produção artístico-cultural por encontro.

Dessa forma, nós apresentávamos uma produção em um dos encontros, as participantes eram expostas a ela em um primeiro momento. Em um segundo momento, as participantes se colocavam a falar sobre a produção. Percebemos que a primeira tentativa de falar sobre a produção era sempre na ordem de buscar uma interpretação fechada para aquela produção. Contudo, como mediadoras, tentávamos fazer pontuações e interrogações na ânsia de compreender como aquela produção havia ou não afetado cada participante e como aquela produção poderia dizer sobre si, fazendo-os relembrar acontecimentos do passado, elaborar e reelaborar.

Muitas vezes, uma mesma produção se prolongou por quatro encontros, até que o tema começasse a tomar outros caminhos e então, ao perceber que uma certa temática havia se findado e uma nova estava por vir, buscávamos por outra produção artístico-cultural para fomentar a nova temática. Na primeira edição, as produções artístico-culturais escolhidas para mobilizar as discussões no Desabroche estão organizadas no Quadro 1:

Quadro 1 - Produções artístico-culturais da edição “Desabroche” 2020

Produção 1	Conto “O caso do espelho” – Ricardo Azevedo
Produção 2	Trechos da obra e Clarice Lispector sobre “Espelhos”
Produção 3	Poema “Retratos” – Cecília Meireles
Produção 4	Filme – “Nossas Noites”
Produção 5	Filme – “Amor com Data Marcada”
Produção 6	Obra – “O Beijo” – Gustav Klimt
Produção 7	Livro – “A parte que falta”

Fonte: Elaborado pela autora.

Algumas dessas produções, como o filme “Amor com Data Marcada” e a obra “O Beijo”, foram sugestões que partiram das próprias participantes. Não foi pedido a elas que fizessem sugestões de produções artístico-culturais, mas deixamos em aberto essa possibilidade que, nesse caso, nos pareceu de forma espontânea e relacionadas aos temas de discussão durante os encontros.

Ainda na elaboração da dinâmica do projeto de extensão, sugeri à Prof.^a Carla que convidássemos as participantes a materializarem suas experiências durante o projeto. Essa materialização foi chamada por nós de *frutos*. Esse nome foi pensado a partir do processo de

desabrochar, pois acreditamos que a partir do desabroche, *frutos* podem advir. Esses *frutos* não eram considerados “tarefas” e nem se configuravam como uma atividade obrigatória das participantes. Os *frutos* eram formas de registrar a experiência de si em relação a alguma temática que tivesse afetado as participantes. Nesse sentido, em um determinado momento do projeto, normalmente quando percebíamos que um certo tema estava se esgotando, convidávamos as participantes a produzirem um *fruto* em qualquer forma e gênero, ou seja, poderia ser uma produção textual, um vídeo, uma pintura, uma fotografia, qualquer gênero que as participantes se sentissem confortáveis e que fizesse sentido para elas.

Não era estipulado um prazo para a produção dos *frutos*, e deixávamos claro para as participantes que o *fruto* produzido poderia ou não ser compartilhado com o grupo e/ou com as mediadoras. No entanto, percebemos que, possivelmente motivados pela transferência instaurada no grupo, as participantes expressavam a vontade de compartilhar todos os *frutos* com o grupo. As participantes se propunham a ler ou apresentar seus *frutos* e, a partir deles, novas discussões e elaborações eram construídas. Na edição de 2020, tivemos *frutos* produzidos no formato de textos narrativos em forma de relato, vídeos, fotografias desenhos e pinturas.

Essa dinâmica de trabalho se repetiu nas outras duas edições do projeto Desabroche. Em 2021, a segunda edição do projeto aconteceu de março a junho. Nessa edição, foram abertas mais vagas e tivemos dois grupos separados. Um grupo era composto pelas mesmas participantes da edição de 2020, porém para essa edição contamos com a inclusão de duas novas participantes. Uma delas era irmã de uma das participantes da edição de 2020, que veio a convite de sua irmã. A outra se inscreveu devido à nova divulgação que foi feita. O segundo grupo foi composto por seis novos participantes que vieram até o projeto através da divulgação realizada nas redes sociais, aplicativo de mensagens e e-mail. Nesse segundo grupo, contávamos com cinco mulheres e um homem.

A segunda edição do projeto foi aprovada pela Coordenação de Extensão e Educação Continuada em Letras (CECLE) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e registrada no Sistema de Informação de Extensão (SIEX) sob o número de registro 22978.

Passei, então, a mediar os grupos sozinha, ou seja, sem a presença da Prof.^a Carla. Porém, realizávamos atendimentos quinzenais, os quais nomeamos de supervisão, para que eu pudesse discutir com a orientadora desta tese os acontecimentos nos grupos e pensar possíveis encaminhamentos de produções artístico-culturais para os temas que surgiam.

Além disso, nos encontros de supervisão, também compartilhava com a orientadora as minhas inquietações e desconcertos diante de certos posicionamentos ou insistências dos

participantes nos encontros do Desabroche. Os efeitos dos apontamentos realizados pela orientadora nos momentos das supervisões eram fundamentais para que eu pudesse sustentar minha escuta de orientação psicanalítica no Desabroche. Os encontros de supervisão possibilitaram que o manejo com o grupo se desse ultrapassando algumas das minhas crenças e ideias pré-concebidas, fosse na discussão e abordagem de determinados temas, ou na interação com certos participantes. Essa relação construída durante as supervisões só foi possível de ser estabelecida mediante a instauração da transferência entre a orientadora desta tese e eu. O conceito de transferência será mais bem abordado no Capítulo 2.

O critério para a escolha das produções continuou o mesmo, ou seja, a depender da dinâmica de cada grupo e de seus interesses. Com isso, pude perceber como cada grupo seguia caminhos diferentes e negociava seu próprio modo de funcionamento e suas preferências temáticas. O grupo 1 era composto por cinco participantes 60+ e a maioria delas estiveram no Desabroche 2020. O grupo 2 era composto por seis participantes 60+ que ainda não haviam participado da edição anterior. Ambos continuaram com encontros semanais de 1h30min, totalizando dez encontros de março a junho, ainda de modo *online* pela plataforma *Google Meet*, com discussões movidas pelas seguintes produções artístico-culturais na edição de 2021/1 (Quadros 2 e 3):

Quadro 2 - Produções artístico-culturais da edição “Desabroche” 2021-1/ Grupo 1

Produção 1	Conto “Gestos Amorosos” – Rubem Alves
Produção 2	Texto “A inutilidade e o amor” – Padre Fábio de Melo
Produção 3	Conto “Velhice, por que não?” – Lya Luft
Produção 4	Conto “Ele me bebeu” – Clarice Lispector
Produção 5	Episódio “O Primeiro Dia” da série “Os Experientes” produzida pela <i>GloboPlay</i> .
Produção 6	Obras – “Lixo Extraordinário” – Vik Muniz

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 3 - Produções artístico-culturais da edição “Desabroche” 2021-1/ Grupo 2

Produção 1	Conto “Gestos Amorosos” – Rubem Alves
Produção 2	Filme – “Nossas Noites”
Produção 3	Episódio 1 “Capítulo de 08/09/2020” da série “Amor e Sorte” produzida pela <i>Globoplay</i>
Produção 4	Texto “A Velhice” – autor desconhecido

Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa segunda edição, os participantes também foram convidados a produzir *frutos*. Assim como da primeira edição, ambos os grupos se propuseram a compartilhar os *frutos* com o grupo.

Ainda em 2021, após o encerramento da segunda edição, decidimos propor uma terceira edição do projeto que seguiria pelo segundo semestre de 2021. Os dois grupos demonstraram grande interesse em continuar com os encontros e, com a ausência de alguns participantes, abrimos poucas vagas e tivemos novos inscritos compondo os grupos.

Eu continuei como mediadora do grupo 1, com algumas participantes desde a primeira edição do Desabroche, outras desde a segunda edição e uma nova integrante que passou a fazer parte do Grupo 1 na terceira edição, compondo assim as 6 integrantes 60+. O Grupo 2 ficou sob a mediação de outra colega de pesquisa que, à época, demonstrou interesse pela temática e se dispôs a mediar um dos grupos. Devido à grande demanda que esta pesquisa me ocupava, optei por me afastar do Grupo 2 na tentativa de delimitar o material que iria compor o *corpus* desta pesquisa.

A dinâmica do Grupo 1 continuou sendo a mesma, com produções artístico-culturais e com o convite à produção de *frutos*. Essa terceira edição contou com 12 encontros semanais de 1h30min, que aconteceram de agosto a novembro de 2021, no formato remoto pela plataforma *Google Meet*. A terceira edição do projeto foi aprovada pela Coordenação de Extensão e Educação Continuada em Letras (CECLE) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e registrada no Sistema de Informação de Extensão (SIEX) sob o número de registro 24565. As produções escolhidas para guiar as discussões do grupo foram (Quadro 4):

Quadro 4 - Produções artístico-culturais da edição “Desabroche” 2021-2/ Grupo 1

Produção 1	Obra – óleo sobre tela- “Homem carregando o peso de pensar naquilo que sente” – Susano Correia
Produção 2	História em Quadrinhos – “Téo & o MiniMundo: O lugar do outro” – Caetano Cury
Produção 3	Série “Navillera”
Produção 4	Poema “Minha Mãe” – Livro “Não pise no meu vazio” – Ana Suy

Fonte: Elaborado pela autora.

Com o término da terceira edição, decidi encerrar minha participação como mediadora do projeto, pois esta pesquisa exigia um ponto final na experiência de escuta para que os gestos de análises pudessem ser traçados a partir do material que fora construído ao longo das três

edições anteriores, fazendo anotações sobre os encontros do Desabroche e arquivando os *frutos*. Todavia, o projeto Desabroche seguiu em funcionamento e, atualmente, em 2023, ele tem acontecido de modo presencial, sob a orientação da Prof.^a Dra. Carla Tavares e outros mediadores que têm dado continuidade ao projeto, a partir de suas dinâmicas singulares de trabalho com o grupo.

Considero o espaço Desabroche o meu laboratório para esta pesquisa. Foi a partir de minha experiência como mediadora, já com o olhar de pesquisadora, que meu olhar para o modo de *envelhe-ser* singular de cada participante foi sendo construído. Essa experiência é o que tem movido minhas questões de pesquisa e a busca por alcançar os objetivos delimitados nesta tese.

Portanto, esta pesquisa é fruto da experiência subjetiva, a qual experienciei como mediadora do Desabroche. Já com as perguntas de pesquisa delimitadas, o projeto de extensão se configurou como um espaço em que o material de análise foi coletado. A constituição do *corpus* será detalhada no Capítulo 5 desta tese. No entanto, é preciso esclarecer que, para que essa coleta de material fosse possível, foi preciso submeter o projeto desta pesquisa ao CEP – Comitê de Ética em Pesquisa, sendo aprovado e registrado como CAAE: 64898215.0.0000.5152. Logo, todos os participantes do Desabroche foram informados no início de cada edição e concordaram em participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹⁰.

¹⁰ Uma cópia do TCLE está disponível nos Apêndices desta tese.

CAPÍTULO 2 – A RAÍZ – CONCEITOS BASILARES

No filme de desenho animado “A era do gelo”, dirigido pelo animador brasileiro Carlos Saldanha, um esquilo pré-histórico corre o tempo todo atrás da sua castanha, quando parece que vai conseguir pegar de jeito o objeto, e então poder comer e se satisfazer, algo acontece, a castanha escorrega e ele continua fazendo as coisas mais estranhas para voltar a pegá-la. A cena do esquilo é uma verdadeira recriação do que acontece com o sujeito e seu objeto. A castanha é o objeto a, causa do desejo, do esquilo pré-histórico de Saldanha. O esquilo desenha a sua vida acidentalmente, buscando aquilo que deseja (como em toda a vida). Impulsionado pelo desejo o esquilo entra no meio da maior revolução geológica do planeta, mas é seu desejo de castanha - e não de qualquer castanha, mas daquela castanha - o que o torna parte da história do planeta.

(Perez, 2009, p. 126)

Esta pesquisa é construída a partir da ideia de possibilidades de (res)significar experiências. Acredito que esse processo pode resultar no desabrochar de novas formas de identificação a partir do (des)encontro com essas experiências. Essa possibilidade não é direcionada apenas aos participantes do projeto Desabroche, mas também ao percurso que tenho traçado na tentativa de compreender os efeitos dos possíveis deslocamentos das redes de identificação das pessoas 60+, participantes do Desabroche, a partir das lógicas discursivas propostas por Lacan (1992). Para essa trajetória produzir um grande *fruto*, que chamamos na academia de uma tese de doutoramento, é preciso que outros elementos cumpram sua função para a sua produção. Portanto, espero que os conceitos elaborados neste capítulo tenham a função de raiz, sustentação e base para o que está por vir.

Logo, apresento, neste capítulo, a base teórica advinda do campo da psicanálise de Freud e Lacan, que tem sustentado minha experiência tanto como pesquisadora quanto como mediadora no projeto de extensão Desabroche. Nesse sentido, aproveito este capítulo para localizar este estudo como sendo uma pesquisa com pressupostos teórico-metodológicos sustentados pela *Análise Psicanalítica de Discurso*. Embora eu não tenha uma formação clínica em psicanálise, sustento a escolha desse método de investigação pautada no meu desejo de pesquisadora diante da constituição do enigma¹¹ que este trabalho pretende desvendar.

¹¹ A noção de enigma tratada neste trabalho, é definida como um fenômeno instaurado a partir do discurso do Outro. Isso acontece porque aquilo que o outro enuncia está distante daquilo que verdadeiramente deseja dizer. A partir disso, para dar conta desses fenômenos enigmáticos, o sujeito se vê diante do processo de conferir sentido àquilo que vem do Outro. Sentido este sempre singular, por isso irei me referir, em alguns momentos desta tese, a esse fenômeno como enigma subjetivo.

Sendo assim, considerando que uma pesquisa amparada na Análise Psicanalítica de Discurso se sustenta na teoria psicanalítica tanto para a constituição do *corpus*, como para a construção dos gestos de análise, coaduno com a formulação de Poli (2005) acerca dos seguintes compromissos como uma pesquisadora em psicanálise:

Há, pois, por parte do pesquisador em psicanálise, um duplo compromisso: de considerar as condições simbólicas e contextuais – internas e externas ao campo psicanalítico – a partir das quais engaja seu desejo na produção e desvelamento de um enigma. E, também, de assumir o risco calculado do impacto do caminho escolhido (método) no desenvolvimento e na conclusão de seu trabalho sobre aqueles que, direta ou indiretamente, estão implicados no campo de experiência constituído pela pesquisa. Assim, mesmo que as produções discursivas sobre as quais, e com as quais, a psicanálise opera tragam sempre a marca do singular e do contingente, mantém-se o compromisso – ético e epistêmico – de elas serem portadoras da verdade. Verdade do sujeito, isto é, interna à experiência que a produz, mas que pode ser transmitida e, portanto, compartilhada por uma comunidade, sociedade ou cultura (Poli, 2005, p. 4).

Diante disso, assumo meu compromisso ético e epistêmico com a presente tese, de modo que a minha experiência de escuta e pesquisa com os participantes do Desabroche seja capaz de demonstrar possibilidades de construir novos saberes sobre si, diante do desafio de *envelhecer*.

Como suporte teórico inicial, então, para sustentar essa pesquisa em psicanálise, apresento as raízes que sustentam este estudo no que tange às noções de linguagem, sujeito e discurso.

2.1 Linguagem e sujeito

Ao compreender a psicanálise como um campo pertencente aos estudos sobre a linguagem, aponto para uma justificativa do desenvolvimento desta pesquisa dentro do campo dos Estudos Linguísticos. Segundo Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016, p. 86), Lacan, em sua releitura de Freud e formulação no campo psicanalítico, já intuía que “a epistemologia da psicanálise repousava nas ciências da linguagem, uma vez que a linguagem é condição do inconsciente”. A partir disso, entendo que a linguagem é o objeto de investigação na psicanálise:

A tese de Lacan, de que “a psicanálise deveria ser a ciência da linguagem habitada pelo sujeito” (LACAN, 1956/1988, p.276), não nos convida apenas a uma concepção instrumental, comunicacional ou hermenêutica de

linguagem, cujo acréscimo seria o sujeito. Melhor seria dizer que a habitação da linguagem pelo sujeito, (...) implica certas consequências metodológicas que radicalizam a constituição da linguagem como objeto de investigação (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016, p. 87).

Na teoria psicanalítica de Jacques Lacan, a linguagem ocupa um lugar central como um sistema simbólico que não apenas permite a comunicação, mas também organiza a subjetividade e as relações sociais. Segundo Lacan (2008b), o sujeito não está apenas imerso na linguagem, mas é constituído por ela. Ele afirma que o sujeito é chamado a existir na medida em que ele é convocado pela linguagem a elaborar sua própria narrativa, que Lacan chama de “besteiras”:

O sujeito não é aquele que pensa. O sujeito é, propriamente, aquele que engajamos, não, como dizemos a ele para encantá-lo, a dizer tudo - não se pode dizer tudo – mas a dizer besteiras, isso é tudo. É com essas besteiras que vamos fazer a análise, e que entramos no novo sujeito que é o do inconsciente (Lacan, 2008b, p. 33).

Nesse viés, ao propor uma investigação acerca da possibilidade de (res)significar experiências na velhice a partir de possíveis deslocamentos das redes de identificação dos participantes do Desabroche diante da arte e da escuta, é preciso clarificar quais as noções de linguagem e sujeito que embasam este estudo. Elaborar esses conceitos se torna um trabalho importante não só pelo fato de que serão fundamentais para pensar a problemática desta pesquisa, mas também para justificar a escolha da teoria freudo-lacaniana para uma tese desenvolvida dentro do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

A teoria psicanalítica sustentada por Freud e Lacan aposta na visão de que a linguagem antecede o sujeito e desempenha um papel central na sua constituição e na estruturação do inconsciente. No entanto, é preciso salientar que foi Lacan quem extraiu da teoria freudiana a centralidade da linguagem na estruturação do inconsciente, pois a noção de sujeito não foi elaborada por Freud. Lacan, a partir de sua releitura de Freud, depreende essa articulação. Nesse sentido, de acordo com Lebrun (2008), a linguagem é considerada como forma de civilizar o homem e inseri-lo no mundo e na cultura:

A psicanálise claramente identificou após Freud e Lacan que somos seres de fala e de linguagem. De qualquer modo, e ainda que alguns evoquem regularmente a *soi-disant* linguagem dos animais, admite-se que essa aptidão para a linguagem, em toda a sua complexidade, é única. É o que caracteriza e especifica a humanidade, essa comunidade dos seres falantes (Lebrun, 2008, p. 50).

Essa afirmação de Lebrun (2008) nos leva a abandonar a ideia da linguagem como instrumento de comunicação, ou seja, ela passa a ter um lugar para além de um objeto utilitário. Nessa perspectiva, Lebrun (2008) considera a possibilidade do advir como sujeito a partir do processo de inserção e de inscrição na linguagem. Para o autor, o sujeito é o que está por vir, ou seja, a constituição do sujeito só é possível “após ter passado pelas palavras do Outro, pelo sistema de linguagem” (Lebrun, 2008, p. 52). Nesse sentido, é possível afirmar que o indivíduo já existiria como sujeito antes mesmo do seu nascimento biológico, visto que ele já é dito pelo outro quando os pais e familiares criam uma certa narrativa sobre o nome do bebê, como ele será, entre outras apostas. Fink (1998) direciona sua explicação para a seguinte indagação: Como esse “Outro” entrou em nós? Como em alguns momentos palavras tão externas e estranhas de repente são ditas por nós?

Muito antes de uma criança nascer, um lugar já está preparado para ela no universo linguístico dos pais: os pais falam da criança que vai nascer, tentam escolher o nome perfeito para ela, preparam-lhe um quarto, e começam a imaginar como suas vidas serão com uma pessoa a mais no lar. As palavras que usam para falar da criança têm sido usadas, com frequência, por décadas, se não séculos e, geralmente, os pais nem as definiram e nem as redefiniram, apesar dos muitos anos de uso. Essas palavras lhes são conferidas por séculos de tradição: elas constituem o Outro da linguagem (Fink, 1998, p. 21).

Entendo que, para a visão psicanalítica, o sujeito não equivale ao indivíduo que nasce e se desenvolve, mas se constitui na e pela linguagem, como um efeito do campo da linguagem. Esse campo é constituído (não somente) pela dimensão social, pois sem a família e o social o sujeito não se mantém vivo. Além disso, antes mesmo de o bebê nascer ele já é dito pelas pessoas que o cercam. Entretanto, o sujeito da psicanálise não se reduz a essa dimensão. O Outro teorizado por Lacan não se refere apenas ao social, mas ao inconsciente. Para Elia (2004):

Lacan propõe a categoria de Outro para designar não apenas o adulto próximo de que fala Freud mas também a ordem que este adulto encarna para o ser recém-aparecido na cena de um mundo já humano, social e cultural. [...] O Outro não é apenas, portanto, uma pessoa física, um adulto. [...] O Outro é o esqueleto simbólico dessa ordem (Elia, 2004, p. 3-4).

A ordem simbólica expressa por Elia (2004) se refere, portanto, não só às funções materna e paterna para esse sujeito, mas também à constituição de um inconsciente responsável pelo processo de subjetivação do sujeito. Segundo Lebrun (2008, p. 50):

A noção de inconsciente à qual Freud deu toda a sua pertinência remete de sua parte não “ao que não é consciente”, mas a uma “Outra cena” – a expressão é de Freud para designar precisamente o inconsciente como um outro lugar que

o da consciência –, na qual se determina o destino do sujeito. Para Lacan, essa Outra cena é a da linguagem – daí sua célebre fórmula: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem” –, e é precisamente a passagem necessária pelo sistema de linguagem que faz de um indivíduo um sujeito e que lhe dá um inconsciente, estando esses dois movimentos estritamente ligados.

Além disso, para o autor, a partir de sua leitura de Freud e Lacan, o que assegura a transmissão na espécie humana não são somente os genes, mas também – e sobretudo – os significantes. Tal afirmação implica na ideia de que, ao considerar a ordem genética, esta é transmitida de forma positiva, ou seja, existem vários aspectos genéticos pré-estabelecidos ao nascer. Contudo, ao pensar nos significantes que definem a identidade de sujeito, é preciso considerar este como sendo negativo, pois somos marcados pela diferença, pelo vazio que nos separa; portanto, nascemos com uma identidade primeiramente negativa. Conforme Lebrun (2008), quando nos é dado um nome, ele diz o que sou, mas na verdade ele é uma caixa vazia, ele diz quem eu sou apenas na ordem genealógica e sem nenhum conteúdo. Diante disso, Lebrun (2008, p. 51) elabora a proposição de que a identidade do sujeito é inicialmente negativa:

Por isso, consideramo-nos autorizados a dizer que a identidade de um sujeito é primeiramente negativa. Assim, por exemplo, o nome próprio supostamente diz o que sou. Mas na verdade ele é só uma concha vazia. Ele diz apenas quem eu sou, o lugar onde estou em minha genealogia, mas não comporta nenhum conteúdo. Em compensação, é a inscrição dessa negatividade constituinte que permite que um indivíduo exista como sujeito.

É nessa inscrição que o sujeito começa seu processo de subjetivação e identificação, ou seja, é diante desse vazio, dessa negatividade, que o sujeito abandona a esperança de que o Outro o defina e se subjetive. Para representar essa busca por reconhecimento, Lebrun (2008) utiliza a metáfora em que sujeito precisa deixar a borda da piscina para nadar, apontando para a necessidade do sujeito de se subjetivar, ou seja, de se humanizar e “aceitar que o que era dito dele valia para ele, mas será então a partir de sua própria posição subjetiva que sustentará sua fala” (Lebrun, 2008, p. 53).

Esse processo de subjetivação não é uma etapa a ser superada em determinada idade, pois somos subjetivados o tempo todo, na busca por significação. Retomando as metáforas usadas: nessa caixa vazia, ou nessa grande piscina, como afirma Lebrun (2008), é preciso que haja bordas, pois são elas que sustentam a rede de identificações a ser tecida pelo sujeito para constituir sua subjetividade. São as bordas que representam o Outro, pois sem elas o sujeito não

conseguiria tecer sua rede de identificações, isto é, são as bordas que delimitam esse vazio que tentamos incessantemente e sem sucesso preencher.

Todas essas questões se fazem presentes e importantes na construção da problemática desta pesquisa. Ao olhar para o sujeito que vivencia o *envelhe-ser*, é preciso considerar a rede identificatória singular que cada um teceu e tece sobre si. A partir disso, é possível que o sujeito desate “nós” dessa teia que podem estar o aprisionando e gerando sofrimento em si, para possibilitar novos laços, com novos significantes.

2.1.1 Constituição subjetiva

A partir das noções de sujeito e linguagem desenvolvidas até aqui, é de suma importância compreender como tais noções operam na constituição subjetiva do sujeito. Compreender os processos identificatórios significa olhar para a relação do sujeito com o saber sobre si ou com a falta desse saber. É na busca por respostas da questão sobre quem eu sou no desejo do Outro que o sujeito busca mo(vi)mentos de identificação a traços desse Outro para constituir sua rede identificatória e, quem sabe, (res)significar significantes advindos de experiências traumáticas, angustiantes e incômodas.

Para compreendermos como os processos identificatórios se instauram, é necessário voltarmos aos primórdios da relação do bebê com a mãe. Nas palavras de Tavares, Macedo e Almeida (2019, p. 67):

Desde os primórdios da relação do bebê com a mãe – seu Outro primordial – já é possível perceber a hiância inerente aos seres de linguagem, uma vez que há sempre uma distância entre o que se quer, o que se pensa querer, e o que faz com que o filho seja aspirado por aquilo que pensa que a mãe quer dele. É na relação inicial de cuidado mãe-bebê que a criança se aliena ao Outro, ou seja, à linguagem. O bebê depende, inicialmente, apenas de sua percepção e de seus reflexos, como o de sucção do seio, mas, aos poucos, o Outro vai nomeando seu choro, sua dor, sua fome e até seu próprio nome, que o diferenciará da mãe. Desse modo, os movimentos que eram instituídos, passam a ser voluntários e pulsionais, e a criança passa a demandar carinho, presença e cheiro, na tentativa de baixar sua tensão, seu desprazer, e obter prazer (Severo; Andrade, 2010), passando do automatismo corporal para o início de sua constituição subjetiva.

O primeiro mo(vi)mento de alienação do sujeito é com a linguagem, que representa um dos elementos que constituem o campo do grande Outro. O Outro vai atribuindo sentido aos instintos desse bebê, que passa a perceber que não se trata mais de movimentos instituídos, mas sim pulsionais, justamente porque perpassa a linguagem. São nesses mo(vi)mentos que

iniciamos nossa constituição subjetiva. Pulsão é um conceito elaborado por Freud, no sentido de diferenciar os estímulos pulsionais dos estímulos fisiológicos. Conforme Freud (2021, p. 19)

Obtivemos agora, portanto, material para diferenciação entre o estímulo pulsional e o outro estímulo fisiológico que atua sobre o anímico. Em primeiro lugar: o estímulo pulsional não advém do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo. Por isso, ele atua de modo diferente sobre o anímico e requer outras ações para sua eliminação. [...] A pulsão, por sua vez, jamais atua como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante.

Logo, o sujeito se vê diante de sua incompletude e é movido por estímulos pulsionais pela busca por satisfação que, apesar de nunca ser total, é o que move o sujeito incessantemente a encontrar um objeto de satisfação. No entanto, mesmo diante da incompletude, o sujeito precisa de uma certa consistência e estabilidade para existir e se relacionar no mundo. É nesse mo(vi)mento incessante que o sujeito constitui sua rede de identificações.

A identificação, para a Psicanálise, faz parte dos modos de subjetivação do sujeito com objetos ou traços dele, por isso é considerada como a manifestação mais primitiva de ligação afetiva. Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud (2020b) inicia o capítulo sobre identificações afirmando que a identificação é a expressão primária de uma ligação efetiva com outras pessoas, ou seja, temos esse processo presente o tempo todo em nossas vidas, inclusive na velhice.

Lacan, a partir de sua leitura de Freud, inaugura uma forma de se pensar a identificação – para ele, segundo Nasio (1997):

[...] a identificação é o nome que serve para designar o nascimento de uma nova instância psíquica, a produção de um novo sujeito. [...] Lacan efetua, além disso, um duplo reviramento: não apenas a identificação é inconsciente, não apenas significa engendramento, mas ainda e sobretudo o sentido é invertido. Em vez de *A* se transformar em *B* – como era o caso em Freud – é *B* que produz *A*. A identificação significa que a coisa com a qual o eu se identifica é a causa do eu, ou seja, o papel ativo anteriormente desempenhado pelo eu é, no momento, garantido pelo objeto (Nasio, 1997, p. 114).

A teoria lacaniana elabora a noção de identificação a partir do enlace entre os registros do imaginário, simbólico e real. Parto das definições elaboradas por Roudinesco e Plon (1998) a partir da teoria lacaniana, presentes no dicionário de psicanálise para cada um desses registros.

O *imaginário* é definido como o lugar do eu e seus efeitos de ilusão, e é correlato do estádio do espelho. O *simbólico* é o lugar da linguagem, dos significantes, é ele que “designa um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que

determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 714). O *real* é inseparável do simbólico e do imaginário e forma com eles uma estrutura. Nele encontram-se os significantes rejeitados do simbólico e que não cessam de tentar se escrever, pois ele é da ordem de “uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 645).

Para compreender como os três registros se instauram no conceito lacaniano de identificação, recorro a Nasio (1997), que, a partir de Lacan, aborda as três categorias de identificação:

Para Lacan, a identificação designa o nascimento de um lugar novo, a emergência de uma nova instância psíquica. Conforme a natureza desse lugar, podemos distinguir duas categorias de identificações: a primeira está na origem do *sujeito do inconsciente* e nós a chamamos de identificação *simbólica*; a segunda está na origem do eu e nós a chamamos identificação *imaginária*. Devemos acrescentar ainda uma terceira categoria, mais particular, que não concerne exatamente à produção de uma nova instância, mas à instituição de um complexo psíquico denominado fantasia; esta última modalidade identificatória é por nós qualificada, por conseguinte, de *fantasística* (Nasio, 1997, p. 126).

Essas três categorias de identificação propostas por Lacan não são etapas superadas na vida do sujeito, ou seja, estamos em constante construção da nossa rede identificatória, inclusive na velhice. Nos capítulos em que me dedico à análise do *corpus* constituído nesta tese será mobilizado um maior aprofundamento dessas categorias na tentativa de atribuir sentido às possíveis (res)significações das experiências com o *envelhe-ser* no espaço Desabroche.

Ao apostar no espaço Desabroche como uma possibilidade do sujeito (res)significar suas experiências, acredito que os processos identificatórios podem atuar como constantes modos desse sujeito se deixar subjetivar diante da (des)construção de novos saberes sobre si. É nessa possibilidade de (des)encontro com suas certezas alienantes que o sujeito pode, então, se deparar com novos significantes para compor sua rede identificatória. Nas palavras de Fingermann e Dias (2005), o processo de identificação aponta para a subjetivação do sujeito:

A identificação é o processo necessário à *humanização*, que notamos geralmente como *subjetivação* evocando o duplo aspecto de sujeição e distinção. A constituição do sujeito, a sua estruturação são termos frequentemente usados para explicar esse mesmo processo e sua lógica a partir da *estrutura* do significante, dividindo o sujeito entre seus nomes e seu inominável. Lacan precisa esse processo como *causação do sujeito*, discriminando aí dois tempos de produção do sujeito: a alienação (a passagem

pelo Outro) e a separação (a distinção: tornar-se distinto) (Fingermann; Dias, 2005, p. 22).

Para que o sujeito construa novos saberes sobre si, é preciso que esse sujeito passe pelo momento de alienação. Todavia, é necessário que o sujeito perceba o furo que há nessa relação alienante e se depare com algo do não-sentido, apontando para o real. No caso do Desabroche, acredito que esse desencontro com o real pode advir por meio de um comentário meu como mediadora ou até mesmo de outro participante e, possivelmente, de uma experiência estética com a arte.

Esse processo de subjetivação que (des)constrói a rede identificatória do sujeito pode ser visto através do funcionamento das lógicas discursivas propostas por Lacan (1992), devido à capacidade do discurso em fazer laço. É no discurso em funcionamento, na instituição do laço social que o sujeito se aliena, se separa, se depara com o mal-estar, (re)constrói saberes sobre si e se subjetiva. Toda essa possibilidade de subjetivação se dá no âmbito social e coletivo, no entanto, a construção de uma rede identificatória também pode ser analisada a partir de situações individuais do sujeito, ou seja, do modo como esse sujeito se relaciona com o Outro e como essas relações podem suscitar um certo mal-estar e mover o sujeito na busca por compreender e, até mesmo, aliviar esse incômodo.

Diante disso, acredito que o Desabroche se configura como sendo um espaço que possibilita esses deslocamentos nos sujeitos que se propõem a falar sobre experiências de envelhe-ser. Nessa perspectiva, passemos para a compreensão das lógicas discursivas concebidas por Lacan, as quais representam importantes ferramentas de análise nesta pesquisa.

2.2 O discurso

Parto, primeiramente, do fato de que é por meio do discurso, da inserção no sistema simbólico da linguagem, que o sujeito emerge e se constitui. O discurso, por sua vez, é a expressão do sujeito na linguagem. Lacan, entre os anos de 1969 e 1970, em seu Seminário 17 - *O avesso da psicanálise* (Lacan, 1992), apresenta quatro discursos, nomeando-os como o discurso do mestre (DM), o discurso do universitário (DU), o discurso da histérica (DH) e o discurso do analista (DA). Cada um desses discursos representa diferentes formas de relação entre o sujeito e a linguagem, bem como diferentes posições de poder e desejo e de relação com o saber e com o gozo. Segundo Cavalcanti e Poli (2015, p. 56):

A teoria dos discursos inaugura uma nova forma de considerar a posição do sujeito no vínculo social, articulando os campos da linguagem, do gozo e do saber inconsciente. Essa teoria, ao mesmo tempo em que retoma princípios freudianos, avança em impasses deixados pelo mestre vienense, em particular na articulação entre os fundamentos metapsicológicos da constituição subjetiva e as bases conceituais concernentes à cultura e aos laços sociais propriamente ditos.

Diante disso, é preciso retomar os princípios freudianos que motivaram Lacan a articular a teoria dos discursos. Em 1930, Freud argumentou em seu texto “O mal-estar na cultura” que existem três modos de se relacionar no mundo, os quais indicam as fontes de sofrimento do homem e apontam para três atividades humanas impossíveis: governar, educar e analisar. Para Freud (2020b), há algo da pulsão que não se governa, não se educa e não se analisa. Lacan (1992), posteriormente, adiciona mais uma atividade: o fazer desejar. Desse modo, é possível perceber que Lacan retorna a Freud, mas avança em sua teorização.

Esses quatro modos de fazer laço apontam para as possibilidades de enquadramento da linguagem com o gozo, por isso representam modos de enlaçamento. No entanto, esses discursos deflagram aquilo que não é possível de ser representado, já que se encontra na ordem do real: o *objeto a*. Nesse sentido, o discurso coloca em jogo tanto o singular do sujeito, quanto o social, pois há algo do sujeito que não se inscreve, mas que move o sujeito na construção do saber em sua relação com o Outro.

Para compreendermos a ideia de que o discurso é aquilo que faz laço, é preciso recorrer a Freud, em seu texto “Totem e Tabu” (Freud, 2012), em que o psicanalista não trata da noção de laço propriamente dita, mas se interroga sobre aquilo que funda a civilização. Na leitura de Soler (2016, p. 17-18):

O que conservar do mito “Totem e tabu” depois de passar pelo ensino de Lacan? [...] O mito é precisamente uma narração fabulatória, mas cuja função é designar um real, um impossível de se formular. Qual real, neste caso? Aquele de uma perda original como condição primária e fundadora de todos os laços de qualquer sociedade. No mito freudiano, trata-se da perda do objeto de gozo absoluto que designa o “todas as mulheres” do Pai primitivo, ao qual cada membro da horda supostamente aspirava, e que se torna proibido depois da morte do Pai. Proibido não mais pela força do Pai das origens, mas, doravante, proibido pela lei contratual à qual se submetem os irmãos. Vê-se que essa lei segundo a morte metaforizada, faz passar ao simbólico o obstáculo real que era o suposto Pai primitivo da história na concepção de Freud. [...] No fundo, esse mito indica que é necessário haver uma perda primeira para que a regulação de um laço social seja possível.

Com isso, compreendo que a entrada do sujeito na linguagem inaugura a possibilidade de um laço social entre os pares, pois, de acordo com o mito freudiano comentado por Soler

(2016), não existe civilização que não seja um tipo de laço. Essa regulação de um laço social pode ser observada de forma mais ampla nos grupos, conforme propôs Freud (2020b) em “Psicologia das massas e análise do eu”, mas também no âmbito individual de um sujeito em sua tecitura identitária, pois não há laço social que não inclua o sujeito e o outro. Isso porque Lacan (1992) propõe sua teoria dos discursos como sendo modos de uso da linguagem como vínculo social.

Diante disso, é importante compreender que, para Lacan, o discurso não necessita de palavras para ser discurso, mas as palavras requerem o discurso para serem encadeadas de modo que, neste encadeamento, produzam efeitos de sentido: “O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, *é um discurso sem palavras*” (Lacan, 1992, p. 11). Os discursos propostos por Lacan, então, podem advir como um ato, um comportamento, um olhar, não precisam necessariamente de palavras, mas estão na dependência da linguagem para suscitarem efeitos de sentido e, por isso, operam como aparelhamento do gozo, ou seja, os discursos garantem a circulação do gozo, de modo que este gozo seja legitimado socialmente:

O sujeito busca o gozo, e o encontra; porém, graças à palavra que o divide entre o enunciado e sua enunciação, o encontro se faz sempre de pouco em pouco, como excesso controlável, contável: como mais-de-gozar. O resultado é uma ordem do mundo em que os discursos giram ao som de uma música que foi apresentada por Platão como a das esferas, e que, na realidade, não é mais que um ronrom adormecedor (Vicens, 2008, p. 45).

O discurso como laço social aponta para o modo de aparelhar o gozo através da linguagem. Isso ocorre porque o desenvolvimento civilizatório demanda que o sujeito abdique de impulsos pulsionais ao estabelecer relações. Logo, todo laço social implica um enquadramento da pulsão e resulta na perda de gozo. Assim, pode-se afirmar que todo discurso funciona como um mecanismo para aparelhar o gozo.

Para compreendermos melhor a noção de gozo desenvolvida neste trabalho, é preciso retomar a definição de gozo proposta por Roudinesco e Plon (1998), a partir da elaboração lacaniana. Esse termo é explicado pelos autores no *Dicionário de psicanálise* de modo a distingui-lo do princípio de prazer:

Elaborando a distinção entre necessidade, demanda e desejo, Lacan observa que é o outro, a mãe ou seu substituto, que confere um sentido à necessidade orgânica, expressa sem nenhuma intencionalidade pelo lactente. Em decorrência disso, a criança vê-se inscrita, à sua revelia, numa relação de comunicação em que esse outro (o outro minúsculo), pela resposta que dá à necessidade, institui a existência pressuposta de uma demanda. Em outras palavras, a partir desse instante, a criança é remetida ao discurso desse outro,

cuja posição exemplar contribui para a constituição do Outro (Outro maiúsculo). A satisfação obtida pela resposta à necessidade induz à repetição do processo, escorado no investimento pulsional: a necessidade transforma-se então em demanda propriamente dita, sem que, no entanto, o gozo inicial, o da passagem da sucção para o chuchar, possa ser resgatado. O Outro originário permanece inatingível, barrado pela demanda que se tornou ilusoriamente primária (Roudinesco; Plon, 1998, p. 299-300).

O Outro, objeto dessa demanda impossível, representa uma figuração parcial do objeto perdido. A partir disso, o sujeito repete incessantemente a busca pela Coisa perdida, esse movimento pela busca do gozo é causa de sofrimento no sujeito. Lacan (1992), sobre a repetição do sujeito, afirma que não se trata de uma operação no nível consciente e biológico, mas sim da ordem do real, ou seja, do gozo:

Não nos deixamos de designar o ponto de onde extraíamos essa função do objeto perdido. É do discurso de Freud sobre o sentido específico da repetição no ser falante. De fato, não se trata, na repetição, de qualquer efeito de memória no sentido biológico. A repetição tem uma certa relação com aquilo que, desse saber, é o limite – e que se chama gozo (Lacan, 1992, p. 13).

Desse modo, o gozo aponta para o real, o impossível, e que não cessa de não se inscrever. Para Braunstein (2007), o gozo representa a matéria-prima do trabalho, o inconsciente, e tem como produto o discurso:

É assim que Lacan elabora como se constitui o gozo a partir da “mitopsicologia” freudiana. No princípio era o Gozo, mas desse gozo não se sabe senão a partir do momento em que foi perdido. Por estar perdido, é. E porque o gozo é o real, o impossível, é que se o persegue pelos criadores caminhos da repetição. [...] O gozo da Coisa está perdido, o gozo somente será possível atravessando o campo das palavras. Mas será *outro* gozo: frustrado e evocador. Temos de seguir com Freud e dar com ele o salto irreversível que leva dos *Amfangen* ao *Jenseits*, dos começos ao além, além do princípio do prazer, sobre o terreno já abonado pelo que significou a descoberta do inconsciente e suas formações como modos de tratar o gozo, deslocá-los e colocá-los em palavras. Ponto talvez propício para propor um novo aforismo: *o inconsciente é um trabalho cuja matéria-prima é gozo e seu produto é discurso*. (Braunstein, 2007, p. 40).

Diante disso, Lacan descreve os quatro discursos em um estilo de escritura algébrica. O modo como ele propõe os matemas respeita uma distribuição em dois níveis: o nível das posições e o nível dos termos. As posições são permanentes, porém os termos circulam a depender do discurso. Em relação às posições, temos a seguinte configuração (Figura 1):

Figura 1 – Esquema lacaniano das posições do discurso

o agente	o outro
—	—
a verdade	a produção

Fonte: Lacan (1992).

O agente é quem domina o laço social e organiza a produção discursiva, ele se junta para negar algo, para contornar o impossível; também é o lugar da autoridade do saber. O outro é aquele a quem o discurso se dirige e depende do agente para se constituir, pois ele trabalha para seguir as ordens do amo. A produção é o efeito do discurso, aquilo que cai como resto. A verdade é entendida como o funcionamento, ela sustenta o discurso e não pode ser toda dita, por isso há uma interdição entre a produção e a verdade (Vicens, 2008, p. 46).

Em relação aos termos do discurso, há uma sequência fixa que se alterna em cada uma das posições estruturais. Os termos são: S1, o primeiro significante, o significante-mestre, vazio de significação; S2, o saber do inconsciente; *a*, objeto *a*, objeto mais-de-gozar, aquilo que a linguagem não é capaz de representar, o resto; \$, o sujeito barrado, dividido, esvaziado de toda substância.

Esses quatro lugares e as quatro letras definem quatro combinações, em que as posições devem ser conservadas. Cada rotação das lógicas discursivas aponta para uma mudança da posição discursiva do sujeito e, conseqüentemente, um rearranjo subjetivo. É importante ressaltar que os giros entre os 4 discursos não acontecem necessariamente como resultado de um acontecimento, pois pode haver em uma única situação linguageira a presença de mais de um discurso ao mesmo tempo. Na leitura de Tavares (2010, p. 53):

A relação entre os discursos não é de causa-efeito, tampouco de sucessão; pelo contrário, trata-se de uma relação de trama, de continuidade. Assim, eles não acontecem isoladamente, podendo haver, muitas vezes, manifestações de vários discursos concomitantemente. Semelhantemente, o nome que recebe cada discurso não o restringe aos lugares ou às disposições que os designam. Ele se refere a quatro possibilidades de apreensão de diferentes efeitos do significante.

Para um maior detalhamento do funcionamento de cada discurso, apresento, no tópico a seguir, a representação do matema de cada um deles com suas determinadas especificações.

2.2.1 A teoria dos 4 discursos + 1

Os quatro discursos representam configurações que se diferenciam e se especificam por sua distribuição espacial. Para Lacan, o que está em jogo no funcionamento dos discursos é justamente o fato de eles regularem vínculos sociais entre os sujeitos e, conseqüentemente, fazer laço.

Conforme já foi explorado no tópico anterior, o sujeito que interessa à psicanálise é o sujeito do inconsciente. Esse sujeito, pelo fato de ser vazio, sem qualidades, emerge na relação significante, pois, segundo à máxima lacaniana, um significante representa o sujeito junto a outro significante. Para isso, Lacan (1992) apresenta o seguinte matema para reforçar tais afirmações (Figura 2):

Figura 2 – Matema lacaniano do sujeito do inconsciente

$$\frac{S1 \rightarrow S2}{\$}$$

Fonte: Lacan (1992).

No momento em que o significante (S1) intervém no campo do Outro, ou seja, no campo em que outros significantes se articulam e estruturam um saber (S2), emerge o sujeito dividido (\$). No entanto, essa entrada do sujeito no campo do Outro é marcada por uma perda, algo escapa nesse processo de constituição do sujeito. Lacan denomina essa perda como objeto *a*. Ou seja, é na entrada do sujeito na linguagem que as manifestações gozosas no corpo demonstram a existência do objeto *a*, esse objeto figura o objeto perdido e representa o resíduo do processo de entrada do sujeito na linguagem. Diante disso, essa operação passa a ser representada por Lacan a partir do seguinte matema:

Figura 3 – Matema lacaniano do Discurso do Mestre (DM)

$$\begin{array}{c} \text{Discurso do Mestre} \\ \frac{S1 \rightarrow S2}{\$ // a} \end{array}$$

Fonte: Lacan (1992).

Esse matema é denominado por Lacan como o DM. Compreendo, então, que esse discurso é capaz de representar o discurso do inconsciente e a primeira alienação do sujeito à linguagem. Para Lacan (1992, p. 18),

[...] é fato, determinado por razões históricas, que essa primeira forma, a que se enuncia a partir desse significante, que representa um sujeito ante outro significante, tem uma importância toda particular na medida em que, entre os quatro discursos, ela se fixará no que iremos enunciar este ano como discurso do mestre.

Ademais, o DM se relaciona com o impossível de governar, ou seja, nesse discurso o poder é quem domina (S1). Nesse primeiro matema é importante entender que S1 ocupa o lugar de agente e se refere ao significante mestre: “o mestre deve ser obedecido – não porque nos beneficiaremos com isso [...] – mas porque ele assim o diz. Não há razão para que ele tenha poder: ele simplesmente tem” (Fink, 1998, p. 161). O mestre se dirige ao S2, que ocupa a posição de outro, também considerado como escravo e encarnado de um saber. Já o objeto *a*, que aparece no lugar do produto, “representa o excedente produzido: a mais-valia” (Fink, 1998, p. 161). Na leitura de Badin e Martinho (2018) sobre o DM elaborado por Lacan (1992):

No discurso do mestre, quem ocupa o lugar do agente é quem tem o poder, que se relaciona com os seus “outros”. Na posição de dominante, o mestre autoriza-se partir da subjetividade, pois, por “baixo” de seu cargo há um sujeito – \$ no “lugar” da verdade – que o encobre. Em seu ato de comandar ele espera de seus subordinados a produção de algo, como um objeto ou uma tarefa que lhes são preciosos, pelo objeto *a*, mais-de-gozar. Para que o discurso funcione, o senhor faz um pequeno esforço, dá a ordem. Simplesmente cumprindo sua função de senhor, ele perde alguma coisa. Essa coisa perdida é onde pelo menos algo do gozo deve ser-lhe restituído, precisamente, o mais-de-gozar (Badin; Martinho, 2018).

O excedente representa o objeto de gozo produzido pelo outro, para atender o desejo do mestre. A verdade é ocupada pelo \$, que representa a divisão do sujeito, velada no DM, pois este não pode demonstrar nenhuma fraqueza. No que tange a esse discurso, é importante ainda destacar que a preocupação do mestre não está em saber, mas em ordenar para que se produza seus objetos de gozo, “o que se diz ordinariamente é que o gozo é privilégio do senhor. O interessante, pelo contrário, é o que, lá por dentro, desmente isso” (Lacan, 1992, p. 21). Por isso, é o discurso mais recorrente nas instituições, justamente porque institui uma lei.

Passemos agora ao segundo discurso, o Discurso Universitário (DU), que pode ser representado conforme a Figura 4:

Figura 4 - Matema lacaniano do Discurso Universitário (DU)

Discurso Universitário		
$\frac{S2}{S1}$	\rightarrow	$\frac{a}{\$}$

Fonte: Lacan (1992).

O DU representa o impossível de se educar e tem o saber totalizante (S2) no lugar dominante. Esse saber, S2, se dirige a um Outro, posicionado como vazio, ou seja, esvaziado de um saber e ocupado pelo objeto *a*. Lacan propõe a denominação de ‘astudante’, pois, assim como no DM, quem trabalha para a produção é o escravo. No DU quem produz é o *a*, estudante, pois ele é considerado um sujeito vazio:

No campo das ciências que ousam intitular a si mesmas de ciência humana, vemos claramente que o mandamento *Continue a saber* faz um pouco de reboição. De fato, como em todos os outros quadradinhos ou esquemas de quatro patas, quem sempre trabalha é esse que está aqui, no alto e à direita – para fazer a verdade brotar, pois este é o sentido do trabalho. Aquele que está neste lugar, no discurso do mestre, é o escravo, e no discurso da ciência é o *a* estudante (Lacan, 1992, p. 110).

O DU coloca como dominante um saber que, em prol de ser totalizante, tenta camuflar a divisão inerente ao sujeito e a incompletude do saber. O S1, significante mestre, fica, assim, velado no lugar da verdade, porém imprime seu imperativo. O produto é ocupado pelo sujeito dividido, alienado e assujeitado:

O discurso universitário traz o sujeito como produto, revelando que a aposta de que tudo se reduz ao saber é uma aposta impossível, a qual acaba produzindo sujeitos divididos, marca da incompletude do campo do saber. Esse produto, entretanto, é silenciado pelo discurso, pois ele reenvia o encadeamento discursivo, convidando o sujeito a uma nova aposta no saber. O significante mestre ordena o saber (Silva, 2018, p. 171)

O resultado nesse discurso é um sujeito barrado que, para Lacan, não adquire um saber, pois é representado pela sua incompletude. Nesse sentido, esse discurso coloca o estudante no lugar de objeto *a*, pois ele ocupa a posição a quem o saber se dirige, se colocando a serviço do saber, no entanto não produz nada novo justamente pelo fato de que o DU não visa aprendizagem, mas o estabelecimento de uma hegemonia de conhecimentos a serem repetidos.

Passemos agora ao Discurso do Analista (DA):

Figura 5 - Matema lacaniano do Discurso do Analista (DA)

Discurso do Analista		
$\frac{a}{S2}$	\rightarrow	$\frac{\$}{S1}$

Fonte: Lacan (1992).

Diante do impossível de psicanalisar, Lacan propõe o DA, estabelecendo a prática analítica como uma experiência de discurso em que o objeto a (a) domina. Como pode ser visto no matema (Figura 5), o objeto a , causa do desejo, é que ocupa a posição de agente desse discurso e se direciona ao sujeito dividido ($\$$) para a produção de um saber sobre si ($S1$). O DA advém de um não sentido que instaura um corte no sujeito dividido pelo inconsciente, exigindo desse sujeito a produção de um novo saber.

O analista desempenha a função de pura condição desejante, e interroga o sujeito na sua divisão, precisamente naqueles pontos onde a clivagem entre o consciente e o inconsciente aparece: lapso de língua, atos falhos e involuntários, fala ininteligível, sonhos, etc. Dessa forma, o analista leva o paciente a trabalhar, a associar, e o produto dessa associação árdua é um novo significante mestre. (FINK, 1998, p. 166)

Nesse caso, o analista, que ocupa a posição de objeto a , é sustentado pelo saber ($S2$) adquirido em sua análise, “[...] ao qual, com sua formação, dá uma consistência de escritura” (Vicens, 2008, p. 49). Desse modo, entendo que o discurso do analista tem como característica fundamental oportunizar a suspensão das certezas do sujeito, desestabilizar a cadeia de significantes na qual se ampara. O furo instaurado pelo DA pode questionar e abrir brechas na rede de identificações do sujeito. A partir daí, é possível que o sujeito a restabeleça em torno de outras e novas identificações.

Figura 6 - Matema lacaniano do Discurso da Histérica (DH)

Discurso da Histérica		
$\frac{\$}{a}$	\rightarrow	$\frac{S1}{S2}$

Fonte: Lacan (1992).

Por último, o DH (Figura 6) é teorizado por Lacan diante do impossível de fazer desejar. O agente agora é ocupado pelo sujeito dividido ($\$$), aquele que busca uma resposta do outro ($S1$) para produzir um saber ($S2$), ao qual possa se alienar. Esse discurso é capaz de interpelar

o outro a respeito do seu enigma subjetivo. Neste caso, o gozo advém do prazer da histérica em obter saber. Conforme Fink (1998)

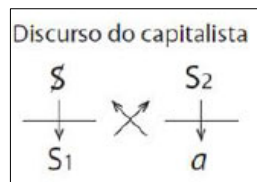
O discurso da histérica é exatamente o oposto do discurso da universidade, todas as posições são invertidas. A histérica mantém a primazia da divisão subjetiva, a contradição entre consciente e inconsciente e, portanto, a natureza conflitante ou contraditória do desejo de si (Fink, 1998, p. 163).

Além do DH, Lacan adicionou um +1 discurso: o discurso do capitalista (DC). Para ele, esse último discurso se relaciona ao fazer comprar, mas não produz laço, pois se relaciona somente com os objetos e exclui o outro do laço. Souza (2008) elabora a seguinte proposição em relação a esse discurso:

Ao se referir ao cotidiano das pessoas, Lacan aludiu a esse indivíduo que é completado com o *mais-gozar* e que ao ter generalizado essa condição de proletário desenvolve um tipo de sintoma social. Desde que os objetos passam a ter um acréscimo de gozo em sua produção e se criava uma nova maneira de tratar o real, perde a possibilidade de fazer qualquer tipo de laço social na modernidade (Souza, 2008, p. 154).

Lacan (1992) propõe que o discurso do capitalista opera como uma forma de deslizamento do DM, pois, por muito tempo, o DM representou a dominação. Porém, com o passar do tempo, o discurso do capitalista passou a assumir o comando, motivado pelos interesses da sociedade capitalista. Conforme propõe Lima (2013, p. 482) “O discurso do capitalista corresponde a um deslocamento a partir do DM. O gozo produzido neste discurso ganha um caráter contábil quando passa a valor relativo a um mercado”. Esse discurso é representado por Lacan a partir do seguinte matema (Figura 7):

Figura 7 - Matema lacaniano do Discurso do Capitalista (DC)



Fonte: Lacan (1992).

Nesse discurso, que pode ser visto como uma passagem do mestre tradicional para o mestre moderno, capitalista, há uma passagem de um mestre que atuava na ordem da repressão, para um mestre que comanda o gozo. Esse discurso sustenta a ideia de que não existe

impossibilidade entre o sujeito e o objeto, como pode ser visto pela circularidade das setas demonstradas no matema. Braunstein (2010) constrói sua explicação do matema, sustentado pela teoria lacaniana, propondo que:

O sujeito \$ aparece ocupando o lugar do agente no discurso do capitalista e no da histórica. Porém, enquanto a histórica se dirige ao mestre (vetor \$ => S1) e o comina à produção do saber (S2), o capitalista não se dirige a nenhum outro (eventualmente, o proletário) e aparece dissociado do saber. Já não importa quem é o anônimo e desfigurado produtor do objeto *a*. Mas importa, sim, que o produto volte às mãos do capitalista: mostra-o o vetor diagonal ascendente que vai de *a* (abaixo à direita) a \$ (acima à esquerda) (Braunstein, 2010, p. 151).

Diante disso, no DC, o mestre moderno se apropria do saber do escravo, explorando o gozo do escravo para transformá-lo em lucro, como foi dito por Lima (2013, p. 483): “O saber passa a valer o quanto se pode vender para ele e comprar dele. Nessas condições, o ‘próprio trabalhador’ também vai se transformar num valor de mercado que pode ser vendido e comprado, ou seja, ele tem seu “passe” colocado à venda”.

Acredito que, ao relacionar o DC com a problemática do envelhecimento no Brasil, podemos compreender a busca incessante por propostas que anunciam o adiamento da tomada de consciência sobre os efeitos do envelhecer, tais como os procedimentos cirúrgicos, por exemplo, que prometem uma aparência jovial em qualquer idade. Esse discurso promete uma solução para o mal-estar que muitas pessoas sentem ao se deparar com o envelhecimento. No entanto, a divisão do sujeito aponta para uma impossibilidade de preencher essa falta subjetiva com os objetos disponíveis pela ciência. A não-produção de laço desse discurso pode ser visto pelo mal-estar que continua assolando muitas pessoas idosas que acabam se colando de algum modo ao DC, fazendo com que esses sujeitos busquem espaços como o Desabroche para tentar elaborar sua experiência diante do *envelhe-ser*.

Dessa maneira, entendo que mesmo o discurso sendo considerado como sem palavras, é na estrutura do significante que ele se funda, pois, como pôde ser visto, os quatro discursos regulam e ordenam os laços sociais entre os sujeitos. Diante da possibilidade de adotar a lógica dos discursos como um dispositivo teórico-metodológico nesta pesquisa, acredito que essa teoria aponta para a prática da escuta sustentada pela psicanálise no espaço Desabroche e, conseqüentemente, para a possibilidade de o sujeito (res)significar sua posição frente ao Outro e a suas experiências.

Logo, essa teoria norteou meu gesto de interpretação na análise empreendida nesta tese, ao me permitir problematizar os possíveis deslocamentos identitários que os participantes

realizaram. As pontuações, observações e questionamentos levantados por mim como mediadora parecem ter sido sustentados, em sua grande maioria, pela lógica discursiva do analista, pois foram feitos no intuito de suspender as certezas daqueles sujeitos.

Além disso, parto do pressuposto de que a experiência estética¹² propiciada pelo contato com a arte, através das produções artístico-culturais, também pode ter contribuído, em certa medida, para a instauração do DA, pois elas são capazes de mobilizar o sujeito e fazê-lo repensar as certezas sobre si e a se deparar com um não-sentido. Assim, no capítulo em que empreendo meus gestos de interpretação sobre o *corpus* como modo de discutir os resultados da análise, pretendo investigar como cada sujeito pode encontrar novos significantes para compor sua rede de identificação, na busca por construir um novo saber sobre si.

2.2.2 Considerações sobre a transferência

Como já foi abordado neste capítulo, Lacan propõe que o discurso é aquilo que faz laço. Para apresentar sua teoria dos discursos, ele funda a lógica dos 4 discursos, que foram discutidos no tópico anterior, e que serão dispositivos importantes no momento da análise desta tese para investigar os possíveis mo(vi)mentos de (res)significação dos participantes do Desabroche. No entanto, é preciso compreender um fenômeno crucial para que o sujeito circule pelas lógicas discursivas, estabeleça uma relação com o saber e, então, para que esse laço se estabeleça. Esse fenômeno capaz de fazer com que o sujeito entre na lógica dos discursos é tratado pela psicanálise freudo-lacanianiana como transferência.

Em 1900, no livro *A interpretação dos sonhos*, Freud menciona pela primeira vez a palavra “transferência”. Nesses estudos iniciais, é postulado que, embora esse fenômeno tenha sido percebido por ele primeiramente em uma relação psicanalítica, a transferência está presente em todos os contextos da vida humana. Segundo Kupfer (1997), esse fenômeno pode ser observado até mesmo na relação professor-aluno:

Freud chega a afirmar que ela [transferência] está presente também na relação professor-aluno. Para ele, trata-se de um fenômeno que permeia qualquer relação humana. É isso o que nos autoriza a substituir a expressão ‘relação analista-paciente’ pela expressão “relação professor-aluno” (Kupfer, 1997, p. 88).

¹² Esse conceito será mais bem explorado no Capítulo 3.

Portanto, diante do questionamento sobre o que são transferências, Freud (1988) define esse fenômeno como sendo:

[...] reedições dos impulsos e fantasias despertadas e tornadas conscientes durante o desenvolvimento da análise e que trazem como singularidade característica a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Ou, para dizê-lo de outro modo: toda uma série de acontecimentos psíquicos ganha vida novamente, agora não mais como passado, mas como relação atual com a pessoa do médico (Freud, 1988, p. 98).

Diante disso, entendo que a transferência, nos estudos freudianos, é considerada um fenômeno onipresente nas nossas relações e passa a operar em uma relação entre um sujeito que demanda um saber e um sujeito suposto saber. Nesse conceito freudiano, há uma reedição, no presente, das fantasias impressas nos primeiros anos de vida, a partir das relações fraternais que determinaram a constituição de um sujeito.

Portanto, na visão freudiana, a transferência surge em todas as relações humanas em que possíveis identificações possam se instaurar entre alguém que demanda um saber a um outro que ocupa o lugar de suposto saber¹³ (Freud, 2020d). Logo, podemos trazê-la para o contexto do espaço de escuta Desabroche, no qual o mediador e, até mesmo, outros participantes podem ocupar esse lugar de suposto saber.

No Desabroche, a partir da possibilidade de se desencadear uma experiência estética pela via do não-sentido e, conseqüentemente, algo do mal-estar constitutivo da experiência subjetiva emergir, aquele que fala, que compartilha suas queixas e histórias de vida, ocupa a posição de quem demanda o saber. Com isso, esse sujeito passa a depositar sobre o mediador um suposto saber sobre si. Isso só é possível com a instauração da transferência nessa relação, pois o participante, à medida que vai falando, rememorando, elaborando as causas daquilo que o faz sofrer, passa a depositar no mediador as suas frustrações, suas experiências traumáticas.

Esse saber em questão, que pode advir na relação transferencial, não é qualquer um. Ele se refere ao saber inconsciente, ou seja, um saber que não se sabe. Dito isso, o sujeito que se põe a falar, diante da figura daquele que ocupa o lugar de analista e, portanto, sujeito suposto saber, transfere sobre ele esse não-saber inconsciente.

Para Lacan (1985), a sede de saber surge no momento da entrada do sujeito na linguagem, pois é a partir disso que o sujeito começa suas indagações sobre sua origem. Ou seja, o saber é movido pela falta. Na leitura de Diniz (2006):

¹³ Compreendo que no *setting* analítico as identificações podem possibilitar a entrada do sujeito em análise. No entanto, os processos identificatórios precisam ser manejados, pois caso persista esse tipo de laço entre analista e analisando, o processo de análise está fadado ao fracasso.

É a falta que impulsiona o sujeito a buscar no social e no cultural, respostas para o que não tem como ser respondido. O que nós fazemos, então, desde a infância, é tentar construir um saber que tampona esse furo que é estrutural. Mas a psicanálise afirma que não é possível preencher a falta com o saber, pois sempre haverá um resto impossível de ser acessado. Esse resto nos moverá numa busca constante.

Se, para a psicanálise freudo-lacaniana, a instauração da transferência é um fator crucial para que o sujeito entre em análise, podemos considerar que esse fenômeno também é decisivo entre o mediador e os participantes no espaço de escuta, para instaurar a relação com o saber, ou seja, para que o sujeito possa se deixar afetar por uma experiência estética ou por um não-sentido instaurado pelo DA, e elaborar um novo saber sobre si.

No entanto, ao considerar a noção de transferência proposta pela teoria freudiana, é importante salientar que no Desabroche o que está em causa não é a reedição dos afetos, mas sim a relação com o saber da mediadora e como essa relação é transmitida para os participantes.

Por esse motivo, é necessário avançar na conceitualização dessa noção e considerar os estudos lacanianos sobre o fenômeno da transferência. Lacan (1985) afirma que a transferência estabelece algo muito maior do que apenas uma relação aqui e agora, pois o processo transferencial está para a ordem da criação, ou seja, “o que se cria é uma peça inteira, com cenário, roteiro, personagens, etc.” (Mrech, 1999, p. 63). Nesse sentido, o que importa são os impactos e o poder do processo transferencial na história do sujeito, pois, segundo Mrech (1999),

Lacan faz um trânsito das concepções que privilegiam a transferência como meramente afetiva, para uma outra, mais incrementada, onde a transferência passou a ser vista como uma elaboração de saber trazida pelo sujeito a partir da sua história pessoal (Mrech, 1999, p. 66).

Nesse ponto, entendo que a elaboração de um saber é vista como um resultado da instauração do fenômeno da transferência entre o sujeito participante do Desabroche e a mediadora. Haja vista que o conceito de saber é muitas vezes confundido com o de conhecimento, Lacan tratou de diferenciá-los. Segundo Mrech (1999), para o psicanalista, o saber está para a ordem de uma elaboração pessoal do sujeito, enquanto o conhecimento é da ordem da informação. Portanto, para a Psicanálise, a relação com o saber está para a ordem de uma elaboração pessoal:

A relação de um sujeito com o saber, além de incorporar os aspectos objetivos (conhecimento) presentes nos processos educativos e socioculturais, supõe,

também, aspectos subjetivos marcados pela incidência do inconsciente (Diniz, 2006).

Além disso, segundo Charlot (2000), não é correto dizer que o sujeito tem uma relação com o saber, e sim que ele *é* uma relação com o saber. Como sujeitos desejantes, sempre buscamos algo, aquilo que nos falta; por isso, a relação com o saber implica sempre o desejo. Com isso, compreendo que tanto os processos identificatórios, quanto os transferenciais são eventos fundamentais para que o sujeito estabeleça uma relação com o saber e (res)signifique experiência sobre si diante de um espaço de escuta como o Desabroche.

CAPÍTULO 3 – O SOLO – REPRESENTAÇÃO DA VELHICE: (IN)ÚTEIS, (DES)NECESSÁRIOS E (IN)VISÍVEIS

(...) não entendo por que "velho" é politicamente incorreto. "Idoso" é palavra de fila de banco e de fila de supermercado; "velho", ao contrário, pertence ao universo da poesia. Já imaginaram se o Hemingway tivesse dado ao seu livro clássico o nome de "O idoso e o mar"? Já imaginaram um casal de cabelos brancos, o marido chamando a mulher de "minha idosa querida"?

(Rubem Alves – Texto: Gestos amorosos, 2008)

Em um dos primeiros encontros do Desabroche em 2020, as participantes, todas mulheres, foram interrogadas por mim sobre com qual termo elas se sentiam representadas: idosas, velhas ou pessoas na terceira idade. Unanimemente, elas responderam que não gostam de nenhum dos três termos, pois não se sentem velhas, não são idosas e nem estão na chamada “terceira idade”. De acordo com elas, esses termos se referem a pessoas “*muuuuito velhinhas, que mal conseguem andar e que precisam de ajuda para tudo*”¹⁴.

Diante dessa situação, deparei-me com um impasse. Se esse é um espaço para discutir envelhecimento, quem são essas pessoas que aqui estão? E quem são as pessoas consideradas como velhas e/ou idosas? Afinal esses são alguns nomes pelos quais as pessoas 60+ são designadas.

Nesse sentido, ao voltar meu interesse de pesquisa para o público idoso, é importante, primeiramente, esclarecer quem são os idosos no contexto brasileiro contemporâneo. Esse panorama permite inventariar, em certa medida¹⁵, a memória discursiva sobre a velhice e sobre as pessoas 60+ no Brasil. Recorro ao conceito de memória discursiva neste trabalho a partir dos estudos discursivos desenvolvidos por Orlandi (1999), que me permitem considerar essa noção como “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível” (Orlandi, 1999, p. 31), ou seja, a memória discursiva pode constituir um imaginário social sobre o envelhecimento, sendo, portanto, um

¹⁴ Fala de uma das participantes durante os encontros do Desabroche.

¹⁵ Compreendo que em nossa sociedade brasileira não é possível tratar de pessoas 60+ de modo genérico, pois contamos com uma desigualdade social muito grande. Sabendo disso, optei por focar em um contexto social que mais se aproxima dos participantes do Desabroche, afinal, são eles os protagonistas deste estudo. Por isso, ao tratar do público 60+, estarei me referindo àquela parcela que se insere como sendo classe média, moradores de cidade de médio e grande porte, com escolaridade de nível médio completo; que tem acesso à internet, a celulares e, até mesmo, a algumas tecnologias da informação e comunicação; além disso, grande parte tem acesso às redes de comunicação digitais, tais como *WhatsApp, Instagram, Facebook*, entre outras.

aspecto subjetivante importante para as pessoas 60+ e, mais especificamente, para os participantes do Desabroche, pois incide direta e indiretamente nas representações.

Ademais, movida por grande inquietação sobre o lugar discursivo que os idosos ocupam na sociedade atual, comecei a me questionar: quem são essas pessoas que não assumem a posição de idoso diante de tal questionamento, mas que se apresentam em um espaço que trata de assuntos relacionados à velhice? O que é envelhecer na memória discursiva dessas pessoas? Tais dúvidas me levaram até o caminho teórico que percorri nesta pesquisa. Foi dentro dos estudos psicanalíticos, recorrendo a alguns conceitos do campo discursivo que essas indagações encontraram uma base teórica para guiar esta pesquisa.

Diante de tais questionamentos, recorri aos estudos discursivos para compreender a noção de representação que mais esclarecesse as questões sociais que essa noção aponta. Por esse motivo, entendi que, pelo fato de a teoria psicanalítica, neste ponto teórico, não contemplar a perspectiva social e discursiva do conceito de representação, optei por explorar o campo discursivo em busca de elaborar como a representação de velhice circula no imaginário social. De acordo com Dunker, Paulon e Millán Ramos (2016), a psicanálise abre espaço para outras disciplinas, por seu caráter transdisciplinar, mas deve-se ter um certo cuidado nessa composição:

Qualquer “composição” entre psicanálise e outra disciplina, saber ou prática, deve ser construída em nível *local*, examinando um procedimento ou conceito por vez, sem ceder às tentações da dedução generalizada de argumentos. [...] Este caráter local e fragmentário distingue o modo como Lacan explorou a relação entre a psicanálise e outras disciplinas – tais como filosofia, linguística, antropologia, lógica-matemática, topologia – mas também discursos – como a literatura, a poesia chinesa, a tragédia e a casuística clínica. Constitui um traço crucial de seu pensamento, com efeitos marcantes em seu estilo de transmissão, essa hibridização de discursos. Inúmeros traços do corpo teórico da psicanálise, hoje considerados parte de seu “núcleo duro”, em algum momento foram acréscimos provisórios, derivados de explorações conceituais em disciplinas vizinhas que chegariam a incorporar-se como articulações válidas e inovadoras (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016, p. 9-10).

Nesse sentido, a escolha em recorrer ao campo discursivo foi feita considerando o contexto local desta pesquisa, pensando na particularidade em que o público 60+ está inserido hoje no Brasil, e abrange as questões que mais me interessam no que tange às consequências das representações de velhice no imaginário social.

3.1 A noção de representação

Ao pensar na possibilidade das participantes não se sentirem representadas pelas expressões comumente utilizadas na sociedade para se referir às pessoas 60+ (velhas, idosas, pertencentes à terceira idade, entre tantas outras que circulam na nossa sociedade), é preciso retomar a constituição do sujeito na/pela linguagem, para então compreender a noção de representação que será tratada neste trabalho.

Conforme já abordado no capítulo anterior, a noção de sujeito como constituído na/pela linguagem implica dizer que é preciso que o sujeito seja banhado pela linguagem para se inserir na cultura (Lebrun, 2008). Dizer que o sujeito é banhado pela linguagem não aponta para um sujeito pleno, completo, pois o sistema de linguagem ao qual o sujeito se submete será constituído de significantes que “só valem por suas diferenças uns em relação aos outros e não enquanto tais” (Lebrun, 2008, p. 50). Essa afirmação pode ser observada no fato de que algumas pessoas 60+ se sentem representadas nas palavras velho/idoso/terceira idade, e outras não, podendo preferir serem chamadas de jovens, adultos, e até mesmo de “pessoas mais velhas”, mas não “velhos”.

Ao retomarmos a ideia da constituição do sujeito como uma metáfora do preenchimento da concha vazia, é preciso reforçar o fato de que, justamente pelo caráter de incompletude da linguagem, não há garantia desse preenchimento, nem tão pouco que os significantes irão dizer quem o sujeito é. É preciso que o sujeito se torne singular, sem deixar de considerar as palavras do Outro. No campo do Outro reside a condição de certa consistência para o eu, no entanto, tal consistência é sempre pontual e ilusória, reforçando o processo de constituição do sujeito. Lebrun (2008, p. 52) reforça essa ideia dizendo que:

Com efeito, não há nenhuma garantia que, no Outro, dirá quem eu sou. Esse sistema de linguagem através do qual devo passar para emergir como sujeito é sem garantia final. E é, paradoxalmente, essa ausência de garantia que induz a própria possibilidade de minha singularidade, de meu desejo próprio. O fato de que o que me vem do Outro, e que me é indispensável para tornar-me sujeito, não me diga isso por inteiro é bem feliz. Pois, se não fosse assim, não haveria mais liberdade alguma possível.

É nessa tentativa incessante de busca de significação e representações de si que o sujeito discursiviza, enquanto um eu enunciador afetado pelo inconsciente, buscando recobrir o mundo com palavras. No entanto, há algo que fica fora, pois é impossível de ser representado com palavras, por isso, essa concha jamais será totalmente preenchida. Logo, coaduno com a

proposta apresentada por Tavares e Silva (2015), que consideram, em seus estudos, as representações como meios que o sujeito encontra para atribuir sentido:

A faculdade de representar o mundo é responsável por permitir ao sujeito atribuir sentido a ele e, nele, assumir uma posição, indiciando que toda prática de representação deixa flagrar não só a incidência do sócio-histórico-ideológico na discursivização dos objetos, mas, também, a subjetividade que marca a relação do sujeito com eles (Tavares; Silva, 2015, p. 303).

Ao adotar essa noção de representação, a qual apresenta ressonância do campo da Análise de Discurso de linha francesa afetados pela psicanálise, é preciso salientar que a forma como o sujeito assume uma posição discursiva no mundo tem relação direta com a forma como ele se vê inscrito sócio-histórico-ideologicamente, pois é o Outro quem primeiramente endereça o sujeito a um contexto. Isso diz muito quando consideramos que as pessoas 60+ participantes do Desabroche não se sentem representadas pelas palavras velho, idoso e terceira idade.

Por isso, para abordar a noção de representação adotada neste estudo, foi necessário fazer uma incursão nos estudos discursivos franco-brasileiros, afetados pela psicanálise, pois essa perspectiva discursiva mobiliza o conceito de sujeito da psicanálise em seu enquadre epistemológico e me permite compreender a relação de representação com a linguagem. Além disso, esse campo de estudo permite esclarecer que as representações não indicam uma transposição real e completa do mundo, mas sim modos “de interpretação da realidade e podem ser percebidas por meio de imagens, enunciados ou signos, o que não implica uma apreensão fiel da realidade” (Tavares, 2010, p. 130). Nessa perspectiva, a autora afirma que a noção de representação aponta para uma tentativa de atribuir sentido através da repetição, amparada pela linguagem, pela cultura e pelo contexto sócio-histórico.

A representação se refere à repetição de algo com um elemento novo, diferente, uma re-apresentação, uma tentativa de apreensão do real por meio de sistemas de significação. Por se tratar de um evento que se manifesta pela linguagem, a representação também está sujeita à indeterminação, à ambiguidade, à instabilidade, ao equívoco e, por isso, não pode ser considerada como uma mimesis ou um reflexo da realidade. A representação é considerada, portanto, como uma forma de atribuição de sentidos inserida em um sistema linguístico e cultural, submetida a relações de poder, a condições sócio-históricas e ao desejo de fazer sentido (Tavares, 2010, p. 132).

O conceito de representação elaborado por Tavares (2010) considera alguns elementos que contribuem para o processo representacional, tais como a relação de poder, o contexto sócio-histórico e o desejo de fazer sentido. Desse modo, as representações são constituídas a

partir de várias associações e não apontam para algo unitário. Assim, é possível compreender o fato de que a expressão terceira idade tenha caído em desuso nos últimos anos, não somente nos documentos oficiais¹⁶, mas também na não identificação de grande parte das pessoas 60+ com esse termo.

Logo, para sustentar essa noção de representação como uma interpretação do mundo, recorro a teoria discursiva foucaultiana, a qual reforça que um objeto é parcialmente representado pela palavra. No ensaio, publicado em forma de livro, *Isto não é um cachimbo* (1988), Foucault apresenta sua análise de uma obra de arte do artista René Magritte em que há três elementos na mesma pintura: um cachimbo, que flutua na tela; outro cachimbo, que parece ser o reflexo de uma imagem ao fundo; e uma frase escrita com o mesmo nome do quadro “Isto não é um cachimbo”. Foucault (1988, p. 35) argumenta, então, reforçando a ideia expressa por Magritte em seu quadro, que os cachimbos do quadro não são cachimbos, mas sim a representação dele, ou seja, não é um cachimbo, mas um desenho do cachimbo, ou a palavra “cachimbo”. As imagens e a palavra no quadro são representações de um objeto. Foucault (1988, p. 66) elabora a seguinte teoria a partir de uma possível enunciação do cachimbo acerca de sua realidade:

O que vocês veem flutuar diante de seus olhos, fora de todo espaço, e de todo pedestal fixo, essa bruma que não repousa nem sobre uma tela nem sobre uma página, como poderia ser ela realmente um cachimbo: não se enganem, sou apenas um similar — não alguma coisa semelhante a um cachimbo, mas essa similitude nevoenta que, sem remeter a nada, percorre e faz comunicar textos como este que podem ler e desenhos como aquele que está lá embaixo. Mas o enunciado assim articulado já duas vezes por vozes diferentes toma a palavra por sua vez para falar de si próprio: "Estas letras que me compõem e das quais vocês esperam, no momento em que empreendem sua leitura, que denominem o cachimbo, essas letras, como ousariam elas dizer que são um cachimbo, elas, que se encontram tão longe do que denominam? Isto é um grafismo que só se parece consigo e não poderia valer por aquilo do que fala". Há mais ainda: estas vozes se misturam aos pares, para dizer, falando do terceiro elemento, que “isto não é um cachimbo” (Foucault, 1988, p. 66).

A partir da análise de Foucault do quadro de Magritte, compreendo que a noção de representação diz respeito a como a linguagem, seja ela em forma de palavra, imagem, som, institui um objeto. No seu livro *As palavras e as coisas* (1999, p. 23), o autor reforça que a

¹⁶ Em 2023, o Governo Federal publicou um documento chamado “Guia para uma comunicação responsável sobre a pessoa idosa” em que deixa claro que termos como avós, aposentados, sexagenários, terceira idade, melhor idade, etc, devem ser evitados para se referir ao público 60+. Disponível em <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoa-idosa/publicacoes/guia-para-comunicacao-responsavel-sobre-a-pessoa-idosa.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2024.

noção de representação é importante, pois é ela que “[...] comanda o modo de ser da linguagem, dos indivíduos, da natureza e da própria necessidade. A análise da representação tem, portanto, valor determinante para todos os domínios empíricos”. Portanto, diante da teoria foucaultiana concluo, com as palavras de Galvão (2014, p. 42), que a representação é uma “transposição incompleta do mundo, é um método/técnica de objetificação do mundo. O mundo enquanto objeto surge na representação, sendo diferente do mundo/coisa”.

Contudo, mesmo com as diferentes formas pelas quais as pessoas 60+ têm sido representadas na sociedade, há no imaginário algo da singularidade que impede com que muitas pessoas 60+ se reconheçam nessas representações. Diante disso, este trabalho, ao tratar de representação, não ignora o que foi postulado por Foucault, mas volta seu olhar para a relação do sujeito com a realidade, ou seja, passa a se interessar pela forma como o sujeito confere o sentido a realidade.

Nesse sentido, retomo a ideia de Lebrun (2018) em que o sujeito está condenado à representação, pois não há uma linguagem plena capaz de recobrir todos os sentidos para o sujeito:

Logo, para o ser falante, não há mais pura e simples apresentação, não há mais transparência, não há mais ser-ali que preencha. Nem, tampouco, acordo perfeito, concordância, harmonia total, comunicação ideal. Todas essas faltas não resultam de uma impotência provisória que um outro dia poderia ser diminuída, mas de uma impossibilidade radical, irreduzível: é o preço pago para que a possibilidade da fala possa prosseguir. Logo, a passagem pela língua põe o mal-entendido e a dissimetria no cerne de nossas relações. Basta que haja fala para que dois lugares diferentes, de imediato, se constituam (Lebrun, 2018, p. 73).

Portanto, acredito que os participantes do projeto Desabroche, ao negarem os nomes que representam grande parte das pessoas 60+ no Brasil, estão, de algum modo, deixando flagrantemente algo da subjetividade de cada um deles, que, por meio da linguagem, têm buscado outras formas de se representar e de serem representados no mundo. Embora essa busca por uma palavra que os represente, em vários momentos, aponte para um certo mal-estar, há uma certeza apontada pela maioria deles: eles não se sentem representados como velhos, nem idosos e nem concordam com o fato de estarem na terceira idade, mesmo sentindo as mudanças biológicas no corpo e na cultura.

Assim sendo, deparo-me com o questionamento: como essas expressões passaram a representar sentidos tão repulsivos para essas pessoas? A resposta para essa pergunta aponta para a memória discursiva sobre o envelhecimento construída ao longo dos anos, pois ela é

capaz de aglutinar as discursividades sobre um determinado objeto discursivo, neste caso o envelhecimento, constituindo o campo de saber daquilo que pode ser dito sobre a velhice, atribuindo sentidos ao *envelhe-ser*. Ao recorrer à noção de memória discursiva nos estudos discursivos é preciso compreender que para esse campo:

Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador (Pêcheux, 1999, p. 50).

A memória discursiva aponta para alguns significantes que, até então, têm marcado essa etapa da vida, como por exemplo: a inutilidade, decadência, entre outros. Logo, ela pressupõe o que Achard (1999) chama de vulgata, senso comum, que advém de uma popularização de significados, que possui regularidade. No tópico seguinte veremos como essa memória discursiva pode incidir sobre as representações de velhice no Brasil.

3.2 A representação de velhice no Brasil

As problematizações relacionadas aos modos de envelhecimento têm ganhado mais espaço na sociedade e no âmbito acadêmico há pouco tempo. Ao olharmos para o texto de Simone de Beauvoir (2018), escrito em 1970, parece-nos que a autora diz de uma velhice atual. Contudo, não se pode deixar de considerar as transformações em torno da ideia de velho que hoje circulam na sociedade ocidental. Arrisco dizer que, talvez, em 1970, Beauvoir não tenha mobilizado tantas provocações na sociedade em torno do tema proposto em seu ensaio. Provavelmente, esse silenciamento tenha perdurado por muitos anos, até que a pirâmide etária começou a se inverter e as discussões sobre envelhecimento parecem ter emergido. Sobre a inversão da pirâmide etária, Carvalho e Rodríguez-Wong (2008), em suas investigações sobre esse tema, afirmam que:

a população idosa (65 e mais anos de idade) aumentará a taxas altas (entre 2% e 4% ao ano), a população jovem tenderá a decrescer. Segundo projeções das Nações Unidas, de 3,1% da população total, em 1970, a população idosa brasileira deverá passar a aproximadamente 19%, em 2050 (Carvalho; Rodríguez-Wong, 2008, p. 597).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019 o número da população idosa no Brasil alcançou 32,9 milhões e, comparado com crianças de

até 9 anos, o número de pessoas acima de 60 anos é superior. No ano de 2022, o Censo Demográfico aconteceu e novos dados mais recentes sobre o envelhecimento no Brasil foram divulgados. Segundo o IBGE, em 2022, o número de pessoas com 60 anos ou mais no Brasil era de 11,3%, hoje esse número representa 15,1%.

Diante de dados que comprovam um crescimento da população idosa no Brasil, falar sobre a velhice na contemporaneidade ainda parece ser um incômodo para muitas pessoas. Falar do contemporâneo demandaria uma problematização extensa partindo de alguns pensadores que discutem o termo. Porém, como não é o enfoque desta tese, amparo-me, pontualmente, na proposta de Giorgio Agamben (2009) no que tange à noção de contemporâneo, visto que esse autor considera a contemporaneidade como um espaço com muita luz, em que o sujeito contemporâneo deve ser capaz de buscar as sombras de seu tempo. Agamben (2009) afirma que o sujeito contemporâneo deve se afastar do seu tempo para poder, então, enxergar o que de fato acontece no presente. Para o autor:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (Agamben, 2009, p. 59).

Diante disso, é possível compreender a dificuldade em tratar de temas considerados contemporâneos, pois não se trata de viver em outro tempo, mas sim de conseguir manter um olhar crítico diante das tantas questões que nos cercam:

O poeta - o contemporâneo - deve manter fixo o olhar no seu tempo. [...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente (Agamben, 2009, p. 62-63).

Manter o olhar fixo no nosso tempo e perceber o escuro, mergulhando nas trevas do presente é o que move as problematizações levantadas neste estudo. Além de se tratar de um tema complexo por ser contemporâneo, o envelhecimento apresenta-se como incômodo devido às várias noções que a imagem dessa etapa da vida carrega no imaginário coletivo. Dentre elas estão as de que a pessoa velha se torna alguém incapacitado, inútil e um peso para a sociedade. As pesquisadoras Minó e Mello (2021, p. 278) afirmam em seu estudo sobre representações da velhice que:

[...] por conta da carga de preconceitos que os velhos carregam, muitos deles resistem à velhice revelada em seus corpos, buscando meios de retardar esta fase, através do vestuário, do uso de cosméticos e de intervenções cirúrgicas. Esse comportamento pode ser fruto da pressão social sofrida por ter um corpo que biologicamente envelhece e, devido ao olhar de censura da sociedade, os velhos buscam formas de maquiar a realidade.

Essas noções preconceituosas relativas à velhice podem ser percebidas no próprio documento oficial nacional que garante os direitos dos idosos: o Estatuto da Pessoa Idosa. Esse documento foi elaborado e proposto em 1997, mas só foi aprovado e sancionado em 2003 e editado, mais recentemente, em 2022. O objetivo de sua criação foi regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos no Brasil. É possível observar tais noções nos artigos 2º e 3º:

Art. 2.º A pessoa idosa goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3.º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar à pessoa idosa, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (Brasil, 2003).

Embora o Estatuto represente um grande avanço no que tange à defesa dos interesses dos idosos, o texto acima imprime a ideia de incapacidade da pessoa idosa de cuidar de si mesma. Minó e Mello (2021, p. 279), ao analisarem esse trecho do documento, afirmam que:

[o trecho do Estatuto] exhibe a imagem do idoso como dependente, incapacitado, que necessita de facilidades para obter/manter sua saúde, dando função à família de proteger e cuidar desse idoso. Essa descrição é demasiadamente pejorativa e generalizada para as pessoas que atingem idade acima dos 60-65 anos.

Em um contexto capitalista, essas noções se acentuam ainda mais, visto que para essa ideologia econômica, o cidadão velho além de não produzir mais, reivindica seu direito à aposentadoria. Beauvoir (2018), já reforçava esse fato em seu ensaio, dizendo que:

No mundo capitalista, o interesse a longo prazo não conta mais: os privilegiados que decidem o destino da massa não temem partilhá-los. Quanto

aos sentimentos humanitários, a despeito das tagarelices hipócritas, eles não intervêm. A economia é baseada no lucro; é a este, na prática, a que toda a civilização está subordinada: o material humano só interessa enquanto produz. Depois é jogado fora (Beauvoir, 2018, p. 11).

Nessa perspectiva, é possível afirmar que o modelo capitalista tem feito com que o velho ocupe um lugar marginalizado na sociedade, perdendo seu valor social. Esse fato tem relação direta com o modelo ideológico chamado de neoliberalismo. Dardot e Laval (2016) apontam para o fato de que o neoliberalismo ultrapassou a noção de uma doutrina política para um “sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (Dardot; Laval, 2016, p. 7). Para os autores, esse sistema normativo está interessado em indivíduos que possam produzir, trabalhar e cujos objetivos estejam de acordo com aqueles do mercado. Sendo assim, o Estado, guiado pela lógica neoliberal, passa a ser uma instituição que busca resultados, como uma empresa e, passa a se isentar das responsabilidades para com os cidadãos (Dardot; Laval, 2016, p. 239).

Conseqüentemente, o/a aposentado/a, e até mesmo a pessoa idosa trabalhadora, é prejudicada por se tornar menos produtivo ou inativo perante a lógica neoliberal e, além disso, vem perdendo seus espaços como cidadã/o dentro da sociedade.

Esse cenário de marginalização dos velhos na sociedade intensificou-se ainda mais com a chegada da pandemia de COVID-19 no Brasil, em 2020. O quadro de isolamento social voltado mais severamente para os idosos pode ser capaz de reforçar a ideia de fragilidade e inatividade pré-concebida por algumas pessoas em relação a esse público. Isso pode dar espaço para que as pessoas idosas reforcem mais ainda em seu imaginário a ideia de que, por serem pessoas velhas, com limitações físicas, cognitivas e neurológicas, são um incômodo para a sociedade. A antropóloga e pesquisadora em assuntos relacionados à velhice, Miriam Goldenberg, em entrevista ao jornal BBC News Brasil, afirma que:

Os velhos sempre foram vistos como um peso para a sociedade, ou seja, já experimentam o que chamo de 'morte simbólica'. O valor que se dá a essas pessoas mais velhas é quase nulo, socialmente e dentro de casa. Ocorre que, agora, [na pandemia] isso ficou mais evidente. Temos visto isso não só nos discursos de que os velhos devem morrer para a epidemia acabar logo, mas também em memes zombando deles, dizendo que eles são teimosos e desobedientes, como se fossem crianças malcomportadas (Goldenberg, 2021).

A ideia de segregação do público idoso foi reforçada durante a pandemia até mesmo pelo presidente da nação à época, Jair Messias Bolsonaro, que, por diversas vezes, afirmou que os idosos são problemas da família, não do Estado. Sugeriu que eles deveriam ser colocados

em um “canto”¹⁷ e que, inevitavelmente, os idosos fazem parte da parcela da população que pode “morrer afogados na chuva”¹⁸. Para Galvão, Resende e Resende (2021, p. 77), as falas do presidente durante a pandemia podem ser capazes de reforçar a marginalização do velho na sociedade:

[ele] parece desconsiderar totalmente a capacidade de autonomia da pessoa idosa, a qual, aqui, poderia ser associada a um objeto que colocamos em determinado lugar e ele jamais sairá de lá, ou seja, nos dizeres do presidente, o idoso passa a ser representado como um ser passivo, sem vontades e sem capacidade de pensamento e desejos, é alçado à “coisa”, que ficará inerte às vontades da própria família. Demonstra que o idoso, em sua ótica, equivale à parcela redundante da sociedade, a qual não há nada a ser oferecido, senão a necropolítica neoliberal.

Ocorre que, para uma sociedade em que a pirâmide etária tem se invertido, essa representação de idoso, que produz efeitos de sentido relacionados à ideia de inutilidade e de incapacidade, tem mudado. Essa mudança se deve a vários fatores, e não se pode deixar de considerar que, em alguns casos, a condição econômica da pessoa acima de 60 anos tem grande influência no modo como essa pessoa é capaz de encarar o envelhecimento. No entanto, vemos cada vez mais idosos se tornarem empreendedores, iniciando novas carreiras profissionais, realizando sonhos antigos e até mesmo ingressando em universidades. Como exemplo, os pesquisadores Vieira e Pompéo (2017, p. 140) apontam que o estudo universitário têm ganhado espaço para esse público:

Atualmente, além dos cursinhos básicos oferecidos em muitas instituições de caridade, existem as Universidades ou Faculdades da Maturidade. A Faculdade da Maturidade oferecida pela Faculdade Municipal de Palhoça, na Grande Florianópolis (DIÁRIO CATARINENSE, 2014), a Universidade Aberta da Maturidade, da Universidade Federal do Paraná (UNIVERSIDADE ABERTA DA MATURIDADE, 2016), e a Universidade da Maturidade, extensão da Universidade de Brasília (UNIVERSIDADE DA MATURIDADE DISTRITO FEDERAL, 2016), são exemplos de cursos ofertados a pessoas acima de 50, 55 e 45 anos, respectivamente, que trazem disciplinas que são áreas de interesse das pessoas idosas, como economia, educação física, empreendedorismo, entre outras.

¹⁷ Fonte: Estado de Minas, 2020. Entrevista ao programa Brasil Urgente, do apresentador José Luiz Datena. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/04/08/interna_nacional.1137022/familias-que-cuidem-de-seus-idosos-diz-bolsonaro.shtml. Acesso em: 15 maio 2022.

¹⁸ Fonte: Estado de Minas, 2020. Entrevista ao programa Brasil Urgente, do apresentador José Luiz Datena. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/04/08/interna_nacional.1137022/familias-que-cuidem-de-seus-idosos-diz-bolsonaro.shtml. Acesso em: 15 maio 2022.

Com isso, percebo que, para muitas pessoas 60+, principalmente para os participantes do Desabroche, serem comparados com o velho representado pelas imagens do início deste capítulo é algo inadmissível. Essa nova percepção sobre a velhice reforça o que os autores Vieira e Pompéo (2017, p. 142) afirmam em relação a inversão do antigo paradigma sobre ser velho:

[...] o qual constatava que o idoso era visto como limitado, sem perspectivas de um futuro melhor, não sendo incluído socialmente e não possuindo nenhuma legislação específica a seu respeito. Hoje, o idoso tem o direito de levar uma vida com qualidade, autonomia e projeções para o futuro.

Essa mudança na representação da pessoa idosa tem acontecido de forma sutil, mas pode ser percebida também no universo cinematográfico, como afirma Galvão (2014, p. 88), ao analisar dois longas-metragens (“As bicicletas de Belleville” e “Up: Altas Aventuras”) em que os protagonistas são pessoas idosas. Para a autora do estudo:

Idosos, com frequência, são personagens do cinema, mas sua presença limitava-se, especialmente, a personagens secundárias. Personagens idosas como figuras centrais nos filmes de animação vem ganhando um espaço cada vez maior, tal como acontece nos jornais e na mídia eletrônica, que parecem estar quebrando o silêncio em relação à velhice.

Diante disso, Galvão (2014) conclui que a velhice representada nos dois filmes pode modificar as representações de velhice já construídas, podendo ser uma forma de reconstrução da realidade. Entretanto, mesmo com essa nova forma de encarar o envelhecimento, as pessoas 60+ ainda se veem diante de vários conflitos em relação ao lugar que podem ou não ocupar na sociedade e enfrentam diversos desafios para conseguir (res)significar a velhice.

Construir novas representações não é algo que depende unicamente da necessidade que muitas pessoas 60+ sentem de se verem representadas. Ao retomar a noção de representação, isso fica ainda mais claro, pois ela está para a ordem de uma repetição que pode vir a se fixar na memória discursiva.

Ao considerarmos o contexto sócio-histórico em que o velho, muitas vezes, é deixado à margem da sociedade – pois se vê diante de uma relação de poder perversa com o capitalismo neoliberal e uma cultural ocidental que despreza a velhice – os conflitos, os impasses e os medos relacionados ao *envelhe-ser* não parecem encontrar espaços para existir e acabam sendo velados na sociedade. É diante desses conflitos, impasses, medos e experiências que o Desabroche surge: como um espaço para dar voz a esses idosos, que ora se veem diante do envelhecimento do corpo ora se deparam com a vivacidade que existe dentro deles. Diante disso, é preciso (re)pensar que sujeito é esse e como ele se vê/ou é visto velho/idoso.

É nesse ponto que a escolha do jogo de palavras “*Envelhe-ser*” ganha sentido dentro desta pesquisa. O espaço Desabroche busca fazer com que os sujeitos dito-idosos se deparem com a possibilidade de ser-velho no mundo. Para isso é preciso que haja um mo(vi)mento de (re)pensar e, quem sabe, (res)significar experiências.

3.3 Os sujeitos do *envelhe-ser*

Partindo do ponto de vista discursivo e psicanalítico, surge o questionamento: quem são esses sujeitos que não assumem a posição de idoso diante de tal questionamento, mas que se colocam presentes em um espaço que trata de assuntos relacionados à velhice? Para buscar essa resposta é preciso entender como o sujeito do *envelhe-ser* é tratado pela psicanálise.

Primeiramente, é importante considerar que, dentro dos estudos psicanalíticos, não há indícios de que Freud tenha voltado sua teoria para a clínica com idosos. Em seu texto de 1904 “Sobre a psicoterapia”, Freud discorre sobre esse método de análise à luz da teoria psicanalítica e apresenta indicações e contraindicações do tratamento. Ele diz que essa apresentação não pode ser considerada como definitiva, mas mesmo assim aponta a seguinte contraindicação em relação à idade dos doentes:

A idade dos doentes é relevante na seleção para o tratamento psicanalítico, na medida em que nas pessoas próximas ou acima dos 50 anos, por um lado, costuma faltar a plasticidade dos processos anímicos nos quais a terapia se fia – pessoas idosas não são mais educáveis – e, por outro lado, o material a ser trabalhado prolonga a duração do tratamento até o imponderável (FREUD, 2020c, p. 72).

Acredito que o desinteresse de Freud para a psicoterapia com os velhos tenha ocorrido por alguns motivos; o primeiro deles está para a ordem dos parâmetros sociais sobre a idade, visto que há algumas décadas poucas pessoas alcançavam uma idade superior a 50 anos, portanto os estudos psicanalíticos iniciais não necessitavam voltar seus olhares para esse público. Outro motivo, este que me parece ainda mais pertinente, é o fato de que a psicanálise considera o inconsciente atemporal. Freud (1974), propõe que o funcionamento e a constituição do inconsciente estão para além de uma ordem cronológica e temporal:

[...]os processos inconscientes dispensam pouca atenção à realidade. Estão sujeitos ao princípio do prazer, [...] [e são também] atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não têm qualquer referência ao tempo (Freud, 1974, p. 214).

Portanto, partindo dessa afirmação feita por Freud (1974), é possível inferir que, se o sujeito é constituído pelo inconsciente, e este não envelhece, logo o sujeito do inconsciente também não envelhece, pois o sujeito da psicanálise não se desenvolve no sentido adotado pela psicologia cognitiva (criança, adolescente, adulto, idoso), ele se constitui em um processo de subjetivação.

No entanto, como essas pessoas são adjetivadas como sendo idosas, velhas, pertencentes à terceira idade? Isso acontece pelo fato de que o sujeito também se constitui na relação com o Outro. Segundo Mucida (2018, p. 27), o sujeito vê o seu envelhecimento pelo olhar do Outro, ou seja, ele se vê velho pela imagem que o Outro lhe devolve. Embora saibamos que esse processo não se configura como uma prerrogativa do idoso, há uma particularidade dessa fase da vida devido às diversas discursividades ligadas ao campo dos sentidos atribuídos a esse público, como a incapacidade, inutilidade, entre outros. Em 1970, Beauvoir já elaborava essa questão. A filósofa diz que a velhice é percebida, primeiramente, pelo que somos para os outros.

“Falso problema” disseram-me. “Enquanto você se sentir jovem, você é jovem”. Isso é desconhecer a complexa verdade da velhice: esta é uma relação dialética entre meu ser para outrem – tal como ele se define objetivamente – e a consciência que tomo de mim mesma através dele. Em mim, é o outro que é idoso, isto é, aquele que sou para os outros: e esse outro sou eu (Beauvoir, 2018, p. 297).

Nesse sentido, entendo que, ao se colocar e ser colocado como habitante dessa categoria social, é possível que o sujeito dito-idoso se aliene a um lugar discursivo composto por uma cadeia de significantes como: aposentadoria, invalidez, rugas, cabelos brancos, menopausa, incapacidade de realizar certas atividades, entre outras, pois estes são os significantes que normalmente são atrelados a representações de pessoas idosas na sociedade ocidental. Estes são significantes que por si só não significam nada, mas que ganham sentido pela forma como se inscrevem na rede identificatória de cada sujeito (Mucida, 2018).

Cabe, então, afirmar que, independentemente de como possa ser chamada a entrada do sujeito aos 60 anos: terceira idade, idoso, velho, tudo isso faz parte de um efeito do discurso, ou seja, o reconhecimento dessas representações de velhice muitas vezes não tem a ver com a idade cronológica, mas sim com o lugar discursivo no qual cada sujeito se vê inserido e se inscreve para falar sobre si. Por esse motivo, é possível se deparar com pessoas com mais de 60 anos e que se dizem jovens, e jovens com 20 anos se colocando no lugar de pessoas velhas e cansadas. Ademais, o modo como cada sujeito encara e vivencia o envelhecimento também sofre interferências relacionadas às condições sócio-históricas nas quais ele está inserido.

Todavia, há algo que não consegue barrar os sinais do envelhecimento: o corpo biológico. Diante disso, Mucida (2018) postula que:

Podemos dizer, de forma mais simples, que a velhice existe, as pessoas idosas existem; e mesmo que o sujeito do inconsciente não envelheça, há um real do corpo que envelhece, e isso não implica um encontro com o cadáver ou com a morte. Há o real do corpo traçado por uma imagem que pode horrorizar o sujeito, há um real de várias perdas que se agudizam a partir de uma determinada idade. Perdemos mais pessoas à medida que envelhecemos, bem como diferentes laços sociais, exigindo mais trabalho de luto, mais inscrições simbólicas. Então, a velhice, enquanto um dos nomes do real, impõe o luto, bem como novas formas de atualização (Mucida, 2018, p. 56).

A autora, em sua postulação, afirma que há um real do corpo que envelhece e, diante disso, o velho se depara com o luto e para lidar com tudo isso, muitas vezes ele busca novas formas de atualização. Essa busca pode permitir com que o sujeito dito-velho encontre meios de se socializar e de lidar com a carência de laços sociais, buscando muitas vezes, uma fuga para o sentimento de desamparo. A ideia de atualização é formulada por Mucida (2018), a partir da experiência do sujeito diante de um ato psicanalítico:

No ato, o sujeito está incluído, bem como o objeto causa de seu desejo. Ato que, mostrando a causa do inconsciente, tem sobre o sujeito efeitos de interpretação e apresenta-se diante de um suposto saber depositado no analista. O inconsciente, ao se atualizar a partir da transferência, toma outro sentido. O que se ouve – a partir dos efeitos do corte – tem novas transcrições ou abre-se a novas traduções (Mucida, 2018, p. 54).

Sabendo que a autora está considerando essa ideia dentro de uma experiência analítica, acredito que essa possibilidade de atualização pode ser entendida nesta pesquisa nos momentos em que os participantes se deparam com um não-sentido, propiciado pela lógica do DA pois, mesmo que os participantes não estejam inseridos em um contexto de análise conduzida por um analista, entendo que tanto a arte quanto as possíveis pontuações que podem ser instauradas por mim e pelos outros participantes, podem apontar para um ato, colocando o sujeito a elaborar novos sentidos. Nesse sentido, ainda sobre o ato, Mucida (2018, p. 55) aponta que:

O ato é aquilo que permite que o sujeito possa interrogar o saber apresentado como total – advindo, muitas vezes, pelo discurso da ciência -, transformando-o em um saber não todo e particular. Nessa direção, afirmaríamos também que a relação do sujeito à velhice se mede pelos atos; eles permitem atualizar o que se passa no decurso do tempo.

No caso do Desabroche, entendendo que não se trata de uma sessão psicanalítica, tampouco de um corte de uma sessão. Porém, nesse caso, a instauração de um corte pode se dar

pela via de um acontecimento, ou seja, quando o sujeito se flagra, por meio de uma ruptura, na aparente linearidade da cadeia significativa (Figueiredo, 1994), desencadeando a possibilidade de o sujeito elaborar algo novo, ou seja, uma possível atualização.

Dito isso, acredito que esse mo(vi)mento de (des)encontro com um não-sentido e a instauração de um ato podem advir como efeito de um acontecimento. Acontecimento esse que pode deixar brechas para a instauração de um não-sentido, em que o sujeito é convocado a elaborar um novo saber sobre si. Para Mucida (2018, p. 55-56) o conceito de velhice “seria o encontro do sujeito com o real do tempo [...]. Construir algo em torno desse ‘buraco’, se é fundamental a todo sujeito, é essencial na velhice, pois, nessa derrapagem, muitos ideais podem cair de forma abrupta”.

Buscar se inserir em novos contextos sociais pode ser, portanto, um indício de que esse sujeito está em busca de atualizações, por meio de (re)inscrições em um grupo social e até mesmo em novos laços. Esse desejo, que está para a ordem do inconsciente e do desconhecido, pode ser capaz de fazer com que muitos desses idosos não consigam explicar o “real” motivo de estar ali, inseridos em um grupo como o Desabroche. Isso acontece pois, para a psicanálise, a falta é que move o sujeito nessa busca por objetos, pois o desejo está o tempo todo operando. De acordo com Mucida (2018):

A falta inaugura o desejo; é porque algo falta que o sujeito buscará objetos na cadeia metonímica. Os enlaçamentos aos objetos, as relações com o Outro, as insígnias do ideal do eu estão intimamente ligados às possibilidades de laço na cultura (Mucida, 2018, p. 61).

Todas essas indagações problematizadas até agora me levaram a confirmar o que eu já havia vivenciado na prática com pessoas 60+: muitas delas não se reconhecem nessa representação de velhice que a sociedade impõe ao velho. Este fato parece causar um mal-estar em grande parte desse público, pois eles se veem diante de um impasse: como continuar defendendo o não reconhecimento à faixa etária “idosa”, se o corpo demonstra os sinais da velhice, mas a mente continua ativa como na juventude? A resposta para essa pergunta não me parece simples, pois acredito que cada sujeito que se depara com essa inquietação em algum momento da vida tentará buscar suas repostas, a depender de seu contexto social e de suas experiências. A busca por essa resposta aponta para um mo(vi)mento singular de subjetivação de cada sujeito, que pode apontar para modos singulares de *envelhe-ser*.

Em um dos encontros do Desabroche, durante uma reflexão que fazíamos acerca de uma possível denominação para as pessoas 60+, uma das participantes do projeto se viu diante do questionamento sobre qual palavra ou termo a representava por ter mais de 60 anos, logo, ela

propôs um neologismo: “envelhescência”. A partir dessa sugestão, muito rapidamente os outros participantes manifestaram um certo contentamento com essa denominação, e até fizeram relação com a adolescência. Argumentaram que a envelhescência poderia ser definida como a fase na vida em que o sujeito está passando pela transição: não é nem velho, nem jovem.

Em uma busca pela formulação teórica desse conceito, deparei-me com o trabalho da psicanalista Soares (2020), que defende a existência dessa fase na vida e se ampara em autores que fundaram o conceito. De acordo com Soares (2020), o conceito de envelhescência foi cunhado por Berlinck (2000, p. 193) e representa “um desencontro entre o inconsciente atemporal e o corpo, âmbito da temporalidade”. Ainda para Soares (2020), sustentada pelas palavras de Berlinck (2000, p. 196)

[...] a envelhescência se distingue do envelhecer porque este é considerado, em nossa sociedade, como um estágio da vida que é desprezível. Os mais velhos são considerados uma espécie de praga que ataca as contas da previdência social, encarece o seguro saúde, pesa na vida dos mais jovens. Na envelhescência, ao contrário, o sujeito se vê na contingência de ter de pensar sua velhice, ou seja, distingui-la do preconceito e do estigma para que possa ser vivida com um mínimo de dignidade. Esse trabalho de pensamento é, via de regra, um esforço solitário, que pode enriquecer o mundo interno do sujeito.

A envelhescência pode ser entendida, então, como um trabalho psíquico na velhice, pois representa um período de elaboração, organizações simbólicas e uma possibilidade de recriar experiências. Essa noção presente nos estudos de Soares (2020), principalmente em seu livro *Envelhescência: o trabalho psíquico na velhice*, parece coadunar com o tipo de denominação em que os participantes do Desabroche se sentem representados. Isso deixa claro a capacidade das pessoas 60+ em ressignificar experiências e, até mesmo, elaborarem outros sentidos por trás do processo de envelhecimento. Tais afirmações reforçam, ainda mais, que a única menção de Freud (2020c) sobre a psicanálise para idosos poderia fazer sentido em relação à época que foi postulada, porém, nos dias atuais, aponta para uma noção equivocada. Na leitura freudiana de Mucida (2018), ela aponta para o fato de que para a psicanálise importa “a forma como o sujeito se coloca frente à falta do Outro e sua relação com o desejo, não determinado pela idade e, muito menos, pela ‘quantidade de material psíquico’” (Mucida, 2018, p. 38).

Portanto, ao experienciar espaços voltados tanto para a aprendizagem de línguas para pessoas 60+ quanto em um espaço de escuta, cujo objetivo é proporcionar possibilidades de (re)significação de experiência e do próprio processo de *envelhe-ser*, venho, por meio desta pesquisa, afirmar que o pensamento freudiano de 1904 não pode ser mais considerado como verdade, pois, como ele mesmo postulou, essas contraindicações não são definitivas. Sobre

essa nova forma de compreender a capacidade de ressignificar experiências na velhice e elaborar um novo saber sobre si, apontando para novas identificações, coadunado com Mucida (2018) no que tange à seguinte formulação:

Urge formalizar um pouco mais as incidências e os efeitos do real do tempo cronológico e sua relação com o que não envelhece, o atemporal do sujeito do inconsciente. Há um “saber” jogar com o tempo que deve ser considerado. Não podemos abstrair completamente das incidências da idade os significantes que circulam em torno da mesma, e seus efeitos sobre o sujeito, mesmo que cada um só responda aos mesmos de maneira particular. [...] De qualquer forma a velhice implica também um trabalho de acomodação de vários traços e um tratamento do real em cena (Mucida, 2018, p. 39).

Os tempos são outros e já sabemos que os idosos são tão capazes de novas inscrições identitárias quanto outra pessoa com menos idade. E é nisso que o Desabroche aposta.

CAPÍTULO 4 – O ADUBO - (DES)ENCONTROS COM A ARTE

Unicamente na arte ainda sucede que um homem consumido por desejos realize algo semelhante à satisfação deles, e que essa atividade lúdica provoque — graças à ilusão artística — efeitos emocionais como se fosse algo real.

(Totem e Tabu – Freud, 2012)

Em 2020, na primeira edição do projeto Desabroche, no terceiro encontro, a temática sugerida para conversa foi o espelho. Naquele momento, eu estava buscando compreender o papel que a arte teria no decorrer do espaço Desabroche. Após alguns encontros falando sobre o espelho e algumas produções artístico-culturais específicas que envolviam a temática, encerramos o terceiro encontro com a leitura de alguns trechos literários. Os trechos foram coletados por mim em uma busca pela internet sobre textos literários com a temática proposta. Um dos escolhidos foi uma crônica de Clarice Lispector (1984) “A surpresa”, retirado do livro “A descoberta do mundo”:

Olhar-se ao espelho e dizer-se deslumbrada: Como sou misteriosa. Sou tão delicada e forte. E a curva dos lábios manteve a inocência. Não há homem ou mulher que por acaso não se tenha olhado ao espelho e se surpreenda consigo próprio. Por uma fração de segundo e a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isto se chamaria talvez de narcisismo, mas eu chamaria de alegria de se ver. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo (Lispector, 1984, p. 9-10).

Esse trecho foi sugerido como leitura em voz alta e uma das participantes manifestou seu interesse em realizar a leitura. Ela começa a leitura. Sua entonação poética prendeu a atenção de todos. Ao terminar de ler a crônica, a participante suspirou profundamente e lançou: “*Nossa, nossa...*” Foi assim que esse encontro encerrou. Com um suspiro e vários silêncios. Entendi, então, que a arte pode causar isso: um desconcerto, um silêncio, um não-sentido e, até mesmo, apontar para uma possibilidade de experiência estética.

Diante deste relato em que a linguagem não é capaz de representar a experiência vivenciada pela participante, encontrei-me estarecida e certa de que a arte teria sim um papel crucial no espaço Desabroche. Por isso, este capítulo é uma tentativa de elaborar não só o encontro dos participantes com a arte no Desabroche, mas também o meu, e como ela pode ser capaz de propiciar (des)encontros e (res)significações.

4.1 A arte e o espaço Desabroche

Nas diversas reuniões de orientação no estágio inicial da pesquisa, a definição do espaço Desabroche foi de suma importância para que este estudo começasse a tomar forma. Havia em mim um desejo em tratar de assuntos relacionados ao processo de envelhecimento com pessoas 60+, mas de uma forma leve, delicada e sensível. Nesse período de definição sobre o projeto Desabroche, questionei-me diversas vezes sobre qual caminho eu poderia seguir para dar um pontapé inicial ao tratar de temáticas como: o corpo, a solidão, a sexualidade, a família, entre outros que eu elencava como aposta para serem tratados em um espaço para pessoas 60+.

A língua estrangeira não era uma opção naquele momento. Aspectos sobre o ensino-aprendizagem de língua não davam conta de minhas inquietações. O que daria conta, então? Foi a partir da definição de tratar da prática de narrativas de si que a arte foi tomando lugar nesse projeto. Narrar sobre si está associado à ficção que o sujeito cria para lidar com seu enigma subjetivo, ou seja, a prática de narrativização é um meio de construir a fantasia de um sujeito. Segundo Nasio (2007, p. 9):

O fenômeno da fantasia é um dos fenômenos mais espantosos da vida psíquica. Que é uma fantasia? É um pequeno romance de bolso que carregamos sempre conosco e que podemos abrir em qualquer lugar sem que ninguém veja nada nele, no trem, no café e o mais frequentemente em situações íntimas. Acontece às vezes de essa fábula interior tornar-se onipresente no nosso espírito e, sem nos darmos conta, interferir entre nós e nossa realidade imediata. Concluímos então que muita gente vive, ama, sofre e morre sem saber que um véu sempre deformou a realidade dos seus laços afetivos.

Fantasia esta que se configura como sendo um roteiro, “[...] uma encenação no psiquismo da satisfação de um desejo imperioso que não pode ser saciado na realidade” (Nasio, 2007, p. 10), ou seja, trata-se de um processo inconsciente que o sujeito cria, conta, re-counta, dando vida a uma realidade psíquica. Além disso, para Nasio (2007), a fantasia é uma cena dramática que opera como uma defesa do eu para refrear o desejo, “um compromisso entre um eu temeroso e um desejo que permanecerá irremediavelmente insaciado” (p. 11). Diante disso, considero que por meio do processo de narrativização de si os participantes puderam compartilhar suas experiências no espaço Desabroche, construindo suas próprias ficções, elaborando, assim, “um teatro mental catártico que encena a satisfação do desejo e descarrega sua tensão” (Nasio, 2007, p. 10). A arte, então, surge como um canal para fomentar as conversas

sobre as experiências de si no espaço Desabroche, pois ela pode operar como um meio de desestabilizar a fantasia do sujeito.

Durante todo o decorrer deste trabalho tenho mencionado a experiência. Tanto na introdução, quanto no Capítulo 1 faço referência ao autor que sustenta essa noção nesta tese. Jorge Larrosa (2022), em seu trabalho *Tremores: escritos sobre a experiência*, trata dessa noção de uma forma que coaduna com a que acredito se fazer presente tanto no espaço Desabroche quanto na elaboração desta tese. Para Larrosa (2022):

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece (Larrosa, 2022, p. 18).

Ao tratar da noção de experiência, me refiro, portanto, a esse acontecimento singular que pode ser capaz de físgar o sujeito e deixá-lo sem palavras, como o que aconteceu com a participante do Desabroche ao ler a crônica de Lispector. É a essa experiência que me refiro no decorrer desta pesquisa e, com bastante cuidado, tento seguir algumas precauções em relação a essa noção a qual Larrosa (2022) se dedicou a elaborar. Uma delas é fazer da experiência um conceito. A ideia de trazer essa noção para situar seu sentido mobilizado neste estudo não se configura como uma tentativa de conceituar a palavra experiência, mas de afastá-la da ideia do senso comum de experimento:

A experiência é o que é, e além disso mais outra coisa, e além disso uma outra coisa para você e outra coisa para mim, e uma coisa hoje e outra amanhã, e uma coisa aqui e outra coisa ali, e não se define por sua determinação e sim por sua indeterminação, por sua abertura (Larrosa, 2022, p. 43-44).

Considero, então, a experiência como sendo da ordem do singular, do incompreensível, do não-dizer, do “não sei o que dizer”, “A experiência exige outra linguagem transpassada de paixão, capaz de enunciar singularmente o singular, de incorporar a incerteza” (Larrosa, 2022, p. 69). Nesse viés, como forma de dar espaço para que a experiência se fizesse presente no Desabroche apostei na linguagem que mais se assemelha a noção proposta por Larrosa (2022) – a arte.

Além disso, Larrosa (2011) complementa sua definição de experiência apontando esse fenômeno para “*isso que me passa*” (Larrosa, 2011, p. 5). As palavras grafadas em itálico são grafadas desse modo pelo autor para marcar seu sentido próprio que as diferenciam do senso comum. Primeiramente, Larrosa (2011) chama a atenção para o pronome “*me*”:

A experiência supõe, como já vimos, que algo que não sou eu, um acontecimento, passa. Mas supõe também, em segundo lugar, que algo me passa. Não que passe ante mim, ou frente a mim, mas a mim, quer dizer, em mim. A experiência supõe, como já afirmei, um acontecimento exterior a mim. Mas o lugar da experiência sou eu. É em mim (ou em minhas palavras, ou em minhas ideias, ou em minhas representações, ou em meus sentimentos, ou em meus projetos, ou em minhas intenções, ou em meu saber, ou em meu poder, ou em minha vontade) onde se dá a experiência, onde a experiência tem lugar. Chamaremos a isso de “princípio de subjetividade” (Larrosa, 2011, p. 6).

Diante dessa elaboração, Larrosa (2011) considera a experiência como algo sempre subjetivo. Além disso, o autor teoriza sobre o emprego do “*isso*” em itálico, o aproximando do conceito de real proposto pela teoria psicanalítica:

A experiência se abre ao real singular, isto é, como inidentificável, como irrepresentável, como incompreensível. E também como incomparável, como irrepitível, como extraordinário, como único, como insólito, como surpreendente. Isto é, como outro (do que eu posso identificar, do que eu posso representar, do que eu posso compreender) (Larrosa, 2011, p. 18).

É a partir dessa noção de experiência que a arte se liga ao propósito do espaço Desabroche: proporcionar um (des)encontro com o *isso*, e a partir desse (des)encontro possibilitar que o sujeito elabore uma parcela dessa experiência, buscando contornos para esse acontecimento e construindo novos saberes sobre si.

Portanto, ao definir uma análise das narrativas de si, exteriorizadas através dessa rememoração e contação de histórias sobre si, a arte surge como a cereja do bolo. A arte comparece no projeto desencadeando duas possibilidades de mobilização: 1º) a arte passa a ser o canal de escolha de temas a serem tratados nos encontros. Portanto, através de minha experiência subjetiva com um objeto artístico-cultural, eu apostava em algumas produções e apresentava aos participantes. Essa aposta vinha carregada de expectativas minhas, que muitas vezes não se realizavam, pois os caminhos a serem traçados nas discussões pelos participantes após o contato com a produção artística eram inesperados e partiam da possibilidade da instauração de uma experiência estética por parte deles. 2º) a arte também pode desencadear o surgimento dos *frutos*, pois, ao convidar os participantes a produzir algo que fale de suas experiências, no Desabroche, esses *frutos* poderiam tomar as formas mais variadas para se materializar, a depender da escolha singular de cada participante. Todas as formas se relacionam com a arte de algum modo, seja um *fruto* materializado por meio de um relato pessoal, uma pintura, um vídeo, uma fotografia, um poema, entre outros.

Percebo, então, que a arte passa a ter uma função importante no projeto e para cada participante de modo singular. As emoções que as produções artísticas suscitaram nos

participantes nem sempre eram da ordem de uma emoção bela, uma recordação agradável. Tolstói (1994) em seu livro *O que é a Arte?*, já apresentava sua crítica ao modo como alguns teóricos olhavam para arte e a relacionavam apenas com o belo. Para ele, a arte nem sempre estabelece uma relação de prazer entre os homens, pois ela deve ser considerada como uma das condições essenciais da vida humana, está no cerne da comunicação entre os homens (Tolstói, 1994).

Tolstói (1994, p. 50) afirma que uma produção artística emerge quando um sujeito “reinvoca em si sentimentos já experimentados anteriormente com o fim de fazer com que outra pessoa também os experimente, exprimindo esses sentimentos por certas indicações externas”. Pelo seu distanciamento da perspectiva psicanalítica, Tolstói (1994) trata apenas da palavra “sentimentos”, sem associá-la a conceitos que, conforme veremos posteriormente, ampliam e aprofundam o escopo desse termo. O que nos interessa da teorização de Leon Tolstói é sua definição de arte, que se faz pertinente neste estudo quando se pensa na possibilidade de compartilhar experiências – ou sentimentos, como sugere o autor – e (res)significá-las.

Em sua elaboração sobre a arte, Tolstói (1994, p. 51) a define como uma atividade humana em que “um homem, conscientemente, através de certos signos exteriores, comunica a outras pessoas sentimentos que ele vivenciou, de modo a contaminá-las e fazê-las vivenciar os mesmos sentimentos”. No entanto, diante da afirmativa de Tolstói (1994), ao se referir à arte como uma produção advinda de modo consciente, acredito que os processos inconscientes estão envolvidos em toda e qualquer produção artística. Essa afirmativa será melhor elaborada adiante. Desse modo, considero a arte como um possível canal em que os participantes podem compartilhar suas experiências e elaborá-las de modo subjetivo, permitindo com que algumas delas possam ser (res)significadas.

No que tange à possibilidade de compartilhar experiência através da arte, coaduno com a definição apresentada por Goldstein (2015):

A arte é memória, é memória incorporada na obra de maneira paradoxal. A arte convoca a memória que, em muitos casos, é objeto da própria arte. Pensar essa questão, que articula as naturezas da arte e da memória, implica uma dupla leitura. Por um lado, sabemos que a arte está intimamente ligada ao ‘belo’ enquanto herança clássica e como condição de objeto da arte. Mas, à categoria do belo e do maravilhoso impõe-se, às vezes imperceptivelmente, a outra face da mesma moeda, o escuro, o horrível e o sinistro. A reflexão sobre a arte e memória, hoje em dia, torna inevitável considerar essa duplicidade da condição do belo e do sinistro, do traumático e do inefável, ou seja, da memória do impensável da condição humana.

Esse modo de elaboração que considera a arte como memória, apresentada por Goldstein (2015), aponta para algo do traumático, do infável e, como disse a autora, “a outra face da mesma moeda”. Esse (des)encontro com o outro lado da moeda, com o que Larrosa (2011) chamou de *isso* e que a psicanálise aponta para o real, pode possibilitar uma (re)elaboração da experiência do sujeito e apontar para uma possível (res)significação. No entanto, esse (des)encontro é sempre da ordem do inconsciente. É nesse ponto em que a psicanálise surge para sustentar o papel da arte nesta pesquisa.

4.2 A arte e a psicanálise

Freud e Lacan apresentam relações distintas com a arte, porém ambos apostam na ideia de que a arte e a psicanálise são campos próprios e não complementares. Portanto, não se deve aplicar psicanálise à arte ou ao artista. Autuori (2009, p. 262) apresenta essa distinção em seus estudos afirmando que:

A arte e a psicanálise são dois campos distintos e independentes. A psicanálise aprende com a arte e a lê a partir de seus conceitos. A arte, que tem em comum com a psicanálise o interesse pela alma humana, com frequência se serve da psicanálise em suas criações. O ponto de intercessão entre ambas visa criar um novo campo de pesquisa e pensamento, onde a arte e a psicanálise convivam.

Coaduno com a perspectiva da autora e considero a arte neste estudo não como uma forma de solucionar o enigma subjetivo de cada participante do espaço Desabroche e nem mesmo de tentar elaborar interpretações psicanalíticas junto dos participantes das produções artístico-culturais apresentadas nos encontros. A arte, no espaço Desabroche, passa a ser pensada como possibilidade de proporcionar uma experiência estética e de furar essa narrativa da fantasia, muitas vezes, repetida pelo sujeito.

Desse modo, proponho entendermos o início da relação entre a arte e a psicanálise. Ela se estabeleceu, inicialmente, com o interesse de Freud pela arte clássica. Esse olhar de Freud pela arte pode ser visto em textos como: “*Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci*” (Freud, 2020d), de 1910, em que ele se aprofunda na vida pessoal e artística de Da Vinci; em “*O Moisés, de Michelangelo*” (Freud, 2020d), de 1914, obra em que o autor se dedica a uma análise estética da escultura de Moisés de Michelangelo, elaborando sua teoria em torno de como a arte reflete o enigma do sujeito e em como a escultura produz efeitos em quem a observa. Diante de suas elaborações e observações estéticas em relação às obras de arte, Freud

percebe que há algo do inconsciente em movimento tanto na produção de um artista quanto no (des)encontro de um sujeito com uma obra.

Assim como fez Goldstein (2015, 2019) em seu trabalho sobre arte, psicanálise e experiência estética, para pensarmos nos possíveis efeitos de (des)encontros que a arte é capaz de suscitar no sujeito, tomo como embasamento um relato descrito por Freud (1996) de sua viagem a Atenas, registrada no texto “Um distúrbio de memória na Acrópole”, de 1936. Trata-se de uma carta escrita a Romain Rolland para saudá-lo em seu aniversário.

Nesse relato, Freud (1996) conta uma experiência vivida por ele, juntamente de seu irmão, em uma visita não planejada a Atenas. Fato este que, desde a sua possibilidade de se concretizar, ao aguardarem o navio para o destino não planejado, já causa certo mal-estar em ambos. No decorrer da carta, Freud descreve seu encontro com a Acrópole, local que, até então, ele só conhecia por livros. Ele descreve essa experiência como “o sentimento do inacreditável e do irreal” (Freud, 1996, p. 241). Freud se vê diante de um sentimento de estranheza ao se deparar com a imagem real da Acrópole e descreve essa experiência como um encontro com o duplo, como se ele tivesse se dividido em duas pessoas:

A primeira [pessoa] comportava-se como se estivesse obrigada, sob o impacto de uma observação inequívoca, a acreditar em algo cuja realidade parecia, até então, duvidosa. Se me permito um pequeno exagero, era como se alguém, caminhando na margem do Loch Ness, subitamente enxergasse a forma do famoso monstro encalhado na praia e se visse compelido a admitir: ‘Então realmente existe mesmo – a serpente marinha, na qual nunca acreditávamos!’ A segunda pessoa, por outro lado, com razão estava surpresa, pois desconhecía a possibilidade de que a existência real de Atenas, da Acrópole e do cenário em torno, alguma vez tivesse sido objeto de dúvida. O que essa pessoa estivera esperando era, preferentemente, alguma expressão de alegria e admiração (Freud, 1996, p. 238-239).

Freud se depara com um duplo: uma parte contempla a paisagem, enquanto a outra duvida da realidade. Esse (des)encontro relatado por Freud foi interpretado por ele como um fenômeno em que: “a pessoa sente que uma parte da realidade, ou que uma parte do seu próprio eu, lhe é estranha” (Freud, 1996, p. 242), ou seja, uma experiência de “desrealização”. Freud atribuiu esse fenômeno a uma rejeição, um rechaço a sentimentos, recordações e experiências angustiantes da infância relacionadas ao pai. Pelo olhar de Goldstein (2019, p. 38), o estranho fenômeno vivido por Freud na Acrópole, pode ser entendido como uma experiência estética:

O relato de Freud em Atenas nos mostra essa condição de possibilidade da experiência estética no momento em que o objeto deixa de ser a Acrópole e se converte, como objeto ambíguo, no objeto dessa experiência. Entendo, então,

que esse objeto entre realidade e fantasia é recordação, nostalgia e condição de estranheza, que vai a nosso encontro em sua estranha beleza.

Acredito que a experiência estética pode ser capaz de possibilitar com que o sujeito se veja diante da possibilidade de elaborar sobre aquilo que antes estava encoberto, de um novo saber da ordem do real. Nesse sentido, é através da arte que o sujeito encontra uma possibilidade de tratar o real pela via do simbólico e do imaginário: “a arte utiliza o imaginário para organizar simbolicamente esse real” (Regnault, 2001, p. 30). No entanto, é preciso salientar que, embora Françoise Regnault (2001) não tenha deixado claro, a arte utiliza o imaginário para organizar simbolicamente uma parcela do real, a depender do que for possível para cada sujeito em cada experiência.

Nesse sentido, a arte pode se organizar em torno do vazio. Esse furo, ou seja, essa falha no saber, que pode vir a ser instaurado na experiência estética com a arte, possibilita com que o sujeito tenha que elaborar algo frente ao seu vazio, conforme propõe Lacan (1997, p. 162):

Toda arte se caracteriza por um certo modo de organização em torno do vazio. Não creio que seja uma fórmula vã, malgrado sua generalidade, para orientar aqueles que se interessam pela elucidação dos problemas da arte, e penso dispor de meios para ilustrá-lo de maneira múltipla e muito sensível.

É nessa possibilidade de promover contornos para o vazio que a arte pode vir a operar na ordem de uma experiência, pois aponta para a busca pelo objeto *a*. Na teoria freudiana, o objeto perdido foi chamado de *Das Ding*, ou seja, um objeto inalcançável, substância de gozo, figurado como objeto *a*.

Nessa mesma perspectiva, a psicanálise se aproxima com a noção de experiência proposta neste trabalho, pois pode ser entendida como uma experiência do sujeito com o seu próprio desejo. A prática da psicanálise como experiência estética aponta para o encontro com o Real. Segundo o filósofo e psicanalista Perez (2009), sustentado pela teoria psicanalítica de Freud e Lacan:

No que diz respeito à noção de “experiência” a psicanálise poderia ser pensada como um protocolo que possibilitaria, eventualmente, o acesso impossível do sujeito ao Real. Trata-se, antes, de mais nada da experiência que começa com uma implicação subjetiva e que conduz à dessubjetivação. Algo assim como um conjunto de regras – sem as garantias de um estudo algorítmico – que possibilitaria (eventualmente) a execução de uma experiência do confronto – nunca completa – com o Real. Isto não constituiria, propriamente falando, uma experiência científica. Não é a experiência da construção ou o reconhecimento

perceptivo de um objeto qualquer porque o Real não é um objeto ou uma coisa, senão aquilo que escapa à simbolização (Perez, 2009, p. 1215).

Por isso, ao estabelecer uma escuta sustentada pela psicanálise, o mediador é fígado pelos significantes que apontam para um possível lapso, repetição, contradição etc. Atrelada à arte, a experiência de se ouvir a partir de uma motivação artístico-cultural pode levar o sujeito a uma experiência com um novo saber sobre si. Perez (2009), aproxima a noção da psicanálise como uma experiência esclarecendo que:

O cerne da experiência se inicia onde a explicação fracassa, mas não por falta de pesquisa ou de recursos conceituais, senão porque não tem como não fracassar dado que a linguagem encontra seu limite. O trabalho da experiência analítica consiste, entre outras coisas, em operar numa lógica que aparece na superfície significativa onde o lapso, o esquecimento, a negação, a repetição e a contradição não são a exceção ou o erro: indicam algo que não se diz e, até mais radicalmente, algo que não pode ser dito, onde a palavra *algo* deveria ser riscada, porque a rigor é o Real (Perez, 2009, p. 1216).

Essa ideia de atrelar a psicanálise no âmbito da experiência foi indicada por Lacan (1985) no que tange à capacidade dessa teoria em indicar fenômenos que não podem ser acessados de forma biológica, mas sim a partir das costuras simbólicas que podem ser feitas pelo sujeito na associação livre ou até mesmo na significação dos sonhos. Lacan (1985) recorre a Freud para explicar essa experiência a partir da noção de “umbigo do sonho”:

Num sonho, diz Freud, há sempre um ponto absolutamente não apreensível, do âmbito do desconhecido - ele denomina isto umbigo do sonho. Não se costuma salientar essas coisas em seu texto porque, provavelmente, se imagina que se trata de poesia. Não é não. Isso significa que há no fenômeno um ponto que não é apreensível, o ponto de surgimento de relação do sujeito com o simbólico. O que denomino ser é esta palavra derradeira, que não nos é certamente acessível na posição científica, mas cuja direção nos é indicada nos fenômenos de nossa experiência (Lacan, 1985, p. 138).

O atravessamento do real, ou seja, do desconhecido, pode ser o desencadeador de uma experiência estética com a arte, pois ambos têm em comum o encontro ou a topada com algo inesperado, que fragmenta as certezas do sujeito. Para Goldstein (2019, p. 23), a experiência estética “é um tipo de experiência que se revela ao sujeito, involuntariamente. Ocorre. Acontece. E, como tal, é um acontecimento”. O que Goldstein (2019) chama de acontecimento vai ao encontro do que venho mobilizando nesta pesquisa, a partir da noção postulada por Figueiredo (1994), como uma suspensão na cadeia significativa do sujeito, levando a uma possível atualização (Mucida, 2018). Nesse sentido, um acontecimento é capaz de colocar o

sujeito frente ao paradoxo do belo e do sinistro, pois instaura um não-sentido para esse sujeito e o coloca a (re)elaborar, a bordejar seu furo a procura de um sentido, ou seja, abre brechas para uma (res)significação:

Aquele reencontro temido, o perder-se e o encontrar-se, é outro dos grandes temas que se desdobra em relação ao belo e ao sinistro. Essa dupla legalidade que pode atuar como trauma, quando acontece em uma experiência estética, nos caminhos de nossa tarefa, pode operar como uma abertura, a outra forma de pensar, uma nova perspectiva, de si mesmo, e do estranho do mundo (Goldstein, 2019, p. 25-26).

A possibilidade de colocar o sujeito a elaborar seus impasses e traumas de modo a repensar sua posição diante do outro e de si mesmo é o que me motivou a apostar na arte como integrante do espaço Desabroche. Embora o Desabroche não seja um espaço terapêutico, essa relação sujeito-arte-experiência estética pode produzir efeitos terapêuticos e, conseqüentemente, permitir ao sujeito que ele (res)signifique sua rede de identificações. Goldstein (2019, p. 107) aposta nessa ideia, afirmando que:

Não deixamos de notar e destacar que a experiência estética, em determinadas condições, credita uma significativa concordância com o que podem produzir o *setting*, a transferência e o campo analítico como campo de cura.

A arte, no espaço Desabroche, cujo propósito primordial é fomentar a circulação da palavra, se configura como uma grande aliada à escuta orientada pela psicanálise. Logo, essa imbricação pode ser capaz de promover efeitos terapêuticos para as participantes do espaço Desabroche. Diante disso, Falbo (2009, p. 75) sustenta essa ideia, postulando que

Como Freud costumava frisar nas definições que elaborou para a Psicanálise, esta constitui, em primeiro lugar, uma pesquisa dos processos inconscientes à qual os ganhos terapêuticos se agregam por acréscimo” (Falbo, 2009, p. 75).

A minha aposta é que atrelar a escuta psicanalítica com a presença da arte em um espaço que não se apresenta como sendo terapêutico pode apontar para formas de tratar o mal-estar dos sujeitos, proporcionando, assim, uma possibilidade de tratar uma parcela do real pela via do simbólico e do imaginário. Embora Freud e Lacan não tenham articulado uma teoria da arte, diante das teorizações de cada um deles, é possível perceber que a arte se configura como “uma teia que se tece como trama secundária e paralela às questões que a clínica propõe” (Falbo, 2009, p. 74). Diante disso, é preciso compreender como a arte pode ser capaz de organizar simbolicamente uma parcela daquilo que falha no sujeito, o inesperado, nomeado por Lacan de real.

4.3 A arte e o real

Início este tópico retomando a afirmação apresentada anteriormente por Regnault (2001, p. 33): “a arte utiliza o imaginário para organizar simbolicamente esse real”. Reitero a problematização de que essa organização não ocorre da mesma forma para todos os sujeitos e nem é capaz de dar conta do real como um todo. Para percebermos a articulação desses três registros, propostos como um nó borromeano por Lacan, retorno ao relato de Freud (1996) sobre seu (des)encontro em Atenas. Esse relato é capaz de demonstrar como as três instâncias se enlaçam. Primeiramente, é nítido todo o trabalho do simbólico em operação para que Freud busque dar um sentido para a experiência estética vivida naquela ocasião. É por meio do simbólico que Freud tenta nomear a experiência, elaborar um sentido para o sentimento de estranheza vivenciado no (des)encontro com a arquitetura tão significativa que a Acrópole parecia designar a ele.

Esse trabalho de simbolização busca aliviar o mal-estar sentido por ele diante de uma consistência imaginária - a certeza de estar diante da Acrópole e a matriz de sentidos previamente construída sobre o qual ela representa culturalmente – mas, ao mesmo tempo, um encontro com algo da ordem de um não-sentido, de um mal-estar que coloca em xeque a realidade daquele evento, ou seja, a ausência de sentido da ordem do real. Jorge (2005, p. 99), em suas elaborações sobre o real, o simbólico e o imaginário, afirma que o simbólico ocupa um lugar central nesse nó:

É fundamental perceber que, acentuando a regência do real na estrutura, Lacan acabou por precisar ainda melhor o lugar do simbólico, situando-o efetivamente *entre o real e o imaginário*. Devido a sua própria estruturação, o lugar do sujeito falante é produzido pelo simbólico, que permite mediatizar a relação com o real, por um lado, e com o imaginário, por outro. Tal posição entre real e imaginário é aquela que permite melhor evidenciar as *duas vertentes do simbólico*, ambas absolutamente entrelaçadas e impossíveis de serem dissociadas. Além disso, ela permite que se destaque o **lugar do sujeito**: representado no campo simbólico entre significantes, seu olhar pode estar voltado [...] para dois lados absolutamente opostos – o real, por um lado, e o imaginário, por outro.

Caminhando do imaginário para o real é que Freud se vê diante de uma experiência capaz de desestabilizar sua fantasia. Embora Freud não tenha elaborado a teoria dos 3 registros, sua interpretação e análise diante do acontecido baseou-se em todo seu conhecimento teórico e analítico da existência das manifestações do inconsciente e do encontro com o estranho que, em certa medida, podem apontar para uma experiência com o real.

Experiências como essa reforçam que a psicanálise e a arte se configuram como formas de se tratar uma parcela do real. No que tange ao público 60+, a escuta psicanalítica e os (des)encontros com a arte podem possibilitar que o sujeito (res)signifique sua experiência dando novos caminhos aos seus impasses subjetivos e, quem sabe, um alívio a sofrimentos e traumas que podem tê-los acompanhado durante grande parte de sua existência.

Esses novos caminhos podem ser traçados a partir da (res)significação de traços em sua rede identificatória, possibilitando com que esse sujeito de descole das representações que o aprisionam e possa, a partir disso, ecoar modos subjetivos de *envelhe-ser* na contemporaneidade.

CAPÍTULO 5 – O CULTIVO – UM PERCURSO METODOLÓGICO

A psicanálise não é nada mais do que um exercício de linguagem. Todos os psicanalistas, finalmente, concordam implícita ou explicitamente com isso, embora se sinta com estranheza que alguns deles resistem a reconhecê-lo. Resistência cujas próprias forças é proporcional à evidência dos fatos. Como evitar, então, uma conexão entre linguagem e inconsciente? E como dispensar o encontro entre linguística e psicanálise?

(Arrivé, 1999, p. 23)

Esta pesquisa é fruto da minha experiência como escutadora e, ao mesmo tempo, pesquisadora no espaço de escuta Desabroche. Logo, é importante compreender que o espaço Desabroche surge como um primeiro passo desta tese. Dito isso, posso afirmar que o percurso teórico-metodológico desta pesquisa inicia nas escolhas feitas para mediar o Desabroche e no modo como eu fui construindo minha narrativa sobre os relatos compartilhados naquele espaço pelos participantes.

Desse modo, ao adentrar esse capítulo metodológico, é imprescindível considerar o impacto da teoria da Análise de Discurso (AD) no início dessa minha trajetória. O fato de não protagonizar esse campo teórico nos gestos de análise desta pesquisa não exclui a experiência que essa área de pesquisa me proporcionou na construção de um olhar para a linguagem para além do que parece ser apenas uma troca de informações, um relato de experiência verbalizado em palavras. A AD me proporcionou um olhar para o silêncio, o dito e não-dito, os discursos constituídos pela memória, história, ou seja, pelo interdiscurso.

Essa experiência teórico-metodológica me colocou diante do que Orlandi (2007, p. 43) afirma sobre esse funcionamento: “[...] as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”. Ou seja, não se trata de um olhar para a linguagem como sendo esta uma simples troca de informação, mas sim de um complexo processo de construção de sentidos e de sujeitos constituídos por suas subjetividades.

A AD fundada por Michel Pêcheux na década de 1960, na França, e trazida por Eni Orlandi para o Brasil guiou e ainda guia grande parte do meu caminho acadêmico. O fato de adotar a perspectiva de que a linguagem não é transparente faz com que o analista de discurso busque verificar as condições de produção dos discursos e os efeitos de sentido que deles emergem. No entanto, ao se deparar com o real da língua, com os diversos modos de

manifestação do inconsciente e seus efeitos na constituição identitária do sujeito, a AD se depara com seu limite teórico-metodológico. Embora a AD tenha se colocado como um barco que me fez velejar no sentido da psicanálise, ela não será protagonista nesta pesquisa. Para este estudo, a teoria psicanalítica tem sustentado meus gestos de análise e me proporcionado mo(vi)mentos de provocações durante toda a minha experiência com a escrita desta tese. É esse (des)encontro com a psicanálise que pretendo esclarecer, a priori, neste capítulo.

O processo de construção de um percurso acadêmico é marcado por vários (des)encontros. Dentro da academia me (des)encontrei com diversas teorias linguísticas, algumas me afetaram menos, outras mais. Nesse percurso acadêmico, surge a psicanálise. A identificação pelos estudos conduzidos na AD me proporcionou o encontro com o Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguagem e Subjetividade (GELS/UFU), ainda durante a graduação. Foi na participação desse grupo que esse (des)encontro com a teoria psicanalítica se deu, inicialmente. Com muita timidez, poucos pontos dessa teoria surgiram na minha dissertação de mestrado. Na dissertação, surgiu o (des)encontro com a questão da transferência na relação professor-aluno, fenômeno este que me demandou muitas leituras e aprofundamentos na teoria psicanalítica de Freud e de Lacan. No entanto, estavam presentes em mim, o tempo todo, questionamentos como: O que a psicanálise tem a ver com as teorias linguísticas? Em que lugar ela se encontra dentro dessa grande área? Como sustentar uma pesquisa no viés discursivo, afetada pela psicanálise no âmbito dos Estudos Linguísticos?

Esses questionamentos se intensificaram na passagem da pesquisa do mestrado para a presente tese de doutoramento, pois, agora, além do meu interesse de pesquisa não seguir mais inquietações relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem para as pessoas 60+, me deparei com a possibilidade de investigar as manifestações do inconsciente e colocar o sujeito idoso a elaborar suas experiências e, quem sabe, construir novos modos de *envelhe-ser* no mundo.

Entender a afetação dos estudos discursivos pela psicanálise é um primeiro passo para tentar compreender essas questões e localizar o lugar da psicanálise dentro dos estudos da linguagem. Acredito que este caminho tem sido o mais árduo e não me parece cessar.

Na leitura do livro *Análise psicanalítica de discurso: perspectivas lacanianas* (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016), alguns esclarecimentos são dados pelos autores em relação a essa afetação dos estudos discursivos pela teoria psicanalítica freudo-laciana. Segundo os autores,

Freud definiu a psicanálise não apenas como um *método de tratamento*, mas também como um *método de investigação*. É exatamente nesse ponto que a psicanálise pode ser facilmente caracterizada como *análise do discurso*. Faz-se necessário compreender que, já em Freud, encontra-se a composição de um trabalho sobre a materialidade linguística *escorado* em esquemas conceituais

e literais, *orientado* por uma ética transformativa. [...] Freud debruçou-se sobre a materialidade linguística das formações do inconsciente, dando entrada para a releitura em ‘chave linguística’ realizada por Lacan” (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016, p. 10-11).

Diante disso, a teoria psicanalítica se apresenta, nesta pesquisa, como um método de investigação frente às narrativas oriundas dos participantes do Desabroche, ou seja, um método que não me permite assumir um lugar de psicanalista, mas me proporciona uma escuta, um olhar e uma investigação pautados nos pressupostos psicanalíticos tais como: a associação livre, o desejo do pesquisador e do participante e a transferência. Esses conceitos, que embasam todo o percurso deste estudo, serão mais bem desenvolvidos no decorrer desta tese.

Na busca por um suporte teórico-metodológico que me permitisse tanto uma escuta sustentada pela psicanálise freudo-lacanianiana, quanto a mobilização de conceitos dessa área dentro de uma pesquisa no âmbito acadêmico, me deparo com a proposta de Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016) de uma Análise Psicanalítica de Discurso. Apresento, no tópico seguinte, o que justifica adotar essa perspectiva neste trabalho.

Além disso, a pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica se enquadra neste estudo, pois esse tipo de pesquisa sustenta minha posição de mediadora e pesquisadora tanto no espaço Desabroche quanto nas problematizações elaboradas neste texto. Essa perspectiva, proposta por Pereira (2016), permitiu a construção de um *corpus* a partir de Diário de Bordo produzidos por mim e dos chamados *frutos*, produzidos pelos participantes do Desabroche.

Veremos, então, neste capítulo, as especificidades de uma pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica e como o *corpus* da pesquisa se construiu. Além disso, apresentarei uma breve elaboração dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise Psicanalítica de Discurso, os quais sustentam esta pesquisa.

5.1 A Análise Psicanalítica de Discurso: um trajeto teórico-metodológico

Para justificar a escolha da Análise Psicanalítica de Discurso como base metodológica, é preciso compreender como ela pode ser abordada em uma pesquisa inserida em um programa de Estudos Linguísticos. Logo, inicialmente, é preciso situar a psicanálise como pertencente ao campo da linguagem. Essa afirmação por si só, seria capaz de situar os estudos de Freud e de Lacan no âmbito dos Estudos Linguísticos, pois, para a teoria lacanianiana, “a epistemologia da psicanálise repousava nas ciências da linguagem, uma vez que a linguagem é condição do inconsciente” (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016, p. 86). No entanto, é necessário retomar

o surgimento do que hoje entendemos por linguística e como essa teoria contribuiu para os estudos psicanalíticos.

Saussure, considerado como o pai da linguística, no *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 2012), faz a distinção entre língua, fala e linguagem¹⁹. A linguagem pode estar presente em diferentes domínios, é ao mesmo tempo individual e social e não se restringe por ser uma unidade ou sistema. A língua está para outra ordem. Enquanto a linguagem é colocada como social e individual, a língua está para a ordem do social e adquirida convencionalmente. Entendo, com isso, que, para Saussure, a língua está dentro de um sistema que adquirimos e que, ao ser reproduzida por sons em nosso aparelho vocal, configura-se como fator individual: a fala. De acordo com o linguista:

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; um cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual [fala] e ao domínio social [língua]; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (Saussure, 2012, p. 41).

Portanto, “Saussure concebeu esse duplo corte, que instaura o campo da linguagem, como lugar de encontro entre o acústico e o vocal, o individual e o social, o som e a ideia, entre um sistema estabelecido e sua evolução” (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016, p. 14). Diante disso, compreendo que, a partir da visão de Saussure (2012), a língua é o ponto de observação desse viés inaugural dos estudos linguísticos, pois trata-se de uma unidade primordial de manifestação da linguagem.

Primeiramente, entender a diferença entre língua e linguagem se faz importante, pois definir o objeto de estudo (língua) em uma pesquisa significa que é possível olhar para uma unidade de manifestação da linguagem, e não para o todo. A língua indica a materialidade linguística pela qual temos acesso à faculdade de linguagem, mas não pode ser analisada em sua totalidade, pois os sentidos são construídos pelo discurso.

Diante disso, é possível perceber que a linguística inaugurada por Saussure (2012) representou um grande avanço para compreender a linguagem em sua dimensão multiforme e a língua como produto social dessa faculdade, em que opera como um sistema de valores, composto por signos linguísticos. Ao separar língua e fala, Saussure (2012) delimita a língua

¹⁹ A elaboração de tais termos não se encontra apenas no *Curso de Linguística Geral* (CLG), publicado em 1916, editado e elaborado por Sechehaye e Bally, cuja autoria é atribuída a Ferdinand de Saussure, mas sim, em toda uma gama de manuscritos deixados pelo próprio Saussure e por alguns alunos que frequentaram os cursos por ele ministrados. No entanto, para este estudo, oriento-me pela teoria registrada no CLG.

como seu objeto de estudo, por considerar a fala como um resíduo não-científico de análise, “[...] resto e impureza, um desejo expulso pela própria operação que constitui a língua” (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016, p. 15). Essa escolha teórica de Saussure se deu, segundo Teixeira (2005, p. 66) pois:

Para adquirir status científico, a linguística teve que operar exclusões, colocando na exterioridade de seu objeto – a língua – questões que não deixam de lhe dizer respeito: o sujeito, a referência, a história.

Portanto, ao delimitar a língua como objeto da linguística, Saussure exclui a relação que a língua estabelece com aspectos que são da ordem de uma exterioridade a esse sistema. É neste ponto em que a AD intervém com sua crítica à dicotomia língua/fala e é nesse ponto que há um limite da teoria linguística saussuriana para pensar a análise da materialidade proposta nas pesquisas que se dedicam a olhar para a subjetividade do sujeito e sua relação com a linguagem.

A crítica levantada pela AD surge inicialmente no texto de Michel Pêcheux *Análise Automática de Discurso* (Pêcheux, 1990), no qual ele considera a língua não só pelo seu caráter social, mas também político. Em relação à dicotomia proposta por Saussure, Pêcheux (1997, p. 71) apresenta sua crítica com o seguinte argumento:

[...] mesmo que explicitamente ele [Saussure] não tenha desejado, é um fato que esta oposição autoriza a reaparição triunfal do sujeito falante como *subjetividade em ato*, unidade ativa de intenções que se realizam pelos meios colocados à sua disposição; em outros termos, tudo se passa como se a linguística científica (tendo por objeto a língua) liberasse um resíduo, que é o conceito filosófico de sujeito livre, pensado como o avesso indispensável, o correlato necessário do sistema.

Diante disso, os estudos discursivos consideram esse ponto essencial para a busca de uma definição de sujeito, pois ao deixar a fala – fenômeno individual – de fora dos estudos Saussurianos, a subjetividade e os efeitos de sentidos produzidos por um discurso também não foram fatores considerados nas elaborações saussurianas no Curso de Linguística Geral²⁰. Portanto, “do ponto de vista do corte saussuriano, qualquer fato discursivo é um fenômeno de fala. O discurso sustenta-se na língua, só existe no esteio dela; mas, por assim dizer, rompe suas fronteiras” (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016, p. 16). Ao postular que o discurso rompe as fronteiras da língua, os autores apontam para fatores que estão para além do observável no

²⁰ Neste momento, não refiro às pesquisas desenvolvidas mais recentemente e que buscam atribuir um olhar desses elementos que, no CLG, os alunos de Saussure parecem ter deixado de lado. Todavia, entendo que não se pode generalizar tal exclusão em todas as pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores que se dedicam a aprofundar na teoria saussuriana.

puramente linguístico, como os gestos, o corpo, o não-verbal, e todos os outros fatos observáveis que ultrapassam o sistema linguístico postulado por Saussure.

Tal fato não ignora as teorizações saussurianas que, até os dias atuais, se mostram essenciais para as possibilidades de caminhos traçados pelos linguistas, mas aponta para algo que Saussure não se encarregou de incluir em sua época: a exterioridade à língua, os equívocos, a não-transparência da linguagem e outros aspectos que foram abordados pela AD.

Teixeira (2005, p. 68-69) recorre a Authier-Revuz para afirmar que a língua, “é radicalmente constituída pela *falta* daquilo que a linguística teve que abandonar para se configurar como ciência. Isso que falta insiste na língua, comprometendo a regularidade.” Nessa perspectiva, a AD proposta por Pêcheux e Fuchs (1997) aponta para outro caminho. Diferente da ideia de uma homogeneidade na produção de sentidos, os autores argumentam sobre a heterogeneidade do discurso, ou seja, passam a considerar uma nova forma de encarar os fenômenos da linguagem, afetadas por três áreas de conhecimento científico:

1. O materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
 2. A linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
 3. A teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos.
- Convém explicitar ainda que estas três regiões são, de certo modo, atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) (Pêcheux, Fuchs, 1997, p. 163-164).

É possível observar que, para Pêcheux, em seus estudos que inauguram a Análise de Discurso de linha francesa, ao analisarmos um fato discursivo é preciso levar em consideração: as condições ideológicas de produção que estavam relacionadas ao conceito de ideologia proposta por Althusser; os mecanismos sintáticos que proporcionam uma análise linguística de tais fenômenos, por influência da linguística saussuriana; e as determinações históricas que permitem com que um certo discurso seja instaurado. Tudo isso atravessado pela subjetividade da ordem do inconsciente do sujeito. Tal afirmação aponta para um olhar para a premissa do inconsciente, estabelecida por Freud (1987), dentro dos estudos discursivos da época, na direção de uma busca de um sujeito de linguagem.

Diante dessa perspectiva em relação ao sujeito para a AD, na tentativa de contradizer a ideia de que o sujeito sabe o que diz e controla os sentidos que produz, Pêcheux se depara com uma “falha” na constituição desse sujeito. Segundo Teixeira (2005, p. 52):

Tanto no nível individual como no plano da história, a “máquina” teórica de *Les Vérités de la Palice* não deixa lugar para a *falha*. Ora, se a AD se coloca como uma disciplina atravessada por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica, *alguma coisa não vai bem* no modo como a psicanálise é chamada a aí intervir.

Nesse momento, a tríplice aliança se rompe, e a inter-relação proposta por Pêcheux entre os três campos: a linguística, o marxismo e a psicanálise começa a ser questionada. O sujeito para Pêcheux se fundamenta na noção de assujeitado, em que uma ideologia domina sobre ele. Nessa noção não há espaço para a falha. Para Teixeira (2005, p. 52):

Pêcheux se penitencia por ter levado demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno, em que nada falha. É exatamente aí que falha a noção de sujeito em *Les vérités de la Palice*, ao que me parece, em razão de uma leitura parcial do texto de Lacan. Essa leitura, equivocadamente, faz coincidir o Outro lacaniano com o Sujeito althusseriano, não levando em conta que esse Outro não é simplesmente uma máquina resultante de automatismo de uma combinatória estrutural, mas é um Outro desejante. O que não está enfatizado no Pêcheux de *Les vérités de la Palice* é a dimensão da *falta*, o caráter inapreensível desse Outro, resultando do fato de que o simbólico não se totaliza.

O atravessamento da psicanálise nos estudos pecheutianos se dá por meio de uma ênfase maior aos registros do simbólico e do imaginário, e explora de forma menos aprofundada o registro do real. Assim, a AD adquire um caráter teórico-metodológico limitado para essa pesquisa, pois o real se configura como sendo o registro que mais convoca meus gestos de análise, pois meu olhar se volta para aquilo que escapa ao sujeito.

Portanto, para este estudo, as contribuições da AD em relação às condições de produção, a heterogeneidade discursiva, a alteridade constitutiva do sujeito, atravessam meu olhar para a produção linguageira do sujeito, porém não serão abordadas diretamente nos gestos de análise. Justamente pelo fato de que há algo que vai além de toda essa materialidade considerada como elementos de análise em uma análise discursiva. Há algo que falha e que insiste na língua. Esse “algo” é o que diz sobre o enigma subjetivo do sujeito, que se manifesta nos deslizos e que, ao ser apontado e encarado pelo sujeito, ele pode então fazer algo com esse não-saber, (res)significando, assim, suas experiências e impasses. É diante desses limites e contribuições que esta pesquisa se ampara na perspectiva de uma *Análise Psicanalítica de Discurso*.

Portanto, ao propor constituir o *corpus* em questão por meio dos pressupostos teórico-metodológicos da *Análise Psicanalítica de Discurso*, pretendo investigar os significantes que constituem os dizeres dos idosos participantes do Desabroche, por meio das possíveis

repetições, insistências, escapes, e indícios que apontam para possibilidades de discussão das perguntas de pesquisa delimitadas pela hipótese proposta nesta pesquisa.

Ao assumir o olhar teórico-metodológico da *Análise Psicanalítica de Discurso*, proponho uma análise não linear, não literal e não cronológica em relação à enunciação dos participantes da pesquisa, pois o objetivo deste estudo não se restringe à descrição e à explicação dos dizeres, mas sim em (d)enunciar o que não se diz na linearidade do discurso. Os gestos de análise construídos nesta pesquisa têm o intuito de ultrapassar o nível descritivo e unicamente científico, ou seja, eles aspiram ter efeito transformador, político e ideológico. Transformador, pois quando se trata de uma análise psicanalítica de discurso, a tarefa do analista é examinar, a partir de elementos linguístico-discursivos, do atravessamento da subjetividade, das instâncias em que o inconsciente emerge, uma experiência com potencial transformador. Não se trata de uma transformação radical, mas de sutis alterações na rede identificatória desse sujeito, de modo a suspender determinadas certezas subjetivas na qual o sujeito se ancora e possibilitar outros modos de se ver representado. Afinal, esse é um dos objetivos de uma pesquisa de caráter intervencionista.

Nessa tarefa, o recurso de uma análise psicanalítica de discurso, ao tratar de um caráter transformativo, visa analisar a possibilidade dos participantes em realizar uma “experiência com o inconsciente, reconhecendo desejos, subjetivando suas contradições, desfazendo alienações” (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016, p. 27). Portanto, diante de uma pesquisa de âmbito universitário, me amparo na seguinte proposta dos autores:

a pesquisa em psicanálise pode ser mais bem fundamentada e justificada em termos universitários se a considerarmos, ela mesma, como forma de *análise do discurso*; e se, ao mesmo tempo, praticarmos um tipo de reflexão metodológica necessária para empregar noções provenientes das ciências da linguagem. [...] não foi isso, afinal, que Lacan realizou ao trazer para a psicanálise noções e conceitos que lhe eram inicialmente estranhos, como significantes, letra, enunciação, discurso e dizer? (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016, p. 32).

Assim como Macedo (2022) sustenta em sua tese, em que também adotou a *Análise Psicanalítica de Discurso* como aporte teórico-metodológico para suas análises, aposto na ideia de que:

[...] a psicanálise, como método de investigação, pode ser caracterizada como uma análise de discurso que tem, como característica fundamental, a implicação do sujeito, além da observação dos critérios que balizam a psicanálise, a saber, a transferência e a associação livre (Macedo, 2022, p.65).

Desse modo, é importante ressaltar que este presente estudo se encontra amparado teórica e metodologicamente pela Análise Psicanalítica de Discurso. Diante disso, a partir dessa escolha metodológica, esta pesquisa tem sido articulada como uma pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica, como veremos no tópico seguinte.

5.2 A pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica

A metodologia de análise e constituição do *corpus* é baseada nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise Psicanalítica de Discurso. No entanto, compreendo que ao adotar tais pressupostos teórico-metodológicos; colocar-me diante dos participantes do espaço Desabroche como mediadora e pesquisadora; e elaborar gestos interpretativos para o *corpus* construído neste estudo a partir da teoria psicanalítica, entendo que esta tese se configura como sendo de caráter intervencionista de orientação psicanalítica (Pereira, 2016).

Diante do meu olhar como pesquisadora no Desabroche e na constituição do *corpus* de análise, aposto no fato de que esta tese se configura como sendo uma pesquisa-intervenção. Isso porque ela me permite trabalhar as singularidades discursivas e não tanto as regularidades no discurso dos participantes. No entanto, as regularidades são relevantes para a pesquisa aqui proposta, por permitirem mapear as identificações que constituem os participantes e como elas podem ou não ser ressignificadas. De acordo com Pereira (2016),

O processo de formulação da pesquisa-intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques investigativos tradicionais e amplia as bases teórico-metodológicas da pesquisa-ação e da pesquisa participante. Trata-se de uma proposta de possível atuação transformadora da realidade subjetiva, para além de apenas compreendê-la, já que põe em cena uma intervenção de ordem singular e micropolítica na experiência social (Pereira, 2016, p. 73).

A pesquisa-intervenção de base psicanalítica proposta por Pereira (2016) coaduna com o objetivo deste estudo no que tange à possibilidade de uma alteração na rede identificatória dos participantes do Desabroche. Não se trata apenas de discutir e de problematizar temas relacionados ao envelhecimento, mas, para além disso, de proporcionar um deslocamento discursivo do idoso por meio de uma possível fratura em sua rede identificatória.

Isso justifica o fato desta pesquisa se afastar de uma proposta de pesquisa-ação, pois não se trata de analisar minha prática, nem a prática de outra pessoa. Antes, o enfoque central é a transferência, a associação livre e o desdobramento desses dois aspectos psicanalíticos nas

possíveis intervenções e seus efeitos de (res)significação de experiência nos participantes do Desabroche.

Nota-se que a pesquisa-intervenção está fundamentalmente atrelada a processos de subjetivação, de desterritorialização, bem como de desnaturalização de si e do objeto investigado, de modo a poder levar o sujeito a produzir o que não se espera: uma novidade, um novo significante, uma fala plena. Algo que o surpreenda e que o subjetive (Pereira, 2016, p. 74).

São nos dizeres dos participantes do Desabroche contidos nas minhas percepções registradas no Diário de Bordo e nos *frutos* que investigo a possibilidade da produção de algo inesperado, de uma novidade rumo a uma (res)significação de experiência.

Ao considerar o Desabroche como um espaço de palavra, nele, conseqüentemente, foi concedido aos participantes um espaço de escuta. Essa escuta pôde ser precipitada justamente pela afetação dos participantes a partir da experiência ensejada com as produções artísticas, pois, com isso, eles puderam se colocar a dizer. Desse modo, coube, preponderantemente, a mim o papel de escuta, enquadrando este estudo em uma pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica.

É a partir da circulação e da escuta da palavra que eu, como mediadora e pesquisadora, fui capaz de identificar insistências de determinados significantes nos dizeres dos participantes, para fazer possíveis intervenções. Enquanto mediadora, tais intervenções foram feitas tanto em forma de pontuações, como perguntas, cujo objetivo era de, possivelmente, descolar o sujeito da representação da velhice à qual eles pareciam encontrar-se identificados.

Enquanto pesquisadora, o próprio fato de me debruçar a analisar a possibilidade de (res)significação de experiência dos participantes por meio do material de análise produzido durante os encontros no Desabroche aponta para uma intervenção, pois espero que este estudo possa causar efeitos (res)significativos naqueles que se propuserem a ler, bem como a mim mesma, afetada subjetivamente por toda a experiência vivida no percurso de construção desta tese. Desse modo, considerando que minha atuação como mediadora é afetada constantemente pelo meu olhar de pesquisadora, é preciso compreender a dinâmica do espaço Desabroche e como esse modo de funcionamento afetou a constituição do *corpus* desta pesquisa.

5.3 A dinâmica do espaço “Desabroche”: a conversação

No Capítulo 1 desta tese me dediquei a descrever aspectos importantes do projeto de extensão Desabroche, desde sua idealização até seu modo de funcionamento em 2022, enquanto

eu atuava como mediadora. A descrição feita no Capítulo 1 se limitou a aspectos práticos do projeto que até sua edição atual, em 2024, servem como um guia para quem se propõe a mediá-lo. No entanto, é preciso considerar que, por se tratar de um espaço de escuta, aspectos voltados à subjetividade de cada mediador e às escolhas teórico-metodológicas podem dar formas diferentes à dinâmica da escuta dentro do espaço.

Os aspectos teórico-metodológicos que sustentam a dinâmica do Desabroche podem ser capazes de dar contornos diferentes às trocas languageiras que acontecem no espaço. Diante disso, sustentada pela teoria psicanalítica, durante o tempo em que atuei como mediadora, o Desabroche foi conduzido a partir da conversação, um dispositivo da psicanálise clínica criado por Miller (2005) que tem se estendido como psicanálise aplicada a outros espaços. Em suas elaborações sobre a conversação como uma metodologia de pesquisa em psicanálise, Miranda, Vasconcelos e Santiago (2006) apresentam uma breve retomada de como esse dispositivo surgiu e a importância dele para pesquisas que buscam investigar a palavra em circulação em um espaço coletivo:

Criado na França, em julho de 1996, com a finalidade de abrir o campo da investigação ao diálogo da psicanálise com outros discursos que têm incidência sobre a criança, o CIEN (Centro interdisciplinar de Estudos sobre a Infância) instaura a prática da Conversação, criando um outro dispositivo de investigação psicanalítica. O objetivo era, por meio de equipes interdisciplinares, "visitar, regularmente, crianças e jovens nos seus lugares onde passam a maior parte de suas vidas, ou seja, a escola" (LACADÉE, 1999/2000). Em sua proposta original o trabalho foi realizado com as crianças e os adolescentes. A aceitação da proposta bem como as demandas resultantes do seu efeito, fazem crescer o interesse dos docentes pelo trabalho. Atualmente já existem trabalhos de conversação com professores (Miranda; Vasconcelos; Santiago, 2006).

Embora a conversação tenha sido pensada, em um primeiro momento, no âmbito educacional, mais especificamente para crianças e adolescentes, esse dispositivo pode ser adotado em outros espaços que se propõem a operar através de uma associação livre coletivizada, na qual o objetivo seja suspender as certezas do sujeito para que ele possa elaborar novos saberes sobre si. Segundo as autoras: "a subversão que a conversação propõe encontra-se no conteúdo do que se vai falar. Não é solicitado um saber já sabido, predeterminado, pois a fala é a própria de cada sujeito" (Miranda; Vasconcelos; Santiago, 2006).

É através da troca coletivizada, da narrativa de si que o sujeito pode se surpreender com significantes que insistem em se repetir, com o mal-estar que surge ao acessar um certo assunto, tema ou lembrança, levando o sujeito aos tropeços na linguagem e aos furos em sua rede identificatória.

A surpresa está nessas conversas, no sem sentido que surge delas, mas que pode fazer sentido a algum participante, e por isso a aposta das conversações é fazer emergir o real que toca a cada um. É esse real que pode ser contornado por meio das palavras. A surpresa nos diz que se tocou em algo novo. A palavra o contorna pois o real nos escapa sempre. São essas as surpresas que advém da multiplicidade de sentidos dados que vão surgindo oportunizando conhecer algumas identificações manifestas (Miranda; Vasconcelos; Santiago, 2006).

Logo, compreendo que o Desabroche se configura como um espaço em que a conversação opera no grupo, pois ele visa, por meio das produções artístico-culturais e da circulação da palavra, fazer com que o sujeito se depare com um não-sentido, ou seja, com a possibilidade de instauração do discurso do analista. É na busca por essas surpresas e tropeços que a escuta sustentada pela psicanálise circula no espaço Desabroche para que, diante do meu olhar como pesquisadora, esses fenômenos possam apontar para possíveis representações da velhice e possíveis (res)significações das experiências compartilhadas. Sustento-me na ideia das autoras que afirmam que:

Esse dispositivo [conversação] visa tocar o ponto de real do sujeito, deixando emergir mais do que a ficção de cada um, buscando o sem-sentido que provoca surpresa. O pesquisador encontra no produto do que se opera a partir dos mal-entendidos da linguagem, nesses pontos em que aparecem os tropeços e o inédito, o material que será submetido à análise. Não se trata, pois, de uma análise do conteúdo das falas dos sujeitos, baseadas em uma interpretação da cadeia de significantes e significados, das metáforas e das metonímias; por fim, tem os efeitos de sentido do que se fala. Além do mais, trata-se de buscar o movimento dos sujeitos em direção ao registro do impossível. Na expressão do mal-estar brota o inconsciente, que expressa o conflito intrapsíquico. (Miranda; Vasconcelos; Santiago, 2006).

Por isso, diante dos apontamentos levantados por Miranda, Vasconcelos e Santiago (2006) sobre a aplicação do dispositivo da conversação como metodologia de pesquisa em psicanálise em um grupo, no nível coletivo, compreendo que, durante o tempo em que fui mediadora do Desabroche, adotei essa metodologia, pois o espaço ofereceu a oportunidade da palavra circular, interrogando discursos prontos e questionando-os; atendeu a um grupo da sociedade marginalizado, as pessoas 60+; não apresentou soluções e sugestões para os problemas que podem vir a surgir na interação do grupo; apesar de ter um número de reuniões predeterminado, não houve um cronograma de temas a serem abordados e nem uma determinação prévia de onde se pretendia chegar com a dinâmica do grupo; e, finalmente, voltou o olhar da pesquisadora, no meu caso também mediadora, às surpresas, aos tropeços e

ao mal-estar que se produz, pois essa metodologia propõe que é a partir desses acontecimentos que se dá a emergência do real e a possibilidade do novo.

5.4 A construção do *corpus* de análise

O corpus desta pesquisa foi constituído a partir de um Diário de Bordo, produzido por mim enquanto pesquisadora e mediadora do Desabroche, e dos Frutos produzidos pelos participantes da pesquisa. A seguir, apresento como esse corpus foi constituído a partir das especificidades de cada instrumento.

5.4.1 O Diário de Bordo

Conforme já foi abordado no Capítulo 1, durante os encontros *online* do Desabroche, fomentados por alguma produção artístico-cultural, os participantes tinham a oportunidade de falar livremente sobre a produção artística em questão.

Durante o desenrolar do dizer dos participantes sobre suas experiências em relação à produção artística, foram feitas pontuações vindas tanto dos próprios participantes quanto de mim, já que exerci o papel de pesquisadora, mediadora e escutadora, buscando apontar possíveis deslizamentos nos dizeres dos participantes e, também, fazendo intervenções quando necessário. Portanto, o Diário de Bordo (DB) foi constituído com anotações das pesquisadoras²¹ sobre efeitos de sentido possíveis de serem produzidos pelos dizeres dos participantes em relação ao processo de envelhecimento e temas que o circundam; bem como com as pontuações feitas durante os encontros e anotadas *a posteriori* e possíveis desdobramentos que pudessem ter sobre os participantes. Essas anotações no DB constituem parte do *corpus* de análise.

As narrativas as quais os participantes são convidados a compor na forma de *frutos* também são parte do *corpus*, pois a partir delas é possível analisar as evidências de deslocamentos no enquadre discursivo, ou seja, os desdobramentos de efeitos de sentidos para os modos como esses sujeitos participantes do Desabroche ocupam uma determinada posição em determinado enquadre discursivo. Durante as notas do DB e nas narrativas produzidas pelos

²¹ Na primeira edição do projeto (2020/2), o projeto contou com a mediação da orientadora desta pesquisa, a Prof.^a Dra. Carla Nunes Vieira Tavares, juntamente comigo. Nas duas edições posteriores (2021/1 e 2021/2), o DB foi composto apenas com as minhas anotações, pois a orientadora não participou mais como mediadora. Entretanto, atendimentos de supervisão para a discussão dos casos aconteceram quinzenalmente entre ela e eu.

participantes, seus nomes não foram divulgados, e foram escolhidos nomes fictícios para manter o sigilo sobre a identidade dos participantes.

A escolha do DB como instrumento de coleta de dados para a constituição do *corpus* se justifica pelo fato de ele permitir que o pesquisador formule seus gestos de interpretação sobre o objeto analisado. Segundo Moura (2006),

O DB [diário de bordo] pode ser, conforme escreve RÉMI HESS (HESS, 1989, *apud* Myriam, 2005, p. 15), "descritivo, reflexivo, anedótico, pessoal, hipercrítico. O seu autor dá características àquilo que ele observa, às informações que ele recolhe e que ele próprio elabora". O objetivo sempre é de ganhar em flexibilidade e conseqüentemente em implicações pessoais. Isto se aproxima das palavras de Freud (1936) quando aborda a entrada da sua teoria no campo da pedagogia (Moura, 2006).

Ademais, o DB também permite que os efeitos da subjetividade do pesquisador sejam integrados à análise, pois esse instrumento de registro não tinha como objetivo transcrever a fala de todos os participantes em todos os momentos durante os encontros. O DB foi sendo construído por mim, como mediadora e pesquisadora, de formas distintas a depender da minha experiência com a escuta.

Na primeira edição, devido à minha pouca experiência como escutadora e, talvez, movida pela ansiedade em não deixar escapar nada, tentei anotar todos os detalhes, todas as falas. Percebi que essa seria uma tarefa impossível diante da escuta atenta que eu me propus a exercer. Nas duas edições seguintes, atuando sozinha como mediadora, me dediquei menos às anotações durante os encontros, praticando dessa forma o que Freud, em seu texto "Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico" (2020c), chamou de atenção ou escuta flutuante. Esse conceito proposto por Freud (2020c) sustentou minha escuta no sentido de permitir que o sujeito falasse livremente, enquanto eu, que ocupava o papel de escutadora, lhe oferecesse uma atenção que não se fixasse a nenhum ponto específico. Nas palavras de Fink (2017), sustentado pela teoria lacaniana, esse tipo de atenção:

É muito mais uma atenção que flutua de ponto a ponto, de afirmação em afirmação, sem necessariamente procurar tirar conclusões a partir desses pontos, interpretá-los, unificá-los ou somá-los. É uma atenção que compreende no mínimo um nível de significado e consegue ouvir todas as palavras e a maneira como são pronunciadas, incluindo velocidade, volume, entonação, emoção, deslize, hesitação, e assim por diante (Fink, 2017, p. 28).

A escuta flutuante permite com que o escutador não prenda sua atenção a uma determinada afirmação e tente gravá-la mentalmente, pois, ao tentar gravar e reproduzir nas

anotações a fala do sujeito, o escutador perceberá que acabou perdendo todo o restante que foi dito e não-dito pelo sujeito. Para Freud (2020c), a atenção flutuante é uma das técnicas que sustentam uma escuta psicanalítica, e ela deve ser colocada em prática de forma que o escutador:

[...] mantenha todas as influências conscientes longe de sua capacidade de memorização e se entregue completamente à sua memória inconsciente, ou, dito de maneira puramente técnica: ouça o que lhe dizem e não se preocupe se vai se lembrar de algo ou não (Freud, 2020c, p. 94).

Por esse motivo, optei por não gravar e transcrever os encontros. O DB foi composto, a partir da segunda edição do Desabroche, de anotações pontuais durante os encontros, mas a maior parte do que foi registrado por mim foi construído *a posteriori*. Essas anotações no DB eram retomadas durante os atendimentos de supervisão com a orientadora desta tese, com o objetivo de me colocar a falar sobre os participantes e, juntamente com as pontuações propostas por ela, decifrar as possíveis alienações dos sujeitos e compreender seus deslizes, os significantes insistentes, dentre outros indícios de possíveis pontos de identificação daqueles participantes.

Mesmo Freud (2020c), embora não recomendando as anotações de grandes extensões em sessões de análise com a técnica psicanalítica, abre uma exceção para casos com o objeto de uma publicação científica. Contudo, mesmo diante dessa possibilidade, Freud (2020c) chama a atenção para um caráter cansativo do excesso de anotações, fazendo necessário que o leitor confie nas percepções subjetivas daquele que apresenta resultados de uma experiência com a escuta psicanalítica:

Fizemos a experiência de que o leitor, se ele quiser acreditar no analista, também lhe dará crédito pelo pouco trabalho que dedicou a seu material; mas se ele não quiser levar a sério nem a análise nem o analista, ele ignorará os registros acurados do tratamento. Não parece ser esse o caminho para resolver a falta de evidências encontradas nas apresentações psicanalíticas (FREUD, 2020c, p. 97).

Esses foram os princípios que guiaram a construção do meu DB e que também me auxiliaram a compor meus Relatos de Experiências (RE) como forma de lançar meu gesto de interpretação para o *corpus* desta pesquisa.

5.4.2 Os *Frutos*

Além do DB, os participantes foram convidados a produzir narrativas de si, chamadas de *frutos* relacionadas a temas apresentados e discutidos durante os encontros *online*. Para a produção dessas narrativas, os participantes tiveram a liberdade de escolher um gênero, podendo ser um texto escrito, vídeo, fotografia, imagem, poema, entre outros, conforme foi descrito também no Capítulo 1 desta tese.

Os *frutos* foram chamados dessa forma pelo potencial transformador que essa produção possibilita aos participantes. Em um primeiro momento, pensei em direcionar a produção dos *frutos* para um texto narrativo do gênero relato. No entanto, ao pensar na dinâmica do espaço Desabroche, onde a arte teria um papel mobilizador para a palavra circular, compreendi que não seria coerente limitar o *fruto* a apenas um tipo de produção textual. Ao considerar a produção do *fruto* como um objeto de materializar as possíveis experiências (res)significadas durante os encontros do Desabroche, entendi que essas produções poderiam ser livres e com a liberdade para que os participantes que se sentissem confortáveis em produzi-lo, poderiam fazer usando como suporte qualquer gênero que desejassem. Com isso, obtive devolutivas de *frutos* em forma de relatos escritos, poemas, imagens coloridas, pinturas, fotografias, vídeos, artesanatos, entre outros.

Conforme já mencionado no Capítulo 1, essa narrativização de si foi chamada de *fruto* pois se relaciona com o desabrochar. Entendo que o desabrochar de uma planta, momento em que ela se abre e se transforma em flor, indica a possibilidade de advir futuros *frutos*, portanto, nesse mo(vi)mento, um *fruto* pode surgir.

A produção de um *fruto* surgiu sempre como um convite para aqueles participantes que se sentissem confortáveis em produzir algo da experiência vivenciada no Desabroche. Como se sabe, nem todas as plantas produzem frutos, algumas nem mesmo passam pelo mo(vi)mento do desabrochar, por isso, compreendo que nem todos os participantes foram afetados da mesma forma, no sentido de produzir um *fruto* dentro do projeto de extensão. Para a constituição do *corpus*, nem todos os *frutos* foram incluídos, somente aqueles que indicavam um investimento subjetivo de alguns participantes, determinado pelo seu engajamento nos encontros. Além disso, a escolha dos frutos também se deu a partir do atravessamento subjetivo que eles tiveram em mim.

Portanto, esses dois materiais de análise: o DB e os *frutos*, é que constituem o *corpus* desta pesquisa e é a partir deles que os RE foram constituídos e analisados.

5.4.3 A construção dos Relatos de Experiência

Com o DB em mãos e os *frutos* que os participantes compartilharam comigo durante os encontros no Desabroche, parto para o trabalho de construção dos RE de alguns casos que passaram pelo projeto de extensão. Recorro ao RE, pois considero sua construção um instrumento de análise dentro de uma pesquisa-intervenção.

O RE utilizado nesta pesquisa se distancia da concepção mais vernacular desse termo. Logo, é necessário compreender a diferenciação do RE que é adotado nesta pesquisa com o RE enquanto gênero textual acadêmico adotado em algumas pesquisas etnográficas e narrativas. Nesse viés, de acordo com Tavares (2020, p. 161):

A diferença entre o relato de experiência tal como é discutido neste trabalho e aquele encontrado nessas pesquisas é a consideração da divisão subjetiva e a tentativa de bordejar o real por meio da imbricação do simbólico e do imaginário em sua escrita, que materializa gestos de interpretação. Por sua vez, esses gestos também delineiam trajetórias e cartografias que mapeiam e/ou indicam o entrecruzamento da subjetividade na pesquisa.

Adoto, então, o RE para a construção dos gestos de análise pois, a partir de sua construção, deixo-me afetar enquanto pesquisadora e, conseqüentemente, é possível que aspectos da minha singularidade emerjam durante a construção deles. As autoras Daltro e Faria (2019) reforçam a importância em considerar o RE como uma importante narrativa científica aliada a condição pós-moderna, em que se baseia preferencialmente na experiência de singularização:

O RE está compreendido como um trabalho de linguagem, uma construção que não objetiva propor a última palavra, mas que tem caráter de síntese provisória, aberta à análise e à permanente produção de saberes novos e transversais. Configura-se como narrativa que, simultaneamente, circunscreve experiência, lugar de fala e seu tempo histórico, tudo isso articulado a um robusto arcabouço teórico, legitimador da experiência enquanto fenômeno científico (Daltro; Faria, 2019, p. 235).

Ademais, é na construção dos relatos que a análise se constrói a partir de pressupostos teóricos guiados pela Análise Psicanalítica de Discurso. O processo de elaboração dos RE assume uma posição subjetiva de quem narra, no caso, o pesquisador, por isso é um processo singular. Desse modo, os RE foram elaborados após todos os materiais de análise terem sido

coletados, ou seja, já com os *frutos* e o DB em mãos. Daltro e Faria (2019) apostam no RE como um modo de criar narrativas científicas na pós-modernidade e afirmam que:

No tocante aos processos singulares, é importante salientar que o RE poderá ser conhecido como um resultado *après-coup*, no sentido psicanalítico, é, em um só depois, visto enquanto efeito de algo que o impactou (Roudinesco, 1998, p. 32), e utilizamos o termo de modo *lato sensu*. Pressupõe-se no RE um trabalho de concatenação e memória, a elaboração de um acontecido que como vê seu relator, invocando suas competências reflexivas e associativas, bem como suas crenças e posições de sujeito no mundo (Daltro; Faria, 2019, p. 226).

Além de ser um trabalho de memória e elaboração de acontecimentos, o RE é cernido na linguagem e passa pela experiência vivida pelo pesquisador, sendo assim, um RE é criado e habitado pela experiência. Por se tratar de um método que passa pela linguagem e pela experiência, é possível que o pesquisador se deixe atravessar por fatores ideológicos, sócio-históricos, entre outros. Nas palavras das autoras:

Demarca-se assim a experiência como objeto de análise do RE, uma fonte inesgotável de sentidos e possibilidades passíveis de análises. Com isso, há inúmeras possibilidades narrato/descriptivas advindas dos encontros irreduzíveis apresentados nos RE. Algo resta e é passível de ser recontado e visto de outra maneira, pois o RE é o resultado de um acontecimento que passou pelo corpo de seu relator em um determinado momento. O tempo do relato marca sua dicção, está trançado às condições afetivas, ideológicas, e a aspectos intersubjetivos com as suas significações histórico-sociais. Dessa forma, rompe e não coaduna com um ponto de vista de verdades imutáveis, únicas ou "descorporificadas" (Daltro; Faria, 2019, p. 227).

Esse modo de construção da análise de dados coaduna com a perspectiva teórico-metodológica em que esta pesquisa se enquadra, pois, como dito pelas autoras, um RE é uma fonte inesgotável de sentidos, não pode ser visto como uma verdade única, a cada olhar, a cada novo encontro com o DB e os *frutos*, é possível que novos (des)encontros aconteçam.

Diante dessa justificativa acerca da noção de RE adotado nesta pesquisa, percebo que o olhar do pesquisador, sua experiência e sua subjetividade investidas na pesquisa irão definir o que irá constituir seu RE. Para auxiliar na compreensão da construção dos RE, foram selecionados o que chamo de excertos. Os excertos se configuram como sendo recortes extraídos tanto das anotações do DB quanto dos *frutos* produzidos pelos participantes. No que tange à escolha dos excertos que aparecem durante os RE, é preciso considerar a implicância subjetiva do pesquisador nessa seleção. Quanto a isso, recorro a explicação de Agustini e Bertoldo (2011) sobre a subjetividade por trás dessa seleção:

Ao recortar, ao eleger os recortes do material de análise temos, ou melhor dizendo, é possível ver que há, aí implicada, uma operação subjetiva da qual sempre resulta algum resto. Ou seja, do material eleito para descrição e análise não se diz tudo. Por decorrência, também não se traz tudo desse material, até mesmo porque, se assim fosse possível, a contraface do todo se faria presente e teríamos o nada. Há resto porque algo foi dito sobre certo fato lingüístico [*sic*]; no entanto, sempre é possível sobre ele dizer mais. Ou permanecer sobre a falta constitutiva. Portanto, registra-se sempre, nesse momento de construção do *corpus*, algum aspecto da singularidade do pesquisador (Agustini; Bertoldo, 2011, p. 127).

A construção dos RE, então, acontece de forma não-linear, com recorrências aos excertos, tendo como motivação a minha experiência subjetiva como mediadora do espaço de escuta e pesquisadora e sustentada pelos dispositivos de análise aos quais recorro em meus gestos de análise, tais como a teoria dos discursos de Lacan e os processos identificatórios dos sujeitos. Por esse motivo, como diz Agustini e Bertoldo (2011), não é possível que eu diga tudo sobre esse *corpus*, pois a análise passa pela minha experiência, sendo assim, sempre haverá um resto e infinitas possibilidades de interpretações.

CAPÍTULO 6 – O DESABROCHAR DAS PRIMEIRAS FLORES - EFEITOS DE UMA ESCUTA DO *ENVELHE-SER*

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar, ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória, mas acho que ninguém vai se matricular.

Escutar é complicado e sutil. [...]

Não basta o silêncio de fora. É preciso silêncio dentro. Ausência de pensamentos.

E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir coisas que não ouvia.

Eu comecei a ouvir.

Fernando Pessoa conhecia a experiência, e se referia a algo que se ouve nos interstícios das palavras, no lugar onde não há palavras.

A música acontece no silêncio. A alma é uma catedral submersa. No fundo do mar – quem faz mergulho sabe – a boca fica fechada. Somos todos olhos e ouvidos. Aí, livres dos ruídos do falatório e dos saberes da filosofia, ouvimos a melodia que não havia, que de tão linda nos faz chorar.

Para mim, Deus é isto: a beleza que se ouve no silêncio. Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também.

Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto.

(Rubem Alves)

Conforme foi sinalizado na introdução desta tese, este capítulo abrange um gesto de interpretação desenvolvido juntamente com inserções teóricas resultantes das demandas advindas do meu olhar interpretativo sobre o *corpus* e das direções que este gesto de interpretação apontou. Nessa perspectiva, este capítulo trata do meu lugar como escutadora no espaço Desabroche; da perspectiva teórico-metodológica que sustentou esse lugar; e dos desdobramentos dessa escuta a partir de um relato de experiência.

Ao me propor a mediar o espaço Desabroche, eu entendi que seria um mo(vi)mento de exercer um tipo de escuta diferente daquela com a qual eu lidava como professora em sala de aula. Enquanto professora, eu ocupava o lugar de suposto saber. Esse lugar é inerente a uma relação pedagógica em que a transferência encontra espaço para operar, pois como professora eu ocupava o lugar de um certo saber legitimado socialmente. No entanto, é preciso lembrar que, diante da teoria freudo-lacaniana, o saber está para a ordem do inconsciente e não representa um saber totalizante. Diante disso, o desafio como professora estava pautado na

ambivalência entre ocupar um lugar socialmente esperado de suposto saber, mas também deixar que este lugar ficasse eventualmente vazio e conseguisse lidar com os (des)encontros com um não-saber. Enquanto isso, no espaço Desabroche, ao sustentar minha escuta de base psicanalítica, eu me propus a aprender a ocupar o lugar de uma escutadora, ou seja, passei a mediar aquele espaço de um outro lugar diante da palavra que circulava: o lugar do não-saber.

Apesar de ter que ocupar o lugar de sujeito suposto saber para que a transferência se instaurasse no espaço Desabroche, me vi diante do desafio de não atender às possíveis demandas dos participantes que poderiam ser endereçadas a mim.

Sem uma formação que me permitisse ocupar o lugar de um analista naquele espaço, me propus a ocupar o lugar de escutadora e, assim como disse Rubem Alvez em sua crônica, praticar uma certa *escutatória*. Sustentada pela teoria psicanalítica, que estava e ainda continua em constante construção para mim, o meu objetivo como mediadora do Desabroche era o de acolher as pessoas 60+ que buscavam por aquele espaço, mas, ao mesmo tempo, me encontrava em um constante desafio: possibilitar com que, a partir da transferência, os participantes pudessem desfazer as amarras que os aprisionavam sem oferecer sugestões, sem dicas milagrosas, apenas com a escuta e pontuações cuidadosas.

Portanto, antes de explorar os eixos temáticos que compõem os mo(vi)mentos de análise desta tese, me proponho, neste capítulo, a explorar o que sustentou a minha escuta no espaço Desabroche e minhas apostas dos possíveis efeitos dessa escuta para alguns participantes, os quais apresento em meus gestos de análise. Para isso, em um primeiro momento, apresentarei o que chamo de uma escuta sustentada pela psicanálise freudo-lacaniana. Em um segundo momento, voltarei meu olhar para as possibilidades de instauração do Discurso do Analista diante de possíveis pontuações feitas por mim, pelos próprios participantes e, por vezes, pelas produções artístico-culturais do Desabroche. Por fim, tentarei analisar as possíveis materializações dos desdobramentos da experiência no (des)encontro com a arte durante os encontros no espaço de escuta.

6.1 A escuta sustentada pela psicanálise freudo-lacaniana

No início do ano de 2020, antes mesmo da pandemia de COVID-19, em uma primeira reunião de orientação, desenhamos como poderia acontecer um espaço para acolher pessoas 60+ e tratar sobre o tema do envelhecimento. Até então, a dinâmica do espaço não havia sido estabelecida por mim e pela orientadora desta tese.

Nesse mesmo período, tive a experiência com o livro *Escola de contos eróticos para viúvas*²², da escritora indiana Balli Kaur Jaswal (2021). Esse livro narra a história de uma jovem, Nikki, que aceita dar aulas de escrita criativa para um grupo de viúvas em uma comunidade sikh tradicional na Índia. A questão do etarismo é tratada no livro de uma forma muito sutil, pois a personagem principal, ao se deparar com um grupo de viúvas mais velhas, enfrenta conflitos geracionais com as participantes das aulas. Além disso, Nikki pensa que, por serem mais velhas, os assuntos a serem tratados nas aulas de escrita seriam os mais tradicionais possíveis dentro daquela cultura. O que Nikki não esperava é que as alunas do curso começassem a produzir narrativas eróticas e a ressignificar experiências íntimas de cada uma delas. Esse livro me despertou o interesse em trabalhar com a prática da narrativização dentro do Desabroche. Também me fez perceber que, para a prática de narrativizar acontecer, é preciso que haja uma escuta. Escuta sem julgamentos, escuta acolhedora.

Diante desse interesse despertado pela escuta de narrativas como possibilidade de (res)significar experiências na velhice, a psicanálise surge como um dispositivo de acolhimento, pois, de acordo com Dunker e Tebas (2019), a escuta psicanalítica tem como objetivo:

Trazer e escutar as pessoas para fora de si, para fora de suas identidades, para mais além de suas próprias imagens e ficções sobre si mesmas é o que faz da arte da escuta uma forma de transformação e de cura. O escutador sai de si para se colocar no ponto de vista do outro, mas ele também tira o outro de seu próprio ponto de vista, ou pelo menos de sua confiança e domínio sobre si para revelar que outras vozes estão ali presentes e merecem ser acolhidas, cuidadas e hospedadas (p. 38).

Embora o espaço Desabroche não se configure com o objetivo de ser um espaço terapêutico, acredito que a escuta acolhedora, ancorada nos pressupostos psicanalíticos, pode ser capaz de possibilitar deslocamentos na constituição identitária das pessoas 60+ participantes e, desse modo, suscitar efeitos terapêuticos. No decorrer dos encontros, ao se colocarem a falar livremente, os participantes, muitas vezes, se (des)encontravam com as certezas já estabelecidas sobre si. Por isso, acredito que é na circulação da palavra e na elaboração acerca de suas experiências que esses sujeitos se veem diante da possibilidade de elaborar um novo saber sobre si.

²² A leitura desse livro se deu antes mesmo do Desabroche iniciar, portanto, deixo claro que essa obra literária é apontada neste momento como inspiração para o Desabroche, mas não foi utilizada dentro do Desabroche como sugestão de produção artístico-cultural.

A escuta psicanalítica se configura como sendo um dispositivo no espaço Desabroche, por esse motivo, é necessário compreender como a psicanálise passou a entender a importância da escuta no tratamento dos pacientes e algumas recomendações feitas, inicialmente, por Freud. Na leitura de Dunker e Tebas (2019, p. 38-39):

A psicanálise começou quando uma paciente de Freud, farta das suas sugestões, recomendações e entendimentos disse algo como “Cale a boca e deixe-me falar livremente”. Humildemente, como é próprio daquele que gosta de escutar, ele percebeu que tal moça estava inventando um novo método, uma nova forma de tratamento baseada na “associação livre” e não na condução coercitiva do que o paciente deve falar ou na obediência às regras de ação para encontrar o bem-estar. Essa paciente, chamada Ana O., batizou o método de cura pela expressão *talking cure* (cura pela fala) ou seja. Um método no qual o poder de fala desloca-se para o paciente.

Portanto, mesmo sem uma demanda claramente explicitada pelos participantes que buscaram o Desabroche, aposto no fato de que sempre há um incômodo presente quando se busca por um espaço intitulado como espaço de escuta. O investimento subjetivo de cada participante em estar presente nos encontros, em compartilhar suas experiências, traumas e mal-estar aponta para a busca por algo que falta, mesmo que essa busca aconteça de forma inconsciente.

Diante dessa aposta, minha presença no espaço Desabroche como escutadora e mediadora, ancorada pela psicanálise freudo-lacaniana, tem como objetivo acolher o mal-estar do sujeito. Nessa elaboração acerca do mal-estar, é possível que se instaure uma demanda²³, ou seja, aquilo que está em torno do sofrimento do sujeito. Não se trata de uma escuta voltada para a oferta de sugestões e recomendações, mas sim de uma escuta atrelada à investigação do sofrimento do sujeito. Nessa perspectiva, a escuta psicanalítica pressupõe assumir uma posição de não-saber e de não tentar compreender tudo daquele que se propõe a escutar. Dunker e Tebas (2019) retomam Lacan para elaborar sobre a conduta de um bom escutador:

[...] o psicanalista Jacques Lacan dizia que o mais importante na escuta é não compreender cedo demais e não tentar compreender tudo. O bom escutador é um fingidor que finge tão completamente sua tolice que chega a fingir a ignorância que deveras experimenta. Poderíamos dizer até mesmo que os verdadeiros líderes não são os que sabem de tudo, mas os que conseguem

²³ Na teoria lacaniana, a noção de demanda se relaciona com a forma comum de expressão de um desejo, é por meio dela que o analista orienta sua construção do caso. Além disso, na teoria lacaniana toda demanda é demanda de amor, pois para além da “coisa” que se busca, o sujeito almeja o significado de amor que supõe estar em jogo quando o outro o atende: “Acima de todas as demandas específicas formuladas pelo indivíduo, é sempre o amor que ele procura” (Fink, 1998, p. 114).

colocar no centro de sua experiência com o outro uma espécie de não saber (Dunker; Tebas, 2019, p. 72).

Freud (2020c) em seu texto “Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico”, postula a seguinte elaboração acerca da escuta psicanalítica: “A técnica é muito simples [...]. Consiste simplesmente em não dirigir reparo para algo específico e em manter a mesma ‘atenção uniformemente suspensa’ em face de tudo o que se escuta.” (Freud, 2020c, p. 94). Esse tipo de conduta recomendada por Freud (2020c) aponta para o fato de que quem se propõe a escutar o sujeito do inconsciente deve se despir de preconceitos e apostas sobre quem escuta. Por esse motivo, diante da minha experiência de escuta no espaço Desabroche, já fomentada pelo desejo em realizar uma pesquisa a partir da experiência ali vivenciada, optei por não gravar os encontros, mas sim em apenas anotar minhas impressões de cada encontro no meu DB, como já foi mais bem explicado no Capítulo 5.

Ademais, é necessário que haja uma implicação do escutador. A escuta implicada aponta para a busca pelos escorregões na linguagem. Esse tipo de escuta:

leva muito a sério o fato de que todos os desvios, ruídos e imperfeições da comunicação apontam para a hipótese de que há “alguém” ou “algo” responsável pela emergência desses fenômenos. Nosso corpo diz algo com seus sintomas, com suas restrições involuntárias, com seus medos irracionais e com suas repetições insensatas. Isso que está sendo dito mais além ou mais aquém do que o outro quer dizer é o que se poderia chamar de “inconsciente”. É com isso que a escuta psicanalítica está implicada (Dunker; Tebas, 2019, p. 39-40).

Portanto, esse tipo de escuta não busca decifrar códigos e nem encontrar sentidos imediatos. É na escuta de si que o sujeito pode ser capaz de perceber como ele próprio constrói sua narrativa e o que fazer com isso. O mediador de uma escuta sustentada pela psicanálise não aponta caminhos para o sujeito, essa atitude representaria uma posição de poder diante do sujeito. Para Dunker e Tebas (2019), a arte de escutar consiste justamente na renúncia de uma posição de poder:

[...] tiramos uma conclusão importante para a arte da escuta. Ela começa pela atitude de renunciar a exercer o poder que nos é atribuído. Para escutar, é preciso, como fazem o palhaço e o psicanalista, suspender o exercício de poder. Daí que a escuta seja uma atitude ética e política (p. 42-43).

Escutar o outro é permitir com que esse outro se escute. A partir disso, possibilitar que o sujeito elabore um novo saber sobre si, quebrando as amarras identificatórias, nas quais o sujeito sustenta sua ideia de eu, ou seja, sua ilusão de identidade. Amarras estas que podem ser

identificadas a partir da recorrência de certos significantes, das resistências, dos tropeços da linguagem e até mesmo dos incômodos inomináveis.

Estar atento a esses aspectos na narrativa do sujeito e questioná-lo sobre eles pode fazer com que o sujeito se coloque a pensar sobre sua posição e sua relação com o objeto *a*, ambos em jogo na produção da fantasia. O objeto *a* se configura como elemento central na busca por novos saberes sobre si, pois, para a psicanálise lacaniana, ele representa o que escapa ao sujeito, ou seja, o objeto perdido instaurado no momento de sua entrada na linguagem, o qual vai mover esse sujeito em razão de uma falta incessante, constitutiva do sujeito. Para retomar o conceito de objeto *a*, conforme realizei um recorte dos trabalhos lacanianos, recorro a Viola e Vorcaro (2009, p. 874), que a partir de suas elaborações desse conceito lacaniano, afirmam que:

Lacan, por sua vez, propõe que o sujeito, ao se inscrever no campo do Outro, é marcado pelo significante, ficando dividido, clivado por uma inconsciência necessária. Nesse ato de clivagem, o contínuo movimento de seu desejo tem início. E dessa operação de divisão, correlata à entrada na linguagem, resta um resíduo. Algo que não entra no domínio do simbólico, que não é abarcado pelo condicionamento da linguagem. Essa parte do indivíduo anterior ao sujeito que fica de fora do simbólico é o objeto *a*.

Na teoria freudiana, a busca por satisfação e encontro com o objeto perdido acontece mediante a busca por satisfação de suas necessidades no outro, porém essa vivência de prazer jamais será concebida em sua integralidade. De acordo com as autoras:

A partir da releitura lacaniana da obra de Freud, é possível compreender que esta saída de cena do objeto é responsável pela fundação do desejo, que passa a conduzir o sujeito incessantemente à tentativa de alcançar o objeto para sempre perdido e a tão almejada satisfação. Na ausência desse objeto, a satisfação do desejo é impossível, e é essa impossibilidade que garante a persistência do movimento do desejo, fundamento da existência humana (Viola; Vorcaro, 2009, p. 870).

Nessa busca por compreender o seu enigma subjetivo e sua relação com o objeto *a*, é possível que o sujeito se deixe subjetivar a partir dessa possível experiência, apontando, assim, para o que chamo nesta pesquisa de (res)significação. Possibilitar uma instância de (res)significação para os significantes em torno dos quais é tecida a rede identificatória de um sujeito pode lhe permitir que lide com algo que é da ordem do seu enigma subjetivo de outra forma, ou seja, que instaure com o objeto *a* outros modos de gozo.

Considerando o fato de que o espaço Desabroche não conta com a presença de um psicanalista e não se configura como um *setting* analítico, compreendo, a partir da minha

experiência como mediadora, que os mo(vi)mentos de ressignificação do sujeito sobre suas amarras identificatórias podem emergir em pequenos gestos, ações e tomadas de posição. São essas descobertas e a busca por responder à pergunta: “E agora? O que fazer com *isso*?” que fazem com que o sujeito encontre modos de ressignificar suas experiências.

Logo, a psicanálise está presente ao longo de toda esta pesquisa. Ela se faz presente no projeto Desabroche diante da minha escuta sustentada por seus pressupostos teóricos. Isso explica o fato de esta pesquisa se configurar como intervencionista. Além disso, a teoria psicanalítica freudo-laciana também surge como possibilidade de ampliar meu campo de visão como pesquisadora e aplicar conceitos próprios dela nas minhas análises. Um dos dispositivos escolhidos para analisar os possíveis efeitos dessa escuta nos sujeitos participantes do Desabroche é a teoria dos discursos estabelecida por Lacan (1992).

Esse dispositivo de análise pode ser capaz de auxiliar na identificação de possíveis identificações dos sujeitos e, a partir de suas elaborações, instigá-los a buscar outros significantes para compor suas redes de identificações. Esse mo(vi)mento pode ser percebido pelo fato de que, como qualquer sujeito, os participantes do projeto já vinham com uma narrativa de si estabilizada, reconhecida e recorrente, indiciando a rede de identificações que sustenta sua fantasia.

A possibilidade de (des)encontro e questionamento sobre o lugar do sujeito na fantasia e sobre seu enigma subjetivo podem vir a acontecer ao se deparar com as produções artístico-culturais apresentadas no projeto e/ou pelas pontuações feitas por mim e pelos outros participantes. Para que esse mo(vi)mento aconteça, é preciso que o sujeito se depare com um não-sentido, ou seja, é preciso que o DA opere de alguma forma e faça furo no discurso alienante ao qual esse sujeito possivelmente se encontrava. A partir desse furo, o sujeito se vê diante daquilo que falha, de seus próprios tropeços, e é convocado a elaborar essa nova experiência de si.

Desse modo, tentarei me aproximar da hipótese elaborada para essa pesquisa de que, no projeto Desabroche, a experiência com a arte e a possibilidade de narrativização de si podem incidir na representação que o sujeito faz de si, podendo promover um giro em suas posições discursivas, desencadeando um deslocamento das posições às quais os participantes encontravam-se alienados. Consequentemente, seria possível que esses participantes se enlaçassem com o saber pela via de uma nova lógica discursiva, o que possibilitaria a construção de um novo saber sobre si diante da velhice.

A proposta para o desenvolvimento da análise nesta pesquisa acontecerá através de eixos temáticos que contemplarão temas convergentes que fizeram parte das narrativas de alguns

participantes em comum durante os encontros no Desabroche. No entanto, neste capítulo me proponho a apresentar os possíveis efeitos de uma escuta orientada pela psicanálise na rede identificatória de alguns participantes.

6.2 “Fui pega de calças curtas”

Em 2021, na segunda edição do projeto Desabroche, aconteceram novas inscrições e a criação de um novo grupo interessado em fazer parte do espaço. Esse novo grupo era composto inicialmente por 8 pessoas, 7 mulheres e um homem. A idade média dos participantes desse grupo era de 65 anos, com exceção de Cora, com 94 anos e Conceição, com 90 anos. Entre essas 7 mulheres, 2 delas eram mãe e filha. Hilda, 61 anos, filha de Cora, 94 anos. Hilda é formada em Letras e trabalha como revisora de livros e textos acadêmicos. Na época, Hilda cuidava de sua mãe, Cora. Cora, com 94 anos, se esforçou para participar dos encontros, mas na quinta semana não quis mais estar presente no espaço. Hilda relatou que sua mãe sentia muita dificuldade em conseguir ouvir pelo notebook e não se adaptou a usar fones de ouvido. Essa dificuldade parece ter desmotivado Cora a investir subjetivamente aquele e naquele espaço, em que se inscreveu porque sua filha, Hilda, disse que seria bom para ela. Sempre muito simpática, mesmo diante dos impasses impostos pela tecnologia, Cora se despediu do grupo com a justificativa de que iria “atrapalhar” o andamento do grupo com suas dificuldades.

No decorrer dos 5 primeiros encontros, alguns com a presença de Cora durante todo o encontro, outros com a presença de Cora em metade deles, mas todos com Hilda participando do início ao fim, foi apresentado um episódio de uma série produzida pela *GloboPlay* durante a pandemia como parte da exposição de uma produção artístico-cultural para os participantes. A escolha desse episódio específico foi movida pela temática em que o grupo se encontrava enlaçado: a possibilidade de cuidar e ser cuidado na velhice. A série se chama “Amor e Sorte”²⁴ e retrata em quatro episódios independentes histórias sobre relacionamentos e transformação em tempos de isolamento social devido à pandemia de COVID-19.

No episódio escolhido para apresentação no Desabroche, intitulado “Capítulo de 09/08/2020”, é encenada uma relação de mãe e filha, interpretadas por Fernanda Montenegro e Fernanda Torres, em que Lúcia (filha) arrasta sua mãe, Gilda, para a serra e a obriga a ficar confinada para protegê-la da COVID-19. Juntas, passam a resgatar questões mal resolvidas do

²⁴ Um cartaz de divulgação desta série está disponível nos Anexos desta tese.

passado e experimentam as transformações que o isolamento social pôde trazer para o relacionamento turbulento de mãe e filha.

Mesmo após a apresentação do episódio e da troca de vivências sobre a relação mãe-filha e a possibilidade de cuidar e ser cuidada dentro dessa relação, percebi, então, que Cora não se sentiu fisgada pelo espaço e não parecia se sentir confortável naqueles encontros. Não é possível afirmar ao certo o que a levou a se retirar da cena, contudo acredito na possibilidade de que Cora poderia ter uma certa resistência em falar sobre sua relação com a filha e o cuidado que amarrava aquela relação. Numa síntese das definições de dois dicionários psicanalíticos, o conceito de resistência se apresenta como “o conjunto das reações de um analisando cujas manifestações, no contexto do tratamento, criam obstáculos ao desenrolar da análise” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 659), ou “tudo o que, nos actos e palavras do analisando, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente” (Laplanche; Pontalis, 1988, p. 595-596).

Mesmo não se tratando de uma situação de análise em um *setting* analítico, acredito que a resistência pode ocorrer mesmo nos espaços em que a psicanálise não atua a partir de um analista, como em conversas que nos causam um certo incômodo inexplicável e que dizemos “prefiro não falar sobre isso”. Diante disso, entendo que, em uma primeira interpretação, a resistência pode ter sido um dos fatores que contribuiu com a recusa de Cora em participar do espaço Desabroche. Os outros fatores serão mobilizados ao longo desta análise.

Com a saída de Cora, Hilda expressou sua vontade em deixar o espaço também, pois, segundo ela, sua presença no Desabroche só fazia sentido com sua mãe e pela sua mãe. Na semana seguinte, Hilda entra na nossa sala virtual, ofegante e muito preocupada em estar atrasada. Questiono Hilda:

(Excerto 1 – DB) (Mediadora) *“Que bom que está aqui, você decidiu permanecer no grupo?”*

Hilda responde minha indagação:

(Hilda) *Quando terminei [de revisar] uma tese eu estava eufórica, e parei para refletir no Desabroche e produzi o fruto. Foi aí que eu me dei conta, na escrita, que eu estava por mim neste grupo. Me confrontei com o sentimento de “mamãe saiu e eu não quero sair” eu quero e estou ressignificando as coisas. Eu sinto pelo grupo. Eu fui ao mercado agora e voltei correndo para o grupo, deixei as compras no carro, eu não posso perder isso aqui.*

No Excerto 1, a participante Hilda diz que foi na escrita de si materializada na produção de seu fruto, que ela “se deu conta” que não queria sair do grupo. Portanto, percebo que é na tentativa de narrar sobre si que o sujeito produz sentidos a respeito de si e do outro. Segundo a

pesquisadora Barroso (2018), sustentada pelos estudos discursivos afetados pela psicanálise freudo-lacaniana:

Ao escrever ou falar, o sujeito diz e se diz, produzindo sentidos (cujos efeitos não consegue controlar, a não ser ilusoriamente) a respeito de si e do outro. Essa narrativização implica um movimento de memória e esquecimento, que possibilita ao sujeito inventar e se (re)inventar a cada edição de si “mesmo” (Barroso, 2018, p. 81).

A função da memória no processo de narrativização é entendida a partir da relação feita por Freud (2011) com o brinquedo conhecido como Bloco Mágico. Esse brinquedo é descrito pelo psicanalista como uma “tabuinha” cuja superfície permite que um objeto pontiagudo produza traços, mas que, com o levantamento das folhas, os traços parecem se apagar, pois não ficam mais visíveis nas folhas. Porém, os traços continuam marcados na superfície de cera que compõe a base da “lousa”. Esses traços na base de cera, em determinada posição de luz, podem ser legíveis, deixando registrado aquilo que mesmo apagado na folha superior, continua fixo em outra. Freud compara a superfície de cera do brinquedo com o registro do inconsciente e registra a descoberta dizendo que:

Se pensarmos que, enquanto uma mão escreve na superfície no Bloco Mágico, a outra levanta da tabuinha de cera periodicamente a folha de cobertura, temos uma representação concreta do modo como procurei imaginar a função de nosso aparelho psíquico perceptivo (Freud, 2011, p. 247).

A partir disso, penso que Hilda, durante a elaboração de sua escrita de si para compor seu *fruto*, se (des)encontrou com sua imagem enquanto filha de Cora, e nesse (des)encontro se deparou com um mal-estar em deixar o espaço de escuta, pois se viu diante da possibilidade de se (re)inventar e (res)significar suas experiências em relação não somente ao *envelhe-ser* de sua mãe, Cora, mas ao seu próprio *envelhe-ser*. Esse acontecimento de Hilda pode ter sido possibilitado pelo seu movimento de memória e esquecimento no registro de sua narrativa sobre formato de um texto.

No encontro anterior, eu havia convidado os participantes a produzir um *fruto*. Inesperadamente, Hilda não só permaneceu no grupo como também produziu um *fruto* no formato de relato pessoal sobre sua experiência no Desabroche e sua decisão de permanecer no espaço. Segue o *fruto* de Hilda:

Fruto de Hilda em formato de texto narrativo:

Dividir nossas angústias sobre quem amamos com quem amamos é sabidamente salutar. Estreita os laços, alivia a ansiedade, diminui o peso. Mas nem todos sabem ouvir, dizemos com frequência, certos de que sempre sabemos falar.

Cuido da minha mãe como prioridade da minha vida há 11 anos. Inicialmente havia papai como minha tarefa, a que eu julgava a mais desafiadora, por uma série de desaprovações com seu comportamento. Aliás, eu sempre dizia aos meus dois irmãos, quando a velhice de nossos pais começou a implicar comprometimento da saúde e hospitalizações: “da mamãe cuidarei sempre, mas papai é ‘presente’ (em tom de ironia) de vocês.”

Pois a vida não me ouviu, ou foi minha conselheira Dulce que pediu para eu cuidar dele não como pai, mas como ser humano, visto que sempre fui dada a cuidar de todo mundo? Sei lá! Cuidei! E, dessa forma, pude constatar nos seus devaneios provocados “pelo alemão”, o senhor Alzheimer, que a própria consciência lhe cobrava as artes cometidas. A esposa, os filhos (exceto eu) não se ocupavam disso, e assim, a vida me parecia injusta. Onde estava a consequência das infrações por ele cometidas? Eu a vi, na verbalização arrependida da sua consciência, quando terminava a fantasiosa esbórnica que pensava estar vivendo de verdade. Pude perdô-lo antes que falecesse. Felizmente!

Há pouco, manifestei minha preocupação com a falta de interesse da mamãe por tudo, no alto dos seus quase 95 anos. Da leitora de dois a três livros por semana, passou a zero. Das novelas que a divertiam, nada mais lhe desperta interesse. Nada se mantém como lazer. Como prazer obrigatório somente as orações e as missas virtuais. Isso é muito pouco para a mulher que até 87 anos fazia hidroginástica, que até os 89 caminhava 6km em volta do parque. Era preciso eu fazer alguma coisa.

Minha ouvinte amada, me sugeriu inscrevê-la no grupo DESABROCHE, programa pouco claro inclusive para ela. Eu sabia que eu teria que me inscrever também, sob pena de mamãe não se dispor a participar (ela se vê com relação a mim, como sendo nós duas uma única pessoa), apesar da disposição da minha ouvinte-prima afirmar que participaria para estimular a tia querida no grupo. Assim fiz, nos inscrevi no grupo.

Ressabiada com a virtualidade do processo, experiência nova e intrigante para mamãe, logo ela se declarou com dificuldade de ouvir, para o que providenciei um bom fone de ouvido que tivemos que partilhar. Reclamou que pouco enxergava (fato, em virtude do diabetes) apesar de estar diante de 17 polegadas do notebook, para o que providenciei óculos lupa, com aumento de 160 vezes. Mamãe era acionada com frequência pela coordenadora do grupo, pela sobrinha, por uma sobrinha “torta” e por mim. Era uma graça, mas sempre que terminava a sessão, dizia: “não quero participar mais”. Para a quinta sessão, avisei-lhe: “Assuma seu não querer.

Entre na reunião do grupo, anuncie sua saída, justifique-a e agradeça, porque eu não farei isso por você.”

Entre essa nossa conversa e o horário da reunião, senti uma sensação de pesar, mas não por mamãe desistir. Meu incômodo era por eu deixar o grupo, uma consequência que, equivocadamente, automatizei (Entrei por ela. Ela sai, saio também). Só então tomei consciência de que, no grupo onde a proposta era provocar que idosos falassem sobre suas experiências a partir de filmes, poemas etc, EU ESTAVA RESIGNIFICANDO O CUIDAR, O CUIDAR DELA, O CUIDAR DA MINHA MAE, O ME PENSAR MÃE, O ME IMAGINAR CUIDADA. Fui pega de calças curtas. Eu não estava no grupo por ela, coisa nenhuma. Posso ter entrado por ela, mas permaneci e ainda permaneço POR MIM. Ouço de outras mães mais jovens que a minha, e de um pai, os sentimentos que perpassam diante desse peso/não peso, ganhos/perdas da velhice; ouço filhos repensando seus papéis com pais adoentados e assim, me vejo filha, me vejo cuidadora, me vejo mãe sendo cuidada, me vejo parte da vida e ME RESSIGNIFICO. Por cada participante do grupo e pela criadora do grupo e seu jeito sábio e carinhosamente provocador, manifesto minha gratidão. Saibam que vocês me permitem me conhecer, mais que conhecê-los.

Esse *fruto* produzido por Hilda materializa tanto o seu desejo em estar presente naquele espaço, quanto a busca por novos questionamentos sobre si a partir de novas descobertas e, para que isso tudo possa ter acontecido, nesse *fruto* é possível identificar a implicação subjetiva de Hilda com o espaço de escuta. Importante ressaltar que na materialização dessa narrativização, é possível afirmar que o processo transferencial foi instaurado na relação dessa participante com a dinâmica do grupo.

Hilda ingressa no espaço de escuta certa de que estava lá por sua mãe, para cuidar da saúde mental dela e fazê-la se inserir em um grupo. Essa certeza de Hilda demonstra sua alienação à ideia que ela construiu, com o tempo, de que seu papel se resumia em apenas cuidar de todos e, no presente momento do *fruto*, de Cora, pois, como ela mesma disse “*Cuido da minha mãe como prioridade da minha vida há 11 anos*” e complementa, se questionando de seu papel de cuidadora durante sua vida “*Pois a vida não me ouviu, ou foi minha conselheira Dulce que pediu para eu cuidar dele não como pai, mas como ser humano, visto que sempre fui dada a cuidar de todo mundo? Sei lá! Cuidei!*”. Hilda, ao mesmo tempo que demonstra um certo incômodo em ser colocada no lugar de cuidadora, parece se apropriar dessa posição de modo a exibir uma certa satisfação. Essa posição assumida por Hilda pode ser um reflexo do imaginário social incumbido às mulheres de nascerem com o “dom” do cuidar. Assis *et al.*

(2020), em suas pesquisas sobre a relação mulher, mãe e filha cuidadora, realizaram um estudo bibliográfico que demonstrou como esse papel de cuidadora é presente no imaginário coletivo, para as autoras:

Mota (2012), por sua vez, constatou que a filha geralmente assume o cuidado do idoso, enquanto outros familiares são omissos ou apenas visitam raramente. Ainda assim, a filha cuidadora recebe críticas sobre o modo como lida com os mais velhos. Nessa mesma linha, Robles e Pérez (2012), ao analisarem as expectativas de jovens e idosos sobre o dever dos filhos em relação ao cuidado dos mais velhos, revelaram que é esperado que cuidar dos idosos seja uma tarefa da geração mais nova, sendo ideal que o cuidado também seja realizado pela filha. As mudanças recentes nos papéis da mulher na família configuram a diferença de expectativas que ocorre ao longo dos anos. Por outro lado, a mulher continua sendo a principal responsável pelos pais. Batista *et al.* (2013) investigaram a influência do gênero do cuidador nos fatores associados à sobrecarga dos familiares de pacientes psiquiátricos, idosos ou não. Perceberam que mulheres sofrem cobranças mais especificamente com respeito ao impacto em suas vidas sociais e profissionais, enquanto que, para os homens, as queixas em relação ao aspecto financeiro se destacam (Assis *et al.*, 2020, p. 225).

Embora Hilda repita um comportamento já esperado socialmente para a mulher – e que tem sido questionado e problematizado na atualidade –, há algo que transcende o trabalho de cuidado com a sua mãe, Cora, pois Hilda diz que “*ela se vê com relação a mim, como sendo nós duas uma única pessoa*”. Hilda acusa sua mãe de se colocar como uma extensão de seu corpo. No entanto, Cora não parece pedir em nenhum momento que Hilda participe com ela do Desabroche, e até mesmo quando decide se retirar de cena, parece não questionar a continuação da participação de sua filha no espaço.

Diante disso, penso que essa mutualidade presente na ilusão simbiótica entre mãe e filha opera em Hilda, pois, na decisão de Cora em deixar o projeto, Hilda logo pensa de modo automatizado “*Entrei por ela. Ela sai, saio também.*”

Contudo, há um “*incômodo*” nessa decisão, uma “*sensação de pesar*”, como se Hilda estivesse perdendo algo. Algo inominável que consegue fazer furo nessa relação alienante de Hilda com Cora. Toda a sua elaboração e a escuta de si mesma durante os encontros fez Hilda se ouvir e se dar conta de que há algo de sua subjetividade latente naquele espaço. É justamente esse “algo”, que não pode ser nomeado, que faz Hilda decidir permanecer no grupo.

Compreendo, portanto, que Hilda se vê diante do inesperado e, possivelmente, toda a experiência com as produções artístico-culturais e, como ela mesma diz, com meu “*jeito carinhosamente provocador*”, Hilda parece sofrer os efeitos da lógica do analista e é convocada a elaborar seu (des)encontro com o real, que se configura como um não-sentido instaurado, um acontecimento da ordem de um mal-estar, inominável e que insiste em não se inscrever. Isso

só é possível pois o DA coloca o sujeito frente ao objeto perdido, objeto causa do desejo, representado pelo objeto *a* no matema do DA:

Discurso do Analista

$$\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\$}{S1}$$

Hilda, diante de sua divisão subjetiva (\$), é convocada a produzir um novo saber sobre si (S1). Não se trata, neste momento, de conseguir identificar o exato momento em que essa lógica passa a operar em Hilda, pois o DA não pode ser representado por uma palavra, uma situação específica ou apenas uma pessoa. Seus efeitos, na maioria das vezes, se percebem *a posteriori*. Trata-se de uma experiência, de um acontecimento da ordem do real, impossível de ser descrito ou nomeável. O mais próximo que podemos chegar dessa experiência pode ser visto nos seguintes significantes expressos por Hilda “*um sentimento de pesar (...) incômodo. (...)*” e até mesmo no dito popular “*fui pega de calças curtas*” que é usado quando algo nos pega de surpresa e nos deixa sem reação.

Ao se ver diante dessa nova descoberta sobre si, Hilda toma a decisão de continuar buscando por respostas acerca de seu vazio. Essa experiência de (des)encontro com o vazio foi possibilitada a partir da escuta, tanto a minha, juntamente com os participantes da narrativização de Hilda, quanto a escuta dela própria, de sua própria história, de seu enredo e, conseqüentemente, de sua fantasia. Sobre a importância em sustentar o (des)encontro com o vazio, Dunker e Tebas (2019) afirmam:

O vazio é o espaço interno onde o silêncio age. A arte da escuta poderá ser comparada à arte de produção de um vazio. Um vazio que nos tira do lugar e permite o movimento. O vazio que resta quando tiramos nossas vestes, nossos papéis e nossas identidades. O vazio que se manifesta como silêncio ou incerteza é o ponto de partida e de chegada para a fala do outro. O oco essencial para que as palavras do outro ecoem e este seja capaz de ouvir. Tempo necessário para que as emoções tenham espaço para reverberar e encontrar a ressonância comum entre quem fala e quem escuta. O vazio é antes de tudo um lugar oferecido ao outro para que ele te habite (Dunker; Tebas, 2019, p. 103).

Desse modo, Hilda se vê diante do vazio buscando, assim, um novo saber sobre si ao qual se alienar. É possível que, a partir deste mo(vi)mento, Hilda tenha entrado na lógica do DH, discurso no qual se produz um saber ou se interroga acerca de um saber sobre si: “*Eu não estava no grupo por ela, coisa nenhuma. Posso ter entrado por ela, mas permaneci e ainda permaneço **POR MIM**. (...) Saibam que vocês **me permitem me conhecer**, mais que conhecê-los.*”(grifos meus). Ao afirmar que “*vocês me permitem me conhecer*”, Hilda não afirma que

essa ação está acabada, e emprega o verbo no presente com o sentido de que o conhecimento sobre si está em constante construção.

É diante da escuta de si que Hilda parece se dar conta que existem outros significantes na construção de sua rede identificatória, que também dizem sobre si, não somente aqueles que a aprisionavam à função de cuidadora, pois, de acordo com ela: “*me vejo filha, me vejo cuidadora, me vejo mãe sendo cuidada, me vejo parte da vida e ME RESSIGNIFICO*”.

Desse modo, Hilda expressa sua decisão em permanecer no grupo para que ela possa se conhecer, buscar repostas sobre seu enigma subjetivo e todo esse incômodo que a colocou *de calças curtas*. Hilda agora passa a operar na lógica do DH e a ocupar o lugar de agente, aquele de sujeito dividido (\$), sustentado pelo saber que não se sabe (a), buscando uma resposta do Outro (S1) para produzir um novo saber sobre si (S2):

Discurso da Histérica

$$\begin{array}{l} \$ \rightarrow S1 \\ a // S2 \end{array}$$

Mais adiante, no 8º encontro, Hilda narra sua experiência com o espaço desabroche dizendo:

(Hilda) Minhas sessões de terapia começam com minhas descobertas em nossos encontros. Eu gosto do nosso grupo porque ele não é conduzido por um terapeuta. Essa partilha leve constrói reflexões para gente e acho que você faz isso de uma forma linda com a linguagem, porque escutar faz parte de um olhar pela linguagem, a psicanálise é linguagem né?

Hilda, a partir de sua fala, expressa a importância do espaço de escuta para seu processo de análise. O fato de Hilda levar suas demandas, que emergem nos encontros do Desabroche, para o *setting* analítico, confirma o fato de que o espaço Desabroche cumpre com sua função: colocar o sujeito a (res)significar suas experiências e amarras. Portanto, mesmo não ocupando o lugar do analista do grupo, acredito que a escuta psicanalítica no espaço Desabroche possibilita que o sujeito (res)signifique sua posição frente ao Outro e suas experiências, fazendo valer as palavras do palhaço e do psicanalista:

Quando você escuta o outro, está dizendo para ele: eu tenho um lugar para você em mim. Esse lugar que já está em cada um de nós agora pode receber um nome. É o lugar de tudo o que é estranho, incompreensível e enigmático em nós. É o lugar de nossa própria loucura. É o lugar onde acolhemos e cuidamos para que o outro expresse a dele. Lugar onde ambos se permitem ser como são. Uma boa escuta não deve se intimidar diante da experiência do

hospício. Ela deve atravessá-lo como parte decisiva do encontro e da redescoberta do mundo e de si (Dunker; Tebas, 2019, p. 103).

6.3 Mas, e Cora? – Quando a pesquisadora é pega de calças curtas...

Desde a primeira leitura do *fruto* produzido por Hilda, eu, como mediadora e pesquisadora, fui tomada por um certo contentamento em perceber, de forma materializada, os efeitos do Desabroche para a participante Hilda. Hilda, com sua forma sedutora de usar a linguagem, foi capaz de fisgar minha instância imaginária fundamentada na ideia de uma eficaz ouvinte e mediadora. Com isso, apostei ter possibilitado uma transformação subjetiva em Hilda.

Esse acontecimento só foi possível pois houve uma relação transferencial entre Hilda, o grupo e eu. Sobre o evento da transferência presente nessas relações, é preciso compreender que esse fenômeno pode ocorrer de forma “positiva” e “negativa”. Freud (2020c) destaca que:

Precisamos tomar a decisão de separar uma transferência “positiva” de uma “negativa”, a transferência de sentimentos carinhosos daquela de sentimentos hostis, tratando os dois tipos de transferências para o médico de forma separada. Assim, a transferência positiva subdivide-se ainda naquela de sentimento simpático ou carinhoso, capaz de chegar à consciência, e naquela que segue pela via inconsciente (Freud, 2020c, p. 115).

Diante disso, o que parece ter se instaurado na relação entre Hilda, o grupo e eu, como mediadora e pesquisadora, é da ordem de uma transferência positiva. Visto que, a partir do relato de Hilda, um dos efeitos de sentido produzidos pelo *fruto*, que ressoou em mim e, provavelmente, em outros participantes, tenha sido o de gratidão por termos, de certa forma, possibilitado uma auto liberação da sua condição de cuidadora para que pudesse, agora, compreender seu papel de filha e de mãe que um dia poderá ser cuidada. Foi a partir dessa narrativa interpretada por mim que apostei na possível entrada de Hilda no DH.

Foi então que, ao submeter essa análise, ainda em construção, para um debate em um evento organizado pelo Programa de Pós-Graduação em que este trabalho está sendo construído, quem foi “pega de calças curtas” fui eu. A debatedora do trabalho me questionou sobre Cora e me pôs a pensar sobre o lugar de coadjuvante que lhe foi dado até esse momento da pesquisa.

Foram essas as perguntas que me afetaram ao ponto de (re)tomar minha análise e (re)pensar a minha própria alienação às representações de velhice que tenho tentado incessantemente questionar nesta pesquisa: Por que Cora não foi ouvida? Será que Cora queria

mesmo estar naquele espaço? O que/Quem Cora “atrapalhava” naquele espaço? O que Cora, uma idosa 90+, com suas limitações biológicas impostas pelo corpo, tem a nos ensinar?

Diante disso, aposto na possibilidade de que na relação entre Cora, o grupo e eu, pode ter se instaurado uma transferência negativa. Freud (2020c), ao se questionar sobre a transferência no tratamento indiferenciado nas instituições, atende a essa questão direcionando-a para a transferência negativa:

A irrupção da transferência negativa, aliás, é bastante frequente em instituições. O doente, justamente, deixa a instituição sem se transformar ou tem recidivas assim que entra no domínio da transferência negativa. [...] ela [transferência negativa] se manifesta claramente enquanto resistência contra a cura, não afugentando o doente da instituição – ao contrário, ela o segura na instituição –, mas o distanciando da vida. É que para a cura é bastante indiferente se o doente na instituição supera esta ou aquela angústia ou inibição; depende muito mais de ele poder se libertar disso também na realidade de sua vida (Freud, 2020c, p. 116).

O contexto ao qual Freud (2020c) se refere não se equipara ao contexto do Desabroche, pois o espaço de escuta não se propõe a funcionar como uma instituição que recebe pacientes para tratamento. Todavia, as relações estabelecidas nesse espaço podem operar a partir de uma transferência negativa. Parece-me ter sido a instauração desse fenômeno que contribuiu para a saída de cena de Cora.

É importante retomarmos o fato de que Cora parecia nem mesmo ter se interessado pelo grupo, foi obrigada a se inscrever, submetida aos cuidados de sua filha, Hilda. Cora se inscreve no projeto pelo desejo de Hilda. A partir do *fruto* em que Hilda relata sua experiência no Desabroche, é possível identificar indícios de que o desejo de estar presente naquele grupo nunca foi de Cora: “*Minha ouvinte amada, me sugeriu **inscrevê-la** no grupo*”. Cora foi inscrita naquele espaço, ela não se inscreveu. Cora não se inscreve literalmente, assim como não se inscreve subjetivamente. “**Ressabiada** com a virtualidade do processo (...)/ (...) **ela se declarou com dificuldade de ouvir (...)** / **Reclamou** que pouco enxergava(...)”. Foi no *a posteriori* que percebi o quanto Cora não se sentia pertencente àquele grupo.

O fato de Cora, uma idosa de 94 anos, apresentar limitações em acessar um espaço de escuta *online* me passou quase que despercebido. Acredito que, encoberta pela lente da representação de que é natural um idoso de 94 anos não conseguir participar de um espaço de escuta *online*, me peguei limitada para conseguir lidar com a situação e acolher Cora. Cora não foi acolhida, Cora foi excluída. E, de modo violento, foi obrigada a assumir o seu não querer sem ao menos ser indagada quanto ao seu querer.

É a partir dessa experiência que compreendo o quanto as representações de pessoa idosa e, principalmente dos idosos octogenários, se fazem presentes nas nossas ações e se repetem mesmo diante de um espaço que se diz acolhedor para com as pessoas idosas. Assim como Cora, no espaço Desabroche, tivemos a presença de outra pessoa 80+. Conceição, de 90 anos, participou do mesmo grupo. Conceição pouco falava nos encontros e sua participação foi breve, esteve presente em poucos encontros da segunda edição em 2021-1. O apagamento dessas participantes na minha pesquisa, até esse momento, reproduz a morte social desse público na sociedade, conceito ao qual recorri no Capítulo 1.

Por outro lado, da parte de ambas as participantes 90+, em especial Cora, houve uma escolha, mesmo que afetada inconscientemente pela transferência negativa, em se ausentar do espaço. Essa escolha pode ser compreendida à luz das elaborações propostas pelas pesquisas do sociólogo Caradec (2011), nas quais ele analisa o diferente modo de lidar com o envelhecimento do corpo dos idosos sexagenários e octogenários. Essa análise foi movida pela mesma inquietação que me levou ao seu estudo: de que idosos estamos falando? O idoso 60+ é o mesmo idoso 90+?

Caradec (2011) elabora sua teoria baseada na ideia de que a experiência de envelhecer se impõe às pessoas não somente no nível exterior, como já foi problematizado no Capítulo 3, mas também no interior. Para o autor, o impacto do envelhecimento no interior afeta menos os idosos 60+ que, em sua grande maioria, conseguem lidar com o envelhecimento do corpo biológico de várias formas: assumem os brancos e se orgulham disso, pintam os cabelos de colorido, fazem procedimentos estéticos para burlar o envelhecimento, etc.

Caradec (2011) retoma uma passagem de Beauvoir (2018) sobre o idoso 60+, na qual, para ela, esse idoso “sente-se velho por meio dos outros, sem ter vivenciado mudanças graves; interiormente, não adota o rótulo que é atribuído a ele” (Beauvoir, 2018, p. 310 *apud* Caradec, 2011). Contudo, no caso de grande parte dos idosos 80+, a velhice passa a deixar registros no corpo orgânico, na aparência e na energia. O sociólogo apresenta a fala de um dos seus participantes de pesquisa para ilustrar esse registro quase que irreparável na idade mais avançada. O caso trata de um senhor de 87 anos que foi ao médico para queixar-se de sua dificuldade de enxergar: “Eu pedi ao oftalmologista que mudasse os meus óculos. E ele me disse: ‘Não dá mais para mudar, meu senhor, na sua idade não é mais possível, já chegou ao fim’” (Caradec, 2011, p. 24).

Diante disso, Caradec (2011) aposta na possibilidade de muitos octogenários passarem a operar no modo desapego, demonstrando um desengajamento para com as atividades do cotidiano. Esse desapego é definido por ele como:

O processo de adequação da vida que se produz à medida que as pessoas que envelhecem se defrontam com dificuldades crescentes e novas limitações: cansaço mais acentuado; problemas de saúde e limitações funcionais; maior consciência da própria finitude; morte de uma parte dos contemporâneos; atitude superprotetora em relação aos próximos; mundo exterior cada vez menos acolhedor, pouco adaptado a elas e no qual se veem expostas às diferentes manifestações da “condição de idoso”. Essa adequação da vida é marcada pelo abandono de certas atividades e certas relações, mas não se resume a isso (Caradec, 2011, p. 33).

Diante da experiência com Cora, compreendo que, talvez, sua decisão em não se inscrever no grupo faça parte desse processo de desapego que grande parte das pessoas 80+ vivenciam. Esse desengajamento de Cora pode ser percebido quando Hilda relata sua preocupação com um certo desânimo de Cora, no seguinte recorte:

*Há pouco, manifestei minha preocupação com a falta de interesse da mamãe por tudo, no alto dos seus quase 95 anos. Da leitora de dois a três livros por semana, **passou a zero**. Das novelas que a divertiam, **nada mais lhe desperta interesse**. Nada se mantém como lazer. Como **prazer obrigatório** somente as orações e as missas virtuais. **Isso é muito pouco** para a mulher que até 87 anos fazia hidroginástica, que até os 89 caminhava 6km em volta do parque. Era preciso eu fazer alguma coisa.*

“Nada mais lhe desperta interesse”. Essa frase coaduna com a ideia de Caradec (2011) sobre o desapego à vida. Nessa perspectiva, é possível relacionar essa ideia de desengajamento ao fato de que o envelhecimento implica um conjunto de renúncias narcísicas, pois, à medida em que o sujeito envelhece, é possível que ele apresente um certo desinvestimento libidinal nas e das coisas do mundo. Freud (2006) afirmava que, em alguns casos de doença orgânica, a libido que antes era direcionada ao mundo externo passa a regredir ao Eu, dando suporte à condição de sofrimento com o findar da vida. Para os autores Rosa e Vilhena (2015), em seus estudos sobre o trabalho do negativo no envelhecimento:

À medida que o sujeito envelhece, notamos que costuma apresentar um progressivo desinvestimento libidinal das coisas do mundo com conseqüente investimento nele mesmo. Alguns fenômenos típicos da velhice como o retraimento de interesses, certo egoísmo e a despreocupação com os fenômenos ao seu redor são confirmações desse remanejamento libidinal para o próprio eu (Rosa; Vilhena, 2015, p.118).

Esse desinvestimento libidinal não é condição determinante para todas as pessoas que vivenciam o envelhe-ser. Porém, ao considerar o caso de Cora, é inegável que ela demonstra um desinteresse com atividades que antes pareciam lhe proporcionar prazer, mas, agora, somente as missas e orações tornaram sua ocupação. Além disso, o desinvestimento libidinal

de Cora do mundo pode ser entendido como expressão da pulsão de morte, ou como afirma Mucida (2018, p. 144) um afastamento entre pulsão de vida e pulsão de morte:

O medo da morte associa-se à perda do investimento libidinal. Isso pode ser associado às impressões que ocorrem na melancolia, quando as pulsões de vida e morte se afastam muito umas das outras. Isso pode nos reenviar à velhice ou a qualquer momento da vida pelo qual o sujeito se desinveste libidinalmente do mundo.

Para sua filha, Hilda, o investimento libidinal de Cora apenas em atividades como missas e orações parece MUITO pouco. Muito pouco, talvez, pela imagem que sua filha tivera de sua mãe aos 60, 70, 80, mas, agora, Cora está com 94.

Com isso, passo a perceber um mo(vi)mento histórico de Hilda, quase que de um desespero ao perceber a energia vital de sua mãe se findando. Diante disso, Hilda, calcada em sua fantasia de cuidadora, tenta buscar repostas e saídas para contornar essa situação. Hilda parece operar, desde o princípio de sua participação no espaço do Desabroche, no DH:

Discurso da Histórica

$$\begin{array}{l} \S \rightarrow S1 \\ a // S2 \end{array}$$

Hilda, em sua condição de sujeito dividido, busca uma reposta do Outro (S1), que, neste caso, é encarnado pelo espaço Desabroche, na esperança de que esse espaço possa lhe dar respostas sobre o cuidar de sua mãe e, arrisco mais, devolver a vitalidade de Cora. A possibilidade de desabrochar poderia estar, metaforicamente, associada a um re-viver, um possível retorno às atividades consideradas vitais por Hilda em relação à Cora. Souza (2008) diz sobre esse discurso da seguinte forma:

[...] o *sujeito* coloca seu desejo e seu sintoma em questão, exigindo continuamente do mestre, que segue o significante que o qualifica [S1], que trabalhe. O *sujeito* busca do mestre um Saber²⁵ sobre o gozo de seu sintoma ou mesmo um Saber sobre seu sofrimento.

De uma maneira que se pode considerar até mesmo paradoxal, apesar de produzir-se um Saber [S2] sobre seu sintoma, o sujeito na condição de analisante continua ignorando o real (*a*) que causa seu sofrimento (Souza, 2008, p. 132).

Nessa perspectiva, entendo que Hilda, movida pelo seu lugar de cuidadora, busca um saber sobre como conseguir cuidar mais e mais de sua mãe, movida pelo seu modo de gozo,

²⁵ A palavra “Saber” foi grafada com letra maiúscula para diferenciá-la da noção de saber no senso comum, muitas vezes associada ao conhecimento. Conforme foi explorado no Capítulo 2, ao tratar do conceito de transferência, compreende-se que esse “Saber” é da ordem de um saber inconsciente, um saber que não-se sabe, mas que faz o sujeito buscar e elaborar repostas na busca pelo seu enigma subjetivo.

diante da impossibilidade em reverter a condição de desengajamento de Cora. Para Freud (2010), em seu texto “Reflexões para os tempos de guerra e morte”, a morte de pessoas com as quais tem-se vínculos afetivos provoca no sujeito um rearranjo pulsional:

No tocante à morte de outra pessoa, o homem civilizado evita cuidadosamente falar dessa possibilidade quando aquele destinado a morrer pode escutá-lo. Apenas as crianças ignoram tal restrição; elas ameaçam despreocupadamente umas às outras com a ideia da morte, e chegam a dizer, na cara de alguém que amam, coisas desse tipo: “Querida mamãe, quando você morrer, vou fazer isso e aquilo”. O adulto cultivado não pode admitir nem em pensamento a morte de outrem, sem considerar-se duro e malvado; a menos que lide profissionalmente com a morte, como advogado, médico etc. E não se permitirá fazê-lo, principalmente se tal evento estiver relacionado a algum ganho em matéria de liberdade, propriedade, posição (Freud, 2010, p.171).

Há algo que Hilda ignora, há um real persistente com o qual Hilda parece não querer se deparar e permanece velado. Esse real é da ordem do corpo que envelhece, da diminuição de energia vital de sua mãe e da impensável morte que pode estar se aproximando. O que será de Hilda sem sua mãe para cuidar? Ela será cuidadora de quem? Para onde Hilda vai olhar depois? O que vai descobrir ou saber sobre si, como vai lidar com isso?

Caradec (2011), ainda sobre a condição de desapego que muitos idosos mais velhos vivenciam, sugere a seguinte reflexão:

Essas transformações corporais, no entanto, não impedem a preservação dos apegos com o mundo. Não esqueçamos, com efeito, que o apego não designa um simples declínio dos engajamentos, mas constitui um processo de adequação da existência e reconversão das atividades (Caradec, 2011, p. 36).

Talvez Cora não quisesse estar em um espaço falando e ouvindo pessoas 60+ falarem sobre o processo de envelhecimento. Talvez Cora não quisesse falar de sua condição de idosa. Talvez isso escancarasse o quão velha Cora estava. Talvez Hilda pudesse ter acolhido o envelhecimento de sua mãe de outra forma, por outros caminhos que pudessem preservar seu apego ao mundo. Ou, talvez, a preservação de seu apego ao mundo estivesse justamente em suas orações e missas. Talvez nós, como sociedade que parece não saber lidar com o idoso 90+, precisamos repensar nosso modo de acolher esse público.

Cora partiu em 2022. Hilda avisou o grupo através de uma mensagem no *WhatsApp*. O grupo e eu recebemos a notícia com grande pesar. Talvez Cora já estivesse se retirando de cena. Encerro este gesto de análise, em memória à Cora, com o seguinte dizer de Guimarães Rosa: “O mundo é mágico: as pessoas não morrem, ficam encantadas...a gente morre é para provar que viveu”.

CAPÍTULO 7 – ALGUNS FRUTOS – GESTOS DE ANÁLISE

O que é um espelho? É o único material inventado que é natural. Quem olha um espelho, quem consegue vê-lo sem se ver, quem entende que a sua profundidade consiste em ele ser vazio, quem caminha para dentro de seu espaço transparente sem deixar nele o vestígio da própria imagem – esse alguém percebeu o seu mistério de coisa.

(Clarice Lispector – Água viva)

Assim como o capítulo anterior, este capítulo também apresenta o desenvolvimento de um gesto de interpretação, juntamente com incursões teóricas feitas a partir do meu olhar interpretativo sobre o *corpus*. Portanto, este capítulo trata da relação com o corpo na velhice a partir da teoria freudo-lacanianiana, além de dois relatos de experiência que convergem para a mesma temática e que me possibilitaram gestos interpretativos na tentativa de analisar possíveis (res)significações destes corpos que envelhecem.

Ao iniciar a escrita do primeiro RE a partir das anotações do DB e dos *frutos* produzidos pelas participantes, retomei o significado da palavra “desabrochar” no dicionário. Vários significados apareceram, mas um deles me chama mais atenção: “Desabrochar: Fazer aparecer o que está encoberto; desvendar”²⁶. Diante do significado dessa palavra tão emblemática para o projeto de extensão que se originou nas inquietações aqui propostas, percebi que o processo de desabrochar também faz parte desta pesquisa. É nesse momento de construção dos RE que pretendo desvendar, fazer aparecer o que está encoberto, voltando meu olhar para os deslizos, os (des)encontros vividos pelos participantes e suas possibilidades de (res)significação.

O critério adotado para a escolha dos participantes que compõem as análises dos relatos de modo específico e singular diz respeito ao investimento subjetivo que tais participantes parecem ter deixado flagrar durante a participação no projeto Desabroche. Esse investimento subjetivo diz respeito à participação ativa nos encontros e engajamento na produção - ou tentativa – dos *frutos*. Isso se justifica pelo fato de que é a partir das produções linguageiras que um gesto de análise é possível acontecer. Contudo, é preciso assumir que essa escolha também diz respeito a mim, pois há algo da minha experiência subjetiva, afetada pelo processo transferencial, que atravessa todos os outros critérios de escolha.

²⁶ Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=G38q>.

Destarte, este capítulo se encarrega em problematizar o olhar para o corpo que envelhece a partir das produções artístico-culturais que ensejaram discussões sobre esse tema. Para isso, apresento uma breve elaboração sobre a noção de corpo sustentada pela teoria psicanalítica e traço gestos de interpretação acerca de possíveis experiências (res)significadas por duas participantes do projeto Desabroche.

7.1 Um olhar para o corpo que envelhece

Durante as edições do projeto Desabroche nos anos 2020 e 2021, a temática “o envelhecimento do corpo” foi tratada em momentos diferentes, motivada, principalmente, por duas produções artístico-culturais. Nesse período do projeto de extensão, dois grupos diferentes de pessoas 60+ se encontravam semanalmente, por 1 hora e meia. Cada grupo era composto por uma média de 5 participantes e, dentre os dois grupos, havia apenas um participante do sexo masculino. Mesmo com a presença de um homem no grupo, esse gesto de análise foi construído em torno de elaborações apenas das participantes mulheres, pois elas demonstravam um investimento subjetivo maior durante os encontros. Esse investimento pôde ser percebido pela frequência de participação e pelo engajamento em colocar a palavra para circular durante os encontros.

Neste tópico de análise, direciono o meu olhar para uma temática convergente entre as participantes durante o Desabroche: o corpo que envelhece. Portanto, neste momento, a ênfase não será em uma participante específica, mas em elaborações de duas delas que convergem para a mesma temática e, aparentemente, para o mesmo incômodo: a velhice diante do espelho. Para tanto, antes mesmo de iniciar a construção do RE, é importante compreender qual é o conceito de corpo para o qual essa análise pretende se voltar.

7.1.1 Que corpo é esse?

Na visão psicanalítica, ao considerar a noção de corpo, entende-se que ela não equivale ao corpo biológico normalmente referenciado nas ciências médicas e no senso comum, mas sim a “[...] um corpo erógeno, fonte de pulsões, marcado pelo desejo inconsciente e atravessado pela linguagem” (Macedo, 2022, p. 102). Nesse sentido, o corpo a que me refiro nesta tese não se refere àquele do qual a ciência médica considera como realidade primária desde o nosso nascimento. Trata-se, portanto, de pensar o corpo como realidade secundária, constituído pela

linguagem, ou seja, na relação com o Outro. Macedo (2022), sustentada pela teorização de Soler (1984), propõe que:

Essa construção se dá na relação com o Outro e com os outros, seus semelhantes, a partir de operações que se desenrolam no imaginário e no simbólico, atravessadas pelo real. O corpo, então, é uma realidade secundária, uma “superestrutura” (SOLER, 1984) habitada por significantes, na qual a pulsão busca se inscrever (Macedo, 2022, p. 102).

Nesse viés, ao compreender o corpo como uma construção imaginária, simbolizado pelo simbólico e atravessado pelo real, entendo que essa construção nunca estará superada, acabada ou finalizada, mas sim em constante construção. Para entender como essa construção se dá, me sustento na teoria fundada por Lacan (1998), que, a partir de seus estudos de Freud (2006) sobre o narcisismo, a nomeou como estágio do espelho.

A priori, o corpo do bebê, após o seu nascimento, passa pelo primeiro período de vida, chamado por Freud (2006) de autoerotismo, em que há uma indistinção entre a mãe e o bebê. O corpo do bebê, nesse período, é marcado por um estado de fragmentação, ou seja, um corpo desintegrado, não constituído como unidade. Diante disso, Lacan (1998) aposta no fato de que é necessária uma nova ação psíquica para que o narcisismo seja instaurado, chamada pelo psicanalista de estágio do espelho, no qual o bebê, que antes tinha uma vivência corporal fragmentada, consegue constituir a imagem de um corpo unificado. Para isso, Garcia-Roza apresenta a diferença entre o que Freud chama de autoerotismo e narcisismo:

O que ocorre no autoerotismo é o que Freud denomina de “prazer do órgão”, isto é, o prazer que o órgão retira dele mesmo. Não se trata do corpo considerado um todo, sendo tomado como objeto de investimento libidinal, mas partes de um corpo fragmentado, sem unidade. Não há, no autoerotismo, uma representação do corpo como uma unidade. O que nele falta é o eu, representação que o indivíduo faz de si mesmo (Garcia-Roza, 2004, p. 48).

A construção do eu, da imagem de si como o corpo se dá justamente no estágio do espelho. Segundo Lacan (1998), esse estágio acontece no período entre seis e 18 meses e se caracteriza pelo reconhecimento, por parte da criança, de sua imagem unificada refletida no espelho. O espelho apresentado nessa teoria é considerado uma metáfora para o que se constituirá posteriormente como o grande Outro, ou seja, esse espelho não é representado apenas por um objeto físico, mas sim um elemento simbólico capaz de dar forma ao corpo do bebê, desenvolvendo uma noção de unidade e totalidade do corpo.

Esse período é marcado pelo júbilo de se reconhecer como um corpo separado daquele do outro materno. O estágio do espelho constitui-se como uma identificação, ou seja, uma “[...] transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (Lacan, 1998, p. 97). Com a proposta do esquema do estágio do espelho, o psicanalista expõe a percepção espacial do ser humano, que precede a constituição do sujeito. Ele esclarece o impacto do nascimento prematuro no bebê, destacando como a imagem especular assume uma função que permanece em aberto devido à incompletude do organismo humano nos primeiros anos de vida:

O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que mascarará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (Lacan, 1998, p. 100).

Convém observar que a escolha pelo termo estágio e não estágio marca a ideia de que não se trata de um processo prolongado, mas sim de um momento específico do período de desenvolvimento e constituição do sujeito. Momento este que, para o psicanalista, inaugura a formação do eu (*je*):

A formação do eu [*je*] simboliza-se oniricamente por um campo fortificado, ou mesmo um estágio, que distribui da arena interna até sua muralha, até seu cinturão de escombros e pântanos, dois campos de luta opostos em que o sujeito se enrosca na busca do altivo e longínquo castelo interior, cuja forma (às vezes justaposta no mesmo cenário) simboliza o isso de maneira surpreendente (Lacan, 1998, p. 100).

Embora a teoria lacaniana apresente a ideia de que a constituição do eu se dá nesse encontro do bebê com o espelho, mediado pelo Outro e pelo outro materno, o processo de identificação do sujeito acontece ao longo de toda a vida, ou seja, nos deparamos com possibilidades de atualizações do estágio do espelho e, conseqüentemente, de uma reconfiguração da ideia do eu. Rassal (1997), em seu livro “*A passagem adolescente*”, elabora a ideia de que na adolescência há uma reedição do estágio do espelho, pois o sujeito deixa para trás a imagem do corpo infantil e passa a assumir sua nova imagem especular movida pela puberdade fisiológica. Essa passagem requer do sujeito um trabalho psíquico para lidar com a morte simbólica da imagem de si construída diante do seu corpo infantil.

Embora na adolescência o sujeito se depare com as diversas dificuldades em lidar com o luto de um corpo que se transforma, há novas perspectivas de um futuro que ainda será cumprido por novas identificações, “há um luto, mas um luto de passagem, e o corpo, e o corpo,

esse estrangeiro de cada um, recebe marcas que se abrem a novas aquisições” (Mucida, 2018, p. 110).

Estar em constante relação com o Outro e com os pequenos outros que cercam o sujeito e se deparar com transformações do corpo biológico, muitas vezes escancaradas na imagem que é devolvida pelo espelho, acontece na infância, na adolescência e, de modo mais complexo, na velhice. Isso porque as mudanças no corpo refletidas pelos espelhos do sujeito, muitas vezes, não são acompanhadas de perspectivas de um futuro com novas aquisições, como acontece na adolescência. De acordo com Mucida (2018, p. 110):

[...] na velhice a imagem é marcada por diferentes mudanças diante das quais o sujeito só poderá fazer um trabalho de luto; não há como impedir esse processo e, sobretudo, não existe uma valorização possível dessa imagem pela qual, como na adolescência, o idoso poderia se identificar. A imagem da velhice, além de não ser valorizada culturalmente, não traz perspectivas de novas aquisições, pelo contrário, delineiam-se apenas perdas.

Diante disso, o sujeito do *envelhe-ser* se vê diante da possibilidade de re-atualização do estádio do espelho. Para isso, ele terá que dar novos contornos para a imagem do corpo que envelhece, se subjetivando e buscando ancoragens no simbólico para abrir novas possibilidades de se (res)significar.

É diante dessa possibilidade de re-atualização do estádio do espelho no processo de envelhecimento que este gesto de análise se construiu e possibilitou um olhar para os modos que as pessoas 60+, participantes dessa pesquisa, encontraram para se subjetivar resultando desse (des)encontro com o corpo que envelhece.

7.2 (Des)encontros com o corpo que envelhece diante do espelho

Em 2020, com o primeiro grupo do Desabroche, foi apresentado às participantes um conto de Ricardo Azevedo chamado “O caso do espelho”²⁷. Esse texto literário narra a história de um homem que, ao se olhar no espelho, vê a imagem do pai, acreditando ser um retrato dele. O enredo do conto gira em torno desse “espelho”, o qual vai passando de mão em mão, flagrando como cada personagem descobre um “retrato” diferente ao se olhar. Após a apresentação desse conto, indaguei às participantes sobre quem elas veem ao se olhar ao espelho. Diante disso, algumas formulações em relação ao (des)encontro com o corpo no

²⁷ O conto de Azevedo está disponível nos Anexos desta tese.

espelho foram surgindo e, a partir disso, tracei alguns gestos de interpretação relacionadas a algumas das participantes do Desabroche.

7.2.1 O caso Adélia

Adélia foi uma das participantes do projeto Desabroche nos anos de 2020 e 2021. Por ora, é sobre ela que lançaremos nosso olhar. Adélia tem 63 anos, é viúva há mais de 10 anos, mãe de um casal de filhos e avó de um casal de netos. Nos anos em que Adélia participou do Desabroche, em 2020 e 2021, exercia a profissão de calígrafa, mas atuou durante muitos anos como secretária executiva em um banco. Adélia se apaixonou por um homem 25 anos mais velho do que ela. Ela dizia ter vivido o grande amor de sua vida. Viveu com ele por cerca de 20 anos, até que a morte veio para ele, deixando Adélia viúva e ainda muito apaixonada. A partir da morte de seu marido, Adélia passou a dedicar-se exclusivamente aos filhos, posteriormente, aos netos. Há 18 anos, Adélia diz se dedicar a eles, e muito pouco a si mesma. Todas essas informações pessoais foram dadas pela participante durante o decorrer dos encontros.

Adélia, então, após a leitura do conto e, ao se deparar com questionamentos sobre seu olhar para o espelho, relata seu desconforto ao se deparar com esse objeto. A participante diz:

(Excerto 1- DB)

(Adélia) Em muitos momentos de minha vida eu não gostava muito de olhar no espelho, parecia que aquela pessoa que se encontrava do outro lado não era eu. Até hoje não gosto de espelhos, quase não me olho neles. Existe momentos em que você está bem, e outros não.

Adélia reforça que não tem espelhos espalhados pela casa e justifica dizendo que olhar no espelho lhe causa um “mal-estar”. Quando questionada pelo motivo, Adélia diz que não consegue explicar, apenas salienta que a imagem retratada no espelho lhe causa um certo estranhamento, como se não fosse ela naquela imagem.

Adélia parece se deparar com o estranho, algo inquietante, pois, ao mesmo tempo em que reconhece a imagem no espelho, essa mesma imagem lhe causa estranhamento, ensejando o aparecimento de um mal-estar. No excerto 1, Adélia reforça o fato de que esse incômodo com o espelho não é recente, pois, segundo ela, a repulsa em se olhar no espelho está presente em muitos momentos de sua vida.

É possível que, ao se ver no espelho, Adélia experimente algo do *Unheimlich* presente na obra de Freud (2020a). Essa noção foi desenvolvida pelo psicanalista a partir de uma análise do vocábulo alemão e do conto de E. T. A. Hoffman “*O homem da areia*”. Ela foi traduzida de várias formas para o português, como “o estranho”, “infamiliar”, “inquietante”; entretanto, é importante entendermos que Freud considera *Unheimlich* um sentimento advindo de um efeito de estranheza que atinge o conhecido e familiar, provocando ansiedade (Chnaiderman, 1998). Para Cherix (2015), o *Unheimlich* proposto por Freud:

Descreve uma certa inquietação que sentimos quando algo que um dia foi familiar retorna como algo estranho depois de ter sido recalçado. Diante desta experiência, sentimos medo e horror. As mudanças do corpo e a crise na passagem para a velhice podem ser associadas a esta sensação do estranho. A velhice e a perda de funcionalidade do corpo são esperadas, porém quando surgem, quando se concretizam materialmente, quando se tornam evidências irrefutáveis, são sentidas como algo estranho, que vem de fora e surpreende o sujeito de forma repentina e assustadora (Cherix, 2015, p. 43).

No entanto, durante os encontros, Adélia afirma em sua narrativa não se incomodar com seus cabelos grisalhos e reforça a ideia de que assumiu seus “brancos” há algum tempo e está bem dessa forma, mas, mesmo assim, sua imagem no espelho a incomoda. Talvez o que cause o mal-estar em Adélia está para além da imagem de si como um corpo que envelhece. Pode ser que, para essa participante, algo do real relacionado às perdas, aos momentos traumáticos vivenciados por ela ao longo da vida, seja, de alguma forma, refletido por seu olhar no espelho. Além disso, mesmo Adélia afirmando que seus cabelos brancos e seus traços de envelhecimento não a incomodam, há algo do real no corpo, provocado, inclusive, pelo envelhecimento, e que não pode ser representado.

Adélia tenta convencer a si mesma de que o envelhecimento do corpo biológico não lhe incomoda. No entanto, na inevitável experiência de se olhar no espelho, Adélia se estranha e, mesmo que por poucos minutos, aquela imagem parece não sustentar o discurso de autoaceitação ao qual ela se aliena.

Portanto, há algo indizível que a incomoda, ou seja, há um mal-estar que insiste em retornar ao se deparar com sua imagem, seu olhar no espelho. Mucida (2018) retoma Lacan para sustentar o fato de que o olhar constitui o encontro com o objeto *a*, causa de desejo e de angústia:

Podemos indicar que o olhar constitui a face mais real do objeto *a*. Diante do imaginário do olho posta-se o real da visão, e como elo que permite ligar o

visível (o olho, o campo das imagens, o especularizável) e o invisível (o olhar, o escópico, o real pulsional) está o simbólico (Mucida, 2018, p. 108).

Esse estranhamento de Adélia com sua imagem no espelho aponta para um encontro do sujeito com o real, que, sem conseguir um suporte do simbólico, ou seja, o elo capaz de ligar o visível e o invisível, não consegue um significante para nomear essa experiência, causando, assim, o mal-estar diante do inominável.

Ao longo de sua participação no Desabroche, Adélia relata a falta que seu marido ainda faz em sua vida e diz que muitas vezes não se reconhece sozinha, na ausência de seu marido. Portanto, é possível pensar que o mal-estar causado pelo seu encontro com o espelho também pode estar na ordem de suas experiências passadas, que não dizem respeito ao corpo como uma unidade imaginária, mas de experiências que afetam esse corpo, pois dizem de si, representam seu lugar na fantasia e dizem sobre “Quem é Adélia”. Isso explicaria o fato de Adélia evitar o espelho, há uma resistência no (des)encontro com o mal-estar. Mucida (2018, p. 105) afirma que:

O estranho familiar é a lacuna diante da qual o sujeito não tem palavras para nomear, restando-lhe buscar, entretanto, na cadeira significante – no tesouro significante – representações possíveis disso que escapa. Diríamos que o estranho é efeito do encontro do sujeito com o real sem um suporte adequado do imaginário e do simbólico, ou quando esses dois registros se encontram incapazes, mesmo que momentaneamente, de dar um tratamento ao real.

Para Adélia, o espelho parece estar para a ordem de uma resistência, ou seja, uma esquizo do olhar (Lacan, 2008a). Para o psicanalista, a esquizo aponta para algo estranho que vem habitar a reversibilidade do olhar, entre o ver e ser visto, alguma coisa atravessa o espectador, provocando-lhe uma falta e causando-lhe desejos:

Mas não é entre o invisível e o visível que nós temos que passar. A esquizo que nos interessa não é a distância que se prende ao fato de haver formas impostas pelo mundo e para as quais a intencionalidade da experiência fenomenológica nos dirige, donde os limites que encontramos na experiência do visível. O olhar só se nos apresenta na forma de uma estranha contingência simbólica do que encontramos no horizonte e como ponto de chegada de nossa experiência, isto é, a falta constitutiva da angústia da “castração” (Lacan, 2008a, p. 76).

Adélia não é capaz de explicar esse mal-estar e essa recusa a se olhar no espelho, mas reforça em vários momentos sua alienação a uma construção de imagem que fez de si: uma jovem senhora de 63 anos, viúva, apaixonada pelo marido falecido, mãe e avó e que, quando questionada sobre a sua relação com a solidão, parece lidar bem com a vida sozinha. Parece-

me que Adélia está alienada a esta condição. Vejamos seu relato durante o espaço Desabroche, em que Adélia narra sobre sua condição desde a perda do marido:

(Excerto 2 - DB)

(Adélia) No princípio de minha viuvez foram muitas atribulações que não me permitiram pensar em mim. Eu estava só com uma filha de 8 anos e um filho adolescente de quase 17 anos. E uma mãe que em seguida descobriu um câncer no pulmão e no fígado. Eu não conseguia pensar em minhas prioridades. Não tinha ninguém com quem dividir minhas angústias e aflições, era eu comigo mesma.

Nesse segundo excerto de sua narrativa, Adélia reforça a ideia de que não havia ninguém para dividir as “*angústias e as aflições, era eu comigo mesma*”. Esse sentimento parece se estender por anos. As outras participantes falam da possibilidade em encontrar um namorado na velhice, e Adélia diz não conseguir imaginar outra pessoa em sua vida:

(Excerto 3 - DB) Eu não conseguia imaginar outra pessoa vivendo dentro da nossa casa que não fosse meu querido companheiro. Nunca consegui imaginar um estranho junto de meus filhos. Naquela época não consegui pensar nisso, nem mesmo algum tempo depois. Dezoito anos se passaram então. Ainda estou aqui, sobrevivi afinal.

A alienação a uma vida dedicada ao marido perdura por muitos anos, talvez esteja condicionada ao luto do objeto perdido, que a impede de se separar da imagem de viúva sozinha. Essa alienação parece estar atrelada a uma devoção profunda ao marido. Para Mucida (2018), o luto profundo pode fazer com que o sujeito perca a “capacidade de adotar um novo objeto de amor, substituí-lo por outro. Permanece uma verdadeira devoção ao objeto perdido.” (p. 147). Para a psicanálise, o luto se configura de forma diferente para os idosos, pois “o espaço atual para sublimação, ou seja, a oferta de objetos socialmente valorizados nos quais os sujeitos possam se identificar, é também pequeno” (Mucida, 2018, p. 155). A sociedade é quem confere essa limitação de objetos para possíveis identificações, conferindo ao idoso uma morte em vida.

Nos encontros seguintes do Desabroche, Adélia teve contato com o filme “Nossas Noites”²⁸, que relata a possibilidade de um novo relacionamento entre um casal de idosos

²⁸ “Addie Moore (Jane Fonda) é uma viúva solitária que decide certa noite convidar o vizinho também viúvo Louis Waters (Robert Redford) para dormir em sua casa. A proposta inusitada, que tem por objetivo ajudar os dois a vencer a insônia, a princípio deixa o professor aposentado sem reação, mas conforme eles colocam o projeto em prática uma bonita relação de cumplicidade floresce.” Sinopse retirada do site:

viúvos e sozinhos. Esse filme mobilizou muitas discussões entre as participantes sobre relacionamentos amorosos na velhice. Após assistir ao filme e acompanhar as rodas de conversa sobre possibilidades de se apaixonar novamente, Adélia narra o seguinte:

(Excerto 4 - DB)

(Adélia) *Depois que meus filhos ficaram adultos e foram cuidar de suas vidas, comecei a perceber que a solidão pesa um pouco. Nada que me faça sofrer, e admito que gosto de viver só, e que algumas vezes me pergunto se eu me envolveria com alguém novamente. Ainda não encontrei a resposta dentro de mim. Mas o filme me pôs a pensar.*

Percebo que não só o filme, mas as experiências compartilhadas no espaço Desabroche, foram capazes de colocar Adélia “*a pensar*”. Colocar-se a pensar sugere o início de um mo(vi)mento, talvez como efeito do DA, que pode ter incidido com um não-sentido, desestabilizador da antiga ordem vigente de estar só.

Acredito que, ao pensar na possível experiência estética instaurada em Adélia no (des)encontro com o filme “Nossas Noites”, a personagem central do filme pode ter despertado novas possibilidades de *envelhe-ser*, longe da solidão. Isso porque, durante o longa, a personagem constrói a narrativa da viúva que demonstra uma enorme gratidão à vida que teve com o marido, mas se vê diante da solidão e do desejo de estar com outras pessoas, sem que a prioridade em cuidar dos filhos e netos impeça essa busca. A personagem vivencia novas experiências ao se abrir para uma nova relação, mas encontra o limite dessa relação ao se deparar com demandas familiares.

Além do filme, durante as rodas de conversa, havia outras participantes que reforçavam as ideias de que nunca é tarde para conhecer um novo amor, é possível conhecer pessoas por aplicativos de encontro, entre outras ideias que podem ter colocado Adélia “*a pensar*” e considerar outras possibilidades para sua vida. Durante quase todos os encontros Adélia permanecia a maior parte do tempo em silêncio, observando as conversas e, quando era convidada a contribuir na discussão, ela dizia estar elaborando tudo na sua cabeça. Com isso, considero a possibilidade de que esses silêncios e elaborações podem indicar efeitos de possíveis giros dos discursos, os quais não são possíveis de serem apontados ou definidos de modo assertivo ou separadamente. Adélia pode ter sido afetada pelo DA em alguns mo(vi)mentos, ter se colocado a pensar e a questionar-se sobre o seu lugar na construção de sua narrativa e realizado um giro para o DH. O único indício desse possível acontecimento é

que Adélia demonstra um atravessamento das discussões ao colocar-se “*a pensar*” e um mo(vi)mento em direção a novas possibilidades de ser subjetivada.

Após várias produções artísticas que envolviam assuntos relacionados a novos relacionamentos, amores, paixões e até mesmo a uma possibilidade de existir uma parte que falta em nós (livro “A parte que falta”²⁹), ao final da primeira edição do projeto, em 2020, Adélia se manifestou, desvelando-se. Ao ser questionada sobre como o projeto Desabroche contribuiu para possíveis ressignificações, ela relatou:

(Excerto 5 – DB)

Encontro 10 – quando a questiono sobre o que ela ressignificou:

(Adélia) *Abriu o leque de novas ideias; a convivência com vocês é maravilhosa. Eu fiz o meu projetinho [fruto]. Escrevi sobre o Filme “Vem dançar comigo” - uma história de superação.*

[questiono: O que o Desabroche tem a ver com superação?]

(Adélia) *Eu tinha as minhas convicções, mas eu posso viver ainda muitas coisas que eu quero viver;*

[questiono: Quais convicções?]

(Adélia) *Eu tava acomodada; percebi que posso direcionar minha vida pra outros caminhos. Os filhos têm a vida deles e eu tenho de direcionar minha vida de maneira que me agrada. O importante sou eu. Eu não tenho que ficar esperando que um filho do outro lado do mundo venha me visitar ou me ligar. Eu vou pra Maceió. Minha irmã mora lá. E a gente ainda quer fazer muitos projetos juntas - artesanato. De uns tempos pra cá eu mudei, eu não era acomodada. Nunca fui acomodada do jeito que eu fiquei. Depois da morte do meu esposo, eu me acomodei. Ele me transmitia muita segurança. A falta dele me deixou muito introspectiva. Eu quero mudar isso.*

Arrisco dizer que o leque de Adélia se encontrava fechado. Existiam caminhos e outras possibilidades, mas por muitos anos Adélia preferiu viver a única possibilidade à qual estava alienada: a condição de viúva. O que parece acontecer com Adélia ao final dos 10 encontros da primeira edição em 2020 é uma tentativa de separação de tal condição alienante. A alienação e separação fazem parte do processo de subjetivação do sujeito:

O sujeito pode apresentar-se nos processos de subjetivação de duas formas: como sujeito fixado (alienação imaginária), refém do poder repetitivo dos significantes da demanda do Outro; ou como sujeito singularizado (separação simbólica), que assume o próprio desejo singular para além dessas fixações. Na primeira forma, “o desejo é o desejo do Outro”, na segunda o desejo é desejo de Outra coisa, desejo como diferir constante, já que em tal perspectiva os significantes capazes de representar os objetos do desejo estão, metonimicamente, sempre se deslocando (Périco; Costa-Rosa, 2014, p. 442).

²⁹ SILVERSTEIN, S. **A parte que falta**. Companhia das Letrinhas, São Paulo, 2008.

Portanto, acredito que Adélia passou do processo de alienação imaginária, a qual estava refém: “*Eu tinha as minhas **convicções**,(...)/ Eu tava **acomodada**””, e assumiu seu próprio desejo singular, abrindo o leque de possibilidades, passando agora para uma separação simbólica, se identificando a novos traços: “*mas eu posso **viver ainda muitas coisas que eu quero viver./ percebi que posso direcionar minha vida pra **outros caminhos****””.**

A partir disso, é possível dizer que houve um certo deslocamento das redes de identificação de Adélia. Possivelmente Adélia pode ter se identificado a traços de outra participante do projeto, que sempre mostrava sua personalidade aventureira e aberta a novos relacionamentos, mostrando assim a possibilidade de uma identificação do sujeito a um traço do objeto desejado/perdido: a Adélia do passado, de acordo com ela mesma, era aventureira: “*Eu era **cigana**, vivia sempre conhecendo **novos lugares**./ eu não era **acomodada**. **Nunca fui acomodada do jeito que eu fiquei**””, ainda completa: “*eu quero mudar isso.*” Essa possibilidade de identificação aponta para que Nasio (1997) afirma sobre esse processo: “a identificação designa o nascimento de um lugar novo, a emergência de uma nova instância psíquica” (p. 126).*

Nesse sentido, parece haver uma ruptura na rede identificatória de Adélia, que a alienava àquela imagem anterior e, a partir dos (des)encontros do Desabroche, foi possível a instauração de uma identificação a outros traços que não condizem com os de “*uma pessoa acomodada*” e com possibilidades de uma busca por outras identificações que não sejam aquelas que a afastavam de olhar no espelho. Ainda sobre o espelho, essa posição de incômodo ao se deparar com sua imagem parece ter ganhado um efeito de sentido para Adélia:

(Excerto 6 - DB)

[questionada sobre o fato de não gostar de se ver no espelho nos primeiros encontros]

(Adélia) *eu venho refletindo desde a primeira vez que teve este tema: eu percebi que eu não me observava muito no espelho. Por quê? Hoje eu compreendo, eu não queria ver a (Adélia) que estava refletida lá. Que eu não estava satisfeita com a imagem que estava lá. Eu tenho de mudar, eu preciso gostar do que estou vendo - pra isso eu preciso mudar.*

Arrisco dizer que houve para Adélia um mo(vi)mento de atualização do estádio do espelho, pois há uma nova identificação, ou seja, Adélia parece estar em vias de assumir novos contornos para a imagem que faz de si. Aquela imagem que para ela parecia não fazer sentido, causando mal-estar e estranhamento, agora ganhou um amparo do simbólico: “*Hoje eu*

compreendo, eu não queria ver a (Adélia) que estava refletida lá. Que eu não estava satisfeita com a imagem que estava lá”. Segundo Mucida (2018),

A imagem traçada na velhice pode trazer um reencontro ao estágio do espelho, mas dessa vez pelo espelho “quebrado”, com os mecanismos presentes no segundo momento de estágio do espelho, sobretudo pela agressividade contra essa imagem que se vê e se odeia, tentativa de matar esse outro no qual o idoso se aliena (Mucida, 2018, p. 109).

Adélia parece estar juntando os pedaços de seu “espelho quebrado”, em busca de sua imagem ideal, ou seja, do seu ideal do eu. Essa imagem ideal não está perdida, por isso Adélia se vê diante do desejo em buscar traços aos quais se identifique para se desprender de sua insatisfação com o que vê refletido. Para compreendermos do que se trata o ideal do eu, é preciso recorrer a Freud (2010) sobre a distinção entre o eu ideal e o ideal do eu.

Freud (2010) elabora a ideia de que deve haver uma economia no investimento libidinal do sujeito. Uma parte da libido é investida nos objetos, enquanto a outra se direciona ao eu. No entanto, originalmente, essa libido era direcionada apenas ao eu durante a completude e perfeição infantil ilusórias. Para isso, Freud (2010) propõe que o sujeito constrói em si um ideal, que antes era desfrutado inteiramente pelo eu infantil. Nesse sentido, o eu ideal pressupõe a perfeição e valoração do sujeito, como resultado do narcisismo dos pais.

Por outro lado, o ideal do eu, segundo o psicanalista, é influenciado pelos valores culturais e morais, se relacionando, nesse momento, àquilo que alguém projeta sobre como o eu pretende ou aspira ser. Já não se restringe à idealização narcisista dos pais, mas a um desejo de construção do eu sonhado pelos pais. Percebemos, então, que, no movimento de construção do ideal do eu, busca-se uma formação identitária própria, mas que de própria não tem nada, pois há sempre o desejo inconsciente de recuperar traços recalçados do eu ideal. Nas palavras de Freud (2006, p. 27-28):

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal.

Entendo, assim, que tanto o eu ideal quando o ideal do eu alternam-se na constituição do sujeito e operam conjuntamente na construção da imagem do eu. Na velhice, o ideal do eu pode encontrar uma série de obstáculos impostos pelo real do corpo, podendo levar o sujeito a alienação a objetos ou a estados depressivos. Para Mucida (2018, p. 97):

Na velhice, o encontro com o real de um corpo que se transforma, marcado por uma imagem antecipada anunciando o irreparável de algumas modificações – imagem nem sempre fácil de suportar –, além de outras perdas concernentes às possibilidades de laços sociais – pelos quais o ideal do eu poderia se sustentar –, tudo isso poderá promover um retorno ao eu ideal representado pela identificação aos objetos. Assim, a carência de traços simbólicos introjetados pelo ideal do eu, pelos quais o sujeito se via susceptível de ser amado, na ausência de um ideal que possa servir de mediador entre o eu e o narcisismo e na carência de laços sublimatórios, poderá subsistir para alguns idosos tanto o apego aos objetos quanto o predomínio do ódio, além de estados depressivos passageiros ou não.

Tal fato pode ser percebido em Adélia em sua tentativa de manter a consistência de si mesma calcada na ideia de ser a viúva solitária, promovendo um tipo de identificação de si mesma a essa imagem que parece lhe causar sofrimento, tanto no seu (des)encontro com o espelho, quanto nas suas palavras ao dizer “*comecei a perceber que a solidão pesa um pouco(...)/ De uns tempos pra cá eu mudei, eu não era acomodada. Nunca fui acomodada do jeito que eu fiquei. Depois da morte do meu esposo, eu me acomodei./ (...) eu não estava satisfeita com a imagem que estava lá. Eu tenho de mudar, eu preciso gostar do que estou vendo - pra isso eu preciso mudar*”.

Esse processo de ruptura na rede identificatória aponta para a possibilidade de novas inscrições na cadeia significante de Adélia, ou seja, essa experiência de si pôde propiciar uma nova posição discursiva assumida por ela. Esse mo(vi)mento identificatório pode ser percebido através dos enquadres discursivos propostos por Lacan, em sua teoria dos discursos (1992). Parece-me que Adélia encontrava-se enredada ao discurso, muitas vezes, reforçado e sustentado pelo imaginário social de que a mulher viúva e idosa não tem mais o direito de desejar, de estabelecer novos laços sociais. Devido a essa possibilidade de alienação à imagem de uma viúva ainda apaixonada pelo marido, respeitando sua morte, Adélia pode ter operado por muitos anos na lógica do DM. Aposto nessa possibilidade pois, de acordo com Possas (2011) em seus estudos sobre a viuvez, há uma ideia prevista pelo imaginário social que, uma vez viúva, principalmente na velhice, há um imperativo de solidão resignada:

[...] no limiar do século XXI, a viuvez, principalmente a feminina, ainda detém condições de claustro diante da normatização que até recentemente impunha

uma etiqueta social, geradora de princípios organizadores sobre o comportamento individual e coletivo que tendiam a produzir um “sujeito viável”, em sua nova condição social. A reclusão, o uso do luto como forma de disciplinamento do corpo, são formalidades da viuvez que ainda se fazem presentes no imaginário coletivo (Possas, 2011, p. 97).

Diante disso, pode ser que Adélia tenha se alienado a esse discurso. No entanto, considerando que uma submissão plena é da ordem de um impossível, sempre resta algo – objeto *a* –, produto do DM. Esse resto, representado pelo objeto *a*, pode ter sido mobilizado como consequência dos mo(vi)mentos advindos de uma possível experiência estética ou até mesmo um não-sentido instaurado pela narrativização de si nos encontros do Desabroche.

Contudo, ao se deparar com questionamentos sobre si e com a possibilidade de uma experiência estética promovida pelo contato com as obras artísticas, é possível que em algum momento o DA tenha se instaurado e levado Adélia a enunciar-se pelo DH, o que propicia mo(vi)mentos em direção a novas identificações. Esse discurso se dispõe da seguinte forma:

Discurso da Histórica

$$\begin{array}{l} \S \rightarrow S1 \\ a // S2 \end{array}$$

Adélia passa, nesse caso, a ocupar o lugar de agente e se coloca a questionar sobre sua condição, buscar por novas formas de identificações para se alienar a uma outra imagem que lhe agrade mais e traga menos desconforto ao olhar no espelho:

(Excerto 7 - *fruto*)

(Adélia) *Estes encontros me fizeram compreender que sinto a **necessidade de me ressignificar**. Existem algumas coisas em minha vida que podem ser mudadas e pretendo **investir** nisso.*

A necessidade de ressignificar exemplifica essa busca de novos sentidos para o que ela ainda não sabe ser, mas a que ela se diz disposta a investir. O DH é marcado por questionamento, pela busca de um saber ao qual se alienar, portanto não deve ser visto como um único acontecimento e, no caso de Adélia, parece estar sendo um processo, uma busca por outras e novas identificações.

7.2.1.1 “...queria me olhar no espelho com aquele vestido.”

Embora esse mal-estar pareça causar incômodo a Adélia há bastante tempo, a experiência de ter sido colocada de frente a sua questão com o espelho a coloca a pensar sobre

si, não só como um corpo biológico que envelhece, mas como um corpo marcado por significantes que parecem dizer sobre ela. Em 2021, na terceira edição do Desabroche, em um dos últimos encontros, falávamos sobre a relação com a mãe a partir do poema “*Minha Mãe*”, retirado do livro *Não pise no meu vazio*, de Ana Suy. Diante da possibilidade de elaborar sua experiência com a mãe, Adélia retoma o tema do espelho e diz:

(Excerto 8 - DB)

(Adélia) *Essa semana me peguei relendo os frutos do ano passado... e pensei em como eu falei coisas... que podiam ter sido melhor explicadas... quando eu falei que não gostava de me olhar no espelho eu esqueci de acrescentar uma parte dessa história. Quando eu era pequena, minha mãe era costureira, e eu pedia pra ela fazer vestidos pra mim. Ela costurava para fora, vestidos lindos para outras meninas, mas não gostava de costurar para os filhos. Pedi um vestido, até desenhei pra ela ver... queria me olhar no espelho com aquele vestido. Mamãe fez totalmente diferente, eu chorei tanto, me olhei no espelho e não gostei do que vi... acho que desde então eu tenho esse problema com o espelho.*

Quase um ano após a nossa discussão sobre o espelho, Adélia retorna a esse assunto e associa sua resistência de encarar sua imagem ao espelho com uma experiência vivida com sua mãe. Após a narração dessa experiência eu intervenho e pergunto: “*Mas hoje você pode escolher seus vestidos, né*”. Adélia responde que sim, e permanece em silêncio, pensativa.

Adélia, de alguma forma, se depara com um não sentido, esse (des)encontro com o real pode ter emergido a partir das produções artístico-culturais com que teve contato no projeto ou, até mesmo, diante de sua própria elaboração sobre si. Adélia, possivelmente movida pela lógica do DA, se vê diante da possibilidade de elaborar um novo saber sobre si. Conforme já exposto, o DA se configura mediante o seguinte matema:

Discurso do Analista

$$\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\$}{S1}$$

É no DA que Adélia pode ter se visto desestabilizada, tanto quando diz no Excerto 4: “*me pôs a pensar*” e até mesmo em seus silêncios e momentos em que era convocada a falar e dizia que estava elaborando as informações, ou seja, parece que houve uma fragmentação da rede de significantes que a constitui como sujeito. Esse discurso pode ter sido instaurado por uma pontuação durante o Desabroche, durante o ato de narrativização e até mesmo no contato com alguma produção artístico-cultural apresentada nos encontros. O corte é instaurado e dirigido ao sujeito dividido (\$), neste caso Adélia, que se vê na obrigação de trabalhar arduamente para

produzir um saber (S2) sobre a imagem a qual está alienada. Por que Adélia buscou seus *frutos* para reler? Ela não foi questionada por esse ato, mas aposto que, a partir de alguma pontuação, ou até mesmo na busca por registros de menções sobre sua mãe nos *frutos* já produzidos, Adélia pôde ter se deparado com sua narrativa sobre o espelho e re-elaborado essa experiência, a partir de uma memória que ela acreditava ter se esquecido de mencionar.

É nessa busca que Adélia parece ter operado na lógica do DH, trazendo à tona uma experiência que até então parecia recalcada e que diz muito sobre a relação com a imagem que ela tem de si. Parece-me, talvez, que o espelho não foi capaz de representar a imagem ideal que Adélia sempre buscou, verdade esta que Adélia via no outro e que diz sobre seu desejo: ser as meninas de vestidos lindos; ser a mulher bem resolvida que assumiu seus cabelos brancos com seu amado marido ao lado. Diante disso, é possível retomar a instância do ideal do eu e compreender que é a partir do eu ideal, da forma originária em que o eu se constitui, que o sujeito constrói seu percurso se identificando a imagem de um ideal do eu, imagem esta que nunca será completa, escancarando seu (des)encontro com o objeto *a* e, conseqüentemente, com o desejo de ser amado e com o mal-estar causado pelo incompletude, como afirma Quinet (2002, p. 43):

O objeto *a*, portanto, não faz parte do campo da realidade, ou seja, suas modalidades de objeto oral, objeto anal, olhar e voz não são percebidas: não são vistas, ouvidas, sentidas, tocadas, nem provadas. [...] O objeto *a* causa o desejo, causa a angústia. Ele se encontra como mais-de-gozar no sonho, no sintoma e no lapso; o olhar é objeto em causa na vergonha, na inveja, e no ciúme.

Na tentativa de alcançar essa imagem do eu ideal, como acontece para Adélia tanto na infância quanto na velhice, haverá sempre um resto impossível de ser representado. Segundo Mucida (2009, p. 48),

Há sempre uma miopia no olhar que acompanha cada sujeito. Os espelhos enganam, mentem, mas não somos sem essa cota de mentira e engodo, mesmo que isto cause horror, enfastio e estranheza. Não há como extrair os traços que nos constituem, amando-os ou não, mas, com certeza, eles podem tomar destinos diferentes no curso da vida, podem se inscrever de maneiras, por vezes, inédita.

Essa busca pela imagem do eu ideal a ser representada pelo espelho reflete a busca do sujeito pelo objeto perdido, *a*, já que o espelho só pode reproduzir uma imagem na presença do objeto. Na tentativa de dar sentido a essa imagem refletida, de buscar significantes para se alienar é que o sujeito se subjetiva e se identifica, dando contornos a esse vazio. Esse

mo(vi)mento pode ter sido elaborado por Adélia em seu *fruto* final produzido no Desabroche. Adélia apresenta a seguinte imagem para o grupo:

Figura 8 - Fruto produzido pela participante Adélia.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

(Excerto 9 – *fruto*)

(Adélia) *Será preciso abrir o meu Baú Secreto e enfrentar todos os medos, todas as mágoas...tudo está guardado lá dentro, tudo que eu não tive coragem ou capacidade de resolver.*

O tempo é como um espiral, ele vai dando voltas, nunca para, mas nunca passa pelo mesmo caminho.

Talvez a busca pelo “Baú Secreto” já tenha acontecido durante a experiência de Adélia no Desabroche. O acesso ao “Baú Secreto” pode ter escancarado à Adélia algumas experiências recalçadas ao longo de sua vida e que, de alguma forma, refletem a imagem que Adélia tem de si, mas, ao mesmo tempo, permitem que ela se dê conta de que não há como voltar no tempo e mudar o passado, pois como ela mesmo diz “*o tempo é como espiral, ele vai dando voltas, nunca para, mas nunca passa pelo mesmo caminho*”. Contudo, é possível que novas experiências aconteçam e que passem a dizer quem é Adélia em sua fantasia.

Altman (2011) faz uso das palavras de Quinodoz (2009) em um artigo seu, e atrevo-me a pegá-las emprestadas também para encerrar este gesto de análise:

“É difícil ceder nosso lugar antes de tê-lo encontrado, de deixar a vida antes de sentir que realmente se viveu, de terminar nossa história interna antes que ela tenha se tornado uma ‘história total’, que nos pertence”. É uma pena que nem todos têm a possibilidade de obter ajuda para alcançar essa integração (Quinodoz, 2009 *apud* Altman, 2011, p. 204).

Acredito que o Desabroche pôde criar possibilidades de novas experiências de si para a participante Adélia, fazendo-a deslocar-se de seu lugar alienada a uma imagem que a incomodava, deslocamento este marcado em suas elaborações, em direção a novas possibilidades de constituição identitária: “*Eu vou pra Maceió. Minha irmã mora lá. E a gente ainda quer fazer muitos projetos juntas – artesanato*”. Encerro este gesto de análise retomando uma fala proferida por Contardo Calligaris que muito diz sobre e mo(vi)mento de narrativização de Adélia: “A única vida interessante é a vida que acontece aqui e agora. Não precisa ser épico, extraordinário, não precisa nada. Precisa da presença efetiva de quem está vivendo”.

7.2.2 – O caso Cecília

Cecília, outra participante do projeto que compartilhava suas experiências no mesmo grupo que Adélia, também registrou seu incômodo com as mudanças na imagem que os espelhos lhe devolviam.

Cecília estava com 65 anos em 2020, era separada do marido há alguns anos e mãe de um rapaz. Vivia sozinha em um apartamento, com a companhia do seu cachorro e era aposentada de um cargo em um banco. Ela trabalhou por muitos anos no setor bancário e, após a aposentadoria, decidiu que iria realizar um projeto pessoal investindo na carreira de terapeuta holística. Em 2020, Cecília dizia atender, como terapeuta, pessoas em sofrimento e relatava que ela as “ajudava” com o autoconhecimento e com a “busca pela felicidade”.

Cecília e eu já nos conhecíamos antes do projeto Desabroche. Cecília foi minha aluna no projeto ELITI³⁰ em 2013 e o convite para fazer parte do espaço Desabroche partiu de mim, já que o enviei a todos os ex-alunos do ELITI. Cecília foi a única ex-aluna do ELITI que topou participar.

Nos primeiros encontros da edição de 2020, ao ser questionada sobre o motivo em ter se interessado pelo espaço, Cecília dizia que era por consideração a mim, pois ela lembrava de ter boas memórias das aulas de língua inglesa. Arrisco afirmar que uma faísca transferencial já existia entre ela e eu. A experiência que tivemos no projeto ELITI aponta, nesse caso, para uma transferência positiva (Freud, 2020c) na minha relação com Cecília.

Cecília, desde os primeiros encontros, sustentava a imagem de uma pessoa segura de si, feliz, sem motivos para reclamar e, de acordo com ela, com a missão de ajudar as pessoas a se sentirem bem. Ela usava de todas essas características para justificar sua escolha pela profissão,

³⁰ O projeto ELITI (Ensino de Língua Inglesa para a Terceira Idade) foi mencionado nesta pesquisa na página 26.

após a aposentadoria, de terapeuta holística. Em sua narrativa, durante os encontros do Desabroche em 2020 e 2021, Cecília reforçava seu olhar positivo e inabalável com uma certa frequência:

(Excerto 10 – DB)

(Cecília) *Quando eu era mais nova, eu era muito carente. Tratei isso em terapia e hoje não sou mais. Sou feliz sozinha. Não me incomoda a solidão.*

[Questionada por outra participante sobre a solidão causada pelo isolamento social devido à pandemia de Covid-10]

(Cecília) *não sinto falta das pessoas, eu vivo feliz sozinha. Não sinto solidão, sinto “solitude”, para mim “solitude” é se sentir bem consigo mesma.*

E quando questionada sobre a possibilidade de viver um novo amor e abrir espaço na vida para um companheiro, Cecília dizia que não arriscaria colocar sua felicidade nas mãos de outra pessoa.

Em alguns encontros, as outras participantes do grupo se queixavam de algum incômodo, tanto na vida pessoal quanto nas angústias da aposentaria. E qualquer que fosse a queixa, Cecília sempre se colocava à frente do grupo para dar “bons conselhos” e dizia que “*a tristeza não pode ter lugar na nossa vida, eu não aceito dizer que estou mais ou menos. Eu estou sempre bem e feliz.*”.

Como mediadora e ciente da presença do mal-estar constitutivo da subjetividade e da importância em abraçar o desconforto, eu tentava intervir em alguns momentos no discurso de Cecília, discurso este que soava como uma positividade tóxica, pois percebia que em alguns momentos a fala exacerbadamente otimista de Cecília oprimia as outras participantes em compartilhar suas dores e incômodos. Carvalho e Kupermann (2022, p. 60) problematizaram o conceito de positividade tóxica na atualidade exemplificando sua presentificação da seguinte forma:

Pode-se cogitar, inclusive, sobre uma espécie de pensamento mágico fantasioso: “Basta pensar positivo que tudo ficará bem”; “Basta parecer feliz e saudável que assim serei”. Tal atitude positiva, em princípio, não faz mal, mas também não substitui o cuidado de si necessário para preservar, aumentar ou restabelecer a saúde, por exemplo.

Talvez esse tenha sido o grande desafio transferencial em mediar esse grupo com a presença de Cecília. Esse meu incômodo com o modo como Cecília se posiciona diante do grupo foi trabalhado nos atendimentos de supervisão com a orientadora desta tese. Acredito que possa ter se instaurado uma contratransferência na minha relação com Cecília. A

contratransferência é um conceito desenvolvido pela teoria freudiana que se refere às emoções e sensações vividas por um terapeuta na relação com o paciente. Freud (2006) trata a contratransferência como um alerta aos terapeutas, na intenção de evitar com que seus desejos inconscientes não sejam uma barreira para que a escuta psicanalítica aconteça:

As outras inovações na técnica relacionam-se com o próprio médico. Tornamo-nos cientes da “contratransferência”, que, nele, surge como resultado da influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes e estamos quase inclinados a insistir que ele reconhecerá a contratransferência, em si mesmo, e a sobrepujará (Freud, 2006, p. 150).

Nesse sentido, o inconsciente de quem está frente à condução de uma escuta psicanalítica torna-se parte da relação transferencial, englobando as reações emocionais do analista frente às investidas afetivas do paciente. O meu incômodo diante de Cecília foi elaborado durante os atendimentos como modo de compreender a melhor forma de manejar essa relação, pois como disse Freud (2006, p.129), essas reações não são algo a ser evitado, mas sim investigado:

Ele [o analista] deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente. Deve ajustar-se ao paciente como um receptor telefônico se ajusta ao microfone transmissor. Assim como o receptor transforma de novo em ondas sonoras as oscilações elétricas na linha telefônica, que foram criadas por ondas sonoras, da mesma maneira o inconsciente do médico é capaz, a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, de reconstruir esse inconsciente, que determinou as associações livres do paciente.

Ciente desse meu impasse transferencial, entendi que a positividade de Cecília parecia não deixar brechas para possíveis rompimentos e encontros com o real. Também entendi que, talvez, esse modo de funcionamento de Cecília não seja necessariamente um problema para ela. No entanto, conforme Carvalho e Kuperman (2022), esse tipo de atitude positiva exagerada pode fazer com que sentimentos reprimidos possam retornar na forma de sintomas. Sustentados pela teoria freudiana, os autores afirmam que:

Parece que está em jogo o chamado princípio do prazer, segundo o qual tudo que causaria algum tipo de desprazer seria motivo de fuga ou negação. Contudo, a repressão psíquica de desejos e sentimentos exige um alto dispêndio de energia e, muitas vezes, o conteúdo reprimido acaba retornando na forma de sintomas, como já nos ensinou Freud, há mais de cem anos. Ou seja, reprimir sentimentos considerados negativos, como raiva e tristeza, pode ser muito nocivo à saúde mental, com efeitos nefastos também para a saúde do corpo (Carvalho; Kuperman, 2022, p. 60).

Cecília começa a ocupar o lugar de mestre no grupo e passa a dar conselhos para as outras participantes, sugestões de livros de autoajuda, recomendações de constelação familiar e passa a enviar, diariamente, áudios enormes com mensagens motivacionais a cada participante do grupo, inclusive para mim.

Clarice, outra participante do mesmo grupo, começa a buscar a aprovação de Cecília durante os encontros. Clarice, participante que lidava com o mal-estar da possibilidade de se aposentar, ao demonstrar sua preocupação em se sentir sozinha, recebe de Cecília o conselho de ocupar seu tempo com atividades produtivas, e em um dos encontros diz a Cecília:

(Excerto 11 – DB)

(Clarice) *Não tenho me sentido sozinha nesses dias em que não estou trabalhando, estou ensaiando para aposentar. Não me sinto sozinha porque ocupo o dia, não deixo nem um tempo livre. Viu, Cecília como eu aprendi?*

Com isso, percebo uma tentativa de Cecília em ocupar o lugar de terapeuta holística no grupo e, conseqüentemente, o lugar de mestre. Ao observar o DM, é possível compreender o modo de funcionamento da posição de Cecília no grupo:

Discurso do Mestre

S1 → S2
\$ // a

Cecília, ocupando o lugar de agente, aquele que detém o poder (S1), amparado em sua divisão subjetiva (\$), se dirige ao escravo encarnado de um saber (S2):

Em seu ato de comandar ele [agente] espera de seus subordinados a produção de algo, como um objeto ou uma tarefa que lhes são preciosos, pelo objeto a, mais-de-gozar. Para que o discurso funcione, o senhor faz um pequeno esforço, dá a ordem. Simplesmente cumprindo sua função de senhor, ele perde alguma coisa. Essa coisa perdida é onde pelo menos algo do gozo deve ser-lhe restituído, precisamente, o mais-de-gozar (Badin; Martinho, 2018, p. 144).

Perceber que as outras participantes a colocam nesse lugar e buscam sua aprovação, compartilhando fatos que apontam para o cumprimento das ordens dadas por ela, faz com que Cecília aponte seu modo de gozo no funcionamento do grupo. Para Cecília, não existe a possibilidade de que algo falte nesse funcionamento, não há espaço para o vazio, para a falha, como ela mesmo diz: “*eu não aceito dizer que estou mais ou menos. Eu estou sempre bem e feliz.*” Contudo, diante desse funcionamento discursivo de Cecília, podemos entender que ela almeja operar no discurso do mestre, mas acaba se submetendo ao DC, principalmente no que

tange aos ideais neoliberais de que somos os únicos responsáveis pela nossa felicidade, reforçando as ideias de Carvalho e Kuperman (2022, p. 63):

Nesse sentido, percebe-se que a positividade tóxica negacionista incrementa o narcisismo de todos e compromete a experiência da empatia no nosso tecido social. Recapitulando o que vimos com relação ao *way of life* (estilo de vida) positivo tóxico imposto pela ordem neoliberal: se todo sucesso ou fracasso é concebido como mérito individual, se não temos com quem contar senão com nós mesmos, se o Estado se desresponsabiliza pelos cidadãos mais vulneráveis, se as perdas ou mesmo a morte é experimentada como fracasso pessoal, nossa sensibilidade em relação ao sofrimento do outro se vê bastante diminuída. Afinal, seu sofrimento é naturalizado como efeito previsível da sua incompetência, enquanto o nosso sucesso é o resultado do nosso mérito pessoal. Isso até que o espelho da positividade neoliberal nos faça reconhecer no outro, nós mesmos, amanhã.

No DC, o mestre moderno se apropria do saber do escravo, explorando seu gozo, para transformá-lo em lucro. No entanto, esse discurso não faz laço. Não há espaço para que o sujeito se subjetive diante de novas experiências, é o discurso motivado pelos interesses da sociedade capitalista. Segundo Amorim e Barros (2022, p. 10):

Enquanto o discurso do mestre promove o laço social entre o escravo e o mestre, no discurso capitalista essa vinculação já não existe. Nele, deixamos de estabelecer laços sociais com o Outro, e passamos a realizar essa vinculação com objetos que prometem viabilizar a satisfação, mesmo que temporária. Segundo essa perspectiva, o gozo estaria disponível para todos, não perpassando por nenhum tipo de interdição. Sem pai e sem amor, o discurso do capitalista imprime um novo modo de satisfação, uma nova relação com o gozo cada vez mais desenlaçado do Outro.

Como Cecília mesmo diz, hoje sua profissão é terapeuta holística, ou seja, ela diz ajudar as pessoas a encontrar a “felicidade plena”, a se autoconhecer e aprender a encarar o mundo com um olhar otimista. Embora sua profissão como terapeuta holística ultrapasse suas consultas no âmbito profissional e passe a fazer parte do seu modo de se relacionar com as pessoas, fato que pode ser visto nos conselhos direcionados às participantes, Cecília precifica essa ajuda, cobra pela sessão.

No entanto, se Cecília é tão segura de si, o que a levou a se inscrever em um espaço de escuta? O que seria capaz de furar esse “narcisismo encapsulado” de Cecília?

É justamente no encontro do real do corpo que envelhece que Cecília se vê diante do seu maior incômodo: “*a pandemia me bebeu*”.

7.2.2.1 “...a pandemia me bebeu”.

Em 2020, na primeira edição do Desabroche, ainda com poucos meses de isolamento social imposto pela situação da época devido à pandemia de Covid-19, Cecília dizia não se sentir velha. De acordo com ela, nenhuma das denominações sociais para as pessoas 60+ que circulam na sociedade como velho, idoso, terceira idade, melhor idade, a representavam.

Mesmo vivendo o isolamento social de forma intensa, sem ter contato físico com seu filho, que morava na porta ao lado do seu apartamento, Cecília dizia se sentir bem com seu corpo, até então.

(Excerto 12 – DB)

(Cecília) Não estou fazendo atividade física porque não posso sair de casa. Mas eu amo me exercitar, amo correr e fazer musculação. Agora eu tenho trabalhado a mente, estou fazendo meditação em casa, mantendo a mente sã. Mente sã, corpo são, né?

Nos primeiros encontros com o grupo, foi levantada a discussão sobre o que os participantes veem quando se olham no espelho. Tal discussão surgiu motivada pelo mesmo conto literário mencionado no caso Adélia – “O caso do espelho”, de Ricardo Azevedo. Para narrar quem Cecília via ao se olhar no espelho, a participante compartilhou através do grupo do WhatsApp que reunia as participantes do grupo e eu, algumas fotos e vídeos que registravam suas atividades na academia, suas corridas de rua, e outros momentos em que Cecília se exercitava. Ela diz:

(Excerto 12 – DB)

(Cecília) Esta é a Cecília de antes da pandemia. As pessoas na academia me elogiavam. Esse vídeo que eu mandei dá para ver os músculos das minhas costas. O professor pediu para gravar para eu ver como estou bem. Na outra foto sou eu na corrida de rua, eu corria bastante, tudo isso ajuda a manter um corpo saudável e jovem.

Quando questionada por mim sobre o que fazer quando o corpo não der mais conta da quantidade de atividades físicas que ela realizava antes do isolamento social, ela dizia não se preocupar com isso e que continuaria com suas aulas de yoga e meditação. Pensar no seu corpo sem a aparência jovial parecia algo inaceitável para Cecília. O espelho de Cecília, nesse momento, se restringia às fotos e aos vídeos do seu corpo antes do isolamento social.

A edição de 2020 terminou. Em 2021 retomamos o Desabroche e novas temáticas foram abordadas. Iniciamos o ano retomando o envelhecimento e as possibilidades de se reinventar

na velhice. Novamente a questão do corpo retornou. Dessa vez, motivadas por um conto de Clarice Lispector - “Ele me bebeu”. No conto, Lispector narra a história de uma personagem, Aurélia, que diante do ciúme do seu maquiador, que se interessa por homens, em relação a ela e outro homem, Aurélia sente que durante a maquiagem, seu amigo maquiador teria bebido o seu rosto, capturado sua beleza para conquistar o homem que olhava para ela.

Na discussão acerca do que poderia captar a beleza da mulher, Cecília, então, relata um incômodo: sua insatisfação com o corpo que parecia definhar pela falta de exercícios, consequência do isolamento social vivido intensamente por ela. Digo intensamente, pois Cecília se isolou de forma radical do mundo externo, com a justificativa do enorme temor em relação à doença. Tal insatisfação com a imagem era narrada por ela diante de comparações que ela mesma vinha fazendo do seu corpo: o corpo antes do isolamento social, quando ainda era possível frequentar academias e parques; e o corpo atual, que, pelo seu olhar, já não tinha mais músculos definidos.

Cecília disse que o mais lhe incomodava como efeito da pandemia em seu corpo era o fato de ter envelhecido fisicamente. Mesmo tendo retornado a algumas atividades ao ar livre após o afrouxamento das medidas de isolamento, como suas corridas no parque, Cecília relatava se olhar no espelho e perceber a flacidez no corpo.

Ela, então, compartilha com o grupo seu desespero ao perceber que aquele corpo tido por ela como jovial, após ficar mais de 1 ano sem sua rotina de atividades físicas, sofreu modificações. Cecília atribuiu a culpa dessa modificação à pandemia. Em um dos encontros, diz:

(Excerto 13 – DB)

(Cecília) Antes eu tinha um estilo de vida cuidando de mim, me alimentava super bem, pegava sol, depois da pandemia eu fiquei em casa trancada. Minha cara murchou, tem pelanca, vejo uma mulher velha no espelho.

Envelheci uns 15 anos nesse último ano.

Eu sou muito realista com as coisas, percebo que envelheci.

Eu tinha pavor de envelhecer, mas eu aceito a velhice me cuidando, para não ficar um caco, porque a pandemia me craquelou.

A pandemia “me bebeu”.

A pandemia me envelheceu. Não sei se eu já tinha essas rugas, ou se agora eu tenho me olhado mais pela câmera do celular e estou reparando mais nelas. Fui ver meus vídeos e fotos de quando eu treinava e fiquei assustada, eu perdi todos os meus músculos! Vou ter que correr atrás do prejuízo quando isso tudo passar. Me encontrar de novo, se eu tiver liberdade.

A imagem de um corpo ao qual Cecília esteve alienada durante muito tempo não é mais a mesma. Ela precisa lidar com esse (des)encontro com um corpo que, para ela, somente agora escancara seu envelhecimento. No excerto 13, é possível analisar alguns pontos em relação a Cecília. Primeiramente, ela se estranha ao se olhar no espelho e percebe que os traços do envelhecimento estão emergindo rapidamente em seu corpo. Ao se olhar no espelho, percebe que traços do seu corpo que não existiam agora fazem parte dela “*Minha cara murchou, tem pelanca, vejo uma mulher velha no espelho/ percebo que envelheci/ a pandemia me craquelou*”. É possível pensar que Cecília se vê diante de um trabalho psíquico de elaborar essa experiência com o (de)encontro com esse corpo velho. Ela parece viver, somente agora, uma re-atualização do estádio do espelho, pois, diante de seu olhar, há uma nova totalidade corporal na imagem que o espelho lhe devolve, mas que a assusta e lhe causa repulsa.

Cecília se defronta com uma mulher no espelho, em cuja imagem ela não se reconhece. Ela se assusta quando percebe se tratar da sua própria imagem. Configura-se, assim, que Cecília experiêcia, possivelmente, o estranho freudiano, *Unheimlich*, uma vez que a experiência de Cecília coaduna com a de Freud em sua experiência com o duplo:

Estava eu sentado sozinho no meu compartimento no carro-leito, quando um solavanco do trem, mais violento do que o habitual, fez girar a porta do toailete anexo, e um senhor de idade, de roupão e boné de viagem entrou. Presumo que ao deixar o toailete, que havia entre os dois compartimentos, houvesse tomado a direção errada e entrado no meu compartimento por engano. Levantando-me com a intenção de fazer-lhe ver o equívoco, compreendi imediatamente, para espanto meu, que o intruso não era senão o meu próprio reflexo no espelho da porta aberta. Recordo-me ainda que antipatizei totalmente com a sua aparência (Freud, 2020a).

Freud (2020a) nos mostra, nessa passagem, que a velhice pode ser vivida como um estranho familiar. Sabemos que vamos envelhecer, envelhecemos todos os dias desde que nascemos. No entanto, se deparar com a própria velhice é algo insuportável e assustador para muitas pessoas, pois a velhice pode revelar um saber que se tenta negar.

No trecho do excerto 13: “*Eu tinha pavor de envelhecer, mas eu aceito a velhice me cuidando...*”, o pavor de envelhecer é descrito como um sentimento já existente no imaginário de Cecília, provavelmente carregado de representações negativas em relação a essa etapa da vida, por isso o medo de que, um dia, ela se visse diante do espelho, experienciando isso. Mucida (2018, p. 108-109), sustentada pela ideia de Messy (2002), reforça esse (des)encontro dizendo que:

Segundo Messy, esse momento jubilatório [...] pode encontrar, no curso da idade avançada, uma angústia pela antecipação não de uma imagem totalizante, mas, ao contrário, uma antecipação de um corpo fragmentado, despedaçado, corpo para a morte. Nessa direção, a vivência não seria mais prospectiva em direção a um ideal do eu; ao contrário, há o predomínio de um eu hediondo, repugnante, revelado pela queda do ideal.

Essa queda do eu ideal, que até alguns meses atrás era exibido como um grande troféu, insiste em apontar para um não reconhecimento da imagem de Cecília no espelho: “*Me encontro de novo, se eu tiver liberdade.*” Encontrar-se novamente pode ser entendido como uma busca pelo ideal do eu que, até esse estranhamento diante do espelho, constituía Cecília. Para Mucida (2018), o encontro com o estranho, operando como uma forma de re-atualização do estádio do espelho, pode ser nomeado como uma experiência do “espelho quebrado”, como foi mencionado no caso Adélia.

O eu ideal e ideal do eu são conceitos elaborados na teoria freudiana que se alternam na construção do sujeito. Freud (2006) elabora esses conceitos deixando claro que é à imagem do eu ideal e do ideal do eu que somos construídos. Para ele, o eu ideal se constitui a partir da valoração, resultado do narcisismo dos pais. Já o ideal do eu, passa a orientar o desejo do sujeito para além do narcisismo do eu ideal, passando assim a engajar-se com as estruturas sociais e simbólicas às quais o sujeito está submetido, nas palavras de Freud (2006, p. 112): “Assim, o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal”.

Desse modo, compreendo que, para a teoria freudiana, o ideal do eu é influenciado por valores morais e culturais, levando o sujeito a se projetar com o eu que pretende ser. No entanto, é preciso esclarecer que nunca chegaremos a este ideal projetado, nunca faremos o suficiente.

Diante do “espelho quebrado”, a resposta de Cecília é colar esses pedaços em busca de sua imagem ideal, afirmando que com o cessar da pandemia ela terá sua liberdade de volta para poder retomar sua rotina de exercícios físicos. Com isso, ela diz que irá se reencontrar e correr atrás do prejuízo. Conforme Mucida (2018), as respostas a essa experiência são construídas por cada sujeito “no enlaçamento do imaginário com o simbólico, na maneira como ele tece seu campo erótico afetivo.” (p.111)

Portanto, a busca incessante de Cecília pelo corpo jovem, com musculatura definida, elogiada pelos outros na academia e nas corridas de rua em que participava, aponta para uma forma de gozo desse sujeito, bruscamente interrompida pela pandemia.

Cecília, nesse momento, passa a compartilhar as mesmas fotos de seu corpo no passado e repete a promessa de “*correr atrás do prejuízo*”. Essa ideia aponta para algo que foi

perdido, um traço tanto do seu eu ideal, do eu que ficou para trás, recalcado e precisa ser recuperado, mas também do ideal do eu, que representa o que ela projeta como o eu que pretende ser, ou seja, a imagem de jovialidade que ela tanto buscava alcançar antes de pandemia e que agora lhe parece mais longe de ser alcançada. Acerca dessa ideia, Mucida (2018) diz que:

O ideal do eu – corresponde, no adulto, aos ideais a serem alcançados – encontra uma série de impedimentos na velhice, podendo provocar determinada regressão ou formação de numerosos sintomas que buscam tratar o real exposto, mesmo que pela via do sofrimento. Se a tais modificações soma-se alguma doença orgânica, a conjunção doença e velhice surge como uma possível resposta; a velhice passa a ser o álibi para tudo (Mucida, 2018, p. 100).

No caso de Cecília, o álibi encontrado por ela para justificar o (des)encontro com seu corpo envelhecido é a pandemia, que a privou, tirou-lhe a liberdade de lutar contra o monstro do envelhecimento. É na retomada de seus vídeos e fotos se exercitando que Cecília busca um enlaçamento com um traço do ideal do eu. Nas palavras da psicanalista:

É interessante focalizarmos na velhice a questão dos *futuros não cumpridos*, e que perderam, muitas vezes, qualquer possibilidade de realização. Eles surgem diante do encontro com o irremediável; aposentadoria, menopausa, mudanças na performance corporal, etc., e podem ser escutados nas palavras de alguns idosos indicando a passagem do “Eu vou ser assim”, “Eu farei isso e aquilo” ao “Eu fui profissional”, “Eu fazia isso bem”. A lembrança do que se foi é, entretanto, uma via utilizada por muitos na busca de enlaçamento com algum traço do ideal do eu (Mucida, 2018, p. 103).

Com isso, percebo que Cecília, capturada pelo DC, sempre tinha uma solução para o mal-estar, principalmente para lutar contra o temido envelhecimento. No entanto, a divisão do sujeito aponta para uma impossibilidade de preencher essa falta subjetiva escarada pelo real do corpo com os objetos disponíveis pela ciência. A não-produção de laço desse discurso pode ser visto pelo mal-estar que continua assolando muitas pessoas idosas que acabam se colando de algum modo ao DC, fazendo com que esses sujeitos busquem espaços como o Desabroche para tentar elaborar sua experiência diante do *envelhe-ser*. Para Vidaurre e Martello (2017, p. 66):

Podemos pensar que, se Lacan (1972) propôs o discurso capitalista, era porque os outros discursos não davam conta do funcionamento da relação do ser falante na atualidade. Estamos em uma época em que temos que pagar por tudo, e se há algum discurso que articula a lógica do pagamento é justamente o discurso capitalista. O mais curioso de tudo isto é que

desconhecemos que também pagamos e entregamos parte de nosso corpo ao serviço deste discurso. Por isto mesmo, o que aparece como anverso de nossa sociedade atual é uma ampla oferta de objetos de consumo à serviço do discurso capitalista, que afeta o modo como usamos e usufruímos de nosso corpo. Este está baseado em uma nova forma de laço social, que paradoxalmente dissolve o laço em si mesmo devido à tentativa de relação direta com o objeto. É um discurso que está destinado a explodir.

A busca pelo corpo jovem pode ser um fator que faz com que Cecília caia nas amarras desse discurso, pois, para a sociedade capitalista, há uma supervalorização do novo, enquanto o velho é tido como o corpo excluído, improdutivo. A velhice emerge fazendo furo ao ideal que acompanha o corpo jovem. Cecília parece não estar disposta a encarar o seu corpo velho, por isso trata esse (des)encontro como um prejuízo, como se algo tivesse sido perdido. Seu (des)encontro com a imagem envelhecida colocou Cecília diante de um novo saber sobre si. Porém, esse saber não ganhou espaço para que (res)significações pudessem surgir. Cecília sabe muito bem o que fazer. O furo instaurado na rede identificatória de Cecília, ilusoriamente, já tem um plano para ser tamponado. Talvez ela não consiga encontrar meios para simbolizar esse (des)encontro com o real do corpo e, por isso, busca alcançar o corpo que a pandemia lhe bebeu. Nessa perspectiva, Mucida (2018) discorre sobre a dificuldade da sociedade moderna em lidar com o corpo velho que, muitas vezes, é considerado uma vergonha perante a sociedade que impera sobre a juventude:

Nesse mundo de corpos malhados, não importa como e a que preço, a suportabilidade àquilo que não responde aos ideais de estética e de performance é cada vez menor. Se na Idade Média o corpo doente – marcado pela peste ou por doenças incuráveis – constituía-se o horror a ser imediatamente segregado, podemos indagar se hoje o horror não se dirige ao corpo envelhecido, já que a doença do corpo se acomodou no interior dele, e passou a ser tratada “higienicamente” em hospitais, longe da exposição aos olhares e entregues, na maioria das vezes, às máquinas (Mucida, 2018, p. 112).

Ao se verem convocadas a elaborar essa experiência com o (des)encontro da imagem de si diante do espelho, tanto Cecília quanto Adélia parecem buscar meios de lidar com esse corpo que envelhece e a fazer algo com isso. Cecília decide “*correr atrás do prejuízo*” e toma a decisão de voltar a se exercitar. Para Adélia, no decorrer dos encontros do Desabroche, essa posição de incômodo ao se deparar com sua imagem parece ter ganhado um efeito de sentido que me leva a interpretar um possível mo(vi)mento de (res)significar e aceitar esse corpo marcado por experiências.

Arrisco dizer que tanto para Adélia quanto para Cecília houve uma reatualização do estádio do espelho, pois há uma nova identificação, ou seja, ambas parecem estar em vias de assumir novos contornos para a imagem que fazem de si. Adélia parece querer se reconhecer melhor na imagem do espelho; enquanto Cecília parece ter a repulsa por essa imagem e busca restabelecer a anterior. Ou seja, Adélia parece ir ao encontro dessa imagem na tentativa de, talvez, buscar por uma aceitação ou uma (res)significação da imagem de si. Contudo, Cecília parece buscar outro caminho para essa imagem, não se sente confortável ao encontro dessa imagem, refutando-a, retroagindo à busca de conformação com um ideal do eu.

Adélia e Cecília parecem estar juntando os pedaços de seus “espelhos quebrados”, em busca de sua imagem ideal, que não está perdida, mas sim em busca de traços aos quais se identifiquem para se desprender de sua insatisfação com o que veem refletido, retomando a fala de Mucida (2009) “[...] Tudo isso alerta-nos para o fato de que entre o corpo e sua imagem perpassa uma falha e uma miopia do olhar. A imagem e os diversos espelhos representam o corpo e o sujeito, mas algo fica de fora dessa representação” (p. 42).

Mucida (2009) reforça a ideia de que a velhice também faz parte da construção da história do sujeito, continuamos depositando novos significantes e (res)significando na medida do suportável àqueles que nos causam sofrimento. É isso que move o desejo do sujeito: esse eterno quadro com palavras que dizem sobre si, mas que apresenta buracos que jamais serão preenchidos:

Assim é a velhice: depósito contínuo de letras no negro quadro, sempre disposto a receber palavras sem poder jamais preencher todo o vazio. É o vazio, isso por escrever, resto inassimilável e não dizível intrínseco aos espelhos e à imagem que inaugura o novo. Chamemos isso de desejo, pela sua contextura de falta, vazio, resto inassimilável, não importa! É disso que se compõe também nossos autorretratos (Mucida, 2009, p. 57).

Na velhice parece haver mais um encontro com o outro, que pode ser encarado de várias formas e que pode apontar para o modo singular de cada pessoa 60+ *envelhe-ser*, seja correndo “*atrás do prejuízo*”, buscando mudanças na vida, etc. Encerro este gesto de análise referenciando uma frase do filósofo britânico Allan Watts: “Acordar para quem você é requer desapego de quem você imagina ser”. Talvez Cecília e Adélia tenham percebido que o encontro consigo mesmo não pode ser adiado.

ENFIM, O AMADURECER DE UM FRUTO...

Durante o cultivo desta tese, percebo que todos os capítulos que a compõe contribuem de forma integrativa para que este fruto final possa se encaminhar para um amadurecimento.

No decorrer dos meus estudos sobre envelhecimento, pude perceber como essa temática me afeta e afeta às pessoas que me ouvem falar sobre isso, seja no ambiente acadêmico, ou mesmo nas conversas fora desse âmbito, quando as pessoas querem saber “O que você estuda mesmo nesse doutorado?”.

Ser e estar afetada por essa temática é o mínimo que se espera de mim, como uma pesquisadora que se dedica a mergulhar nesse mar escondido: o *envelhe-ser*. Afetar quem me ouviu falar sobre essa temática talvez tenha sido o meu objetivo primordial ao voltar meu olhar para essas pessoas 60+ às margens da sociedade, assim como pretendeu Beauvoir (2018).

O amadurecer deste fruto é poder perceber que, mesmo diante de grupos pequenos que participaram do projeto Desabroche - compostos por pessoas 60+ advindas de um contexto social de classe média, moradoras de cidades de médio e grande porte, com escolaridade de nível médio completo, majoritariamente brancas, que tem acesso à internet, a celulares e, até mesmo, a algumas tecnologias da informação e comunicação - a velhice é plural, não há uma única forma de ser velho, mas muitas.

Côrtes e Lopes (2024) organizaram uma obra em que apresentam verbetes que problematizam os contextos sociais que as velhices podem coexistir: velhices pretas, velhices periféricas, velhices masculinas, velhices femininas, velhices quilombolas, velhices ribeirinhas, velhices indígenas, velhices ciganas, velhices refugiadas/imigrantes, velhices em situação de rua, velhices com síndromes genéticas, velhices com deficiência, velhices LGBTQIA+, velhices institucionalizadas e velhices rurais.

Pensar na possibilidade de (res)significar a velhice na sociedade brasileira também é pensar de qual velhice estamos tratando. Por isso, reconheço o lugar desta pesquisa que não se dedicou especificamente em problematizar as diversas interseccionalidades que perpassam o envelhecimento. No entanto, é preciso evidenciar a riqueza de temáticas com que as narrativas de si produzidas no Desabroche suscitaram neste estudo.

Cora e Hilda me fizeram perceber como ainda sou traída pelas minhas percepções cristalizadas sobre o lugar de uma pessoa 90+. Perceber que deixei Cora em segundo plano no primeiro momento do meu gesto de interpretação me fez repensar qual é a representação de velhice que eu construo e desconstruo em meu imaginário. Já a construção dos RE de Adélia e

Cecília fizeram emergir em mim a seguinte questão sobre o corpo que envelhece: do que mesmo nós “fugimos” quando renegamos a imagem de um corpo velho que o espelho nos devolve?

Todo esse percurso só foi possível de ser construído devido à escolha teórico-metodológica que me propus sustentar: a perspectiva psicanalítica freudo-lacanianiana. Os estudos psicanalíticos foram base para que eu pudesse construir uma escuta atenta, pautada na associação livre e na premissa do inconsciente para poder tentar compreender a relação dos sujeitos com o saber sobre si. Ademais, foi essa base teórica que possibilitou os mo(vi)mentos de gestos de interpretação que apontaram para a constituição identitária dos sujeitos participantes desta pesquisa.

Além disso, entendo que a dinâmica da conversação adotada no espaço Desabroche teve um funcionamento único para a experiência que pude vivenciar não só como mediadora, mas também como pesquisadora. Poder ter me distanciado do espaço Desabroche para, *a posteriori*, ter desenvolvido esta tese e ter me dedicado aos gestos de interpretação que foram aqui elaborados, proporcionou-me um olhar único para minha participação nesse projeto. Diante da minha imaturidade com a escuta e com meu papel como mediadora, percebo, hoje, como a escuta de base psicanalítica é uma construção subjetiva que perpassa cada escutador de um modo diferente. Com isso, compreendo que o espaço Desabroche se distingue de um espaço terapêutico, pois a demanda inicial que moveu a criação e efetivação desse projeto partiu de mim. Foi a partir de diálogos longos com a orientadora desta tese que meu desejo em mediar um espaço para pessoas 60+ foi tendo contornos.

Os participantes chegavam no Desabroche sem saber o que encontrariam ali, com poucas expectativas e sem uma demanda estabelecida. O laço foi se estabelecendo com o tempo e a dinâmica da transferência foi se instaurando à medida em que os participantes faziam circular a palavra e compartilhavam seus traumas, incômodos e sofrimentos. A demanda, então, foi se estabelecendo, para alguns participantes, no decorrer do processo de escuta de si, através da prática de narrativização. Desse modo, também é preciso considerar que nem todos os inscritos no projeto foram fisgados pelo circuito transferencial e, por isso, houve desistências, algumas pessoas que só apareceram no primeiro encontro, outras que participaram de alguns e, sem uma explicação, nunca mais voltaram. Não há garantia de que a transferência se estabeleça para todos da mesma forma, e nem mesmo que ela opere para alguns. Não há garantia de que todos os inscritos estão dispostos a falar sobre si e a abrir suas caixas de pandora para elaborar suas dores.

Portanto, durante esta pesquisa, compreendo que nem todos os sujeitos estão dispostos a (res)significar suas experiências, e os motivos são incontáveis e pouco previsíveis. Por isso,

essa pesquisa não tem a intenção de estabelecer um resultado do funcionamento do Desabroche, mais sim os efeitos dessa escuta que ecoaram em mim, como mediadora, pesquisadora e como sujeito afetada pelas minhas próprias questões e demandas.

No início deste trabalho, apresentei as perguntas que guiaram o estudo. É preciso retomá-las para compreender como os gestos de interpretação dos RE analisados reverberaram diante do que me intrigava. São elas: em que medida a arte é capaz de contribuir para uma (res)significação da velhice para esses sujeitos participantes do Desabroche? Como a narrativização de si pode promover um deslocamento na rede identificatória desses idosos? Quais os efeitos dos possíveis deslocamentos das redes de identificação dos idosos participantes do Desabroche?

Foi possível compreender que as produções artístico-culturais tiveram um papel primordial no Desabroche, pois a experiência estética com a arte possibilitou mo(vi)mentos de afetação e de possíveis (res)significações para as participantes desta pesquisa. A arte, por vezes, fez com que se instaurasse nesses sujeitos um não sentido diante das certezas que eles achavam que tinham sobre si. A experiência estética pode trazer à tona uma experiência com o real e colocar o sujeito a fazer *algo* com *aquilo*. O sujeito se vê diante da possibilidade de buscar aporte no simbólico e no imaginário para construir um novo saber sobre si ao se deparar com um acontecimento que o desestabiliza.

Portanto, compreendo que o espaço Desabroche proporciona uma possibilidade do sujeito (res)significar suas experiências e acredito que os processos identificatórios podem atuar como constantes modos desse sujeito se deixar subjetivar diante da (des)construção de novos saberes sobre si. É nessa possibilidade de (des)encontro com suas certezas alienantes que o sujeito pode, então, se deparar com novos significantes para compor sua rede identificatória.

Esse possível mo(vi)mento de produção de um saber sobre si e novas possibilidades identificatórias só foi possível pois as participantes desta pesquisa circulavam a palavra no Desabroche. A narrativização de si coloca o sujeito diante de sua fantasia. Quando questionado sobre suas certezas, o sujeito é convidado a elaborar e pode se dar conta dos significantes que o aprisionam. Re-pensar suas experiências e re-pensar o *envelhe-ser* a partir de novas possibilidades, pode promover um deslocamento na rede identificatória dessas pessoas 60+.

O processo de subjetivação que possibilita uma (des)construção da rede identificatória do sujeito participantes do Desabroche pôde ser visto através do funcionamento das lógicas discursivas propostas por Lacan (1992), devido à capacidade do discurso em fazer laço. É no discurso em funcionamento, na instituição do laço social, que o sujeito se aliena, se separa, se depara com o mal-estar, (re)constrói saberes sobre si e se subjetiva.

Os efeitos desses possíveis deslocamentos podem ser vistos nos modos de subjetivação de cada sujeito. Diante da narrativização de si e, conseqüentemente, da escuta de si, Hilda se deu conta de que existem outros significantes na construção de sua rede identificatória que também dizem sobre si, não somente aqueles que a aprisionavam à função de cuidadora. Com isso, Hilda toma a decisão de continuar no Desabroche mesmo sem sua mãe. Hilda se dispõe a falar sobre si. A sua fantasia de só poder existir enquanto cuidadora de um outro foi fragmentada, possibilitando que ela cuidasse de si mesma.

Adélia e Cecília são afetadas de formas diferentes pela experiência de reatualização do estádio do espelho. Há novas identificações, ambas buscam modos de assumir um novo contorno para a imagem que fazem de si, deixando-se subjetivar cada uma a seu modo de gozo. Adélia busca uma nova imagem de si, uma (res)significação de uma imagem que não parece agradá-la, se questionando sobre sua insatisfação e buscando respostas que deem conta de seu enigma. Já Cecília parece estar enganchada ao DC e não pretende dar novos contornos a sua imagem, mas sim reestabelecer a imagem que foi perdida, prometendo “correr atrás do prejuízo”. Seria *o envelhe-ser* um eterno prejuízo para Cecília? Talvez o objeto perdido escancarado na velhice não seja possível de se recuperar e Cecília terá que lidar com isso. Assim como todos nós, que envelhecemos todos os dias.

Não é possível afirmar que Cora tenha (res)significado algo de sua experiência com o Desabroche. Talvez eu tenha aprendido mais com Cora do que ela mesma, na minha tentativa frustrada de dar contornos para os incômodos que assolam a velhice nas pessoas 60+. Talvez Cora já tivesse dado seu próprio contorno ao seu modo de *envelhe-ser*. São tantos “talvez” quando penso em Cora, que, talvez, esta tese seja justamente sobre as Coras que não sabemos ouvir, que não sabemos acolher e que, por vezes, deixamos elas se retirarem de cena aos poucos, silenciosamente, sem que percebamos.

A partir dessas considerações e retomando minha hipótese inicial, esta pesquisa mostrou que, no projeto Desabroche, a experiência com a arte e a possibilidade de narrativização de si, podem incidir na representação que o sujeito faz de si, podendo promover um giro em suas posições discursivas, desencadeando um deslocamento das posições às quais as participantes encontravam-se alienadas. Conseqüentemente, é possível que essas participantes se enlacem com o saber pela via de uma nova lógica discursiva, o que possibilitaria a construção de um novo saber sobre si diante da velhice.

Com isso, acredito que a contribuição deste trabalho é propor uma escuta ativa ao *envelhe-ser*. Proporcionar espaços para que as pessoas 60+ sejam ouvidas, praticar uma escuta ética pode fazer com o sujeito elabore as experiências de si, muitas vezes repetidamente, e no

mo(vi)mento de ouvir-se se dê conta de suas identificações e possa, de um modo singular, fazer algo com aquilo. Para isso, é preciso investir em uma escuta sem julgamentos, sem sugestões, ou seja, uma escuta acolhedora. Já dizia Rubem Alvez: “*É na escuta que o amor começa. E é na não-escuta que ele termina*”.

Com efeito de fim, concluo esta pesquisa com mais indagações do que esclarecimentos. Como lidar com o real do corpo que envelhece? O que fazer quando a mente ativa não acompanha o corpo biológico em decadência? O que é mesmo *envelhe-ser* em uma sociedade capitalista? Qual é o lugar do corpo velho diante de uma sociedade que exalta a juventude? Espero poder realizar mais mo(vi)mentos em direção aos estudos acerca do envelhecimento e, também, poder afetar mais pessoas para que esse tema seja cada vez mais de interesse acadêmico, para que possamos conquistar espaço para uma “política da velhice”. Encerro retomando um trecho de Simone de Beauvoir (2018, p. 563-564)

A sociedade só se preocupa com o indivíduo na medida em que este rende. Os jovens sabem disso. Sua ansiedade no momento em que abordam a vida social é simétrica à angústia dos velhos no momento em que são excluídos dela. Nesse meio-termo, a rotina mascara os problemas. O jovem teme essa máquina que vai tragá-lo e tenta, por vezes, defender-se com pedradas; o velho, rejeitado por ela, esgotado, nu, não tem mais que os olhos para chorar. Entre os dois, a máquina gira, esmagando homens que se deixam esmagar porque nem sequer imaginam que podem escapar. Quando compreendemos o que é a condição dos velhos, não podemos contentar-nos em reivindicar uma “política da velhice” mais generosa, uma elevação das pensões, habitações sadias, lazeres organizados. É todo o sistema que está em jogo, e a reivindicação só pode ser radical: mudar a vida.

REFERÊNCIAS

-
- ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. *In: ACHARD, P. et al. Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.
- AGUSTINI, C.; BERTOLDO, E. A constituição de corpora em linguística da enunciação. *In: SILVEIRA, E. M. da (Org.). As bordas da linguagem*. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- ALTMAN, M. O envelhecimento à luz da psicanálise. **J. psicanal.** São Paulo, v. 44, n. 80, p. 193-206, jun. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 ago. 2024.
- AMORIM, J. O.; BARROS, R. de A. O Mal-Estar do Sujeito Contemporâneo: Os efeitos do Discurso Capitalista. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, Brasil, v. 11, p. e4117, 2022. DOI: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rps.2022.e4117>. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/4117>. Acesso em: 4 set. 2024.
- ARRIVÉ, M. **Linguagem e Psicanálise, Lingüística e Inconsciente**: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- ASSIS, N. D. P. de *et al.* Mulher, mãe e filha cuidadora: imaginários coletivos sobre relações intergeracionais. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 213-230, ago. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652020000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 maio 2024. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0032n02A01>.
- AUTUORI, S. A arte sinthomática na clínica das psicoses. *In: LIMA, M. M; JORGE, M. A. J. (Org.) Saber fazer com o real: diálogos entre psicanálise e arte*. Rio de Janeiro: Cia. De Freud: PGPSA/IP/UERJ, 2009.
- BADIN, R.; MARTINHO, M. H. **O discurso capitalista e seus gadgets**. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 2018. <https://doi.org/10.18379/2176-4891.2018v2p.140>
- BARROSO, M. B. **Subjetivações na língua-cultura do Outro**: fascínio, visibilidade e laço social. 2018. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas – Campinas, SP, 2018.
- BEAUVOIR, S. **A Velhice**. (Tradução Maria Helena Franco Martins) – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BERLINCK, M. T. **Psicopatologia fundamental**. São Paulo: Escuta, 2000.

BRANDÃO, H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

BRASIL. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 3 out. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm#:~:text=LEI%20No%2010.741%2C%20DE%201%C2%BA%20DE%20OUTUBRO%20DE%202003.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20do%20Idoso%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias.&text=Art.,a%2060%20\(sessenta\)%20anos](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm#:~:text=LEI%20No%2010.741%2C%20DE%201%C2%BA%20DE%20OUTUBRO%20DE%202003.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20do%20Idoso%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias.&text=Art.,a%2060%20(sessenta)%20anos). Acesso em: 2 ago. 2024.

BRAUNSTEIN, N. **Gozo**. São Paulo: Escuta, 2007.

BRAUNSTEIN, N. A. O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso? **A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia**, v. 2, n. 1, p. 143-165, jan./jun. 2010.

CARADEC, V. Sexagenários e Octogenários diante do envelhecimento do corpo. *In*: GOLDENBERG, M. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CARVALHO, J. A. M. de.; RODRÍGUEZ-WONG, L. L. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 3, p. 597-605, mar. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000300013>

CARVALHO, P.; KUPERMANN, D. Positividade tóxica: a positividade tóxica e seus destinos: negacionismo, narcisismo e recusa da empatia. **Revista E**. n. 8, ano 28, fev. 2022. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/s/ftf>. Acesso em: 15 maio 2024.

CAVALCANTI, C. A. T.; POLI, M. C. O laço social e o mal-estar face ao desamparo. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v.12, n. 2, p. 55-73, Jul-Dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2015v12n2p55>.

CHERIX, K. Corpo e envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 39-51, jun. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582015000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 ago. 2024.

CHNAIDERMAN, M. Língua(s) - Linguagem(ns) - Identidade(s) - Movimento(s): uma abordagem psicanalítica. *In*: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

CORACINI, M. J. R. F. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüísmo**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

CORACINI, M. J. R. F. Subjetividade e identidade(s) do(a) professor(a) de Português. *In*: CORACINI, M. J. R. F. (Org.) **Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades**. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

CÔRTE, B.; LOPES, R. G. C. **Velhices Plurais**: verbetes. São Paulo: Portal Edições, 2024.

COSTA-SILVA, D. U. **Movimentos de giro no olhar sobre tornar-se velho/a**: uma experiência de formação sobre o ensino de língua inglesa para/com pessoas 60+. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 223–237, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2019.43015>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/43015>. Acesso em: 3 ago. 2024.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DINIZ, M. A relação com o saber para a psicanálise. In: PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO, 6., 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032006000100049&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 30 mai. 2024.

DUNKER, C. I. L.; PAULON, C. P.; MILÁN-RAMOS, J. G. **Análise Psicanalítica de Discurso**: Perspectivas Lacanianas. São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2016.

DUNKER, C.; TEBAS, C. **O palhaço e o psicanalista**: como escutar os outros pode transformar vidas. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FALBO, G. Psicanálise e arte: modos de tratar o real pelo simbólico. In: LIMA, M. M.; JORGE, M. A. J. (Org.) **Saber fazer com o real**: diálogos entre psicanálise e arte. Rio de Janeiro: Cia. De Freud: PGPSA/IP/UERJ, 2009.

FIGUEIREDO, L. C. **Escutar, recordar, dizer**: encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica. São Paulo: Educ/Escuta, 1994.

FINGERMANN, D.; DIAS, M. **Por causa do pior**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FINK, B. **O sujeito laciano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FINK, B. **Fundamentos da técnica psicanalítica**: uma abordagem laciano para praticantes. São Paulo: Blücher; Karnac, 2017.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **Isto não é um cachimbo**. Trad. Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREUD, S. O inconsciente. In: FREUD, S. **Obras completas, ESB**, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

FREUD, S. À guisa de introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. Análise fragmentária de uma histeria. *In*: FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, S. O Inconsciente. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. 2 ed., Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 183-233.

FREUD, S. **O Infamiliar e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.

FREUD, S. O mal-estar na cultura. *In*: FREUD, S. **Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b.

FREUD, S. O método psicanalítico freudiano. *In*: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2020c.

FREUD, S. O Moisés, de Michelangelo. *In*: FREUD, S. **Arte, literatura e os artistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020d.

FREUD, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu. *In*: FREUD, S. **Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b.

FREUD, S. Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. *In*: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2020c.

FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte. *In*: **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Sobre a dinâmica da transferência. *In*: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2020c.

FREUD, S. Sobre psicoterapia. *In*: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020c.

FREUD, S. Totem e tabu. *In*: FREUD, S. **Totem e Tabu: Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. Um distúrbio de memória na acrópole. *In*: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci. *In*: FREUD, S. **Arte, literatura e os artistas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020d.

FREUD, S. Uma nota sobre o bloco mágico. *In*: FREUD, S. **Obras completas**, v. 16: O ego, o id e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GALVÃO, F. M. P. **O idoso em longas-metragens de animação**: representações e efeitos de sentido. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014. DOI <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2014.51>

GALVÃO, F. M. P.; RESENDE, G.; RESENDE, F. M. P. A representação do idoso em tempos de pandemia: Bolsonaro e o enfrentamento neoliberal da Covid-19 no Brasil. **Gláuks - Revista de Letras e Artes**, v. 21, n. 01, p. 59–82, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47677/gluks.v21i01.229>. Disponível em: <https://www.revistagluks.ufv.br/Gluks/article/view/229>. Acesso em: 3 ago. 2024.

GARCIA-ROZA, L. A. **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. v. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GOLDENBERG, M. Pandemia de coronavírus evidencia 'velhofobia' no Brasil, diz antropóloga. [Entrevista concedida a Luis Barrucho]. **BBC News Brasil**, Londres, 02 maio 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52425735>. Acesso em: 20 out. 2021.

GOLDSTEIN, G. La memoria como objeto de arte. **La Época APA Online**, 7 jul. 2015. Disponível em: <https://anteriores.laepoca.apa.org.ar/7/la-memoria-como-objeto-de-arte/>. Acesso em: 03 ago. 2024.

GOLDSTEIN, G. **A experiência estética**: escritos sobre psicanálise e arte. Terra de Areia (RS): Triângulo Graf. Ed., 2019.

JASWAL, B. K. **Escola de contos eróticos para viúvas**. São Paulo: Essência, 2021.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**: As bases conceituais. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KOSOVSKI, G. F. Psicanálise e arte: uma articulação a partir da não relação em Louise Bourgeois: o retorno do desejo proibido. **Ágora, Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 441-455, set. 2016. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016003006>

KUPFER, M. C. M. **Freud e a educação**: O Mestre Do Impossível. São Paulo: Scipione, 1997.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. **O seminário, livro 2**: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, J. **O Seminário, livro 8**: a transferência. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, J. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

LACAN, J. **O Seminário, livro VII: A ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LACAN, J. **O Seminário, livro XVII: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, J. **O Seminário, livro XX: mais, ainda**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 10 ed. Santos: Martins Fontes, 1988.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 04-27, 5 jul. 2011. <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2444>

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

LAURENT, E. Alienação e separação I. *In*: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (Orgs.) **Para ler o seminário 11 de Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 31-41.

LEBRUN, J. P. **A perversão comum: viver juntos sem outro**. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008.

LIGEIRO, V. M.; JORGE, M. A. C. Psicanálise e arte: o triunfo do real. **Revista Estudos Psicanalíticos**, Belo Horizonte, n. 49, p. 15-29, jul. 2018.

LIMA, N. L. de. As incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozo contemporâneos. **Rev. Mal-Estar Subj**, Fortaleza, v. 13, n. 3-4, p. 461-498, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 ago. 2024.

LIMA, P. M. R.; VIANNA, T. C.; LIMA, S. C. Estética e poética da velhice em narrativas autobiográficas: um estudo à luz da psicanálise. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia** - UERJ – Rio de Janeiro, v. 15 n. 2, p. 58-78, 2015. <https://doi.org/10.12957/epp.2015.16060>

LISPECTOR, C. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MACEDO, S. **Alinhavos de tinta: o ato de tatuar-se na narrativa de sofrimento de um jovem adulto**. São Paulo: Dialética, 2022. <https://doi.org/10.48021/978-65-252-3791-6>

MENEZES, S. F. **(Im)possibilidades de tomada da palavra em língua inglesa por alunos da Terceira Idade**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2017.451>.

MILLER, J.-A. *et al.* **La pareja e el amor: conversaciones clinicas com Jacques Alain-Miller em Barcelona**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

MINÓ, N. M.; MELLO, R. M. A. V. de. Representação da velhice: reflexões sobre estereótipo, preconceito e estigmatização dos idosos. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 32, n. 1, p. 273–298, 2021. DOI: <https://doi.org/10.31423/oikos.v32i1.9889>. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/9889>. Acesso em: 3 ago. 2024.

MIRANDA, M. P., VASCONCELOS, R. N., SANTIAGO, A. L. B. Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa. *Psicanálise, Educação e Transmissão*, 6., 2006, São Paulo. **Anais...** Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032006000100060&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 05 abr. 2024.

MOURA, F. A utilização do Diário de Bordo na formação de professores. *Psicanálise, Educação e Transmissão*, 6., 2006, São Paulo. **Anais...** Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032006000100034&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 03 ago. 2024.

MUCIDA, A. Identificação e envelhecimento: do espelho que não se quebra e outros espelhos. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 12, n. Especial 5, 2010. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2009v12iEspecial5p%25p>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2666>. Acesso em: 3 ago. 2024.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

NASIO, J. D. **A fantasia**: O prazer de ler Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

NASIO, J. D. **Sim, a psicanálise cura!** Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes Editores, 1999.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico. 5 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

PÊCHEUX M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, F.; HAK, T. (Org). **Por uma análise automática do discurso**. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD69). Trad.: Eni P. Orlandi. *In*: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PEREIRA, M. R. **O nome atual do mal-estar docente**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2016.

PERICO, W; COSTA-ROSA, A. Sujeito, subjetividade e “ciência” em Freud e Lacan: algumas considerações teóricas prévias a uma intercessão-pesquisa no campo da saúde mental coletiva. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 418-432, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v14n3/06.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2024.
<https://doi.org/10.5020/23590777.14.3.418-432>

PEREZ, D. O. A psicanálise como experiência ética e o problema da cientificidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 9, n. 4, p. 1203-1232, dez. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000400007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 ago. 2024.

POLI, M. C. Pesquisa em Psicanálise. **Revista Da Associação Psicanalítica De Porto Alegre** / Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n. 29, 2005.

POSSAS, L. M. V. Viuvez, gênero e oralidade: recuperando os sujeitos invisíveis nos “anos de chumbo” (Brasil, 1970-1980). **História Oral**, [S. l.], v. 12, n. 1-2, 2011. DOI: 10.51880/ho.v12i1-2.165. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/165> . Acesso em: 9 ago. 2024.

RASSIAL, J. J. **A passagem adolescente**: da família ao laço social. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

REGNAULT, F. **Em torno do vazio**: a arte à luz da psicanálise. Rio de Janeiro, Contracapa, 2001.

REIS, M. L. **Da experiência de perda à perda de experiência**: um estudo sobre as *Erfahrung* na teoria psicanalítica, na filosofia e na clínica. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ROSA, M. C; VILHENA, J. Envelhecimento e seus possíveis destinos. Uma reflexão acerca do trabalho do negativo, **Rev. Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 47.1, p. 112-133, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382015000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 maio 2024.

ROUDINESCO, E; PLON., M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SIBILIA, P. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, M. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

SILVA, M. M. O discurso universitário e a clínica contemporânea. **Cad. psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 38, p. 161-182, jun. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952018000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 ago. 2024.

SILVERSTEIN, S. A parte que falta. Companhia das Letrinhas, São Paulo, 2008.

SOARES, F. M. P. **Envelhescência**: o trabalho psíquico na velhice. Curitiba: Appris, 2020.

SOUZA, A. **Os discursos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.

TAVARES, C. N. V. **Identidade Itine(r)rante: O (des)contínio (des)apropriar-se da posição de professor de língua estrangeira**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

TAVARES, C. N. V. Trajetórias subjetivas na experiência de formação. **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 60, p. 158-175, out. 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-70432020000400158&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 ago. 2024. Epub 24-Ago-2021. <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2020.v29.n60.p158-175>.

TAVARES, C. N. V.; SILVA, A. H. L. Migração, mobilidade internacional, representações de língua portuguesa: possíveis efeitos na subjetividade de estudantes intercambistas. **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 22, n. 31, p. 294-319, 2015.

TAVARES, C. N. V.; MACEDO, S.; ALMEIDA, M. L. Constituição identitária e pós-modernidade: ressonâncias de um debate com professores em formação. *In*: HASHIGUTI, S.T.; BRITO, C.C.P.; RIBAS, F. C. **Escuta crítica: formação docente em Letras presencial e a distância** [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019, p. 59-82. DOI: <http://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-5046>.

TEIXEIRA, M. **Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

TOLSTÓI, L. **O que é a arte?** Trad. Yolanda Steidl de Toledo e Yun Jung. São Paulo: Experimento, 1994.

VICENS, A. A trama de *O avesso da psicanálise*. **LATUSA**, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP-Rio), n. 13: O semblante e a comédia dos sexos. Rio de Janeiro, 2008.

VIEIRA, A. D; POMPÉO, W. A. H. Representação social e Terceira Idade: aspectos e (novas)perspectivas. *In*: D'ALENCAR, R. S. (Org.) **A representação social na construção da velhice**. Ilhéus-BA: Editus, 2017. <https://doi.org/10.7476/9788574554860.0007>

VIOLA, D. T. D.; VORCARO, Â. M. R. A formulação do objeto a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 867-903, set. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 ago. 2024.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “A ARTE DE (RES)SIGNIFICAR A VELHICE: NARRATIVIZAS DE SI”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Stella Ferreira Menezes e Carla Nunes Vieira Tavares.

Nesta pesquisa nós estamos buscando investigar o processo de (res)significação da representação de velhice, por meio de oficinas de arte e práticas de narrativização de si, de modo a oportunizar alterações na posição discursiva do idoso.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Stella Ferreira Menezes, no curso de extensão “Desabroche: a arte de (res)significar a velhice em tempos de pandemia”, logo no primeiro encontro. Por se tratar de um curso de extensão on-line, este documento será enviado por e-mail e deverá ser assinado e retornado digitalmente com a assinatura original do participante. Você terá o prazo que achar adequado para tomar a decisão de participar da pesquisa e, durante esse tempo, se houver qualquer dúvida em relação à pesquisa e/ou a este documento, nós, pesquisadoras, estaremos à disposição para esclarecê-las. Destacamos a importância de guardar em seus arquivos uma via do documento de Registro de Consentimento assinada por você e pelos pesquisadores.

Na sua participação, você fará parte de um espaço on-line em que serão discutidos temas relacionados ao envelhecimento e experiência de vida. Durante os encontros on-line as pesquisadoras tomarão notas em um diário de bordo de informações relativas aos sentidos relacionados ao envelhecimento que circularem nas falas dos participantes. Além do diário de bordo, você será convidado(a) a produzir quatro narrativas sobre si relacionadas aos temas abordados nos encontros. As narrativas poderão ser escritas em um momento fora do encontro, você gastará em torno de 40 minutos para produzir cada uma delas e poderá ser enviada de forma digitalizada para o pesquisador e, até mesmo, compartilhada em voz alta durante o curso de extensão, se assim desejar o participante. Os pesquisadores irão manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Além disso, os pesquisadores se comprometem em divulgar os resultados da pesquisa, em formato acessível ao grupo participante desta pesquisa.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Os riscos consistem na quebra do sigilo, entretanto, a pesquisadora se compromete a preservar o sigilo das informações - cuja quebra é sempre um risco - e a cumprir as determinações do CEP-UFU. Para preservar o sigilo, serão utilizados nomes fictícios para os participantes, bem como para qualquer outra pessoa por eles mencionadas durante os encontros e as narrativas. Serão ocultadas, também, quaisquer informações acerca de suas características físicas e também quaisquer informações que permitam, eventualmente, identificá-los ou localizá-los. Os benefícios serão: oferecer informações que poderão ampliar a visão sobre o processo de envelhecimento, bem como os sentidos que circulam no imaginário dos idosos sobre esta fase da vida. Além disso, proporcionar um espaço de palavra em que os idosos (res)signifiquem esses sentidos impostos pela sociedade, pode fazer com que esse público, muitas vezes deixados de lado pelas pessoas, ganhe mais espaço na sociedade, permitindo-lhes, assim, uma maior

inserção social e cultural. Além do mais, a pesquisa pode também suscitar novas questões relacionadas ao envelhecimento para os estudos linguísticos, beneficiando a ciência e oferecendo subsídios teóricos para outras indagações que fomentem pesquisas sobre este tema ou sobre temas relacionados.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Stella Ferreira Menezes (34) 99182-7297 ou Carla Nunes Vieira Tavares (34)3239-4162, que se encontra na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco u, sala 231, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100.

Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf

Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO “DESABROCHE”

Curso de extensão

DESABROCHE:

A ARTE DE (RES)SIGNIFICAR A
VELHICE EM TEMPOS DE PANDEMIA



*Você tem mais de 60 anos, gosta de arte e quer conversar sobre o processo de envelhecimento e experiências de vida?
Se junte a nós!*

Nossos encontros serão semanais e online. Ficou interessado(a)? Preencha o formulário online até dia 18/09 ou entre em contato com a Stella pelo número (34)99182-7297



DESABROCHE: A ARTE DE (RES)SIGNIFICAR EXPERIÊNCIAS

O DESABROCHE É UM ESPAÇO DE PALAVRA,
ACOLHIMENTO E TROCA ONLINE!
VOCÊ TEM MAIS DE 60 ANOS E GOSTA DE
COMPARTILHAR EXPERIÊNCIAS? JUNTE-SE A NÓS!

NOSSOS ENCONTROS SERÃO SEMANAIS E ONLINE.
FICOU INTERESSADO(A)? ENTRE EM CONTATO COM
A STELLA PELO NÚMERO (34)99182-7297



ANEXOS

Cartaz de Amor e Sorte - Episódio 1 – “Capítulo de 08/09/2020” – disponível na *GloboPlay*



AZEVEDO, Ricardo. O caso do espelho: In: Nova Escola, maio1999. p. 28-29

Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata.

Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora. O homem abriu a boca. Apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos: — Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui? — Isso é um espelho — explicou o dono da loja.

Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai.

Os olhos do homem ficaram molhados. — O Senhor... conheceu... o meu pai? — perguntou ao comerciante.

O dono da loja sorriu. Explicou de novo. Aquilo era só um espelho comum, desses de vidro e moldura de madeira. — E não! — respondeu o outro — Isso é o retrato do meu pai. É ele sim! Olha o rosto dele. Olha a testa. E o cabelo? E o nariz? E aquele sorriso meio sem jeito? O homem quis saber o preço. O comerciante sacudiu os ombros e vendeu o espelho, baratinho.

Naquele dia, o homem que não sabia de quase nada entrou em casa todo contente. Guardou cuidadoso o espelho embrulhado na gaveta da penteadeira.

A mulher ficou só olhando.

No outro dia, esperou o marido sair para trabalhar e correu para o quarto. Abrindo a gaveta da penteadeira, desembulhou o espelho, olhou e deu um passo atrás. Fez o sinal—da—cruz tapando a boca com as mãos. Em seguida, guardou o espelho na gaveta e saiu chorando. — Ah, meu Deus! — gritava ela desnorçada. — É o retrato de outra mulher! Meu marido não gosta mais de mim! A outra é linda demais! Que olhos bonitos! Que cabeleira solta! Que pele macia! A diaba é mil vezes mais bonita e mais moça do que eu!

Quando o homem votou, no fim do dia, achou a casa toda desarrumada. A mulher, chorando sentada no chão, não tinha feito nem comida. — Que foi isso, mulher? — Ah, seu traidor de uma figa! Quem é aquela jararaca lá no retrato? — Que retrato? — perguntou o marido, surpreso.

Aquele mesmo que você escondeu na gaveta da penteadeira!

O homem não estava entendendo nada. — Mas aquilo é o retrato do meu pai!

Indignada, a mulher colocou as mãos no peito:

— Cachorro sem—vergonha, miserável! Pensa que eu não sei a diferença entre um velho lazarento e uma jabiraca safada e horrorosa?

A discussão fervia feito água na chaleira. — Velho lazarento coisa nenhuma! — gritou o homem, ofendido.

A mãe da moça morava perto, escutou a gritaria e veio ver o que estava acontecendo.

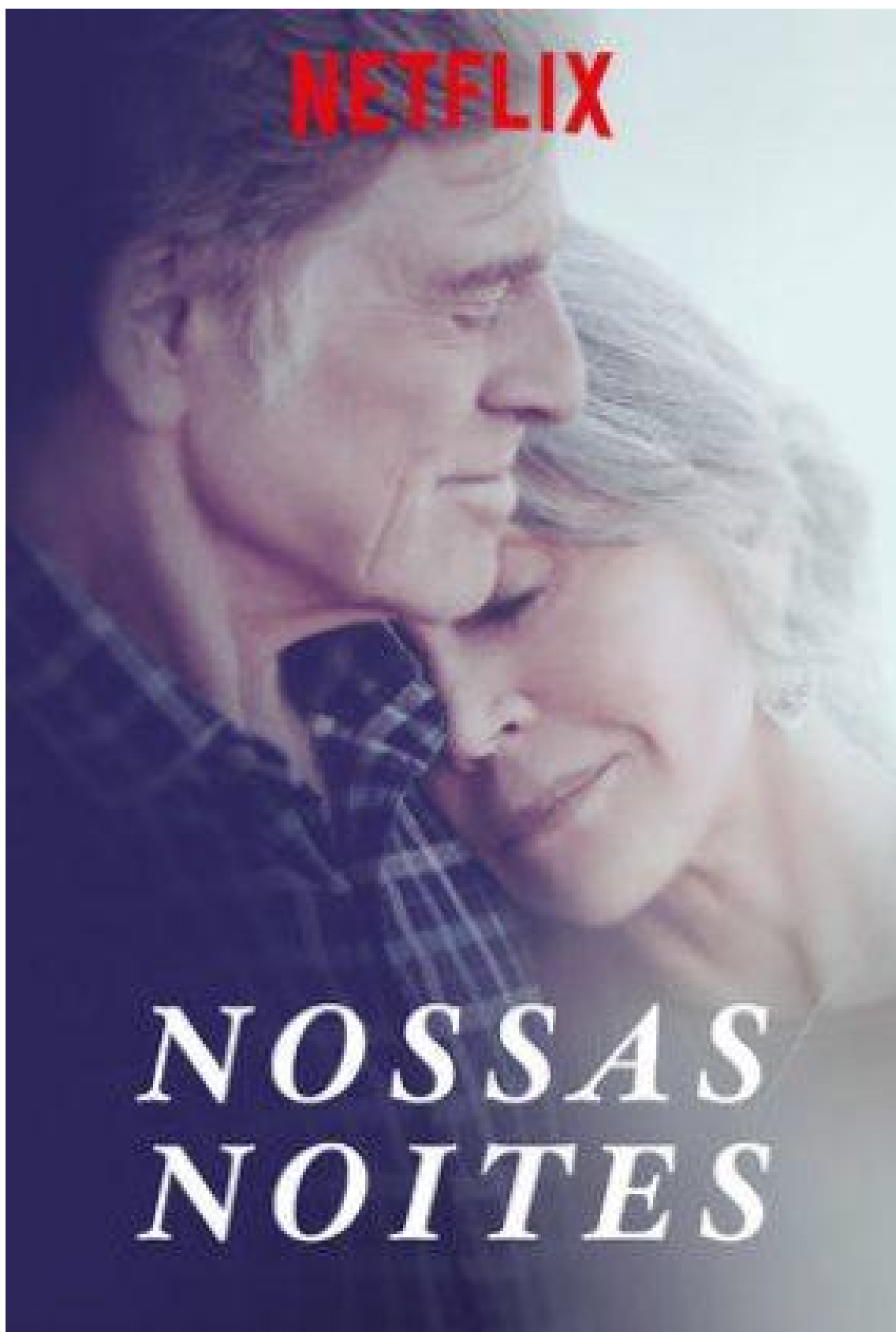
Encontrou a filha chorando feito criança que se perdeu e não consegue mais voltar para casa. — Que é isso, menina? — Aquele cafajeste arranjou outra! — Ela ficou maluca — berrou o homem, de cara amarrada. — Ontem eu vi escondendo um pacote na gaveta do quarto, mãe! Hoje, depois que ele saiu, fui ver o que era. Tá lá! É o retrato de outra mulher! A boa senhora resolveu, ela mesma, verificar o retrato.

Entrando no quarto, abriu a gaveta, desembulhou o pacote e espiou. Arregalou os olhos.

Olhou de novo. Soltou uma sonora gargalhada. — Só se for o retrato da bisavó dele! A tal fulana é a coisa mais enrugada, feia, velha, cacarenta, murcha, arruinada, desengonçada, capenga, caduca, torta e desdentada que eu já vi até hoje!

E completou, feliz, abraçando a filha: — Fica tranquila: a bruaca do retrato já está com os dois pés na cova!

Cartaz do filme “Nossas Noites” – disponível na *Netflix*



LISPECTOR, C.. Ele me bebeu. In: LISPECTOR, C. A via crucis do corpo. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

É. Aconteceu mesmo.

Serjoca era maquilador de mulheres. Mas não queria nada com mulheres. Queria homens.

E maquilava Aurélia Nascimento. Aurélia era bonita e, maquilada, ficava deslumbrante. Era loura, usava peruca e cílios postiços. Ficaram amigos. Saíam juntos, essa coisa de ir jantar em boates.

Todas as vezes que Aurélia queria ficar linda ligava para Serjoca. Serjoca também era bonito. Era magro e alto.

E assim corriam as coisas. Um telefonema e marcavam encontro. Ela se vestia bem, era caprichada. Usava lentes de contato. E seios postiços. Mas os seus mesmos eram lindos, pontudos. Só usava os postiços porque tinha pouco busto. Sua boca era um botão de vermelha rosa. E os dentes grandes, brancos.

Um dia, às seis horas da tarde, na hora do pior trânsito, Aurélia e Serjoca estavam em pé junto do Copacabana Palace e esperavam inutilmente um táxi. Serjoca, de cansaço, encostara-se numa árvore. Aurélia impaciente. Sugeriu que dessem ao porteiro dez cruzeiros para que ele lhes arranjasse uma condução. Serjoca negou: era duro para soltar dinheiro.

Eram quase sete horas. Escurecia. O que fazer?

Perto deles estava Affonso Carvalho. Industrial de metalurgia. Esperava o seu Mercedes com chofer. Fazia calor, o carro era refrigerado, tinha telefone e geladeira. Affonso fizera quarenta anos no dia anterior.

Viu a impaciência de Aurélia que batia com os pés na calçada. Interessante essa mulher, pensou Affonso. E quer carro. Dirigiu-se a ela:

— A senhorita está achando dificuldade de condução?

— Estou aqui desde as seis horas e nada de um táxi passar e nos pegar! Já não aguento mais.

— Meu chofer vem daqui a pouco, disse Affonso. Posso levá-los a alguma parte?

— Eu lhe agradeceria muito, inclusive porque estou com dor no pé.

Mas não disse que tinha calos. Escondeu o defeito. Estava maquiladíssima e olhou com desejo o homem.

Serjoca muito calado.

Afinal veio o chofer, desceu, abriu a porta do carro. Entraram os três. Ela na frente, ao lado do chofer, os dois atrás. Tirou discretamente o sapato e suspirou de alívio.

— Para onde vocês querem ir?

— Não temos propriamente destino, disse Aurélia cada vez mais acesa pela cara máscula de Affonso. Ele disse:

— E se fôssemos ao Number One tomar um drinque?

— Eu adoraria, disse Aurélia. Você não gostaria, Serjoca?

— É claro, preciso de uma bebida forte.

Então foram para a boate, a essa hora quase vazia. E conversaram. Affonso falou de metalurgia. Os outros dois não entendiam nada. Mas fingiam entender. Era tedioso. Mas Affonso estava entusiasmado e, embaixo da mesa, encostou o pé no pé de Aurélia. Justo o pé que tinha calo. Ela correspondeu, excitada. Aí Affonso disse:

— E se fôssemos jantar na minha casa? Tenho hoje *escargots* e frango com trufas. Que tal?

— Estou esfaimada.

E Serjoca mudo. Estava também aceso por Affonso.

O apartamento era atapetado de branco e lá havia escultura de Bruno Giorgi.

Sentaram-se, tomaram outro drinque e foram para a sala de jantar. Mesa de jacarandá. Garçom servindo à esquerda. Serjoca não sabia comer *escargots* e atrapalhou-se todo com os talheres especiais. Não gostou. Mas Aurélia gostou muito, se bem que tivesse medo de ter hálito de alho. Mas beberam champanha francesa durante o jantar todo. Ninguém quis sobremesa, queriam apenas café.

E foram para a sala. Aí Serjoca se animou. E começou a falar que não acabava mais. Lançava olhos lânguidos para o industrial. Este ficou espantado com a eloquência do rapaz bonito. No dia seguinte telefonaria para Aurélia para lhe dizer: o Serjoca é um amor de pessoa.

E marcaram novo encontro. Desta vez num restaurante, o Albamar. Comeram ostras para começar. De novo Serjoca teve dificuldade de comer as ostras. Sou um errado, pensou.

Mas antes de se encontrarem, Aurélia telefonou para Serjoca: precisava de maquilagem urgente. Ele foi à sua casa.

Então, enquanto era maquilada, pensou: Serjoca está me tirando o rosto.

A impressão era a de que ele apagava os seus traços: vazia, uma cara só de carne. Carne morena.

Sentiu mal-estar. Pediu licença e foi ao banheiro para se olhar ao espelho. Era isso mesmo que ela imaginara: Serjoca tinha anulado o seu rosto. Mesmo os ossos — e tinha uma ossatura espetacular — mesmo os ossos tinham desaparecido. Ele está me bebendo, pensou, ele vai me destruir. E é por causa do Affonso.

Voltou sem graça. No restaurante quase não falou. Affonso falava mais com Serjoca, mal olhava para Aurélia: estava interessado no rapaz.

Enfim, enfim acabou o almoço.

Serjoca marcou encontro com Affonso para de noite. Aurélia disse que não podia ir, estava cansada. Era mentira: não ia porque não tinha cara para mostrar.

Chegou em casa, tomou um longo banho de imersão com espuma, ficou pensando: daqui a pouco ele me tira o corpo também. O que fazer para recuperar o que fora seu? A sua individualidade?

Saiu da banheira pensativa. Enxugou-se com uma toalha enorme, vermelha. Sempre pensativa. Pesou-se na balança: estava com bom peso. Daí a pouco ele me tira também o peso, pensou.

Foi ao espelho. Olhou-se profundamente. Mas ela não era mais nada.

— Então — então de súbito deu uma bruta bofetada no lado esquerdo do rosto. Para se acordar. Ficou parada olhando-se. E, como se não bastasse, deu mais duas bofetadas na cara. Para encontrar-se.

E realmente aconteceu.

No espelho viu enfim um rosto humano, triste, delicado. Ela era Aurélia Nascimento. Acabara de nascer.

Nascimento.